RB186,576

*Presented to the*

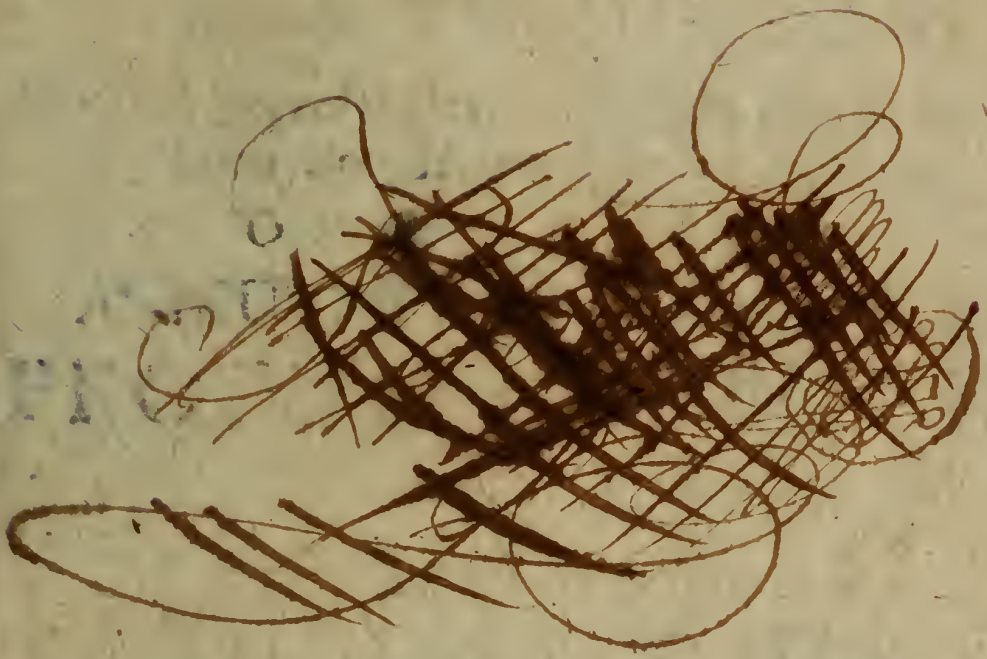
LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

*by*

**Professor**

**Ralph G. Stanton**



# THEATRO COMICO PORTUGUEZ,

OU

# COLLECÇÃO DAS OPERAS PORTUGUEZAS,

Que se representárão na Casa do Theatro público do Bairro Alto de Lisboa,

OFFERECIDAS

A' MUITO NOBRE SENHORA

## PECUNIA ARGENTINA

Por ***

*Quarta Impressão.*

## TOMO SEGUNDO

Contém
- Labyrintho de Creta.
- Guerras do Alecrim, e Mangerona.
- Variedades de Protheo.
- Precipicio de Faetonte.


## LISBOA:

Na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira. 1788.

*Com Licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.*


---

*Vende-se na mesma Officina.*

Foi taxado este Livro em papel a trezentos e sessenta reis. Meza 19 de Abril de 1790.

*Com tres rubricas.*

# LABYRINTHO
## DE
# CRETA,

Que se representou no Theatro do Bairro Alto de Lisboa, no mez de Novembro de 1736.

---

## ARGUMENTO.

*Succedendo matarem os Athenienses em hum torneio a Androgêo, filho de Minos, Rei de Creta, este para vingar a morte do filho, depois de reduzir a Athenas á sua obediencia, como vencedor lhe impoz hum rigoroso tributo, de que lhe pagaria todos os annos sete mancebos, que serião sorteados, por não haver excepção na qualidade das pessoas, de cujo feudo se alimentava o Minotauro, que existia no Labyrintho fabricado por Dedalo. Cahio aquelle anno a sórte sobre Tezeo, Principe de Athenas, que sendo para esse effeito conduzido a Creta, o intentárão com*

*industrias libertar Fedra, e Ariadna, filhas do mesmo Minos. Até a sahida de Creta logrou Ariadna as primeiras estimações em Tezeo, ainda que ao depois perferisse a Fedra, deixando a Ariadna em huma deserta Ilha; porém como só tratamos nesta Obra dos successos de Tezeo em Creta, por essa razão se manifesta a Tezeo mais amante de Ariadna, que de Fedra.*

*O motivo que se toma para o entrecho da presente Obra, he o considerar-se a Tezeo já devorado pelo Minotauro, e sendo reputado por morto, manter-se este engano até o fim, triunfando do furor do Minotauro, do enleio do Labyrintho, e das iras de Minos.*

---

## INTERLOCUTORES.

| | |
|---|---|
| Tezeo, | Principe de Athenas, amante de Ariadna. |
| Minos, | Rei de Creta. |
| Lidoro, | Principe de Epiro, amante de Ariadna. |
| Tebandro, | Principe de Chypre, amante de Fedra. |
| Dedalo, | Barbas. |
| Licas, | Embaixador de Athenas. |
| Ariadna, Fedra, | Filhas delRei Minos. |

Ta-

*Taramella*, *Criada de Ariadna.*
*Sanguixuga*, *Velha*, *criada de Fedra.*
*Esfuziote*, *Gracioſo*, *criado de Tezeo.*
*Soldados.*

A Scena ſe figura em Creta.

---

## SCENAS DA I. PARTE.

I. *Boſque*, *e Marinha.*
II. *Templum de Venus*, *e Cupido.*
III. *Camera.*
IV. *Gabinete.*
V. *Sala Regia.*

## SCENAS DA II. PARTE.

I. *Camera.*
II. *Labyrintho.*
III. *Sala.*
IV. *Gabinete com eſpelho.*
V. *Sala de columnata.*
VI. *Labyrintho.*
VII. *Boſque*, *e Marinha.*

PAR-

# PARTE I.

## SCENA I.

*Boſque, e Marinha, e haverá no lado do Theatro huma gruta, e depois de ſe ver no mar huma armada fluctuando com tempeſtade, ſahiráõ por junto da marinha, Tezeo, e Eſfuziote, tropeçando, e cahindo em terra ſem ver hum ao outro.*

*Tezeo.* VAlha-me o Céo! *Cahe.*
*Eſfuz.* Valha-me a terra! *Cahe.*
*Tezeo.* Haverá, como eu, homem mais infeliz?
*Eſfuz.* Haverá infeliz mais homem do que eu?
*Tezeo.* Pois parece que conjurados os Deoſes, os fados, e os elementos contra mim, nem nos Deoſes acho piedade, nem nos fados fortuna, nem nos elementos abrigo.
*Eſfuz.* Pois a pezar dos ventos, das ondas, e Tubaroẽs me vejo sãO, e ſalvo neſta praia.
*Tezeo.* Mas ai, infelices companheiros meus, ſe naufragantes neſſe golfo tiveſtes urna cryſtallina, mais liquido monumento nas minhas lagrimas erijo a voſſas memorias, para que lêa a poſteridade nos Cenotafios de meus ſuſpi-

piros a voſſa lembrança, e o meu agradecimento.

*Esfuz.* Ora bom he contar da tormenta, que melhor he eſtar pingando neſta ribeira feito chafariz da praia, do que ſer fonte da pipa em vaſa barris.

*Tezeo.* A eſta deſerta praia me conduzirão as minhas infelicidades, adonde até para o alivio me falta a communicação dos viventes. Mas que vejo? Tu não és Esfuziote?

*Esfuz.* E vós, Senhor, não ſois Tezeo!

*Tezeo.* Tal eſtou que não ſei quem ſou; mas dize-me, como indo a pique o noſſo navio te pudeſte ſalvar!

*Esfuz.* Porque ſempre fiz boas obras.

*Tezeo.* Já te julgava morto entre as ondas.

*Esfuz.* Senhor, a minha fortuna eſteve em achar huma ancora a que me agarrei, e ſobre ella vim boiando, até dar comigo neſta praia, onde tenho a fortuna de te ver, pois tambem entendi eſtarias a eſtas horas cuberto de limos, e caramujos.

*Tezeo.* Para que, ſoberanas Deidades, defendeſtes a vida de hum infeliz? Para que propicias me livraſtes deſſe ſalóbre marinho monſtro das aguas, ſe quando me redemis da morte, he ſó para perder a vida?

*Esfuz.* Eis-aqui o que eu não aturo: de ſórte, Senhor, que quando te vias na tempeſtade, tudo erão votos, lagrimas, e promeſſas, e agora ingrato contra o Ceo, depois que te vês em terra firme, accuſas a piedade dos

Deo-

Deoſes, que te livrárão? Ora, Senhor Tezeo, ponhamo-nos de joelhos, e com a boca na arêa eſcrevamos com a lingua louvores a Bacho, que nos livrou de bebermos agua ſalgada.

*Tezeo.* Deixa-me, Esfuziote, precipitar-me outra vez neſſas ondas, para que com eſte arrojo emmende o erro dos fados.

*Esfuz.* Iſſo he fallar.

*Tezeo.* Pois tu ignoras o meu valor? Não ſabes que ſou Tezeo.

*Esfuz.* Eu bem ſei que he o valeroſo Tezeo, Principe de Athenas, cujas façanhudas obras fizerão, com que a fama deixaſſe o clarim, para ficar com a boca aberta: item, ſei, que he aquelle Tezeo companheiro de Hercules, que tem morto mais gente, do que eu piolhos; porém *ſalva pace*, ainda me não conſta que algum dia fizeſſes a heroica acção de te lançares ao mar, e morrer affogado.

*Tezeo.* Pois para que o vejas, e contes ao Mundo, que Tezeo, como valente, e Eſtoico, antes que ignominioſamente perca a vida, procura ſepultar-ſe neſſe monumento de cryſtal. *Faz que ſe lança ao mar.*

*Esfuz.* Tenha mão, Senhor; veja que aquillo não he cryſtal, são aguas vivas, que matão a gente: ora perſuado-me, que na tormenta fizeſte algum voto de morrer affogado.

*Tezeo.* Deixa-me, Esfuziote, ſer piedoſo eſta vez comigo.

*Esfuz.* He boa obra pia querer matar-ſe a ſi meſmo!

*Tezeo.*

*Tezeo.* Para que quero eu viver?

*Esfuz.* Para viver; e he tão pouco? Pois em quanto o páo vai, e vem, folgão as coſtas.

*Tezeo.* Ai miſero de mim!

*Dent. Dedal.* Ai, infeliz!

*Tezeo.* Não ouviſte, Esfuziote, huma funeſta voz?

*Esfuz.* Eu bem a não quizera ter ouvido, nem ouvidos neſta hora: ai Senhor, que ſerá iſto?

*Dent.* Ao boſque, á ſelva.

*Dent. Ariad.* Adonde te eſconderás, cerdoſo bruto, do acelerado furor das minhas ſettas?

*Tezeo.* Venatorias vozes são as que agora ouvi!

*Esfuz.* Aqui valerá mais a caça groſſa do que a fina.

*Tezeo.* Em que Paiz eſtaremos?

*Esfuz.* Pois ſempre cuidei que eſtavamos em alguma deſerta praia, em que ſómente reina o birbigão com a ajuda das ameijoadas.

*Canta-ſe dentro o ſeguinte Coro.*

Chegai, moradóres de Creta, chegai,
Offerecei, dedicai.
A victima pura de huma alma rendida
Ao Templo divino de Venus, e Amor.

*Tezeo.* Eſpera, não ouves ao longe ſonoras vozes de feſtivos hymnos?

*Esfuz.* Já que ſupões que eu ſou ſurdo, quero tambem imaginar que és cégo: não vês deſcer por aquelle monte huma formoſa tropa de balhadeiras?

*Tezeo.*

*Tezeo.* Que variedade de affectos ao meſmo tempo admiro neſta que julguei barbara, e toſca montanha! Que te parece iſto?

*Esfuz.* Sé o noſſo navio aportaſſe em Creta, para donde levava direito o rumo, diſſera, Senhor, que eſtavamos em o Labyrintho de Creta.

*Tezeo.* Oh, não me falles em Creta, que não foi pequena fortuna o não eſtarmos nella; mas affirmo-te que não poſſo penetrar o motivo de tão differentes, e diſcordes vozes; pois quando da cavernoſa boca daquelle rochedo ouvi o funeſto eco, que dizia.....

*Dentr. Dedal.* Ai miſero de mim! Ai infeliz!

*Tezeo.* E ao meſmo tempo eſcutar o vago eſtrepito de venatorias vozes, proferindo confuzas.....

*Dentr.* Ao monte, á ſelva, tó, tó.

*Tezeo.* E iſto acompanhado de ſonora melodia de acordes accentos articulando alegres.

*Canta o Coro.*

Chegai, moradores de Creta, chegai
Ao Templo divino de Venos, e Amor.

*Esfuz.* Senhor, façamos aqui ponto de admiração, que as Ninfas já ſe vem apropinquando.

*Tezeo.* Pois occultemo-nos neſta gruta, ſó por ver iſto no que pára.

*Esfuz.* Vá feito; mas a meu ver, iſto não pára aqui.

*Eſcondem-ſe na boca da gruta , e ſahirão humas Ninfas dançando ao ſom do Coro , e ſahem Sanguixuga , Taramella , e Fedra , e canta o Coro.*

Chegai , moradores de Creta , chegai
Ao Templo divino de Venus , e Amor.

*Sang.* Anda rapariga , não te treſmalhes , e te percas por eſſes montes.

*Taram.* Ai tia , que já vou mui canſada!

*Esfuz.* Se quizer deſcançar , e fazer penitencia comigo neſta cova , não faça ceremonia , entre cá para dentro.

*Taram.* Ai minha tia , que me fallárão daquella cova! *Vai ſe.*

*Sang.* Foge , Taramella , que ſerá algum Satyro ſalvage. *Vai-ſe.*

*Esfuz.* Senhor , não ſabe que traveſſos olhos são os daquella boginica!

*Tezeo.* Attende , e não falles.

*Sahe Fedra.*

*Fedra.* Não ceſſem , Ninfas , os reverentes cultos , que em harmonioſos hymnos dedica o noſſo affecto ás Deidades de Venus , e Cupido , por ver ſe com a noſſa melodia ſe applaca o ſeu furor.

*Tezeo.* Viſte mais peregrina formoſura?

*Esfuz.* Attenda , e não falle.

*Fedra.* Proſegui o acorde ſacrificio de noſſas vozes , dizendo :

*Sahe Tebandro.*

*Teband.* Galharda Fedra , para que te fatigas em

em ſubir a eſſe elevado Templo de Venus, e Amor, ſe aqui neſte lugar acharás as Deidades que procuras?

*Fedra.* Principe, não vos entendo.

*Teband.* Não buſcas a Venus, e Amor?

*Fedra.* Eſſe he o meu reverente intento.

*Teband.* Pois ſe buſcas a Venus, outra mais bella ſe admira em tua formoſura; e ſe queres amor, procura-o em meu peito, que nelle o acharás.

*Fedra.* Não he eſſe o amor, a quem eu ſacrifico.

*Teband.* Talvez que foſſe bem empregada a victima deſſe affecto nas aras deſte amor, que ſem a impropriedade de cégo, tem mais olhos do que Argos, para admirar-te, e mais chammas, que o Veſuvio para abrazar-me; admitte pois.....

*Fedra.* Baſta Tebandro, baſta Principe de Chipre; ſe me julgais Deidade, não queirais ſacrilego ultrajar o meu decóro com tão improprios ſacrificios, que mais offendem do que applacão.

*Tezeo.* Hirei impedir-lhe não paſſe a mais o ſeu atrevimento; pois antes de ter amor, já finto zelos.

*Esfuz.* Ui Senhor, voſſa mercê he o guarda damas? Deixe á gente fazer o ſeu amor? *Quod tibi non vis, alteri non facias.*

*Teband.* Senhora, ſe atrevido o meu rendimento chegou.....

*Fedra.* Não mais, Principe, não mais: mas

ai

ai de mim, que já as Ninfas do Coro vão mui diſtantes! Vou-me em ſeu ſeguimento. *Vai-ſe.*

*Teband.* Ai de mim, que Fedra cruel contra o meu amor accelerada ſe auſentou! Porém ſe te apartas, tyranna, por não ouvir as minhas vozes, o meſmo vento, que te deo azas para a fuga, te levará os écos dos meus ſuſpiros.

*Canta Tebandro a ſeguinte*

ARIA

Se foges, tyranna,
De ouvir meus ſuſpiros,
Suſpende os retiros;
Porque de meus écos
Não pódes fugir.
Oh quanto te enganas.
No mal, com que abrazas;
Se amor, que tem azas
Te ſabe ſeguir? *Vai-ſe.*

*Sahem Tezeo, e Esfuziote da gruta.*

*Tezeo.* Oh quanto me arrependo, Esfuziote, de não haver ſahido da gruta, para admirar de mais perto aquella ſoberana belleza, e caſtigar a temeridade daquelle atrevido Faetonte, que intentou dominar as luzes de tanto Sol!

*Esfuz.* Tudo quanto os Deozes fazem he por melhor.

*Dentr.* A' ſelva, ao boſque.

*Dentr. Ariad.* Deoſes, valei-me; quem me ſoccorre?

*Tezeo.* Daquelle vizinho boſque não ouviſte ſentidas, e afflictas vozes de huma mulher!

*Esfuz.*

*Esfuz.* Senhor, eu não ſei que nas vozes haja macho, e femea.

*Dentr. Ariad.* Deoſes, valei-me!

*Tezeo.* De mulher he a vóz, não ha duvida; em que me detenho, que não vou a ſoccorrella? *Quer ir-ſe.*

*Dentr. Dedal.* Ai miſero de mim!

*Dedal.* e *Ariad.* Ai infeliz!

*Tezeo.* De huma meſma cauſa parece naſcem tão differentes vozes: a qual das duas acodirei primeiro?

*Esfuz.* Eu, Senhor, aqui não tenho voz activa, nem paſſiva.

*Dentr. Ariad.* Não ha quem me ſoccorra?

*Tezeo.* Sim ha. *Vai-ſe.*

*Esfuz.* Ah Senhor, eſpere, não me deixe aqui ſó em poder deſt'outra voz, que ſou capaz de ficar ſem falla.

*Sahe Tezeo com Ariadna deſmaiada.*

*Tezeo.* Que eſtranho ſucceſſo! Que venturoſo acaſo! Pois a não ſer eu, ſeria eſta infeliz belleza deſpojo da ferocidade de huma féra!

*Esfuz.* He féra deſgraça! He féra belleza! He féro deſmaio!

*Tezeo.* Belliſſima Deidade, ceſſe o violento eclypſe de teus raios, que os Aſtros dependentes das tuas luzes não pódem brilhar, quando desfalleceis.

*Ariad.* Monſtro feroz, e indomito: mas ai de mim, que vejo!

*Tezeo.* Socegai, Senhora, que eu não ſou a féra que vos quiz offender.

*Esfuz.*

*Esfuz.* Nem eu tão pouco.

*Tezeo.* Que extaſis vos ſuſpende os alentos? Ainda não credes que ſou quem vos defende, e não quem vos offende?

*Ariad.* Como ignoro o modo de agradecer tão generoſa acção, que muito me faltem as vozes, e me ſobrem as admirações!

*Tezeo.* Huma caſualidade não he digna de agradecimento; más já que o deſtino me conciliou a fortuna de ſer eu o ditoſo inſtrumento da voſſa vida, quizera vos compadeceſſeis da minha, que em parociſmos já quaſi fallece ás mãos de huma doce violencia.

*Ariad.* Eu vos prometto defender a voſſa vida, já que tanto me encareceis o ſeu perigo; e aſſim dizei-me, qual ha o delicto que vos obriga a viver foragido entre eſſas brenhas? Que gentil preſença! *á parte.*

*Tezeo.* Senhora, ſendo vós a culpada, eu he que ſou o delinquente.

*Ariad.* Não entendo eſſe novo modo de criminar.

*Tezeo.* Dai-me licença que me explique.

*Ariad.* Dizei.

*Esfuz.* Eilo ahi meu amo namorado! Eſtamos bem aviados! *á parte.*

*Tezeo.* Eſſa animada eſféra de belleza, que em attractivos incendios, ſendo luminoſo iman de meu peito, foi luzida remora de meu alvedrio, que perdendo eſte a natureza de livre, ſe conſidera prezo, para augmentar os deſpojos no carro do amor.

*Ariad.* Que he amor? Eſtais louco? Adverti;

que

que o ignorarès quem eu sou, e o acharse obrigada a minha vida ao vosso braço, faz com que reprima o castigo dessa temeridade. Oh dura lei do decóro; pois me hei de offender do mesmo que me agrada! *á p.*

*Esfuz.* Toma lá esse pião na unha: ainda bem, quanto folgo! *a parte.*

*Tezeo.* Notavel he o vosso rigor!

*Ariad.* Maior he o vosso atrevimento. Oh que espirito digno de animar o peito de hum Principe! *á part.*

*Tezeo.* Já que a vossa tyrannia he igual á vossa belleza, permitti ao menos, que vos ame cá dentro em meu peito, para que os fumos da victima não escureção as luzes da Vossa Divindade.

*Ariad.* Para isso não he necessario licença minha, que não posso impedir os effeitos do alvedrio.

*Tezeo.* Visto isso, poderei, amando comigo, esperar ser ditoso algum dia?

*Ariad.* Bem podeis esperar; porém sem esperança. Valha-me amor, ou não me valha, pois me quer precipitar! *á pare.*

*Tezeo.* Desenganai-me, Senhora; para que ou com a esperança se alente o meu amor, ou acabe a minha vida na desesperação.

*Ariad.* Não sei o que vos diga. Vou-me antes que a lingua obedeça aos impulsos do coração. *á part.* *Quer ir-se.*

*Tezeo.* Sem dar-me reposta, não he razão, que vos vades; já que abatestes os voos ao meu

meu amor, deixai ao menos voar a minha esperança.

*Esfuz.* Senhor, olha que te deitas a perder no que pedes; pois se queres que voe a tua esperança, ficarás sem ella.

*Tezeo.* Deixa-me, louco. Dizei-me, Senhora, serei feliz?

*Ariad.* Eu vo lo digo.

*Canta Ariadna a seguinte*

ARIA.

Dous finos affectos
Nesta alma conservo:
Hum delles reservo.
Se he amor, ou piedade,
Dizello não sei.
Porém se no extremo
Porfias constante,
Affecto de amante
Que seja, farei. *Vai-se.*

*Tezeo.* Espera, esquiva Deidade; se queres correr mais ligeira, deixa o alvedrio que me levas, e leva as penas que me deixaste.

*Esfuz.* Entendo que se agora viera outra Ninfa, terceira vez te namoravas?

*Tezeo.* Ai, Esfuziote, que me sinto abrazar em vivo fogo.

*Esfuz.* Pois lança-te agora ao mar, que he boa occasião. Mas dize-me, Senhor, quando viste a Fedra, não querias matar ao Principe de Chipre com zelos della? Pois como tão depressa te queres matar a ti pelo amor desta Senhora caçadora?

*Tezeo.* Não injuria ao Sol quem antes de o ver adorou huma Estrella; porém depois de visto o seu resplandor, seria aggravo de suas luzes não preferillas a todos os astros.

*Esfuz.* Vês, Senhor? Se eu te deixára lançar ao mar, como querias, não tiveras visto agora tanta formosura; não te arrebatáras; não te namoráras; não te abrazáras, e....

*Tezeo.* E não te matára tambem; pois se me não impedíras lançar-me a essas aguas, não sentíra agora esta violenta chamma de amor; e pois tu és á causa desta violencia, sentirás parte do estrago, que me arruina. *Dá-lhe.*

*Esfuz.* Ai Senhor, para que me dá agora esse esfuziote? Deixe por ora esses namoricamentos, lembre-se que o espera a devorante goella de hum Minotauro.

*Tezeo.* Ainda por isso duplícas mais a tua culpa, pois com o precipicio do mar escusára sentir as furias destes monstros de amor, e Minotauro. Ai tyranno Esfuziote, que me privaste do maior bem, que era o morrer!

*Esfuz.* Ui, Senhor, não seja essa a duvida, se só por huma causa te querias matar, agora que tens duas, toma duas mortes.

*Dentr. Dedal.* Acabem-se já por huma vez tantos pezares; rebente a mina, unica idéa do meu desafogo.

*Esfuz.* Ai Senhor, que alli ha mina? Vamo-nos a ella; ai! Mina temos? Grande fortuna me espera.

*Ao ir-se chegando Esfuziote para dentro da gru-*

*gruta, rebenta eſta com eſtrondo, e labareda, e ficará Esfuziote ſubmergido debaixo das ruinas, das quaes ſabirá Dedalo.*

*Esfuz.* Ai quem me acode, que dei á coſta na mina!

*Tezeo.* Que horrendo eſtampido! Parece que a terra preſaga da minha ruina em eſtragos publica a minha deſgraça.

*Sabe Dedalo.*

*Dedal.* Valha-me o Ceo!

*Tezeo.* Que foi iſto, Esfuziote? Levantate. Mas que novo eſpectaculo ſe offerece á minha admiração! Quem és, eſpantoſo aborto deſſa penha?

*Dedal.* Sou hum mifero infeliz, e tão deſgraçado, que a terra, ſendo mãi commua para todos, a mim de ſi me arroja, como madraſta.

*Esfuz.* Senhor Tezeo, reſuſcite-me deſta eſpelunca, adonde eſtou enterrado.

*Tezeo.* Eſperai, não vos vades, em quanto vou acodir a eſte pober criado, que jaz opprimido debaixo da ruina daquella gruta.

*Esfuz.* Ande depreſſa, Senhor, que eſtas pedras me não edificão muito.

*Tezeo.* Ergue-te, anda; he bem feito para caſtigo da tua ambição: quem te mandou ir ver a mina?

*Esfuz.* Porque, tão fraca he a minha ambição, que tiveſſe pavor de chegar a eſſa mina? Mas ai de mim, que eſtou minado de dores, e tomára alguma contramina, que me ſaraſſe os oſſos!

*Tezeo.* Homem, quem quer que és, communica-me a cauſa das tuas penas, pois ſegundo o arrojo, que intentaſte, parece naſcida de algum extraordinario motivo.

*Dedal.* Se ſuppões extraordinaria a cauſa deſte exceſſo, como poſſo fiar de ti a narração de meus ſucceſſos ſem ſaber com quem fallo, pois no ſilencio conſervo a minha vida? E aſſim ſabendo primeiro quem tu és, então ſaberás quem eu ſou.

*Eſuz.* Eſte ſem duvida he aquelle Senhor da voz groſſa, que nos mettia medo.

*Tezeo.* Para que vejas que a minha curioſidade he ſincéra, quero dizer-te quem ſou, para que da minha peſſoa poſſas inferir, que ſou capaz de ſer inſtrumento da tua felicidade. Depois que os Athenienſes barbara, e aleivoſamente em hum torneio matárão ao Principe Androgeo, filho de Minos, Rei de Creta, eſte juſtamente indignado contra os Athenienſes, fazendo huma liga offenſiva com os Principes do Archipelago, ſe lançárão ſobre Athenas, para reſuſcitar com o eſtrepito das armas o marcial eſpirito de Androgeo. Tres annos eſteve Athenas cercada, e reduzida á ultima miſeria; até que para ſalvar os proſtrados fragmentos de tantas vidas, que inermes perecião á violencia da fome, e da corrupção, levantando-ſe o povo tumultuariamente, capitulárão com ElRei Minos, offerecendo-ſe á ſua diſcrição.

*Eſuz.* Tudo aquillo me contava minha Avó.

*Te-*

*Tezeo* O barbaro Rei vendo que de huma vez não podia beber o ſangue dos Athenienſes, impoz o rigoroſo tributo, de que todos os annos pagaſſe Athenas ſete mancebos para alimento de hum monſtro, que chamão Minotauro, que dizem habita dentro em hum Labyrintho.

*Dedal.* Ai de mim!

*Tezeo.* Que? Suſpiras?

*Dedal.* Proſegui, que os meus ſuſpiros não são ſem fundamento.

*Tezeo.* Era pois a fórma deſte tributo ſem excepção de peſſoa alguma, por mais ſoberana, que foſſe; para o que todos em huma urna lançavão os ſeus nomes, e por ſórte ſe tiravão ſete mancebos, que ſe enviavão para Creta a ſerem combuſtivo feudo do Minotauro.

*Esfuz.* Se iſto não eſtivera em letra redonda, havião de dizer que era mentira.

*Tezeo.* Eſte anno (ai infeliz!) entre os ſete do tributo fui eu hum delles; que nem o naſcer filho delRei de Athenas, e ſer o valoroſo Tezeo, bem conhecido no Mundo pelo meu valor, foi baſtante para iſentar-me deſte tributo; para o que preparada huma armada, vinhamos para Creta, em cuja viagem os ventos, não ſei ſe propicios, ou indignados, depois de ſer ludibrio das ondas, deſpedaçando o noſſo baixel, ſem duvida perecêra, ſe huma taboa delle não fora o delfim de minha vida, que piedoſo me conduzio a eſtas praias, ſem ſaber aonde eſtou. E pois

já

já te tenho satisfeito, fia agora de mim os teus successos, para que aches em minha generosidade o favor que as tuas miserias estão conciliando.

*Esfuz.* Vejamos agora o com que se descarta este barbado.

*Dedal.* Quando eu me considerava o mais desgraçado de todos os homens, acho que há outros que nascêrão com mais infeliz estrella.

*Tezeo.* Explica-te, não me tenhas suspenso.

*Esfuz.* Vamos, Senhor, diga alguma cousa, ainda que seja huma fabula.

*Dedal.* Eu sou generoso Principe, o infeliz Dedalo, aquelle, que por suas extraordinarias máquinas, e sublimes invenções se tem feito conhecido por todo o Mundo.

*Tezeo.* Basta que sois aquelle célebre Dedalo, cujas artificiosas idéas tem merecido os elogios do Orbe? Não sabeis quanto me alegro ver hum homem tão grande.

*Esfuz.* Basta que vossa mercê he o Senhor Dedalo, padre mestre das minas a pezar do meu corpo? Ai, espere; vossa mercê não he o pai do Senhor Icaro?

*Dedal.* Tu conheceste a Icaro, meu filho?

*Esfuz.* Eu não Senhor, mas lembra-me de o ver pintado com humas azas, que cahindo em hum rio, se foi como hum passarinho.

*Tezeo.* Cala-te nescio; prosegui Dedalo.

*Dedal.* Prosigo: Vivendo eu na Corte delRei Minos de Creta, com a estimação que me-

re-

recião as minhas raras idéas, ſuccedeo que Venus indignada contra o Sol, que em certa occaſião patenteou as ſuas torpezas, não podendo vingar-ſe em ſuas luzes, pedio a ſeu filho Cupido, que contra a Rainha Pazife fulminaſſe o ſeu rigor, fazendo Cupido a inſtancias de Venus, que Pazife ſe namoraſſe de hum Touro.

*Esfuz.* De hum Touro? Teve muito bom goſto a Senhora Patife.

*Dedal.* Pazife combatida de tão torpe, e nefando amor, pedio-me que lhe déſſe remedio a tão louco incendio, em que ſe abrazava, fazendo com alguma máquina minha, com que ella pudeſſe lograr o ſeu intento, antes que a ſua cegueira produziſſe olhos, que viſſem publicamente eſta nunca viſta temeridade de Cupido: eu em fim por eſcuſar maior eſcandalo, me reſolvi a fabricar huma Vaca, com tanto artificio, que apenas ſe diſtinguia das outras viventes; pois no movimento, e aſpecto, parece quiz eſta vez competir a arte com a natureza.

*Esfuz.* E ella Vaca havia de ſer deleite para Pazife.

*Dedal.* Fabricada aſſim a Vaca, por huma eſcotilha, que nella fiz, ſe introduzio Pazife, em cuja figura artificioſamente transformada foi facil enganar ao Touro, a quem amava; o demais calla-o o ſilencio, porque ſe não offenda a modeſtia.

*Esfuz.* Sim, bem entendo; ſim, Senhor; o Touro, e a Vaca, &c.

*De-*

*Dedal.* Deſte nefando amor naſceo hum monſtro de duas eſpecies, pois era meio Homem, e meio Touro, por cuja cauſa o chamárão Minotauro.

*Eſfuz.* Deſſes monſtros ha muitos no Mundo.

*Tezeo.* Ai Dedalo, que tu foſte a occaſião da minha deſgraça!

*Dedal.* E tambem da minha: ora attende: Vendo Minos naquelle monſtro a ſua perpétua infamia, me ordenou que para morada delle fabricaſſe hum eſtupendo, e grande Palacio, com tão equivocas entradas, e ſahidas, que quem nelle ſe introduziſſe, não pudeſſe atinar com a porta para ſahir, ficando prezo na ſua meſma liberdade; que por eſte enredado artificio ſe chamou o Labyrintho de Creta.

*Tezeo.* Segunda vez te conſidero artifice de minhas infelicidades.

*Eſfuz.* Que direi eu, que tenho o corpo eſparramado?

*Dedal.* Em fim, como não ha couſa que ſe não ſaiba, quiz a minha deſventura que chegaſſe á noticia delRei Minos, que eu tinha cooperado para o naſcimento do Minotauro, por cuja cauſa me mandou encerrar no meſmo Labyrintho, que eu fabriquei, na parte mais inferior delle, adonde a minha induſtria, e deſeſperação, fez com que minando com ardentes materiaes as entranhas da terra, ſahiſſe deſta gruta, como viſte.

*Te-*

*Tezeo.* Visto isso estamos em Creta, e ás portas do Labyrintho?

*Esfuz.* E ás portas da morte: Ora o certo he, Senhor, que donde has de ir, não has de mentir; por isso, tanto que eu puz os narizes em terra, logo me cheirou a Labyrintho.

*Tezeo.* Ninguem póde isentar-se da violencia dos fados.

*Dedal.* Principe, já que neste bosque de ninguem fostes visto, escondei-vos nesta mesma mina, até que tinhais occasião de fugir da morte, que vos espera.

*Tezeo.* Que quer dizer fugir? He acção que nunca exercitei. Que dirá o Mundo se se disser que Tezeo fugio da morte, e que o acovardou hum monstro, quando tantos tenho vencido?

*Esfuz.* Não tem que se cansar, que este Senhor anda morto por se matar.

*Dedal.* Como vos não quereis esconder, e certamente haveis de ir parar ao Labyrintho, eu por acompanhar-vos nelle me resolvo a ser outra vez habitador da sua confusão, para que ao menos com a minha industria possais vencer esse monstro, e vingarmo-nos desse tyranno Rei que á vossa Patria, e a mim tanto offende.

*Tezeo.* O' Dedalo, eu te prometto que se entro em Athenas triunfante, serás em minha Corte premiado, como merece tão generosa acção.

*Dedal.* Pois adeos, Principe, que lá te eſpero.

*Torna a ir-ſe pela gruta.*

*Eſfuz.* Adeos, Senhor Dedalo, voſſa mercê faça muito boa jornada.

*Tezeo.* Adverte, Eſfuziote, que ſe revelares o que ouviſte, ſerás caſtigado por ElRei meu pai, pois o braço de hum Rei chega a toda a parte; e ſe fores fiel, e eu tiver a fortuna de vencer eſte monſtro, te prometto hum premio igual á tua lealdade.

*Eſfuz.* Senhor, nem todos os criados háo de ſer lambareiros; peça a Deos que me tenha mão na lingua, que eu da minha parte farei o que puder, ainda que me cuſte.

*Sahe Licas Embaixador.*

*Licas.* Ai Tezeo, que infeliz ventura foi a minha! Pois quando te julguei naufragante neſſas ondas pela tormenta, em que tantos baixeis da noſſa armada perecêrão, aqui te venho a encontrar, depois de procurar-te por toda eſſa marinha, para ſeres alimento do Minotauro: Oh que deſgraça!

*Tezeo.* Licas amigo, muito me alegro de verte; e pois que em Creta vives com o caracter de Embaixador de Athenas, para fazeres a funeſta entrega dos ſete infelices tributarios do Minotauro, vem a apreſentar-me a eſſe tyranno Rei, para que ſacîe em noſſo ſangue a ſede de ſua impiedade.

*Licas.* Oh quem não tivera tal incumbencia!

*Eſfuz.* Ah Senhor Embaixador, ſaiba Voſſa Senhoria, que eu não morri na tormenta.

*Li-*

*Licas.* Eſtimo a tua fortuna, Esfuziote; vamos Tezeo.

*Tezeo.* Dizei-me primeiro quem era huma Ninfa, que ſeguida de outras, em hum feſtivo coro por aqui paſſou chamada Fedra?

*Licas.* He huma Infanta, filha mais velha delRei, que com a bella comitiva hião para o Templo de Venus, e Cupido, a qnem ſacrificão todos os annos, para que ſe aplaque o ſeu rigor, fazendo com que ceſſe a infame injúria do Minotauro.

*Tezeo.* E não era mais facil matar o Minotauro, para que ceſſe a ſua affronta?

*Licas.* Não, que eſte monſtro, como conſagrado a Venus, e Cupido, corre por conta deſtas Deidades a ſua conſervação.

*Esfuz.* E diga-me; Senhor Embaixador, quem era huma ſemininfa, chamada Taramella, que tambem hia neſſa turba multa raparigá; e por final que quando andava levantava os pés do chão?

*Tezeo.* Não te callarás?

*Esfuz.* Ui Senhor, cada qual pergunta pelo que lhe pertence.

*Tezeo.* E quem era outra Ninfa, que no exercicio da caça a livrei da ferocidade de huma féra?

*Licas.* Seria ſem devida a Infanta Ariadna, filha tambem delRei Minos, que mais adora a Diana nos boſques, do que a Venus nos templos.

*Tezeo.* Ai Licas, que eſſa Ariadna.....

*Li-*

*Licas.* Senhor, vamos: não cuides por ora niſſo.
*Tezeo.* Foi a homicida....
*Esfuz.* Senhor, lembre-ſe da ſua alma, e deixe Ariadna.
*Tezeo.* Da minha vida primeiro, que o Minotauro....
*Licas.* Vamos, Senhor. *Vai-ſe.*
*Tezeo.* Vamos, Licas: ai Ariadna? *Vai-ſe.*
*Esfuz.* Ai Minotauro! *Vai-ſe.*

## SCENA II.

*Templo com as eſtatuas de Venus, e Cupido, e huma pyra ardendo. Sahe Lidoro, e canta-ſe o ſeguinte*

CORO.

Chegai, moradores de Creta, chegai
Ao Templo divino de Venus, e Amor.

*Lidoro.* QUiz anticipar-me neſte Templo de Venus, e Cupido, por ver ſe nelle encontro a bella Ariadna, e moſtra-lhe a ſem razão de ſua tyrannia, e o juſto motivo de meu incendio; pois ſem que me valha o ſer Principe de Epyro, e ter deixado a minha Corte, por vir a eſta de Creta, ſó a pertender o ſeu ditoſo Himenêo, com tudo o ſeu rigor ſempre implacavel ſe moſtra á minhas finezas. O' Deidades ſoberanas de Venus, e Amor, em cujas aras arde a victima de meu coração, fa-

zei que seja ditoso, quem sabe ser amante.

*Ariad.* Que violenta vinha algum dia a este Templo de Venus, e Amor! Porém, depois que no bosque vi aquelle... Mas quem está aqui?

*Lidor.* Quem ha de ser, senão huma sombra inseparavel do vosso Sol, que por influxo desse mesmo Astro se considera Clicie de vosso resplendor?

*Ariad.* Bem podéreis, Lidoro, deixar essa loucura de vosso amor: não tem bastado tantos desenganos, para desperſuadir-vos, que mais facil será que o Sol não allumie, que a escuridade resplendeça, e que o fogo esfrie, que no meu peito possa haver amor, com que correspondervos?

*Lidor.* Em fim, Senhora, esse he o ultimo desengano da vossa tyrannia?

*Ariad.* Admiro-me que tenhais este desengano pelo ultimo, quando podéreis fazer esse conceito do primeiro.

*Lidor.* Assim premiais as minhas finezas?

*Ariad.* Para que as obrastes sem minha licença, sabendo que nisso me offendieis?

*Lidor.* Pois para que não vos offenda quem só vos deseja agradar, eu me retiro dos vossos olhos, que só por dar-vos esses prazer, serei cruel para comigo. *Quer ir-se.*

*Sahem o Rei, Fedra, e Tebandro.*

*Rei.* Lidoro, que he isso? Quando todos vimos a este annual sacrificio, que em oblação reverente consagra o nosso rendimento nas aras

des-

deſſas Deidades de Venus, e Amor, te retiras?

*Lidor.* Senhor, a procurar-te hia, vendo que tardavas.

*Rei.* Fedra, Ariadna, não ceſſem as voſſas rogativas, para que eſſas deidades menos indignadas nos livrem da perpétua infamia deſſe Minotauro, como labéo affrontoſo da noſſa regia eſtirpe. Ai Pazife fragil, ſeja a tua memoria abominavel nos ſeculos futuros!

*Tebaud.* Senhor, temo que eſſa melancolia te acabe a vida: lembra-te que és ElRei Minos, para que com a tua conſtancia toléres os golpes do pezar.

*Fedra.* Senhor, Voſſa Mageſtade deve buſcar algum meio efficaz, para que ceſſe a ſua mágoa, e a noſſa affronta.

*Lidor.* Tudo poderá ter remedio, excepto o meu tormento. *á parte.*

*Ariad.* Senhor, ſe eſtamos neſte Templo de Venus, e Amor, porque não conſultas o ſeu Oráculo, para que nos declare, quando terá fim a vida do Minotauro?

*Rei.* Ariadna, eſſe conſelho he filho do teu ſubtil engenho; pois attenção, que neſta fórma conſulto o ſeu Oraculo. Venus ſoberana, compadecida a noſſos gemidos, e grata a noſſos votos, declara-nos, quando terá fim a vida do Minotauro, cuja exiſtencia aviva a noſſa ignorancia.

Can-

*Canta o Oraculo o ſeguinte.*

Quando deſſe biforme monſtro horrendo
Vires ſer alimento combuſtivo
Hum vivo morto, e hum morto vivo.

*Rei.* Enigmatica, e prodigioſa he a repoſta; pois diz, que terá fim a vida do Minotauro, quando lhe ſervir de alimento hum vivo morto, e hum morto vivo. Quem vio maior confuſão!

*Lidor.* He eſtilo dos Oraculos reſponderem por enigmas.

*Fedra.* Que prodigio!

*Lidor.* Ainda em maior duvida ficamos; pois como poderá ſervir de alimento hum morto vivo, e hum vivo morto?

*Todos.* Quem ſerá eſte morto vivo?

*Dentr. Licas.* Tezeo, entra.

*Rei.* Tezeo diſſerão alli; parece myſterio, o que ſeria caſualidade.

*Teband.* Caſualidade he; pois quem poderá ſer morto, e vivo ao meſmo tempo?

*Sahem Tezeo, Licas, e Eſfuziote.*

*Tezeo.* Eu; eu ſou, ó Rei Minos, o Principe Tezeo, hum dos ſete infelices que Athenas envia para o feudo do Minotauro.

*Licas.* Tezeo, Principe de Athenas, foi ſobre quem eſte anno cahio a infeliz ſórte do tributo; tão rigoroſo he o eſcrutinio, que nem a ſua regia peſſoa ſe póde izentar.

*Rei.* Tudo o que vejo são prodigios! Vem, Tezeo, a meus braços.

*Tezeo.* Senhor, a teus pés se offerece quem já nem he senhor da sua vida para dedicarta; porém estes breves instantes, que o alento se me dilata, desejára diminuillos, para que mais depressa se satisfaça a tua vontade. *ajoelha.*

*Rei.* Levantai-vos, esclarecido Tezeo, que supposto vos conduzisse a fortuna a tão infeliz estado, sereis entre tanto respeitado como Principe, e não como réo.

*Esfuz.* He muito boa consolação! Aquillo he o mesmo que engordar para matar.

*Ariad.* Ai de mim, que Tezeo foi quem me livrou daquella féra no bosque! *á p.*

*Fedra.* Oh quem pudera livrar a Tezeo de tão funesta morte, pois a sua presença conciliou em meu peito, não sei se amor, ou compaixão! *á p.*

*Tezeo.* Principe, sinto com a minha vidà não poder remediar a vossa; porém o vosso valor será o lenitivo desta infelicidade.

*Lidor.* Tezeo, os que nascemos Principes izentos da jurisdicção humana, não nos podemos eximir da violencia dos astros, que influem rigorosos; e assim não he necessario lembrarvos de quem sois, para infundir alentos ao vosso espirito.

*Tezeo.* O meu agradecimento, e as vossas piedades nesta occasião são inuteis.

*Esfuz.* Que esteja meu amo recebendo em sua vida os pezames da sua morte! He boa pachorra!

*Te-*

*Tezeo.* Esfuziote, aquella não he a Ninfa que eu tive em meus braços desmaiada?

*Esfuz.* Sim, Senhor, ella he a mesma, e vejão o que tem crescido! Ah Senhor, e tambem a outra he aquelloutra.

*Rei.* Dizei-me, Embaixador: e todos os sete mancebos do tributo vem com o Principe Tezeo?

*Licas.* Como houve, Senhor, huma grande tempestade, em que o baixel naufragou, muita parte da gente pereceo, e dos tributarios só se achão seis com o Principe.

*Rei.* Eu não hei de receber menos numero que o de sete; pois nem ainda todo esse sangue he bastante para illidir as manchas de vossas aleivosias.

*Esfuz.* Este Rei será amigo de sarapatel? *ap.*

*Tezeo.* Senhor, sendo eu Principe, parece que valho por dous.

*Licas.* E quando não, aqui está este criado, que completará o numero dos sete.

*Esfuz.* Irra: Ah Senhor Embaixador, faça-me mercê de se não meter com as vidas alheas: he boa graça!

*Licas.* Não vês que ElRei está teimoso em que sejão sete, e não ha senão seis; e como tu estás aqui, por força has de ser hum delles?

*Esfuz.* Senhor Minotauro, requeiro a Vossa Magestade...

*Tezeo.* Adverte que ElRei chama-se Minos, e não Minotauro.

*Esfuz.* De Minos a Minotauro pouco vai.

*Licas.* Senhor, Voſſa Mageſtade ſaiba que eſte homem he hum tonto.

*Esfuz.* Sim, Senhor, ſou tão tonto, que deſſe monſtro não quero ſer comido por concomitancia; e logo requeiro a Voſſa Mageſtade que o Minotauro me não póde comer.

*Rei.* Por que?

*Esfuz.* Porque he meu inimigo capital.

*Rei.* Por iſſo meſmo te comerá.

*Esfuz.* Não, Senhor, que quem me quer mal me não póde tragar.

*Lidor.* O homem he divertido, quero apurallo: homem, o Minotauro não ſabe fazer differença de amigos, e inimigos.

*Esfuz.* Ainda eſſa he peior! Pois, Senhor, eu deſengano, que ſe o Minotauro me come, bem lhe póde abrir a cova, que morre ſem falta.

*Lidor.* Por que?

*Esfuz.* Porque ſou hum veneno.

*Lidor.* Tambem o Minotauro he venenoſo, e hum veneno não mata outro veneno.

*Esfuz.* Para que ſe cansão, Senhores? Saibão que eu para alimento ſou muito indi .o.

*Rei.* Seja como for, elles hão de ſer ſete mancebos os do tributo.

*Esfuz.* A que de Voſſa Mageſtade, Senhor, por força hão de ſer ſete mancebos.

*Rei.* Aſſim foi a capitulação.

*Esfuz.* Pois eu não poſſo ſervir para iſſo.

*Lidor.* Porque não?

*Esfuz.* Porque não; porque eu não ſou ſete ma-

mancebos, ſou hum ſó ; e ainda eſſe ſabe Deos o que vai por cá.

*Lidor.* O Minotauro não ha de engolir os ſete mancebos juntos por huma vez , ſenão hum a hum.

*Eſfuz.* Ui , Senhor , que tem o Minotauro que ſe amancebar com a minha vida ?

*Lidor.* Senhor, o criado convém conſervallo , que he galante.

*Rei.* Andar , cuidaremos niſſo : o Embaixador hoſpéde a Tezeo ; Lidoro , vem comigo. *Vai-ſe.*

*Lidor.* Ainda ſem eſſe preceito iria , ſó por não ver a huma ingrata , que tanto tyranniza os meus extremos. *Vai-ſe.*

*Fedra.* Toda a minha alma occupa a peſſoa de Tezeo : verei ſe acho algum meio de redimir a ſua vida. *á p. e vai-ſe.*

*Teband.* Vamos , coração , a experimentar novas tyrannias em Fedra. *á p. e vai-ſe.*

*Licas.* Tezeo , vem. *Vai-ſe.*

*Tezeo.* Vai , que eu te ſigo.

*Eſfuz.* Vá-ſe c'os diabos Embaixador de huma figa , que eu lhe pregarei.

*Tezeo.* Beliſſima Ariadna , que venturoſa ſeria a minha morte , ſe eu levára a certeza de que ao menos na tua memoria vivia conſervado eſte extremo de meu amor ! Lembrate , bella homicida , não de me iſentares da morte , que me eſpera , mas ſim deſte amoroſo tormento , que me afflige.

*Ariad.* Tezeo quando no boſque vos conſiderei

foraſteiro , reprehendi o voſſo atrevimento ; e agora que vos reconheço Principe , eſtranho muito o voſſo delicto ; e pois quando me déſtes a vida , prometti defender a voſſa , eſtou prompta a cumprir a minha palavra. Ai amor , quem pudera declarar-ſe ? *á p.*

*Tezeo.* Não peço recompenſa de huma acção , que ao principio não foi executada a voſſo reſpeito , por ſer caſual aquelle arrojo do meu valor , e natural obrigação de hum generoſo peito : ſó deſejára que não deſprezaſſeis eſte bem naſcido affecto de meu amor.

*Ariad.* Principe , acceitai por ora a minha recompenſa , que quem vos ampara a vida , talvez que a faça venturoſa.

*Eſuz.* Acceita , Senhor , que ao máo pagador , em farellos.

*Tezeo.* E quem me aſſegura eſſa eſperança ?

*Ariad.* Se não vos ſatisfazeis da minha palavra , ſolemnemente o jurarei neſſa immortal pyra de Venus , e Amor.

*Tezeo.* Pois eu tambem para revalidar o meu voto , neſſa chamma de amor , ſerei Fenix da minha fineza , para que das cinzas dos teus eſtragos renaſção os extremos dos meus ardores.

*Canta Ariadna , e Tezeo o ſeguinte.*

*Tezeo.* O' tu candida filha do falſo elemento.

*Ariad.* O' tu céga Deidade , que as almas dominas ,

*Tezeo.* Sabei , que eu amante ,

*Ari-*

*Ariad.* Sabei, que eu conſtante,
*Tezeo.* Prometto abrazar-me de amor nos in-
incendios,
*Ariad.* Prometto guardar do Principe a vida,
*Tezeo.* Com fé inviolavel,
*Ariad.* Com voto ſagrado,
*Ambos.* Da morte, e da vida no ultimo eſta-
do. *Vai-ſe.*

*Esfuz.* Não me póde eſquecer alcovitar-me o Senhor Embaixador, para que eu foſſe paſtinho do Minotauro! Mas pelo ſim, pelo não, já que me acho recolhido no ſagrado deſte templo, daqui não ſahirei ainda que me deitem a páos, mas ai que ahi vem aquella moça chamada Taramella, que eu ví no boſque! Eu me eſcondo atrás deſta eſtatua, para que me não veja, e obſervarei o que faz.

*Poem-ſe Esfuziote a traz da Eſtatua, e ſahe Taramella com huma vaſſoira na mão.*

*Taram.* Graças a Cupido, que já todos ſe forão, e poderei ſem impecilhos exercitar o voto, que tenho feito, de varrer todos os dias eſte Templo de Venus, para que me caſe com hum moço França, deſtes de paſta na cabelleira, e relogio de pendurucalhos!

*Esfuz.* Ai que Taramella quer que Venus a caſe! E ella o fará. Valha-me agora a induſtria de amor.

*Varrendo o Templo Taramella, canta o ſeguinte.*

*Taram.* Ai amor, ſe me dás hum marido,
Vaſſoira vivente do Templo ſerei.

*Es-*

*Esfuz.* Quero fingir que fou Venus.

*Canta Esfuziote o feguinte em falfete.*

Taramella, fe queres marido
Aqui meſmo no Templo, no Templo o darei.

*Taram.* Ai que Venus me reſpondeo favoravel á minha petição ! O' minha Deoſa, dizei-me outra vez quem ſerá o meu ditoſo marido ?

*Canta Esfuziote o ſeginte Recitado em falſete.*

Teu marido ſerá em teu conforto
Hum morto vivo, e hum vivo morto.

*Taram.* Que galante repoſta ! Entendo que nunca caſarei ; pois como póde ſer meu marido hum vivo morto ?

*Sahe Esfuziote.*

*Esfuz.* Agora eu : Sapientiſſima Taramella, hum naufrangante peregrino, combatido das ondas, mareado dos mares, açoitado dos ventos, e enjoado das mareſias, vem hoje a offerecer o traquete do ſeu amor aos joanetes de teus pés, para que dependurado no templo de tua formoſura, ſe oſtente troféo da tua galhardia.

*Taram.* Que galante couſa ! Explique-ſe, que eu ainda não ſei o que voſſa mercê me diſſe.

*Esfuz.* São effeitos do crepitante incendio, que o bolcão de meu peito tranſpira pelos metos do idioma.

*Taram.* Senhor Eſtrangeiro, eu não entendo palavra.

*Es-*

*Esfuz.* Já que não entendes de eſtylos creſpos, te fallarei em frazes eſtiradas. Eu, Senhora Taramella, ſou hum Soldado da fortuna, que a venho buſcar mais ditoſa no conjugio de voſſa mercê.

*Taram.* Tire-ſe para lá não venha zombar da gente; ande, va-ſe, deixe-me acabar de varrer, para que entre o lixo do Templo encontre o marido, que a Deoſa me pomette.

*Esfuz.* Suſpende, galharda Ninfa, eſſa voſſoira dos ſentidos, eſſa eſcova das almas, eſſe baſculho do coração, eſſe eſpanador das potencias, e eſſe eſfulinhador dos affectos; pois já por ti me conſidero louco varrido.

*Taram.* Ai Senhor, não me falle niſſo, que eu ſou muito ſizudinha, e huma moça donzella, que eſtou aqui para honra, e caſamento.

*Esfuz.* Se eſtás aqui para honra, e caſamento, tudo achaſte em mim.

*Taram.* E de que ſórte?

*Esfuz.* Eu te digo: ſe eſtás para caſamento, aqui tens marido, e ſe para honra, honra terás ſe caſares comigo; e não digo o mais, pois ſem ſaber ſe me queres, não te direi quem ſou.

*Taram.* Pois ſó ſaberei querer, quando ſouber quem voſſa mercê he.

*Esfuz.* Pois Taramella, promettes pôr o teu nome na boca?

*Taram.* Sou tão callada que não como por não abrir a boca.

*Esfuz.* Já que és tão secreta, saberás, que eu sou o Principe Tezeo sobre quem cahio a sórte, (ou o azar, para melhor dizer) de ser alimento do Minotauro: eu para escapar desta comichão, me ajustei por huma grande somma de dinheiro com hum criado meu, chamado Esfuziote, para que dissesse que era eu, e désse a vida por mim; e como o criado me queria bem, não foi difficil o morrer por mim.

*Taram.* E há hómens que se matão por dinheiro.

*Esfuz.* Filha, todos morrem por dinheiro. Em fim trocámos os vestidos, e os nomes; pois elle morre com o nome de Tezeo, e eu vivo com o de Esfuziote.

*Taram.* Ai Senhor, Vossa Alteza, sendo quem he, quer casar com huma rascoa, podendo empregar-se em huma Princeza? *Ajoelha.*

*Esfuz.* Levantai-vos: prometti a Venus em huma tempestade, que tive, casar com a primeira mulher que visse em terra, que fosse tu, se acaso te lembra hum bilisção, que te dei hoje, vindo tu dançando por esses bosques.

*Taram.* Ai, he verdade; basta que foi V. Alteza?

*Esfuz.* Fui eu que te quiz marcar com a unha, para a todo o tempo te conhecer; pois que dizes? Está justo o teu amor, ou ainda pecca em alguma desconfiança?

*Taram.* Senhor, tudo está muito bem; mas

Ve-

Venus me diſſe, que havia ſer meu marido hum vivo morto, e Voſſa Alteza não he morto vivo.

*Esfuz.* Iſſo he o que te parece; queres ver como eu ſou eſſe, que te diſſe a Deoſa? Ora attende.

## SONETO.

Eu ſou, ó Taramella, o vivi morto,
Que por ti me imagino morto, e vivo,
Mas não cuides, que vivo, porque vivo,
Pois ainda que vivo, vivo morto:
Na cova de hum deſcem me enterras morto,
No aceno de hum favor me alentas vivo,
Se me affagas, deſperto como vivo,
Se te agaſtas, eſfrio como morto:
Neſta batalha, pois, de morto, e vivo;
Na vida de hum favor me alentas morto,
Na morte de hum deſdem me matas vivo.
Sou em fim morto vivo, e vivo, morto,
Se qual Fenix nas cinzas, quando vivo,
Maripoſa nas chammas, quando morto.

*Taram.* Já ſei que Voſſa Alteza he o vivo, e morto que me diſſe a Deoſa; mas como caſa por voto, e não por amor, ſerá o ſeu matrimonio mais por força que por vontade.

*Esfuz.* Taramella, no amor toda a vontade he forçada pois quem por ſeu goſto ha de appetecer os ſopapos de Cupido, e os pontapés de Venus, que para adorno do ſeu rigor fazem galla da tyrannia, e gallacé do martyrio?

*Ta-*

*Taram.* Para que ſocegue a minha deſconfiança, e acredite o ſeu amor, meta Voſſa Alteza a mão naquelle fogo de Amor, no qual ſe experimenta dos amantes a conſtancia; ſe a chamma o não abrazar, reconhecerei que me quer bem, e quando não, he certo que quem ſe queima alhos come, que eſſa he a virtude eſpecial daquelle fogo.

*Esfuz.* E que o tem amor com os alhos?

*Taram.* Não vê que o alho deſtroe a virtude do Iman, que he o ſymbolo do amor?

*Esfuz.* Iſſo he couſa de Poetas; mas ſe queres, que pelo meu amor meta a mão neſſe fogo, eu o farei, que ſe elle não abraza a quem ama, ſeguro eſtou de offender-me o ſeu incendio.

*Taram.* Ora vá, e não trema.

*Cantão Esfuziote, e Taramella a ſeguinte*

ARIA A DUO.

*Taram.* Meta a mão na chamma ardente,
E verei o ſeu amor.

*Esfuz.* Tu verás como valente
Não me abraza o ſeu ardor;
Mas ai, que me abrazo! *Mete a mão.*
Mas ai, que me queimo!

*Taram.* Aſſopra.

*Esfuz.* Eu aſſopro.

*Taram.* Vá-ſe dahi,
Já ſei me não ama.

*Esfuz.* Se vês que me inflammo,
Por iſſo te amo.

*Ambos.* E ſe acaſo ainda o duvidas,
Eſte *fogo* to dirá.

*Esfuz. quando falla em fogo aponta para o ſeu peito, e Taram. para a pyra.*

Tá-

*Taram.* Já tenho entendido,
*Esfuz.* Já tenho alcançado,
*Taram.* Que o cégo Cupido,
*Esfuz.* Que o monſtro vendado,
*Ambos.* *Ahi* não eſtá.

*Na palavra ahi aponta Taram. para o peito de Eſfuz. e eſte para a pyra.*

*Sahe Sanguixuga.*

*Sang.* Tambem eſte murro to dirá, deſavergonhada, louca, furada do miollo; tu aqui cantando ſó hum Duo com' hum machacaz? Ai mofinos ſeſſenta e tres annos!

*Taram.* Minha tia, não ſe agaſte, que mal ſabe o que vai.

*Sang.* Que vai, nem que vem? Que fazias ahi dando á taramella com eſſe magano?

*Taram.* Ai que blasfemia! Não diga tal; que mal ſabe quem alli eſtá.

*Esfuz.* Sempre hei de encontrar com velhas! He bom fadario!

*Sang.* Pois dize-me, que homem he eſſe?

*Taram.* He hum homem grande; nós fallaremos mais de vagar.

*Sang.* Homem grande he beſta de páo, e tu és beſta em carne, que te deixas enganar de ſemelhantes velhacos.

*Esfuz.* Que he iſſo, Taramella?

*Taram.* Senhor, he minha tia, que ſe vem pôr aos pés de voſſa Alteza. Tia, faça o que lhe digo, que não ſabe a fortuna, que nos eſpera. *á p.*

*Sang.* Senhor, Voſſa alteza dê-me os ſeus pés.

*Esfuz.* Se vos der os meus pés, ficareis com quatro.

*San-*

*Sang.* Senhor , Voſſa Alteza releve a minha deſatenção , que eu o não conhecia.

*Esfuz.* Não vos culpo o não conhecer-me , que nós os Principes não temos ſobreſcripto , e ainda que o tivera , como não ſabeis ler , não podieis ſoletrar no alfabeto de minha peſſoa os caracteres de minha nobreza : levantai-vos : como vos chamais ?

*Sang.* Sanguixuga , meu Senhor.

*Esfuz.* Sanguixaga ? Não vos peze , que em certa parte valereis muito.

*Sang.* Iſſo são favores que Voſſa Alteza me faz.

*Esfuz.* Pois ficai vos embora , e dizei a voſſa ſobrinha , que vos participe o bem que lhe eſpera : guardai ſegredo , que a vós tambem vos caſarei com o meu Embaixador , para que a voſſa deſcendencia ſaia á luz.

*Sang.* Ai Senhor , eu já ſou quinquagenaria , e não ſei ſe poderei caſar.

*Esfuz.* A'gora , ainda eſtais capaz de romper humas ſólas ; e no caſo que vos ſeja neceſſaria menos idade , eu vos mandarei paſſar huma provisão , para que tenhais ſómente quinze annos. *Vai-ſe.*

*Sang.* Rapariga , que diabo he iſto ? Conta-me , que eſtou confuſa.

*Taram.* Senhora , aqui não he lugar diſſo ; vamos para caſa , que lá ſaberá couſas nunca viſtas. *Vão-ſe.*

SCE-

## SCENA III.

*Camera. Sahe Fedra.*

*Fedra.* DEpois que no templo vi ao Principe Tezeo, não sei que doce attractivo se occulta em sua pessoa, que por mais que o desvie do pensamento, me penetra o coração! Oh, ninguem estranhe os precipicios de amor, que do mais isento peito sabe triunfar! E pois me considero amante, bem he que defenda a sua vida

*Sahe Lidoro.*

*Lidor.* Já que as incriveis finezas de meu extremo lamentão os desprezos de Ariadna, recorrerei ao ultimo artificio de amor, que he abrandar o seu desdém com outro desdém; para o que me quero declarar amante de Fedra. Mas ella aqui está.

*Fedra.* Lidoro, que profunda tristeza vos penaliza? Por ventura minha irmã não merece jubilos em vosso coração?

*Lidor.* Bem he verdade, Senhora, que quando cheguei a esta Corte de Creta a pretender esposa na Regia estirpe de Minos, vosso pai por achar ao Principe de Chipre pretendendo a vossa belleza, foi preciso por não desgostar ao Principe no seu empenho, servir eu a Ariadna; porém como este rendimento era mais hypocrisia da politica, que rendimento de hum verdadeiro culto, sempre ardeo

im-

impuro a victima, e violento o sacraficio; porque o mesmo suspiro, que o incendia, era parocismo, que o anniquilava: e assim, galharda Fedra, se até aqui viveo opprimida a minha inclinação a violencias de hum respeito, agora que impaciente a minha dôr, rompe o reverente silencio, desejára, não que me premiasseis a minha fineza, mas sim que recebesseis o tributo de minhas adorações.

*Fedra.* Cuido, Lidoro, que o vosso amor degenerou em loucura.

*Sahe Ariadna ao bastidor.*

*Ariad.* Verei se encontro a Tezeo. Mas aqui está Fedra com Lidoro: esperarei que se vão.

*Lidor.* Só a vós, galharda Fedra, consagro os finos ardores de meu peito.

*Fedra.* Ainda que me fora licito acreditar essa fineza, como toda a Corte sabe, que publicamente servis a Ariadna, seria indecente desatenção corresponder eu a hum amante de minha irmã

*Ariad.* Que ouço! Lidoro pertende a Fedra? Se eu lhe tivera amor, motivo havia para ter zelos.

*Lidor.* O mostrar-me algum dia amante de Ariadna, póde se emendar com algum pretexto de razão de estado, que nos Principes he licito o variar de intentos; pois sempre se doura a desatenção com o interesse da Monarquia. Mas cuido que ahi veio Ariadna: eu me retiro, Senhora, para que vejais que só na vossa vista me elevo.

*Es-*

*Esconde-se Lidoro junto ao bastidor, e sahe Ariadna.*

*Ariad.* Agora verá Lidoro se sei vingar os meus desprezos.

*Sahe Tebandro ao bastidor.*

*Tebrad.* Vou receber de Fedra o ultimo desengano. Mas com Ariadna está; eu me retiro.

*Ariad.* Como na monarquia do amor o interesse sabe dourar desatenções, por esse motivo me animo a dizer-te, que como sei desdenhas ao Principe Tebandro, e eu tambem por natural antipatia aborreço a Lidoro, que troquemos os amantes, para que na mudança dos sujeitos mude tambem o coração de affectos.

*Lidor.* Ah tyranna inimiga, não sem causa erão os teus desvios.

*Teband.* Ariada me favor ce, não será desacerto vingar-me de Fedra.

*Ariad.* Só dessa sorte será ditoso o nosso himenêo. Fedra, que dizes?

*Fedra.* Eu não troco a quem adoro por nenhum outro amante; pois vivo tão satisfeita com o meu amor, que não acho outro equivalente que o possa recompensar. Ai Tezeo, só a ti se dirigem os mudos suspiros de meu peito. *á p.*

*Teband.* Alma, respiremos.

*Lidor.* Quem vira o seu amor tão premiado!

*Ariad.* Se sei desprezas a Tebandro, para que affectas esse carinho, só para que não tenha a fortuna de ve-me querida delle? Olha, que em Lidoro acharás melhores finezas.

*Fe-*

*Fedra.* Porque deſprezas a quem te ſabe amar?
*Ariad.* Porque não ſei amar a quem aborreço.
*Lidor.* Já me falta o ſoffrimento; vou-me antes que me acabe a deſeſperação. *Vai-ſe.*
*Fedra.* Se tu não pódes amar a quem aboreces, eu não poſſo aborrecer a quem amo.

*Canta Fedra a ſeguinte*

ARIA.

Querendo a quem amo,
Não buſco mais gloria,
Não quero outro amor.
No bem, que me inflammo
Conſegue a memoria
Triunfo mayor. *Quer ir-ſe.*

*Sahe Tebandro.*

*Teband.* Eſpera conſtante Fedra; deixa que rendido ao bello ſimulacro de tua Deidade, conſagre edorações quem ſe acha favorecido dos teus agrados.
*Fedra.* Não ſei que couſa vos motiva a eſſe rendimento?
*Teband.* O ver correſpondida a minha fineza.
*Fedra.* Que quer dizer correſpondida a voſſa fineza? Se eu entendera que o meu coração era capaz deſſe ſentimento, o arrancára de meu peito.
*Teband.* Parece improprio eſſe deſdem á viſta da confiſsão que agora fizeſtes.
*Fedra.* Quando as vozes ſe encontrão com os affectos, melhor he crer a eſtes, do que áquellas. *Vai-ſe.*

*Sa-*

*Sahe Lidoro ao baſtidor.*

*Lid.* Impaciente em nenhuma parte ſocego. Mas que vejo! Tebandro com Ariadna? Obſervarei o ſeu intento.

*Teband.* Quem vio, Ariadna, o ſeu amor em maior confuzão! Já não quero amar a huma ingrara, que me offende; e pois ſei que para o teu agrado prefere á minha fortuna a de Lidoro, quero ſeguir as luzes de teu eſplendor, já que propicios allumião a eſféra de meu peito, e aſſim....

*Ariad.* Muito me offendeis neſſe vil conceito que de mim formais; pois a ſer poſſivel que a chamma do amor ardeſſe em meu peito, não ſerieis vós a cauſa deſſe incendio; pois naquelle, que me idolatra, ſobrão motivos para o meu rendimento. Ai Tezeo, ſó a tua fineza ſerá premiada. *á p.*

*Lid.* Coração, torna a reviver.

*Teband.* Pois vós meſma não diſſeſtes a Fedra, que na mudança dos ſujeitos mudaria o coração de affectos?

*Ariad.* Se vedes agora contrarios eſſes affectos, crede aos olhos, e não aos ouvidos.

*Tebund.* Já ſei, que deſenganado, ſó amarei a minha morte. Oh louco amor, que neſcio he quem ſe fia das tuas inconſtancias! *Vai-ſe.*

*Sahe Lidoro.*

*Lidor.* Já ſei, Ariadna, que não ſou tão infeliz como imaginava; e ſuppoſto me conſidere ſem meritos, para alcançar teus ſoberanos favores, a tua piedade, compadecida do

meu tormento, já me coroa triunfante dos teus repudios.

*Ariad.* Lidoro, como enfermais de amante, sem duvida essa idéa será delirio da fantasia.

*Lidor.* Parece incompativel esse desvio, e aquella expressão; pois affirmastes que naquelle que vos adorava, (que já vê, que sou eu) sobravão motivos para o vosso rendimento.

*Ariad.* Não ha duvida que o meu amor confessa rendimentos, e por isso como rendido vive prisioneiro de hum desdém, que he o que só triunfa na batalha da vossa porfia.

*Lidor.* Ah tyranna, cruel, inimiga, não era melhor deixar, que a contingencia da fortuna mudasse o teu rigor, e não com o desengano sepultar a viva constancia da minha fé?

*Ariad.* Não, que a vossa porfia só se desvanece com hum total desengano.

*Lidor.* Já que desenganado morro ás violencias desse nunca visto rigor, não estranheis os delirios da minha magoa nos ultimos periodos da minha vida.

*Canta Lidoro a seguinte*

ARIA.

Já que eu morro, ó féra Hircana,
Sem remedio a teus rigores,
Impaciente, louco, amante,
Delirante,
Com gemidos, e clamores,
De ti aos Ceos me hei de queixar.
A minha alma, vaga, errante,

Não

Não te aſſuſtes, quando a vires,
Que por mais que te retires,
Te ha de ſempre acompanhar. *Vai-ſe.*

*Ariad.* Ninguem pretenda violentar a vontade, quando vive ligada ás violencias de outro amor. Ai Tezeo, que as noſſas vidas ambas ſe conſiderão tributarias, ſe a tua ao Minotauro, a minha ao amor!

*Sahe Esfuziote com hum papel na mão, e ajoelha.*

*Esfuz.* Deos vá comigo: Senhora, hum requerente da ſua vida vem hoje a pertender no Tribunal de voſſa piedade a renovação de mais vidas em hum prazo foreiro á morte, que o querem julgar por devoluto ao Minotauro, que intenta ſer o direito Senhorio deſta vida; e ſe Voſſa Alteza, Senhora, me alcança a ſupervivencia, eu lhe pagarei o foro da conſciencia com o laudemio de mil louvores.

*Ariad.* Levantai-vos; que he o que quereis?

*Esfuz.* Eſte murmurial o dirá.

*Ariad.* Lede-o vós meſmo.

*Esfuz.* Pois já que eu ſou o pio leitor, ſeja Voſſa Alteza a piedoſa ouvinte.

## DECIMA.

Diz hum pobre Esfuziote
Condemnado a não ter vida
Que certa morte atrevida
Lhe quer pregar hum calóte:

Que pois não he D. Quixote
Para acções deſta relé,
Pede humildemente que,
Antes que morra em taes damnos,
Lhe dem de vida cem annos,
E receberá mercê.

*Ariad.* Supponho que ſois a quem o Embaixador de Athenas offereceo a ElRei meu pai para completares o numero dos ſete do tributo.

*Esfuz.* Sim, Senhora; eu ſou o proprio, a quem impropriamente o Embaixador, que o diabo o leve, me malſinou a Sua Mageſtade, que Deos guarde.

*Ariad.* O Embaixador não andou bem.

*Esfuz.* Como havia de andar bem, ſe elle he zambro; pois não ſendo eu nenhum dos ſete, ſobre quem cahio a ſórte, como quer deſta ſórte trocar a minha ſórte, pois iſto ſe não deve fazer de nenhuma ſórte?

*Ariad.* E vós a que vieſtes a Creta?

*Esfuz.* Vim acompanhando ao Principe Tezeo.

*Ariad.* Sois ſeu criado?

*Esfuz.* Algo mas, ſou ſeu gentil-homem, e ás vezes em caſo de neceſſidade ſirvo de camareiro.

*Ariad.* Na verdade que ſinto muito a deſgraça de Tezeo.

*Esfuz.* Mais a ſente elle; porém parece que elle não ſente tanto a morte, como outra couſa, que diz tem atraveſſada na garganta como eſpinha de caçáo.

*Ariad.*

*Ariad.* Que couſa póde haver, que ſinta mais, que o morrer?

*Esfuz.* Segundo o que lhe ouvi dizer hum dia, parece que hum menino cégo, e nú, peſpegou-lhe com huma ſetta no coração, que o partio de meio a meio; e eſte golpe, por lhe ter chegado ao vivo, o tem quaſi morto.

*Ariad.* Pelo que dizes, Tezeo, padece o mal de amor.

*Esfuz.* Não Senhora; eu cuido que he mal de Ariadna, pois ſempre o ouvi queixar: ai Ariadna, que me mataſte; ai Ariadna, que me fizeſte, e aconteceſte; com que Ariadna he o ſeu mal, e não o amor.

*Ariad.* Pois dizei a Tezeo, que eſſa Ariadna... *Vai andando.*

*Esfuz.* O que hei de dizer, Senhora?

*Ariad.* Mas não, não lhe digais nada.

*Esfuz.* Sim, Senhora, eu lhe direi iſſo; porém, Senhora, terá deſpacho o meu memorial?

*Ariad.* Baſta ſeres criado de Tezeo para vos apadrinhar.

*Esfuz.* Ora não ſe eſqueça de ſer minha madrinha neſte negocio.

*Ariad.* Ouves tu, dize a Tezeo que não he elle ſó o que... mas não, não digas nada. Louco amor, não me precipites. *á. p. Vai-ſe.*

*Esfuz.* Que caſta de recado he eſte: Dize a Tezeo, não digas nada a Tezeo; a mim me melem ſe o nada deſta Infanta não he alguma couſa, e ſenão quem viver verá.

*Sa-*

*Sahem Taramella, e Sanguixuga.*

*Taram.* Senhor Tezeo.

*Esfuz.* Tá, tá, Taramella, não me chames Tezeo tanto ás claras, que no Paço até as paredes tem ouvidos; trata-me por Esfuziote, em ordem a maior disfarce.

*Sang.* Meu Senhor, esta rapariga tem o miolo muito leve, por isso não peza o que diz; e Vossa Alteza (perdoe-me) fez muito mal em communicar-lhe segredo de tanta suppoſição.

*Esfuz.* Olhe tia.

*Sang.* Ai Senhor, eu tia de Vossa Alteza! Quem sou eu para tanta dignidade?

*Esfuz.* Não posso tirar-lhe o gráo, que por affinidade lhe pertence.

*Sang.* Serei o que Vossa Alteza for servido.

*Esfuz.* Mas, tia, como hia dizendo, não pude deixar de communicar a Taramella a minha regia prosapia; que quem ama devéras, não sabe mentir.

*Taram.* Pois Senhor, he possivel que eu de criada hei de passar a Princeza?

*Esfuz.* E não he peior passar de Princeza a criada? Pois sabe que dessas monstrosidades se achão nas historias; mas com tua licença havemos mudar este nome de Taramella, que não he decente para huma Princeza de Athenas, pois taramella he cousa que anda por portas, e não por thronos.

*Sang.* Tudo se fará: mas diga-me, Senhor, já Vossa Alteza disse ao Embaixador, que eu havia de casar com elle?

*Es-*

*Esfuz.* Sim, ſim, já lho inſinuei; e o Embaixador, vendo que era goſto meu eſte ſanguixugal matrimonio, diſſe que eſtava prompto; com que em o vendo, falle-lhe na materia.

*Sang.* Ui Senhor, pois eu ſendo mulher hei de fallar primeiro a hum homem em caſar? Appello eu por mim!

*Esfuz.* Não ſe lhe dê diſſo, que o tal Embaixador he meſmo acanhado de ſi, curto dos nós, e vergonhoſo. Ao menos não ſe livrará o Embaixador do Minotauro déſta velha. *áp.*

*Taram.* Tornando ao noſſo intento, digo, Senhor, que já me tomára ver neſſas limpezas, para ver ſe Fedra, e Ariadna são melhores do que eu.

*Esfuz.* E talvez que então tu as não queiras por tuas criadas.

*Taram.* Eſſa meſma grandeza me faz deſconfiar da ſua palavra.

*Sang.* Ui tolla, tù chegas a dizer, que deſconfias da palavra de hum Principe? Senhor, releve, que são raparigas, que cuidão que o meſmo são alhos que bugalhos.

*Esfuz.* Já he coſtume nas ſenhoras mulheres cuidarem que os homens ſempre as enganão: pois para que vejas que mais depreſſa falrará agua no mar, do que amor em meu peito, quero praguejar me, que he o verdadeiro juramento dos amantes.

*Canta Esfuziote a seguinte*

ARIA.

Se cuidas menina,
Que eu seja prejuro,
Pois olha, eu te juro,
Hum raio me parta,
Me abraze hum coriſco,
O diabo me leve,
Se eu falſo te for.
Mas ai, Taramella,
Se és linda, ſe és bella,
Terás em meu peito
Seguro o amor. *Vai-ſe.*

*Sahe Licas Embaixador.*

*Licas.* Viſte a Tezeo por aqui?

*Sang.* Ainda agora daqui ſe vai.... Não he deſpeciendo o meu futuro noivo! *á p.*

*Licas.* Vou a fallar-lhe, que importa.

*Taram.* Eſpere, Senhor, que minha tia tem que lhe dizer couſa de importancia: falle, tia.

*Sang.* Ai rapariga, deixa-me tomar o folego, que eſtou embaçada.

*Licas.* Diga depreſſa, que não tenho muito vagar.

*Sang.* De ſórte, Senhor, que eu bem ſei que não ſou capaz de ſer ſua criada.

*Licas.* Que mais?

*Sang.* Que mais hei de dizer? Voſſa Senhoria não me entende já o que quero dizer?

*Taram.* Ora Senhor, não ſeja acanhado, que iſſo he não ſer homem.

*Licas.* Que dizem, que as não entendo?

*San-*

*Sang.* Não ſe faça agora moquenco, já ſabemos que he curto dos nós.

*Taram.* Não disfarce o negocio; não ſeja vergonhoſo.

*Licas.* Eſtá galante hiſtoria! Que he o que querem de mim?

*Sang.* O matrimonio.

*Licas.* Que matrimonio? Que he iſſo?

*Sang.* Faça-ſe agora de novas.

*Licas.* Deixem-me, doidas, que diabo querem?

*Sang. Taram.* O matrimonio.

*Licas.* Eſtas mulheres eſtão loucas; vão-ſe já, não me perſigão. *Vai-ſe.*

*Sang. Taram.* O matrimonio, Senhor Embaixador, matrimonio. *Vão-ſe.*

## SCENA IV.

*Gabinete. Sahe Tezeo.*

*Tezeo.* AGora acabo de conhecer, que he o amor mais valente, do que a morte, pois quando por inſtantes me ſepara a furia do Minotauro, vence na minha memoria mais a tyrannia do amor, que o imaginado eſtrago da ſua crueldade. Mas ai, ſoberana Ariadna, quanto ſinto, que a cruel Parca corte o vital alente da minha vida, pois quizera eternizar a minha fineza a pezar da meſma morte!

*Sahe Fedra.*

*Fedra.* Invicto, e ſempre eſclarecido Tezeo, cu-

cujo valor, depois de ser adorado ſuſto do Orbe, paſſou a dominar as furias do Cocito; commovida a minha piedade de que tão generoſo alento ſeja infeliz deſpojo deſſa féra, intenta ſalvar a voſſa vida.

*Tezeo.* Galharda Fedra, ſe eu nas infelicidades ſou tão venturoſo, devo eſtimar a minha deſgraça.

*Sahe Ariadna ao baſtidor.*

*Ariad.* Aqui Fedra, e Tezeo? Ai de mim, que já o coração começa a temer!

*Fedra.* Para triunfardes pois deſſe invencivel monſtro, dar-vos-hei huma certa confeição compoſta de tão activo veneno, que ao minimo contacto do Minotauro fique proſtrada a ſua furia, ſem que vos poſſa offender o ſeu furor.

*Ariad.* Aquella fineza he mais que piedade: zelos, não vos declareis, que ainda me não convem moſtrar-me amante.

*Tezeo.* Que recompenſa poderei achar em mim, que poſſa ſer igual á voſſa generoſidade? Eſta vida, Senhora, de cujos alentos ſois tutelar divindade, vereis que como milagre do agradecimento a dedicarei nas aras da voſſa belleza.

*Ariad.* Ah falſo amante, não te quizera agradecido.

*Fedra.* Não quero outra recompenſa mais que vos lembreis de não ſer ingrato a quem expõem á ſua vida por redemir a voſſa. *Vai-ſe.*

*Te-*

*Tezeo.* Quem víra eſte amor em Ariadna, ou a ſua belleza em Fedra!

*Sahe Ariadna.*

*Ariad.* Principe, como para a izenção da morte não baſta ſó vencer o Minotauro, pois ſempre ficareis prezo no enleio do Labyrintho, e para que com a fuga completeis eſſa fortuna, quero prevenir o remedio da voſſa liberdade.

*Tezeo.* Ariadna ſem duvida ſabe o intento de Fedra. *á part.* Senhora, ſe Fedra compaſſiva da minha deſgraça....

*Ariad.* Para que me contais o que eu ſei?

*Tezeo.* Foi preciſo, que agradecido...

*Ariad.* Já ſei que agradecido vos moſtraſtes á ſua fineza.

*Tezeo.* Porém, Senhora, nunca o meu amor...

*Ariad.* Não tendes que ſatisfazer-me: não ſabeis quanto me agrada ſaber que ſois agradecido, nem em voſſa peſſoa cabião deſattenções; e para que tambem eu o ſeja na vida, que me deſtes, quero dar-vos a liberdade; para o que atareis na porta do Labyrintho hum fio, que ſendo farol naquelle pelago de confuzões, vos conduzirá á liberdade, e com ella podereis tornar para Athenas voſſa Patria.

*Tezeo.* Se cuidas que com a liberdade hei de perder-vos dos meus olhos, nunca ſahirei do Labyrintho, que ao menos em Creta não vivo deſterrado da voſſa viſta.

*Ariad.* Pois eu acaſo habito no Labyrintho, para que nelle me poſſais ver? *Te-*

*Tezeo.* Se vos não encontrar no Labyrintho de Creta, sempre vos acharei no labyrintho do amor.

*Ariad.* Muito tendes adiantado o vosso pensamento; não cuideis que como amante vos proponho a industria do fio para a vossa liberdade; pois só o faço obrigada ao juramento, que dei de salvar a vossa vida, agradecida á que me destes.

*Tezeo.* Pois, Ariadna, se o intento de redemirme he só como agradecida, e não como amante, protesto ás supremas Deidades desse soberano Empirêo, que já não quero meios de salvar a vida, e a liberdade; pois sem a certeza da vossa correspondencia, nem liberdade, nem vida quero.

*Canta Tezeo a seguinte*

ARIA.

Na magoa que sinto,
No mal, que padeço,
A vida aborreço;
Que afflicto, e confuso,
Maior labyrintho
Encontro no amor.
Não temo esse monstro,
Que horrivel me espera;
Só temo essa féra
Cruel tyrannia
De tanto rigor. *Vai-se.*

*Ariad.* Espera, Tezeo, que se o meu rigor te precipita, a minha fineza te livrará. *Vai-se.*

SCE-

## SCENA V.

*Sala Regia. Sahe El Rei.*

*Rei.* AGora ſim, reſpire alegre o meu coração, pois que hum Principe de Athenas he hoje o tributo do Minotauro: ſinta Athenas a pena de Talião, que ſe aleivoſamente conſpirou contra a vida de meu filho Androgeo, bem he que Creta ſe atme vingativa contra Tezeo.

*Dentro.* Peguem nelle, peguem nelle.

*Sahe Esfuziote.*

*Esfuz.* Senhor, Voſſa Mageſtade me valha.

*Rei.* Que tens? que te ſuccedeo? e de quem fages?

*Esfuz.* Fujo de Voſſa Mageſtade.

*Rei.* Se foges de mim, como vens para mim?

*Esfuz.* Porque fujo de Voſſa Mageſtade juſticeira, para Voſſa Mageſtade commiſerante; fujo da juſtiça para refugiarme na miſericordia,

*Rei.* Que te ſuccedeo?

*Esfuz.* Que ha de ſer? Derão em dizer que eu era hum dos ſete peccados mortaes, que vinha para o inferno do Labyrintho a ſer comido do biabo do Minotauro; e ſem que me valeſſe o ſagrado de palacio, quizerão levarme á força, *& invito domino*, quando ſei que Voſſa Mageſtade não quer que ſe force ninguem.

*Rei.* Ainda que ſegundo o pacteado com Athe-

nas,

nas, não devêra receber menos numero que o de ſete mancebos; com tudo eſta vez quero diſpenſar na lei para comtigo a inſtancias de minha filha Ariadna, a quem hoje deves a vida.

*Esfuz.* Não ſabe quanto folgo com eſſa noticia; não por mim, que não temo a morte, por não eſtar muito contente da minha vida; ſenão por quebrar a caſtanha na boca a muita gente.

*Rei.* Porém entendão os Athenienſes, que para o anno hão de ſer oito os do tributo.

*Esfuz.* Sim, Senhor, e fará Voſſa Mageſtade muito bem; porém Voſſa Mageſtade ſem eſperar para o anno que vem, póde agora meſmo completar o numero dos ſete.

*Rei.* De que ſórte?

*Esfuz.* Mandando Voſſa Mageſtade que o Embaixador ſuppra eſta falta, que como tem grande cabeça, e muita carne no cachaço, terá o monſtro que roer.

*Rei.* Os Embaixadores pelo direito das gentes gozão de inviolavel immunidade.

*Esfuz.* Pois, Senhor, em minha conſciencia acho que ſó o Embaixador era capaz de deſempenhar aquelle lugar, que pelo ſeu bom modo até com a morte havia de ter bons termos.

*Rei.* E tu ſenão quizeres ir para Athenas, poderás ficar em Creta ſervindo-me em palacio.

*Esfuz.* Aceito o favor de Voſſa Mageſtade; e já que em palacio fico, tomára ter algum em-

pre-

prego, que cá se me casasse com o genio; que quando a occupação he forçada, até o palacio he galé.

*Rei.* Elege tu a occupação que queres, igual á tua esféra.

*Esfuz.* Como sou respondão, quizera ser reposteiro.

*Tocão caixas destemperadas.*

*Rei.* Mas que triste, e confuso som rompe a vaga raridade dos ventos?

*Esfuz.* He hum moço que está aprendendo a tambor.

*Sahem Lidoro, e Tebandro.*

*Rei.* Lidoro, e Tebandro, que he isto?

*Lidor.* He chegada a occasião de ser o Principe Tezeo conduzido ao Labyrintho.

*Teband.* E certamente que o Principe não he merecedor de semelhante infortunio.

*Rei.* Não vos compadeçais de Tezeo, que al fim he Athenience.

*Esfuz.* Ai pobre Tezeo, tomáras tu ser Esfuziote nesta hora.

*Sahe Fedra.*

*Fedra.* Como a Tezeo já entreguei o remedio da sua vida, não quero perder os instantes de vello. *á part.*

*Sahe Ariadna.*

*Ariad.* Como Tezeo já tem o fio, com o qual se ha de livrar do Labyrintho, venho sem susto notar a afflicção do seu sentimento.

*Sahe Licas, e da porta diz o que ſe ſegue:*

*Licas.* Entre ſó Tezeo, e fiquem os mais eſperando até a ultima reſoluçã delRei.

*Rei.* Eſtão promptos eſſes infelices, para ſerem conduzidos ao Labyrintho?

*Licas.* Sim, Senhor, que nunca foi remiſſa a noſſa obediencia.

*Sahe Tezeo.*

*Tezeo.* Sinto, ó inclyto Rei Minos de Creta, que eſta acção, que parece preciſa lei do tributo, não ſeja voluntario feudo do meu affecto, para que mais do que a morte na vida, tenha imperio a vontade na obediencia.

*Esfuz.* Aquillo he fazer da neceſſidade virtude. *á part.*

*Rei.* Sempre os Athenienſes forão mais loquazes que fieis. Tezeo, o ſangue de Androgeo em purpureas linguas eſtá pedindo vingança contra as voſſas aleivoſias, e aſſim não eſpereis remedio na voſſa deſgraça.

*Lidor.* Senhor, Voſſa Mageſtade ſe compadeça de Tezeo, que al fim o alenta o regio eſplendor de Principe.

*Teband.* Adverte, Senhor, que he indigna da Mageſtade a tyrannia; e aſſim perdoa a Tezeo.

*Rei.* Aqui não obro como Rei, ſenão como Juiz.

*Esfuz.* Eu bem ſei que ſe pediſſe a ElRei por Tezeo, que o havia de perdoar, mas não quero dar-lhe eſſa confiança. *á part.*

*Fedra.* Ainda ſendo fingida aquella humildade em Tezeo, he em mim verdadeiro o pezar. *á p.*

*Ari-*

*Ariad.* Parece realidade o seu fingimento. *á p.*

*Licas.* Rei, e Senhor, se o motivo desse implacavel rigor he o esparsido sangue de Androgeo, vede que o não resuscitais com a morte de Tezeo; e mais quando a clemencia nos Principes he attributo inseparavel da sua grandeza: perdoa, Senhor, a Tezeo, que tambem o perdão he hum generoso modo de castigar.

*Rei.* Inutil he o vosso requerimento.

*Tezeo.* He definitiva essa sentença?

*Rei.* E não ha mais para onde appellar. O' lá, levai a Tezeo, e a esses miseros companheiros ao Labyrintho, para serem despojos do Minotauro.

*Licas.* Pois sabe, tyranno Rei, que Athenas tomará cruel vingança da tua crueldade, reduzindo a Creta á ultima ruina. *Vai-se.*

*Rei.* A mim com ameaços! Se não foras Embaixador, pagarias com a vida esse attrevimento.

*Esfuz.* Era bem feito, que ElRei o mandasse esquartejar. *á parte.*

*Lidor.* O Embaixador fallou com insolencia.

*Teband.* Sinto, Senhor, ver ultrajado o teu respeito.

*Rei.* Por isso mesmo será Tezeo conduzido ao Labyrintho, para o Minotauro o devorar.

*Tezeo.* Não cuides, tyranno Monarca, que has de ultrajar o meu decóro, por me consideres reduzido a esta miseria, pois em qualquer estado sempre sou Tezeo, que saberei vingar a minha injuria.

*Rei.* Não ſabes que és meu prizioneiro? Pois como me tratas com tanta ſoberba, ſabendo que te poſſo caſtigar?

*Tezeo.* E não ſabes, que no meu braço conſiſte a tua ruina, e a minha felicidade?

*Esfuz.* Máo, máo, iſto me vai cheirando a carolo: queira Jupíter que Tezeo não faça das ſuas! *á part.*

*Ariad.* Temo, que Tezeo padeça maior infortunio. *á part.*

*Fedra.* Ai de mim, que Tezeo quer deſvanecer o remedio de ſua vida! *á part.*

*Lidor.* Se até aqui me compadeci de vós, agora cremino a voſſa ſoberba.

*Teband.* A não eſtares tão perto da morte, eu deſpicaria a deſattenção da Mageſtade.

*Rei.* Baſta que o Minotauro me vingue, levai-o. *Vai-ſe.*

*Esfuz.* Eu tão bem me vou, antes que me levem por erro. *Vai-ſe.*

*Tezeo.* Ai Ariadna, que por ti reprimo o furor de meu peito! *á part.*

*Canta Tezeo o seguinte Recitado, e depois cantão as duas Damas, e os dous Principes com Tezeo a Aria.*

## RECITADO.

Barbaro Rei, eu vou ao Labyrintho,
Mas sabe que não sinto
Essa tyranna morte, que me espera;
Que a ser possivel, descerei á esféra
Desse sulfureo, e rápido Cocito
E do trifauce monstro a furia incito,
Porque vejão, que nada me intimída
Perder a cara vida.
De outro monstro, (ai amor!) só temo a ira,
Que tyranno conspira
Hum veneno tão forte,
Que ainda por favor concede a morte;
Pois com doce influencia
Faz seja sympathia o que he violencia.
Este monstro de amor, esta chimera
Me horroriza, me assusta, e desespera.

### ARIA A 5.

*Tezeo.* Não me acovarda a morte,
Porque he vida
Este modo de morrer.
*Lidor.* Como intentas dessa sórte.
Sem respeito
Hum decóro assim perder?

*Fed. Ariad.* Que ardor activo, e forte
Em meu peito
Chega amor hoje a incender!
*Teband.* Se nem da Parca o golpe
Te intimida,
Nada deves de temer.
*Tezeo.* A morte não temo.
*Lid. Teb.* A morte não temes?
*Tezeo.* Não, porque he vida
Este modo de morrer.
*Fed. Ariad.* A vida desprezas?
*Tezeo.* Sim, porque he vida
Este modo de morrer
*Todos.* Que morte ditosa! Que doce morrer!
*Teband.* Seu peito arrogante.
*Lidor.* No brio, que ostenta,
*Fedra.* Se a morte o alenta,
*Ariad.* Se vive na morte,
*Tezeo.* Quem morre de amante,
*Todos.* Eterno ha de ser.

# PARTE II.

## SCENA I.

*Camera. Sahem Sanguixuga, e Taramella.*

*Sang.* TAramella, vai-te enſaiando para Princeza, toma bem a lição; aprende de Ariadna a ſeveridade, e de Fedra o carinho; que temperar a aſpereza com affagos he a verdadeira maxima do reinar.

*Taram.* Bofé, tia, que me não canſarei com iſſo; porque ſendo Princeza, quer ſeja azeda, quer doce, aſſim me hão de tragar; porém ſe tal for, que diráõ de mim os murmuradores? Olhem a ranhoſa, ha dous dias mixella, e hoje Senhora de mão beijada!

*Sang.* E logo te hão de deſcozer a geração; e ao ſom do villáõ tambem eu hei de vir á bailha, pois não faltará quem diga: que ſeja poſſivel, que a ſobrinha de huma criſtalleira nos falle já por vidraças! Hontem em chichellos, e hoje em berlinda!

*Taram.* Olhe, tia, por amor deſſes raios não quero thronos.

*Sang.* Ai filha, não ſe te dê diſſo, que tambem os Reis tem coſtas; tomára eu cazar

com

com o Embaixador, porque ſendo eu Embaixatriz, direi ao mar que ronque, e ao rio que murmure.

*Sabem ao baſtidor cada huma pela ſua parte, Ariadna, e Fedra, e cada huma com huma banda na mão.*

*Ariad.* Amor me deſcubra meios para o meu intento. Mas alli eſtão Taramella, e Sanguixuga; tomára que me não viſſem, por me não obſervarem os paſſos.

*Fedra.* Que importuno encontro! Sanguixuga, e Taramella ſe me vem com a banda, que levo, poderáõ penetrar o meu deſignio; eſperarei que ſe vão.

*Sang.* E que dizes tu, cuidarem todos em Palacio, que o Principe Tezeo he morto, não o ſendo? E na verdade que quando ás vezes ouço fallar na morte de Tezeo, não poſſo ſuſter o rizo.

*Taram.* A induſtria todavia não foi má.

*Ariad.* Ai de mim, que já ſe ſabe que Tezeo he vivo!

*Fedra.* Ai infeliz, que ſabendo-ſe já que Tezeo não he morto, algum damno experimentarei!

*Taram.* Porém não nos dilatemos mais, que as Infantas pódem procurar por nós.

*Sang.* Pois, rapariga, não te deſcuides de bater o mato; tu bem me entendes.

*Vai-ſe*

*Vai-se Sanguixuga pela parte donde está Fedra, e esta a segue, depois que disser o seguinte.*

*Fedra.* Vou a declarar-me com Sanguixuga para que me guarde segredo. *Vai-se.*

*Sahe Ariadna.*

*Ariad.* Já que Taramella sabe que Tezeo está vivo, não ha mais remedio, que fazer do ladrão fiel.

*Taram.* Que terá Ariadna estes dias, que anda suspensa? *á parte.*

*Ariad.* Taramella, como sei o muito, que me amas, quero fiar de ti hum particular de meu peito, pois só tu pódes remediar o meu mal.

*Taram.* Esse conceito merece a lealdade, com que te sirvo.

*Ariad.* Desde que vi a Tezeo, infeliz Principe de Athenas, communicando-me amor pela vista o seu veneno, foi facil me cegasse o seu precipicio; e assim como amante preveni industrias, que o podessem livrar do Minotauro.

*Taram.* Quero fazer-me ignorante do caso. *á p.*

*Ariad.* E como ElRei vanglorioso de ver vingado o sangue de Androgeo meu irmão, com a morte de Tezeo, para ostentação de seu desafogo, tem preparado hoje hum sarão, em que havemos de dançar com os Principes, para o que quero que tambem Tezeo venha a Palacio, pois com o disfarce da mascara não poderá ser conhecido; e para que só eu o conheça, dar-lhe-has esta banda azul para divisa. *Dá-lhe a banda.*

*Ta-*

*Taram.* Ah tyrannos zelos, que me deixais com a alma a huma banda! *á parte.*

*Ariad.* E como tu, pela continuação que tens em hir ao Labyrintho comigo, já ſabes os caminhos, vai-te ao centro delle, e leva a banda a Tezeo, para que venha ao ſaráo eſta noite, e ſaberei agradecer-te como merece a tua lealdade. *Vai-ſe.*

*Taram.* Haverá no mundo mulher mais deſgraçada! Quando eu cuidei que ſó ſabia que Tezeo era vivo, tambem Ariadna o não ignora; e demais a mais namorada delle! Ai como temo, que me tire a fortuna! E ſobre tudo fazer-me alcoviteira do meu meſmo amante! Que farei neſte caſo? Se não levo o recado, e a banda, encontro as iras de Ariadna; e ſe a levo, atiço mais o ſeu amor; não ſei de que banda me vire. Eu bem pudera com a raiva dos zelos romper a banda em fanicos: Mas não quero ſenão cara a cara dar-lhe com a ſua falſidade nos narizes.

*Sahem Fedra com huma banda branca na mão, e Sanguixuga.*

*Sang.* Vai te daqui, Taramella, que ao depois temos muito que fallar.

*Taram.* Tambem eu: vou huma vibora. *á part. e vai-ſe.*

*Fedra.* Como tenho dito, libertei a Tezeo da morte; e para que venha ao ſaráo eſta noite, leva-lhe eſta banda branca, (*dá-lhe a banda*) para que ſaiba, que he o alvo de minhas finezas, e por eſta diviſa o poſſa conhecer.

Bem

Bem vês, que te conſtituo ſecretaria de meu peito ; eſpero que não deſmereças o conceito, que faço da tua prudencia. Já que o ſabe, ao menos tenha preceito para o não dizer. *á part. e vai-ſe.*

*Sang.* E para dizer-me huma couſa, que eu já ſabia, eſteve fazendo mil eſcarcéos, tomando-me duzentos juramentos. Porém que farei eu agora deſta banda, pois ſe a levo a Tezeo, dou armas contra minha ſobrinha Taramella? Ai, não permitta Deos que eu ſeja traidor ao meu ſangue, que primeiro eſtão parentes do que dentes.

*Sahe Tebandro.*

*Teband.* Sanguixuga, não me dirás, porque motivo deſpreza Fedra tão repetidos extremos do meu amor? Por ventura não ſei amar não ſó as perfeições, mas ainda os ſeus rigores? Deſengana-me já ſe aquelle deſdem inventa a ſua tyrannia, para apurar a minha fineza, ou para deſenganar a minha conſtancia.

*Sang.* Senhor Tebandro, não ſabe que huma futura noiva ſempre affecta repudios, deſdenha carinhos, inculca crueldades, e atropella finezas, e no cabo eſtá deſejando, que já chegue a hora de ſe ver nos braços de ſeu eſpoſo?

*Teband.* Aquelle deſdem não póde ſer apparente; e ſe me não dás outra certeza de ſeu amor, hirei ſentir os ſeus deſvios em Chipre; para que lá ſó ſinta a memoria, e não aqui todas as potencias. *Sang.*

*Sang.* Que me dará Voſſa Alteza ſe lhe der huma certeza do ſeu amor? Mas eu não ſou intereſſeira; agora matarei com hum cajado dous coelhos. *á part.*

*Teband.* Não faças ludibrio de hum deſgraçado.

*Sang.* He tão verdadeiro o amor de Fedra, que te envia eſta banda, para que entre os maſcaras te poſſa conhecer á noite no ſaráo. *Dá-lhe a banda.*

*Teband.* Que dizes? Eu mereço os agrados de Fedra?

*Sang.* Sabe Deos o que me tem cuſtado polla em termos de dar a conhecer a ſua inclinação: mas Voſſa Alteza tudo merece.

*Teband.* Acceita por ora eſta joia, como principio do meu agradecimento.

*Sang.* Dadivas de Principe não ſe rejeitão; ora já tenho prenda que dar ao Embaixador, quando caſarmos; porém Fedra enganada, e o Principe deſvanecido tudo he hum. *á part. e vai-ſe.*

*Teband.* Ainda não poſſo acreditar a minha ventura, pois quando a tea ardente do Hymenêo já quaſi ſe extinguia aos aſſopros de hum deſengano, vejo qne torna a incender-ſe com os alentos de hum ſuſpiro. Oh ditoſo eu, que depois dos pezares alcanço prazeres.

*Canta Tebandro a ſeguinte*

ARIA.

O navegante,
Que combatido

De

De huma tormenta
Logo experimenta
Quieto o vento
Tranquillo o mar.
Como eu, nem tanto
Se alegra, vendo,
Que vai creſcendo
Minha ventura,
E vai ceſſando
De meu gemido
O ſuſpirar.

## SCENA II.

*Labyrintho. Sahe Tezeo.*

*Tezeo.* ESta he a ultima eſtancia deſte intrincado Labyrintho, aonde Dedalo fixou a méta a ſeus artificios. Atarei o fio de Ariadna a eſta columna, para que me ſirva de Norte em o pelago de tanto enleio. Que admiravel edificio! Que variedade de arquitecturas! Que pórticos! Que marmores! Que columnas! Aqui toda a confuſão alegra, e toda a alegria ſe confunde; pois, equivoco o horror, e a belleza, horroriſa o bello, e deleita o horror, que neſte quadro de luzes, e ſombras, brilhão as ſombras, e aſſombrão as luzes. Porém Dedalo, que ficou de eſperar por mim neſte lugar, ſem duvida arrependido da palavra, ſe quiz aproveitar da mina que abrio.

*Sa-*

*Sabe Dedalo da escotilha, que estará na boca do Theatro.*

*Dedal.* Tezeo, Dedalo não falta ao que promotte, pois escondido te esperava na boca desta mina, que vai ás ribeiras do mar, de donde me viste sahir, quando te encontrei.

*Tezeo.* Vem a meus braços, fiel amigo, e releva-me o errado conceito, que de ti formei: mas quizera saber como estando eu no centro do Labyrintho, não encontro ao Minotauro?

*Dedal.* Ainda o não soltarião talvez, porque o tal monstro vive encerrado em hum funesto carcere, e quando ha victama humana de sua tyrannia, o soltão, para que enfurecido venha por dirigido conducto a este lugar, que he o campo da batalha do seu furor.

*Tezeo.* Desejo, que já esse monstro feroz venha a accometter-me, que a pezar da sua voracidade, me verás triunfador.

*Dedal.* Eu estou prompto para ajudarte nesta empreza, e vê se queres que discorramos em alguma industriosa máquina para o venceres, sem que perigue a tua vida.

*Tezeo.* Se eu o quizera vencer a meu salvo, remedio trago comigo, administrado por huma Deidade, com o qual seguramente posso triunfar desse monstro; mas não intento valerme de extraordinarios remedios, quando no meu braço tenho a defeza da minha vida.

*Dedal.* Ai, quanto temo que esta temeridade seja a causa de tua ruina!

*Te-*

*Tezeo.* Não temas, que sempre a fortuna foi companheira da temeridade.

*Esfuziote dentro diz o seguinte.*

*Esfuz.* Em boa estou mettido! Ai que não atino com a porta! Vamos por aqui: peior! Vamos por alli: repeior! Ai mifero Esfuziote, que estás quando nada mettido nas profundas do Labyrintho, e a cada passo me parece que encontro o Minotauro.

*Tezeo.* Alli cuido que differão Minotauro.

*Dedal.* E passos tambem ouvi: sem duvida já o soltarião. Tezeo, outra vez te requeiro te não exponhas a tão evidente perigo; e se para o vencer tens o favor dessa Deidade, (já que te não queres valer do meu) não pereças como temerario; guarda o teu valor para mais heroica façanha.

*Tezeo.* Mais val morrer valente, que viver cobarde: retira-te tu que eu com subito furor sem mais armas que os meus braços, vencerei essa féra.

*Sahe Esfuziote.*

*Esfuz.* Vamos por aqui, saia o que sahir.

*Esconde-se Dedalo: põem-se Tezeo a traz do bastidor, por onde sahirá Esfuziote com a cara para o povo; e ao sahir, Tezeo o investe repentinamente, e luta com elle.*

*Tezeo.* Morrerás, ó monstro, despedaçado em meus braços.

*Esfuz.* Ai de mim, que cahi nas garras do Minotauro! Quem me acode! *Te-*

*Tezeo.* Eſte he Esfuziote : ora mui efficaz he huma fantaſia ! *á part.*

*Esfuz.* Ai de mim , que me metteo a garra em cheio pelo vazio ; eu me ſinto molhado , não ſei ſe he ſangue , ſuor ou outra couſa mais inferior.

*Larga Tezeo a Esfuziote , e eſte eſtará com as mãos no roſto.*

*Tezeo.* Esfuziote , não te aſſuſtes.

*Esfuz.* Ai que o Minotauro já me ſabe o nome !

*Tezeo.* Não me reſpondes ? Olha para mim.

*Esfuz.* De burro que eu tal olhe , quando nem pintado o quero ver.

*Tezeo.* Que teus , que ficaſte immovel !

*Esfuz.* Eu bem ſei o que tenho. Só a voz que elle tem me faz amedrentar. *á part.*

*Tezeo.* Deixa loucuras : dize-me , quem te trouxe ao Labyrintho ?

*Esfuz.* Os meus peccados veniaes , que agora são mortaes.

*Tezeo.* Falla , ſenão te deſpedaço aqui.

*Esfuz.* Senhor , voſſa mouſtroſidade não me faça perguntas , que eſtou com a lingua pegada ao ceo da boca ; deixe-me hir embora em cortozia , antes que o medo deſtempere em alguma deſcortezia ; pois não he razão que depois de comer hum Principe , queira encher o ſeu bandulho com a carne dura , e magra pelhancra de hum lacaio.

*Tezeo.* Quem cuidas tu que ſou eu ?

*Esfuz.* Eu bem o ſei.

*Te-*

*Tezeo.* Pois ſabe que não ſou quem tu cuidas.
*Esfuz.* Pois quem he? Quem he?
*Tezeo.* Olha, e verás.
*Esfuz.* Senhor medo, com licença, deixe-me abrir piſcamente os olhos. Ah que d'ElRei que he a alma de Tezeo! Ai que eſtou feito hum tremedario! *Tira a mão dos olhos.*
*Tezeo.* Neſcio: que alaridos são eſſes?
*Esfuz.* Fantaſma, chiméra, ſombra, illuzão, coco, e papão, que he o que me queres?
*Tezeo.* Olha que ſou Tezeo.
*Esfuz.* *Tanto fortius*; não te chegues a mim, alma vadia, errante, e vagabunda.
*Tezeo.* Vem cá, não fujas.

*Sahe Dedalo.*

*Dedal.* Esfuziote, eu aqui eſtou tambem, não cuides que Tezeo morreo.
*Tezeo.* Graças aos Deoſes que ainda eſtou vivo.
*Esfuz.* Eu bem ſei que as almas nunca morrem.
*Tezeo.* Baſta que cuidaſte que eu era morto? Certamente que o teu medo te allucinou.
*Esfuz.* Eu, Senhor, vendo que te chegavas para mim, que havia ſuppor, ſenão que eras couſa má; porque couſa boa nunca para mim ſe chegou?
*Tezeo.* Como te atreveſte a penetrar até o centro do Labyrintho? Não cuidei que tinha valor para tanto.
*Esfuz.* Se eu fora liſonjeiro, bem te podia dizer, que quiz vir acompanhar-te nas tuas penas, para ajurda-te a matar o Minotauro: porém, Senhor, a minha fraqueza he tal,

que

que me não póde deixar mentir ; e foi o caſo : Depois que te trouxerão para o Labyrintho , como o boi ſolto lambe-ſe todo , não me pezou o pé huma onça , e como tal de hum pullo entrei por huma porta , ſahi pela outra , andei , deſandei , corri , deſcorri para dentro , para fóra , daqui para alli , até que dei comtigo neſte lugar , neſte Labyrintho , neſte diabo , que bem eſcuſado era que o Senhor Dedalo fabricaſſe eſtes enredos ; mas por donde cada hum pecca , por ahi paga.

*Dedal.* Já por meu mal me não poſſo eximir deſſa cenſura.

*Tezeo.* Ainda te não ſei encarecer a artificioſa máquina deſte portento !

*Esfuz.* Tambem o filho da puta , que tal fez , merecia as mãos cortadas.

*Tezeo.* E que novas me dás de Ariadna ? Sente muito a minha auſencia ?

*Esfuz.* Muito , e com tanto extremo , que eſta noite fazem hum faráo por exequias da tua morte.

*Tezeo.* Cruel he a ſua condição ! Pois não te fallou em mim ?

*Esfuz.* Nem fallar niſſo he bom , e mais agora que anda hum rum rum em Palacio , que Lidoro caſa com Ariadna.

*Tezeo.* Ai infeliz , que ſe eu hei de ter vida para ver a Ariadna em poder de Lidoro , não reſiſtirei ao Minotauro ; que antes quero que a ſua furia me devore , do que os zelos me deſpedacem !

*Eſ-*

*Esfuz.* Pois ainda o Minotauro eſtá vivo?

*Tezeo.* Ainda; e do ſeu furor me não hei de eximir.

*Esfuz.* Bem aviados eſtamos! O Minotauro vivo, e eu aqui! Pois com licença, que eu me não quero minotaurear agora, nem eſperar pela morte aqui a pé quedo; pois eu cuidava, que eſtavas vivo, por teres morto ao Minotauro.

*Tezeo.* Aonde has de hir, que o pódes encontrar? Não te acobardes eſtando comigo.

*Esfuz.* Por ventura Voſſa Alteza he alguma coura danta, ou ſaia de malha, que me faça impenetravel aos dentes minotaurinos? E quando aſſim ſeja, ſe quizermos furtar-lhe a volta, e fugir, como nos havemos eſcafeder daqui fóra, ſe em cada paſſo encontramos mil barafundas, e circumloquios?

*Dedal.* Mais facil ſerá matar ao Minotauro, que atinar com os caminhos intrincados do Labyrintho.

*Tezeo.* De hum, e outro me verás victorioſo.

*Esfuz.* A mim tambem não me cheira.

*Tezeo.* Para que o ſaibas, attende.

*Canta Tezeo a ſeguinte Aria, e*

RECITADO.

Nunca piedoſo o Ceo a hum deſgraçado
Negou favores de hum ditoſo auſpicio,
Pois com anticipadas influencias,
Antidotos prevenio a meus pezares,
Dando-me Fedra a induſtria peregrina

Do triunfo do horrendo Minotauro;
Quando Ariadna com ſubtil idéa
O fio me adminiſtra,
Que tecido farol neſtes horrores
Me guia o paſſo em tanto Labyrintho.
Mas ai, bella Ariadna! Se piedoſa
Me dás a liberdade,
Inuteis conſidero os teus favores;
Porque em tanta aſpereza,
Mais cativo me tem eſſa belleza.

ARIA.

Vem, ó monſtro, a lacerar-me,
Vem, cruel, a devorar-me;
Porém não offendas
Com furia inhumana
A bella Ariadna,
Que dentro em meu peito
Se oſtanta feliz.
Se morto me vires,
Só quero que entendas,
Que tu me não matas,
Amor iſſo ſim.

*Esfuz.* Ainda que mo diga cantando, ou chorando, eu vou-me, que não quero eſtar aqui hum minuto por amor do Minotauro.

*Vai andando.*

*Ao ir-ſe Esfuziote, ſahe o Minotauro, e o atropella, e luta com Tezeo.*

*Esfuz.* Mas ai, que elle he comigo! Senhor Minotauro, olhe que eu não ſou dos ſete do tributo. Ai, ai, ai.

Te-

*Tezeo.* O' tu vivo ſepulchro de Athenienſes, hoje pagarás com a vida os males que tens cauſado.

*Dedal.* Aqui me tens em tua defenſa.

*Tezeo.* Retira-te, Dedalo, que eu ſó domarei o furor deſte monſtro.

*Esfuz.* Iſſo, iſſo; com elle, e não comigo.

*Tezeo.* Por mais que empenhes a tua furia, hei de triunfar de tua crueldade, apertando-te em meus braços, até que exhales o alento.

*Cahe o Minotauro na mina com bramidos.*

*Dedal.* O' ſemper eſclarecido Tezeo, agora vejo, que ainda o teu valor he maior, que a tua fama.

*Esfuz.* Oh ſempre tremebundo Esfuziote! agora vejo, que o teu pavor ainda he maior, que o Minotauro.

*Tezeo.* Releva-me, Fedra, deſprezar para a morte do Minotauro o piedoſo remedio, que me adminiſtraſte; que ſeria injuria do meu valor buſcar fóra de mim induſtrias para vencer; porém ſempre no meu agradecimento fica recompenſada a tua generoſidade.

*Esfuz.* Diga-me, Senhor: dar-ſe-ha caſo, que a bichinha não ficaſſe bem morta, e que poſſa reſurgir daquella buraca?

*Tezeo.* Com tal vigor o apertei em meus braços, que nelles expellio o ſeu vital alento.

*Esfuz.* Quem me déra ter hum abraço deſſes, para dar ao meu amigo Embaixador.

*Tezeo.* Esfuziote, já que os aſtros te deſtinárão para companheiro de meus infortunios,

quero valer-me de ti para outra empreza maior, que a do Minotauro.

*Esfuz.* Senhor, ſe eu não pude com a menor, como hei de poder com a maior?

*Tezeo.* Para communicar-me com Ariadna, parece que amor te conduzio a eſte Labyrintho. *Ruido.*

*Dedal.* Pizadas ouço, parece que vem gente.

*Esfuz.* Senhor, não ſerá licito que te vejão, pois todos te julgão morto.

*Tezeo.* Dizes bem: Dedalo, aonde nos eſconderemos?

*Dedal.* No concavo deſta diafana columna ha hum pequeno, e limitado gabinete, donde muito apenas cabem duas peſſoas, no qual nos poderemos eſconder.

*Tezeo.* Pois vamos depreſſa, que o rumor já vem perto.

*Esfuz.* Eſcondão-ſe cobardes, que eu ſó reſiſtirei aos Minotauros.

*Eſcondem-ſe Dedalo, e Tezeo atraz da columna, que ha no meio do Labyrintho, e ſahe Taramella com huma banda azul na mão.*

*Taram.* Quero obedecer a Ariadna, ſó para inveſtigar os meus zelos: mas entre tanto enleio aonde acharei a Tezeo?

*Esfuz.* Ay que he Taramella em carne, que me vem buſcar em oſſo de correr! e ſem duvida que a induſtria de fazer-me Principe a tem feito andar numa dobadoura.

*Taram.* Mas elle ahi eſtá: ah fementido Principe, já vejo que he certa a tua falſidade.

*Es-*

*Esfuz.* Taramella, já sei que o labyrintho da tua saudade te trouxe por teu pé a este, aonde por ti duas vezes me considero perdido.

*Taram.* Para que he lisongeiro! Logo me pareceo, que o seu amor era fingido. Se adora a Ariadna, para que me engana? E se ella o busca, para que me persegue?

*Tezeo.* Que he o que ouço? *á p.*

*Esfuz.* Menina, isso são tramoias de tua tia, por ver se nellas escorrega o arlequim de meu amor.

*Taram.* Ainda se atreve a negar, que adora a Ariadna?

*Esfuz.* Eu a Ariadna? Apello eu! He mulher que nunca me cahio em graça.

*Taram.* Sim, que Ariadna havia de fazer excessos por quem a não requestasse primeiro muito bem.

*Esfuz.* Se ella para querer-me achou motivos na minha gentilomeza, que culpa tenho eu?

*Tezeo.* Que enigma será este de Esfuziote com esta moça. *á part.*

*Taram.* Bem sei que ella he huma Princeza, e eu huma criada; mas tenho a consolação, que eu o não roguei para que me quizesse.

*Esfuz.* Taramella, não venhas a arengar: tanto se me dá a mim de Ariadnas, como da lama da rua. Tu cuidas que eu faço caso de Princezas? he engano; pois mais me regala huma fregona desenxovalhada, que os melindres, e filetarias de huma Princeza.

*Ta-*

*Taram.* Nada diſſo me entra cá, pois eu conheço o genio de Ariadna, e ſei, que ſem a requeſtar lhe não havia mandar eſta banda, para com ella hir ao ſaráo, que ſe faz em Palacio eſta noite. *Dá a banda.*

*Tezeo.* Tomára já ſaber que banda ſerá eſta de Ariadna? *á part.*

*Esfuz.* Pois Ariadna manda-me eſta banda? Darſe-ha caſo que me namore, ſem eu o ſaber?

*Taram.* Não ſe faça de novas; e para que veja, que a mim me não engana, vá, vá ao ſaráo, caſe com Ariadna, que eu me vingarei em pedir juſtiça ao Ceo contra hum falſo enganador. Juſtiça! juſtiça! *Vai-ſe.*

*Esfuz.* Eſpera, Taramella, não feches a porta á minha innocencia.

*Sahem Tezeo, e Dedalo.*

*Tezeo.* Larga eſſa banda, inſolente.

*Esfuz.* Por todas as bandas me vejo combatido, ahi eſtá a banda. *Dá a banda.*

*Tezeo.* Que dizia de Ariadna eſſa mulher?

*Esfuz.* Foi galante caſo! Supponho que entendeo que eu era Tezeo pelo circunſpecto da minha perſonagem, e da parte da Senhora Ariadna deo-me eſta banda, para que com ella foſſe ao ſaráo, que ſe faz eſta noite em Palacio.

*Tezeo.* Aſſim ſerá; porém ſe cuidava que tu eras Tezeo, como te dava ciumes, e indignada contra ti foi pedindo juſtiça.

*Esfuz.* Iſſo meſmo eſtava eu para te perguntar ago-

agora. Dar-se-ha caso, Senhor, que Vossa Alteza algum dia bichancreasse esta criada?

*Tezeo.* Estás louco? Mas tu para que lhe davas satisfações?

*Esfuz.* Porque entendendo, que Vossa Alteza tinha tinha de amor com esta rabujenta criada, não quiz deixasse de comer por mal cozinhado; e assim lhe fui respondendo a troxe moxe.

*Tezeo.* Não te quero apurar mais por ora; e pois esta he a primeira fortuna, que amor me facilita, vamos, Dedalo, a procurar nascara, que quero hir ao saráo, que com ella de ninguem serei conhecido, e só de Ariadna pela divisa desta banda.

*Esfuz.* Giribanda me parece isto: oh queira Jupiter, que nessa dança não haja algum contratempo da fortuna.

*Tezeo.* Vamos, não nos dilatemos.

*Dedal.* Sempre ficarei temendo não se te quebre o fio, e te percas no Labyrintho.

*Tezeo.* Quem com favores me alenta, tambem com cautelas me defende desse cuidado. *Vai-se.*

SCE-

## SCENA III.

*Sala, e huma cadeira. Sahem Tebandro com maſcara cahida, e Lidoro ſem ella, e depois põem Tebandro a maſcara; e no fim ſe correrá a corrediça do meio, e apparecerá toda a Sala, em que haverá huma meza compoſta em fórma de banquete.*

*Tebaṇd.* LIdoro, vós ſem maſcara, quando todos já vimos caminhando a eſte lugar do ſaráo!

*Lidor.* Deixa-me, Tebandro, voar nas azas das minhas penas aos incultos deſertos da Lybia, aonde não hajão memorias deſte infeliz.

*Teband.* Não deſprezeis eſta occaſião em que as Infantas tambem dançáo, para que no contacto de tanta neve poſſais mitigar os incendios do voſſo ardor.

*Lidor.* Não quero merecer ao rebuço da maſcara, o que ſem ella não alcanço.

*Teband.* Tambem eu vivia na meſma deſeſperação; porém Fedra compadecida dos golpes, que a ſetta de amor fulminou em meu coração, para ligar as feridas me enviou eſta banda.

*Lidor.* Goza tu, ó Tebandro, eſſa fortuna, pois foſte mais feliz no teu amor; que eu deſenganado, por não morrer muitas vezes, hirei morrer huma ſó. *Vai-ſe.*

*Vão*

*Vão ſahindo Ariadna, Fedra, Sanguixuga, e Taramella com maſcarilhas; põem Tebandro a ſua; ſahe El Rei ſem ella, que ſe aſſentará; e em quanto vão ſahindo, cantar-ſe-ha o ſeguinte.*

CORO.

Numa alma inflammada
De amor abrazada
Cruel labyrintho
Fabríca o Amor.
Porém quem eſpera
O bem de huma féra,
Acertos de hum cégo,
De hum monſtro favor?

*Rei.* He tal o prazer, que tenho de ver vingada a morte de Androgeo com a de Tezeo, que não cabendo em meu coração, o intento publicar neſta exterior alegria.

*Fedra.* Já alli diviſo a Tezeo pela ſenha da banda branca; deſejára me tiraſſe a dançar. *á p.*

*Ariad.* Ainda não vejo a Tezeo aqui; ſem duvida ſe quebraria o fio no Labyrintho. Oh quantos ſuſtos padece quem ama! *á part.*

*Sang.* Quem pudéra conhecer ao Embaixador, que o havia de ſacar a paſſeio. *á part.*

*Taram.* Se Tezeo me foſſe amante leal, para bem não havia de vir ao ſaráo. *á part.*

*Sahe Tezeo com maſcara.*

*Tezeo.* A bom tempo chego: quem pudéra conhecer a Ariadna! *á part.*

*Ariad.* Alli vejo Tezeo; já deſcançará o meu coração. *á part.*

*Ta-*

*Taram.* Aquelle da banda azul he Tezeo, que ſem ella o não conhecêra; e pois tão galhardamente ſe ſoube disfarçar, certos são os meus males. *á part.*

*Sahe Esfuziote com maſcara muito horrenda.*

*Esfuz.* Só agora que tapo o roſto, he que tenho cara de apparecer. Queira Deos me não perca nas voltas de Andreza.

*Sang.* Ai que galante maſcara entrou agora!

*Rei.* Dê principio ao ſarão a canora armonia dos inſtrumentos.

*Teband.* Seja eu o primeiro, que na ordem do amor devo preferir a todos. Aquella ſem duvida he Fedra; dançarei com ella.

*Fedra.* Fortuna foi o conhecer-me Tezeo. *á p.*

*Teband.* Galharda Ninfa, a permittida faculdade deſta occaſião ſeja o indulto deſte atrevimento.

*Fedra.* Se a occaſião o permitte, não póde a vontade deixar de obedecer.

*Danção, e cantão os dous o ſeguinte*

MINUETE.

*Teband.* Inda não creio
O bem que gozo:
Serei ditoſo
No meu amar?

*Fedra.* Eſtas as voltas
São da fortuna:
Sorte opportuna
Amor te dá.

*Teband.* Serás amante?

*Fedra.* Serás conſtante?

*Am-*

*Ambos.* Eſta conſtancia
Firme ſerá.

*Fedra.* A' manhã á noite te eſpero na ſala dos enganos do Labyrintho. *á part. para Teb.*

*Teband.* Amor, tanta fortuna junta, temo me mate o goſto de poſſuillas. *á parte.*

*Rei.* Quem dançou com Fedra, ſem duvida foi Tebandro, e o fez galhardamente. *á part.*

*Faz Ariadna acenos para Tezeo.*

*Tezeo.* Aquella por acenos me diz a tire a dançar; ſem duvida he Ariadna, que me conheceo pela banda. Oh que vagaroſos são os paſſos de hum acelerado deſejo! Formoſa Ninfa, para que me não perca no labyrintho da dança, permitti que o norte de voſſas luzes ſeja o indice de meus acertos.
*á part. para Ariad.*

*Ariad.* Bem he que aprendais acertos neſte Labyrintho, para que no de amor não vos percais. *á part. para Tezeo.*

*Danção, e cantão os dous o ſeguinte*

MINUETE.

*Tezeo.* Na pura neve
De teus candores
Os meus ardores
Se ateão mais.

*Ariad.* Se eſſa ventura
Feliz alcanças,
Neſſas mudanças
Temo o meu mal.

*Tezeo.* Serás amante ?
*Ariad.* Serás conſtante ?
*Ambos.* Eſta conſtancia
Firme ſerá.

*Ariad.* Na Sala dos enganos eſpera-me á manhã a eſtas horas. *á part. para Tezeo.*
*Tezeo.* Ao meu deſejo, e ao teu preceito obedecerei.
*Rei.* O que dançou agora com Ariadna, ſeria Lidoro. Quem me dera ver já concluidas eſtas ditoſas nupcias *á part.*
*Esfuz.* Aquella das ancas roliças he Taramella, e ainda que o não ſeja, como *imaginatio facit cauſam*, ſupponho que he ella; e já que he menina do açafate, dançarei com ella huma giga. Senhora maſcarada, aqui todos ſomos huns, erga o rabete, e vamos dançando.
*Taram.* Bem condizem as palavras com o geſto; tenho entendido, que em tudo he ridiculo.
*Esfuz.* Ella he ſem duvida, que agora a conheço melhor pelo falſo metal da voz: ora entiricemo-nos em fórma dançatriz.

## ARIA A DUO

*Em fórma de Minuete.*

*Esfuz.* Inda que gaſte
Duzentas ſolas,
Mil cabriolas
Por ti farei.
*Taram.* Ai que bichancro!

Que

Que horrenda cara!
Quem lhe caſcára
Hum cambapé. *Faz Eſf. que tropeça.*

*Esfuz.* Dá-me eſſa mão,
Para me erguer.

*Taram.* Vá-ſe dahi,
Quem he voſſé?

*Esfuz.* Sou quem por ti
Mil cabriolas
Juntas farei;
Queres tu ver?
Ora lá vai,
Huma, duas, e tres, e quatro, e cinco, e ſeis. *Em pulos.*

*Ambos.* Mui buliçoſo
Tens eſſe pé!

*Rei.* Baſta, demos por acabado o ſaráo. Olá; preparem-ſe as mezas, pois quero banquetear eſta noite aos Principes.

*Taram.* Vamo-nos, tia, que os Principes querem cear. Ah falſo Tezeo, eu me vingarei de ti. *á part. e vai-ſe.*

*Sang.* E que ſe paſſaſſe a noite ſem haver hum Embaixador, que comigo dançaſſe, para moſtrar as minhas habilidades! Paciencia, vamos a codear. *á part. e vai-ſe.*

*Corre-ſe a corrediça do meio, apperece huma meza, e tirão todos as maſcaras, excepto Tezeo, e Tebandro.*

*Rei.* Principes, tirai as maſcaras, que não haveis de comer com ellas.

*Tezeo.* Eſtou perdido, ſe ElRei teima, em

que

que nos descubramos, pois já me não posso retirar, sem que me veja, e se me for á sua vista, talvez que mo não consinta. Quem já mais se vio em tão apertado lance! *á part.*

*Fedra.* Ai de mim, que se Tezeo tira a mascara, ElRei o conhece! Não tires a mascara, que nisso está a tua vida.

*á parte para Teband.*

*Teband.* A minha vida? Não entendo a Fedra.

*á part.*

*Ariad.* Que será de Tezeo, se ElRei porfiar em que tire a mascara? Tezeo, não tires a mascara, que primeiro está a tua conservação.

*á parte para Tezeo.*

*Tezeo.* Bem sei, mas que hei de fazer?

*Rei.* Que he isso, Lidoro? Que he isso, Tebandro? não tirais as mascaras? Recusais o meu convite?

*Esfuz.* Eu por mim, Senhor, sem preceito de Vossa Magestade já tirei a mascarilha, se bem que para taes funções ainda com mascara mascára.

*Teband.* Fedra me diz que não tire a mascara, e ElRei ordena o contrario; como ha de isto ser? *á parte.*

*Tezeo.* Hoje será a minha total ruina. *á part.*

*Esfuz.* Não te disse eu, Senhor, que temia nesta dança algum contratempo?

*á part. para Tezeo.*

*Rei.* Essa desobediencia he ludibrio do meu decóro. Que receio tendes em vos descobrires? Alguma traição indica esse recato, e esse rebuço. Olá da minha guarda. *Fe-*

*Fedra.* Ai infeliz Tezeo, eu me vou, antes que os meus olhos vejão tal desgraça. Quem nunca te mandára chamar! *á part. e vai-se.*

*Ariad.* Que infelicidade! *á part.*

*Esfuz.* Eis-aqui os bailes! Cousa de pés sempre dá na cabeça. *á part.*

*Tanto que ElRei chama a guarda, virão dous Soldados, e com elles o Principe Lidoro com mascara, pela parte donde está Tezeo, e este se hirá logo, e ElRei estará virado com as costa para elle, e Tebandro tira a mascara.*

*Tezeo.* Agora neste tropel, e confuzão, me hirei. *Vai-se.*

*Lidor.* Não pude acabar comigo deixar de vir ao saráo; mas cuido que já venho tarde. *á p.*

*Ariad.* Já se foi Tezeo: já respiro com socego. *á part.*

*Rei.* Agora fará o rigor, o que não póde o respeito.

*Teband.* Aqui não ha mais que obedecer. Senhor, Vossa Magestade não acuse de remissa a minha obediencia, pois eu... eu... *Tira a mascara.*

*Rei.* Está bem, Tebandro. E vós Lidoro nem o exemplo de Tebandro, nem o meu preceito he bastante, para que acabeis de tirar a mascara? Porém não deveis de ser Lidoro, que a ser, serieis mais attento; e nessa supposição: Olá, tirai a mascara a esse homem, para que depois de conhecido, pague com a vida o seu atrevimento.

*Lidor.* Senhor, que diz Vossa Magestade, se

eu

eu ainda agora entro, ſem que em nenhum tempo foſſe inobediente a teu preceito?

*Tira a maſcara.*

*Rei.* He boa deſculpa eſta, Lidoro, querer contradizer huma occular evidencia.

*Lidor.* Hum Principe de Epyro não ſabe mentir; e para que me acredites, pergunta-o a eſſes Soldados, que comigo vierão.

*Sold.* 1. Aſſim he, Senhor, que o Principe Lidoro comnoſco entrou.

*Esfuz.* Iſſo eſtá muito bem, mas o caldo eſtará de neve. *á part.*

*Ariad.* Eſtimo que foſſe Lidoro o culpado. *á p.*

*Rei.* Lidoro, eu creio o que me dizeis; porém deixai que creia tambem aos meus olhos, que virão hum maſcara dançar com Ariadna a quem mandei ſe deſcobriſſe, cuja deſobediencia foi tal, que para ſeu caſtigo me obrigou a chamar a eſtes Soldados de minha guarda.

*Lidor.* Pois, Senhor, eu não dancei com Ariadna, que a minha fortuna ſempre adverſa me privou deſſe bem, por não querer conſeguir favores no disfarce de quem na realidade me deſpreza; e aſſim peço-te, me dês licença para retirar-me á minha Corte, que como ha em Palacio quem dance com Ariadna, e ha nella repudios, que me deſenganão, baſtante motivo parece que abona o meu retiro. *Quer ir-ſe.*

*Rei.* Não vos auſenteis, Lidoro, levando hum eſcrúpulo tão indecente ao meu decoro. Eu

vos

vos prometto averiguar quem foi o que dançou com Ariadna, para o que empenho a minha Real palavra.

*Esfuz.* Isso assim será; porém a sopa *esfriata est.*

*Ariad.* Lidoro, se pelos meus desvios vos ausentais, digo que tendes razão; porém sempre andastes descomedido em dizer, que ha em Palacio quem dance comigo; quando não póde haver tão atrevido pensamento, que intentasse com o dissimulo do disfarce aproveitar-se do contacto da minha mão; pois só com a permittida faculdade d'ElRei commetterias, com esse indulto, esse delicto.

*Lidor.* De tão ditoso crime desejára ser o culpado.

*Esfuz.* Senhores, guardem isso para sobre meza, pois naquella babylonia de paios não faltão linguas para deslindar esse novo cáso da consciendia.

*Rei.* Eu confesso, que estou perplexo, e ainda não posso crer que não dançastes com Ariadna.

*Lidor.* Nem ao menos pelo vestido pudestes distinguir se me paricia eu com esse mascara, que dançou?

*Rei.* Como já os annos me vão privando da perspicacia do melhor sentido, não fiz aprehensão no vestido; diga-o Ariadna, e Tebandro.

*Teband.* Não ha duvida, que o vestido era differente a este de Lidoro.

*Ariad.* Pois a meu ver nenhuma differença tinha; e para que Lidoro se não atreva em

minha preſença a proferir tão inauditas offenſas, Voſſa Mageſtade me permitta licença, pois que não poſſo caſtigar o ſeu attrevimento, ao menos me retire de ouvir tão loucas palavras. *Vai-ſe.*

*Eſfuz.* Ora iſto já ſe não póde aturar; eu não hei de ſer Tantalo, ainda que eſteja no Inferno; valhão-me as minhas rapantes habilidades, que com a diſputaſinha em nada reparão a eſtas horas.

*Eſconde-ſe Eſfuziote debaixo da meza, e de quando em quando deita a mão em hum prato.*

*Rei.* O caſo eſtá duvidoſo.

*Eſfuz.* Por iſſo vou commentando. *Deita a mão.*

*Rei.* Lidoro, deſcançai, que vos prometto averiguar quem foi, o que dançou com Ariadna; pois a não ſeres vós, como dizeis, e não vermos retirar-ſe o outro, que ſe ſuppõem, não ſei quem poſſa ſer, ſalvo ſe foi o vivo morto, que o Oraculo prediſſe para total extinção do Minotauro. *Vai-ſe.*

*Eſfuz.* Iſſo dizem todos á boca cheia. *Comendo.*

*Teband.* Vou confuſo, ſem ſaber, porque cauſa me diria Fedra, que me não deſcobriſſe. *á parte e vai-ſe.*

*Lidor.* Quem vio maior confuſão!

*Eſfuz.* Pergunte-mo a mim, que eu porei iſto em pratos limpos. *á part.*

*Lidor.* Que enleio ſerá eſte? Tudo em Creta ſão labyrinthos, e enigmas! Pois affirmar El-Rei, que eu dancei com Ariadna, quando vinha para eſſe effeito, e o que mais he,

não

não apparecer, nem ſaber-ſe quem com ella dançou; não ſei o que preſumo!

*Esfuz.* O ſupino de preſumo he o preſunto, e eſte que não he máo! *á parte.*

*Lidor.* Preſumir em Ariadna, que admitte outro amante, he deſacerto, por não haver em Creta, quem a mereça: eu, vacilante no Oceano tempeſtuoſo de tanta confuſão, não ſei diſcernir o que ſerá iſto.

*Esfuz.* He chouriço, que ſabe como gaitas. *á p.*

*Lidor.* Oh nunca caprichára em não vir ao baile; que ſe a tempo chegaſſe, nunca haveria quem tanta fortuna conſeguíra! Oh que tormento me penetra o íntimo do coração, pois em tanta duvida não poſſo deſcifrar a cauſa de minhas penas!

*Esfuz.* Na verdade, que iſto he hum bocado, que ſe não póde tragar: valha o diabo ao coſinheiro, que deixou o gallo com eſporões.

*Repete Lidoro o ſeguinte*

## SONETO.

Se eſte mal, que padeço, hei de moſtrallo,
Perifrazis não acho a definillo;
Pois quando dentro d'alma ſei ſentillo,
Balbuciente he o gemido a declarallo:
Por mais que intento em vozes deſcrifrallo;
Me ſuffoca o pezar ao proferillo,
Pois contém eſte mal hum tal ſigillo,
Que parece he delicto o publicallo:

Se o tormento, que n'alma ſe reſume,
Reſide inexplicavel cá no interno
Do peito, donde ſinto hum vivo lume:
Sómente caberá ſeu mal eterno,
Ou na lingua do fogo do ciume,
Ou na boca voraz do meſmo inferno.

*Esfuz.* Já q̃ deu o mote, cá vai a gloſa. *Comendo.*

*Sahe Taramella.*

*Taram.* Já que o falſo Tezeo correſponde a Ariadna, pois com a banda, que lhe dei em ſeu nome, veio ao ſarão, e com ella dançou com notorio deſprezo de minha poſſoa, que eſpero, que me não vingo eſtorvando os intentos do ſeu amor?

*Esfuz.* Lá vem Taramella, ſe me não engano: e como vem comiſinha!

*Taram.* Senhor Lidoro tão ſó por aqui a eſtas horas? Já me não pergunta por Ariadna?

*Lidor.* Já ſe acabou eſſe cuidado, que como Ariadna tem quem dance com ella, não he muito que encontre mudanças na minha fortuna.

*Taram.* Tem muita razão Voſſa Alteza, e muito mais dançando com quem dançou.

*Esfuz.* Temos o caldo entornado, que a moça he capaz, como eu aqui faço, de dar com a lingua nos dentes. *á part.*

*Lidor.* Pois, Taramella, tu ſabes quem dançou com Ariadna?

*Taram.* Se guardas ſegredo, eu to direi. Zelos, he tempo de derramar já tanto veneno. *á p.*

*Esfuz.* Vejão lá, ſe aſſim como me deu a banda

da no Labyrintho, ſe á déſſe a Tezeo, que tal ſeria?

*Lidor.* Dize-mo, Taramella: e para que vejas o meu agradecimento, ahi tens neſta joia o anticipado premio do meu affecto. *Dá a joia.*

*Taram.* Ai Senhor, para mim não ha mais joia, que o ſeu bom modo, e cortezia; que o modo, com que ſe dá, augmenta o valor da dadiva.

*Esfuz.* Porém ſempre lambendo. *á part.*

*Lidor.* Dize, não tenhas pejo.

*Eufuz.* Eu cuido, que ella eſtá pejada, pois a vejo em termos de vomitar. *á parte.*

*Taram.* Vigie não venha Ariada, que ſe me acha fallando com Voſſa Alteza ſó por ſó, me matará certamente; pois diz, que nem couſa ſua quer que com Voſſa Alteza falle.

*Lidor.* Pódes dizer, que ella não vem agora.

*Taram.* Pois, Senhor, ſaberá, que quem dançou com Ariadna.... ai Senhor, veja por ſua vida não venha ella.

*Lidor.* Dize que não vem; pois quem foi?

*Taram.* Foi Tezeo.

*Lidor.* Tezeo? Que dizes? Como póde ſer, ſe elle morreo no Labyrintho? Vai-te, e deixa-me com eſſas quimeras.

*Esfuz.* A mulher he capaz de deſenterrar mortos.

*Taram.* Senhor Lidoro, Tezeo não morreo: Ariadna ſe correſponde com elle, e veio ao baile, e por final....

*Lidor.* Eſpera, que ahi vem Ariadna por aquella ſala. *Ta-*

*Taram.* Ai desgraçada de mim, se aqui me vê! Escondame em algures.

*Esfuz.* Bem haja Ariadna, que veio; nunca tò pé doa. *á part.*

*Lidor.* Em quanto ella passa, esconde-te debaixo daquella meza, que de outra sorte não pódes hir, sem que te veja.

*Taram.* Pois eu me escondo, e avise-me quando se vai.

*Esfuz.* Anda para cá, que eu te perguntarei. *á p.*

*Esconde-se Taramella debaixo da meza, donde está Esfuziote, e brigão de sorte, que virá a meza ao chão.*

*Taram.* Ainda estou sem pinga de sangue no corpo.

*Esfuz.* Aqui se pagão ellas, velhaca, embusteira.

*Taram.* Ai, que não sei quem aqui está!

*Esfuz.* Cala-te, marafona.

*Taram.* Ah que d'ElRei, acuda-me Senhor Lidoro; acuda-me Vossa Alteza. *Cahe a meza.*

*Esfuz.* Antes que te vejão, Esfuziote, vai-te esfuziando. *Vai-se.*

*Lidor.* Quem vai ahi! Quem he, Taramella?

*Taram.* Elle ahi vai, veja se eu fallo verdade?

*Lidor.* Irei em seu seguimento. *Quer ir-se.*

*Sahe Ariadna.*

*Ariad.* Em seguimento de quem? Que foi isto, Taramella? Que disturbio he este?

*Taram.* Vindo levantar a meza, estava hum cão roendo hum osso; foi elle, que me quei-

queria levar a carne da perna por amor do osso, que para ambos foi de correr; eu para fugir, e o cão para morder-me; e com o medo tropecei na meza, e veio tudo ao chão.

*Lidor.* Que não pudesse distinguir quem era o que fugio! Mas quem havia de ser senão quem disse Taramella; que talvez por esse respeito viesse Ariadna a este lugar, estorvando-me o seguillo? *á part.*

*Ariad.* Vai chamar quem levante a meza. Ouves, dirás a Tezeo, que se por acaso me não ouvio no baile, que o espero na sala dos enganos á manhã á noite. *á part.*

*Taram.* Eu vou, Senhora. Olhe o negro cão o susto que me metteo!

*Lidor.* Cuido, Senhora, que já vindes tarde; mas quem he vivo sempre apparece.

*Ariad* Não entendo essa nova fraze de fallar-me.

*Lidor.* Não sem causa erão os teus desvios, ingrata; pois desprezando a viva constancia, com que te adoro, idolatras a hum morto na apparencia, que vive em teu coração na realidade.

*Ariad.* Ai desgrada! Que he o que ouço? *á p.*

*Lidor.* Agora morrerei com mais suavidade, conhecendo a causa de teus desvios; mas não desesperado na incerteza da causa de teu desdem.

*Ariad.* Como desattento a meu decóro fabricais em vosso pensamento esses temerarios conceitos indignos de minha soberania?

*Lidor.* Que offensa faço em dizer, que amas a Tezeo, e que foi quem comtigo dançou

dis-

disfarçado? E se hum Principe como Tezeo he o teu emprego, em que se póde offender o teu decoro?

*Ariad.* Que mais claro o ha de dizer? Louco Principe, bem se vê que todas as máquinas, que fabricas, são fundadas em aereas desconfianças; pois ainda que Tezeo podesse resuscitar agora, nem vós, nem elle, nem ninguem podia contrastar a minha isenção: ide-vos, ide-vos, barbaro, temerario, que essas fingidas idéas não pódem escurecer as purezas do Sol.

*Lidor.* Advirti, que o Sol com ser puro, não deixou de amar a Daphne.

*Ariad.* Ide-vos, tenho dito.

*Lidor.* Eu me vou; porém não sei, se me tornarás a ver; que os zelos, em que me abrazo, não cabendo dentro do coração, talvez façaõ maior estrago, do que imaginas. *Vai-se.*

*Ariad.* Ai de mim, que Lidoro zeloso, sabendo que Tezeo he vivo, o hirá communicar a ElRei! Que farei? Amor, influe acertos a meus intentos, para que Tezeo não fique opprimido a violencias de hum cégo ciume.

*Canta Ariadna a seguinte*

ARIA.

Confusa, e perdida,
Sem alma, e sem vida,
Alivio em meus males
Aonde acharei?
Se a infiel tyrannia
De hum cégo me guia,
Em tantos enleios
Que acertos terei? *Vai-se.* SCE-

## SCENA. IV.

*Gabinete, e eſpelho no fim delle. Sahem Tezeo, e Dedalo.*

*Dedal.* NOtavel foi a traça, com que te ſahiſte do ſarão! E pois então lograſte eſſa fortuna, não he juſto entendas, que ſempre terás os fados propicios.

*Tezeo.* Nunca me vi em tão evidente perigo; porém por maior que ſeja, nunca deixarei de ver a Ariadna; que hum eſpirito armado de amor, não teme as iras de Marte.

*Dedal.* Eſſas palavras ſão effeitos de hum juvenil ardor; algum dia reputarás ignorancia o meſmo, que agora julgas diſcrição: diga-o eu, quando fabriquei eſte Labyrintho, eſpecialmente eſte gabinete, no qual empenhei com particularidade a minha ſciencia; porém o que naquelle tempo foi vangloria da idéa, hoje vejo que foi erro da fantaſia.

*Tezeo.* Em todos os quartos do Labyrintho admiro tanto artificio, que não ſei diſcernir qual he o melhor; eſte não ha duvida que admira, mas não excede.

*Dedal.* Se tu, Senhor, ſouberas a virtude que tem aquelle eſpelho, verias o quanto eſte gabinete he digno de eſtimação.

*Tezeo.* Não me dilates o goſto de ſabello.

*Dedal.* Aquelle eſpelho, que alli vez, fica fronteiro áquella janella, da qual, ainda que muito

to diſtante, ſe vem os jardins de Palacio; e ſem embargo da ſua diſtancia, he tal o artificio com que fabriquei eſſe eſpelho, que aquelle objecto remoto o aviſinha tanto aos olhos, que nelle ſe diſtingue a minima flor daquelle jardim: repara, e vê.

*Tezeo.* Não ha duvida. Que ameno penſil! Mas que muito, ſe Ariadna oſtentando-ſe Flora deſſe jardim, veſte de purpuras as roſas, e de candores as aſſucenas!

*Dedal.* Conheces quem he aquelle, que lá vem?

*Tezeo.* Já vejo, que he Lidoro, e tão diſtinctamente, como ſe eſtiveſſe aqui comnoſco.

*Por detraz do eſpelho apparece Lidoro.*

*Lidor.* Ainda me não poſſo capacitar, que Tezeo he vivo, ſó pelo leve infor-me de Taramella; he neceſſario maior averiguação para que com mais certeza o communique a El-Rei em vingança dos meus zelos: bem ſei, que as conjecturas são efficazes; porque haver quem com Ariadna dançaſſe, ſem que ſe viſſe quem foi, e logo ſahir hum homem debaixo da meza com arrebatada fuga; iſto argue huma quaſi veroſimilidade, de que Tezeo he vivo; porém para condemnar não baſtão indicios.

*Dedal.* Mui triſte, e penſativo eſtá Lidoro!

*Tezeo.* Sem duvida os deſvios de Ariadna, são a cauſa de ſeus pezares.

*Dedal.* Lá vem Ariadna; vê que mais queres?

*Apparece Ariadna por detraz do eſpelho.*

*Tezeo.* E como vem galharda! Ai Dedalo,

que

que conſidero naquelle eſpelho as proprieda-
des de Uſtorio ; pois na eſféra de ſeus raios
me abrazo Salamandra de ſuas luzes , ſe já
não he Teleſcopio , em que diviſo a bella
grandeza daquelle aſtro.

*Ariad.* Aqui eſtá Lidoro : quanto temo , que
dos ſeus zelos a furia ſinta Tezeo ! Quero
deſvanecellos , moſtrando-me amante ; que nas
guerras de amor , vencer com enganos he o me-
lhor ſyſtema. *á part.*

*Lidor.* Voſſa Alteza , Senhora , tão ſó por eſte
jardim , podendo eſtar acompanhada no La-
byrintho ?

*Ariad.* Lidoro , ainda ſe vos não deſvaneceo
eſſa fantaſia ? Pois ſabei , que a ſer poſſivel
viver Tezeo , e eu capaz de amar , nunca
por Tezeo vos deſprezára.

*Tezeo.* Quem me dera poder ouvir o que fallão
Ariadna , e Lidoro !

*Dedal.* A tanto não póde chegar a ſciencia
Optica.

*Tezeo.* Pois para que me facilitaſte o ver , ſe
me haveis negar o ouvir !

*Lidor.* Se até aqui , cruel , me matavas com de-
ſenganos , agora com enganos me queres ty-
rannizar ? Não me deſvaneças com poſſiveis ca-
rinhos a iſenção do teu peito , que bem in-
formado eſtou , que adoras a Tezeo vivo , ou
ao menos as memorias de Tezeo morto ; pois
de toda a ſorte ſei que o amas.

*Ariad.* Para deſvanecer eſſe errado projecto do
teu ciume , quero , violentando a minha na-
tu-

tural iſenção, obedecer a teu rogo: vai, Lidoro, dize a ElRei meu Pai, que abbrevie os noſſos deſpoſorios, para que vejas, que o meu deſvio não ſe origina de occultos affectos. Perdoa, Tezeo, eſtas fingidas vozes de minha cautella, que todas são dirigidas á tua liberdade. *á parte.*

*Tezeo.* Que eſtará Ariadna dizendo a Lidoro com tanta efficacia?

*Lidor.* Belliſſima Ariadna, agora conheço a temeridade de meus ciumes. Porém quando não forão indiſcretos os zelos? E pois com tantos favores premeias os meus delictos, deixa que proſtrado, novamente a minha liberdade te ſacrifique.

*Põem ſe Lidoro de joelhos, e Ariadna o levanta.*

*Tezeo.* Que he o que vejo? Ai de mim, Dedalo! Que importa eſtar aqui ocioſo o ouvido, ſe os olhos como teſtemunhas de viſta me informão dos meus zelos? Não viſte a Lidoro rendido aos pés de Ariadna; e ella com alegres carinhos recebendo a victima de ſuas adorações?

*Dedal.* Póde ſer, que não ſeja de amor o motivo deſſe rendimento, maiormente quando não pódes ouvir o que dizem.

*Tezeo.* Hum impaciente amante, como Lidoro, que aſſumpto podia ter para as ſuas vozes, ſenão expreſsões de ſeu amor? Ai infeliz, que como baſiliſco dos zelos a mim meſmo me mato, quando os vejo no diafano daquelle eſpelho!

*Li-*

*Lidor.* Porém já que o ſuave eſpirito de tua fineza communica novos alentos á minha eſperança, permitte-me algum final externo de tua conſtancia.

*Ariad.* Creſça o engano, augmente-ſe a induſtria. Suppoſto que o abono de minha palavra para me acreditares baſtava, com tudo eſte retrato meu ſerá o fiador, para que creias mais á copia, que ao original.

*Dá-lhe o retrato.*

*Lidor.* Com o favor deſte retrato alentas ao meu coração de vivas cores.

*Tezeo.* Que dizes, Dedalo? Póde agora enganar-ſe a viſta? Não viſte dar Ariadna hum retrato ſeu, que no peito trazia, a Lidoro? Que mais clara evidencia de ſua falſidade? Ah ingrata! Ah falſa Ariadna! Eſſas erão as tuas iſenções? Porém ſe és mulher, que muito ſejas mudavel!

*Dedal.* Oh quem nunca trouxera a Tezeo a eſte lugar!

*Lidor.* Para que me poſſa vangloriar de ditoſo, ſó falta que hum favor me concedas.

*Ariad.* Dize.

*Lidor.* Attende.

*Cantão Lidoro, Ariadna, e Tezeo a ſeguinte*

ARIA.

*Lidor.* Se oſtentas no pintado
Conſtante o teu agrado,
Oh peço-te não ſeja
Pintado o teu favor.

*Ari-*

*Ariad.* Se o vario deſſas cores
Adoras por favores,
Nas ſombras da pintura
Mitiga o teu ardor.
*Tezeo.* Falſa, cruel, avára,
Na duvida repára,
Verás neſſe retrato
Copiada a minha dôr.
*Lidor.* Dize, ſerás conſtante?
*Ariad.* A mim não mo perguntes;
O tempo to dirá.
*Tezeo.* Tyranna, eu deſeſpero,
Eu me abrazo, eu enlouqueço.
Quem vio tormento igual!
*Lidor.* A copia que me anima,
*Ariad.* A gloria que me alenta,
*Tezeo.* A dôr que me atormenta,
*Todos.* Se intenta eternizar.
*Lidor.* Mas ai, que eſſa fortuna
Não poſſo acreditar!
*Ariad.* Mas ai, que a tua idéa
Se póde allucinar!
*Tezeo.* Mas ai, que o meu ciume
Me quer precipitar!
*Lid. Ar.* Pois que ouço,
*Tezeo.* Pois que vejo,
*Todos.* Que nada no Orbe conſtante ſerá.

*Vão-ſe Lidoro, e Ariadna.*

*Dedal.* Principe, não te entregues todo ao ſentimento, deixa loucuras de amor.

*Tezeo.* Nada me digas; deixa-me ſeguir a huma inimiga, que na fragancia daquelle jardim

dim ſe oſtenta Venus daquelle Adonis ; porém o meu mavorcio furor em ſanguinolenta metamorfoſe eſcreverá nas folhas das brancas roſas as rubricas de minha vingança.

*Quebra o eſpelho.*

*Dedal.* Que he o que intentas ?

*Tezeo.* Arrancar aquella traidora dos braços de ſeu amente.

*Dedal.* Que culpa teve o cryſtal , para experimentar o teu rigor , quando nelle ſó por reflexo viſte a cauſa de tuas penas !

*Tezeo.* Ainda que errei o tiro , ſempre acertei o golpe ; porque eſpelho , que foi theatro dos meus zelos , he bem que em atomos deſfalleça , para que ao eſtrago de ſeus cryſtaes ſe repreſente melhor a tragedia de meu amor ; já que o furor , que me abraza , não ſabe liquidar no eſpelho de meus olhos o cryſtal de meu pranto.

*Dedal.* Em hum inſtante deſvaneceſte o trabalho de tantos annos.

*Tezeo.* Dedalo , guia-me á ſala dos enganos , aonde me diſſe Ariadna a eſperaſſe eſta noite ; pois já o Delio Planeta em mal diſtinctas luzes quaſi toca a diafana méta do ultimo horizonte.

*Dedal.* Para que procuras a Ariadna , ſe a viſte ſeguir a Lidoro.

*Tezeo.* Por iſſo meſmo para que na ſala dos enganos encontre o ultimo deſengano. Ai Dedalo , que ha no mundo mais labyrinthos do que cuidas !

*De-*

*Dedal.* Não ſei, que até aqui haja outro, fóra deſte.

*Tezeo.* Pois ſabe, que dentro deſte Labyrintho exiſte outro labyrintho.

*Dedal.* Não entendo.

*Tezeo.* Para que me entendas, attende, e verás.

## SONETO.

Labyrintho maior, mais intrincado,
Tem amor em meu peito conſtruido,
De quem ſe oſtenta aos golpes do gemido,
Sinzel a magoa, artifice o cuidado.
Na memoria ſe vê delineado,
O tormento de hum goſto amortecido,
Na confuſão da dôr o bem perdido
Nunca ſe encontra, ainda quando achado.
A' máquina mental deſta eſtructura
Adornão, em funeſtos parallelos,
Lamina o ſuſto, ſombras a pintura:
Columnas são os miſeros deſvélos
Eſtatua o deſengano ſe affigura,
Fio a eſperança he, monſtros os zelos. *Vai-ſe.*

*Dedal.* Quem duvída que amor he o maior labyrintho? *Vai-ſe.*

SCE-

## SCENA V.

*Sala de columnas, que a seu tempo cahirão, e ficará tudo em outra vista, e no fim da sala haverá huma Vaca.*

*Sahe Esfuziote.*

*Esfuz.* AGora que a boca da noite vai engolindo o manjar branco do dia: não digo bem; agora que a lingua do Sol se vai encolhendo na boca da noite, a quem o cadeado do silencio lhe fura os beiços da escuridade, venho segunda vez ao Labyrintho; que se a primeira vim, porque nelle me perdi, agora venho porque fóra delle me querem deitar a perder. Fiai-vos lá em mulheres, que em tendo zelos são peiores que cães damnados! Tomára perguntar a Taramella, para que foi dizer a Lidoro pá pé, tudo quanto lhe disse, e por hum triz, que me não apanha com o rabo na ratoeira: não lhe perdo-o o máo cozimento, que me causou com os sustos; porém para me livrar delles, e della, hirei buscar a Tezeo; que antes quero viver no Labyrintho, que morrer em Palacio; que póde ser, que se lhes meta em cabeça, que eu sou Tezeo de verdade, e me torção o pescoço assim como quem não quer a cousa; pois çafão daqui fóra. Oh, esta sem duvida he a Vaca, que disse Dedalo fabricára para Pazife! Cá está a escotilha,

por onde a tal Rainha vio os touros de palanque! Mas eu, ſe me não engano, aqui vem gente; ſeja quem for, eſcotilha aberta, juſto pecca; eu me eſcondo dentro da Vaquinha feito Rainho, até que paſſe quem quer que he.

*Eſconde-ſe Eſfuziote na Vaca, e ſahe Taramella.*

*Taram.* Outro recado temos de Ariadna para Tezeo. He para ver ſe ſe namorão á chucha callada! Bem fiz eu em dizello a Lidoro. Eſta he a ſala dos enganos para onde hei de dizer a Tezeo, que venha: mas iſto he quaſi noite, para hir ao centro do Labyrintho, e temo que me anoiteça no caminho; o melhor ſerá hirme embora, que aſſim como aſſim já não tenho mais que ſaber, que certos são os touros.

*Eſfuz.* Mais certa he a vaca: eſta he Taramella; não ſei ſe lhe falle, pois quando a ſua falſidade me eſconde, a ſua belleza me eſcancarea?

*Taram.* Ai! Ainda aqui eſtá eſta negra Vaca? Não ſei como ſe conſente eſte traſte em ſer!

*Eſfuz.* Bom traſte és tu.

*Taram.* Só de a ver me tremem as carnes.

*Eſfuz.* A rapariga tem tremendas carnaçás.

*Taram.* Oh maldito ſeja Dedalo, que tal fez para occaſião de tanta ruina!

*Eſfuz.* Oh malditas ſejas tu, que tão lambareira és!

*Taram.* Ella ſem duvida parece couſa viva.

*Eſfuz.* Ora viva quem ſe chega.

*Ta-*

*Taram.* Para que mais, até a pelle tem cabellos.

*Esfuz.* A occaſião pelos cabellos. Eſpera, cabelluda Deidade, que hoje o pente de meu carinho te tirará as lendeas de tua deſconfiança. *Sahe da Vaca.*

*Taram.* Ai! Quem me acode, que a Vaca ſábe fallar?

*Esfuz.* Ha couſa mais eloquente em hum banquete, que huma lingua de vaca? Mas a tua com tua licença merecia ſal, e pimenta.

*Taram.* Ui! Voſſa Alteza cá eſtá na ſala dos enganos? Não quiz deixar de obedecer a ſeus amores? Fez muito bem, que ella tudo merece.

*Esfuz.* Quem he eſſa ella, Taramella?

*Taram.* Já lhe eſquece? He aquella, com quem dançou o noite paſſada.

*Esfuz.* A noite paſſada dançei comtigo.

*Taram.* Não me queira deſeſperar; eu não o vi dançar com Ariadna com a meſma banda azul, que lhe levei ao Labyrintho, e por final que dançou melhor que ninguem?

*Esfuz.* A'gora, já eſtou mui pezado; iſto he chão, que já foi vinha.

*Taram.* Logo não nega, que dançou com Ariadna?

*Esfuz.* Não, filha, que eu não podia dançar bem, ſenão comtigo.

*Taram.* E a banda azul.

*Esfuz.* Azul he ciumes; quem os tem, anda cégo; quem anda cégo, não vê; e quem não vê, não póde julgar de cores.

*Taram.* Ora, Senhor, tenho entendido, que Voſſa Alteza faz zombaria de mim.

*Esfuz.* Já te diſſe, que me não altezees, que o amor, e a Mageſtade, ſempre ſe aſſentárão em iguaes tripeças.

*Taram.* Senhor, com que eſtamos? Voſſa Alteza póde negar, que eu lhe trouxe huma banda azul ao Labyrintho em nome de Ariadna?

*Esfuz.* Aſſim foi, que a verdade manda Deos, que ſe diga.

*Taram.* Póde negar, que agora o acho aqui neſta ſala dos enganos, na qual me diſſe Ariadna a eſperaſſe Voſſa Alteza, por ſe acaſo não tiveſſe ouvido bem, o que ella lhe diſſe? He iſto verdade?

*Esfuz.* Verdade he, que eu eſtou aqui.

*Taram.* Logo digo eu bem, que namora a Ariadna?

*Esfuz.* Iſſo he mentira.

*Taram.* Como póde ſer verdade, e mentira ao meſmo tempo.

*Esfuz.* Porque neſte tempo tudo são mentiras, e verdades.

*Taram.* Se iſſo he conceito não o entendo.

*Esfuz* Pois eu era tão deſcortez, que diſſeſſe conceitos na tua preſença?

*Taram.* E para mais prova, diga, que fazia debaixo da meza eſcondido, ſendo hum Principe?

*Esfuz.* Eſtava para fazer certa prova.

*Taram.* Prova? De que?

*Esfuz.* Da tua falſidade, pois foſte tão linguatriz, que diſſeſte a Lidoro, que eu eſtava vivo.

vo. Dize, tyranna, assim desempenhas a catarata do teu nome? Se és Taramella, porque te não fechas? Mas se és Taramella devassa, por isso te abriste, desenterrando mortos, para enterrar vivos: que dizes agora?

*Taram.* Digo, que fiz muito bem; pois já que eu o não hei de lograr, não quero que me logre tambem; já que eu choro o seu desvio, sinta Ariadna o que eu padeço; mas diga-me: por ventura quando se metteo debaixo da meza, já sabia o que eu havia de dizer a Lidoro?

*Esfuz.* Calte, tola, mecanica, não sabes que nós os Principes temos o dom de adevinhar? E para que o vejas, essa joia, que trazes no peito, te deu Lidoro; não he verdade?

*Taram.* He verdade, pois que temos?

*Esfuz.* Temos embargos a isso: dize-me, insolente, leviana, fragil, pois tu aceitas joias de Lidoro, estando para cazar com hum Principe de Athenas?

*Taram.* Elle não ma deu por mal.

*Esfuz.* Pois eu por mal a to- (*Tira a joia.*)
mo; larga essa joia, indigna futura Princeza, que não he decente á minha honra, que adorne teu peito falso, diamantes finos. He boa graça! Estou ardendo! E quando nada saquei a joia por bom modo. *á part.*

*Taram.* Com que Vossa Alteza me leva a joia, ainda em cima de me ser desleal?

*Esfuz.* Olha, filha, aqui ninguem nos ouve; eu bem sei que Lidoro te não deu por mal

essa

eſſa joia ; mas não he brio meu que tu tragas diches deſſe ſevandija.

*Taram.* Senhor, eſtava muito bem, ſe Voſſa Alteza não amaſſe a Ariadna.

*Esfuz.* Olha, permitta Deos, que ſe eu cazar com Ariadna, que berrando vá a minha alma parar aos quintos infernos a fazer filhozes com Plutão.

*Taram.* Quanto mais jura, mais mente.

*Esfuz.* Que por amor de meu amo perca eu eſſa tolá! Ora vem cá, minha Taramella, façamos as pazes, tem laſtima deſte amante coraçáo, que por ti chora pelas barbas abaixo como huma criança. Não te compadecem os ſoluços de hum Principe, que aſſoando o monco da magoa no lenço da ingratidáo, deſtila o nariz da fineza o eſtilicido do ſoffrimento? Digo alguma couſa?

*Taram.* Ai, deixe-me, não ſeja importuno, antes que lhe perca o reſpeito.

*Esfuz.* Perde-o muito embora, que niſſo pouco ſe perde.

*Taram.* Pois já que me dá licença, ouça com o devido reſpeito.

*Canta Taramella a ſeguinte*

ARIA.

Que tremulo marres,
Que eſtatico morras,
Que eſtitico mirres,
Que morras, que marres, que mirres,
E a mim que ſe me dá?

Por

Por mais que em teus males
Em ancias te eſtales
E em prantos te eſtiles,
De balde ſerá.
*Quer ir-ſe, e ſahe Sanguixuga.*

*Sang. e Esfuz.* Eſpera, aonde vás, Taramella?
*Taram.* Deixe me que vou deſeſperada.
*Esfuz.* Oh quanto folgo, que vieſſe tua tia!
*Sang.* He poſſivel, rapariga, que me faças vir tropeçando por eſſes Labyrinthos, vendo que nelle entraſte a eſtas horas? Que loucura foi eſſa!
*Taram.* He vir ſegunda vez verificar os meus zelos, para que com duas teſtemunhas de viſta ſentencee a eſte falſo Principe a perpétuo deſterro de meus carinhos.
*Esfuz.* Bem folgo eu, Senhora tia, que vieſſe voſſa Sanguixuguiſſe, ſó para ver a inſolencia, com que ſua ſobrinha trata ao ſegundo filho primogenito d'ElRei de Athenas, ſó porque a Infanta ſe affeiçoou de mim; e veja, tia, que culpa tenho eu de ſer querido?
*Sang.* Senhor, ſe minha ſobrinha lhe não tiveſſe amor, não teria zelos. Que fará ſe ella ſoubeſſe que Fedra tambem o namora? *á p.*
*Esfuz.* E foi tão inſolente, que em vilipendio da minha peſſoa acceitou huma joia do Principe Lidoro.
*Sang.* Ai, Senhor, não ſeja ciumento, que em Palacio he eſtilo darem os Principes joias ás Criadas do Paço. Olhe, eſta que aqui vê, ma deu o Principe de Chypre. *Es-*

*Esfuz.* Inda mais eſſa temos? Venha, tia, eſſa joia muito depreſſa.

*Sang.* Ai! A minha joia? Para que?

*Esfuz.* Para que ſim, ſenão *à fortiori* lha vou tirando. Arre lá, a tia vindoura de hum Principe de Athenas ha de trazer joias do Principe de Chifre! Iſſo não; não Senhora, em quanto eu tiver o olho aberto. Já temos duas joias. *á parte.*

*Sang.* Dê-me a minha joia, Senhor.

*Esfuz.* Nada, nada, não tem que ſe cançar. Que dirá o Embaixador, que he zeloſo como os diabos, ſe lhe vir eſſa joia? Não queira pelo pouco perder muito.

*Sang.* Eu entendo que iſſo do Embaixador he palhada, pois ha muito que o não vejo.

*Esfuz.* Como recuſava o teu matrimonio, mandei-o degredado para a ſua Patria; mas logo virá deitar-ſe a teus pés.

*Tar.* Tia, não gaſtemos tempo; vamos que he tarde.

*Esfuz.* Diga-lhe primeiro, que faça as pazes comigo; e para que não cuide, que amo a Ariadna, aqui meſmos neſte lugar quero cazar com ſua ſobrinha; ande, leve o diabo quem não quer.

*Sang.* Ai menina, aproveita-te da occaſião.

*Taram.* Ah falſario, não cuides que me has de lograr. *á part.* Pois Senhor Tezeo, mettaſe outra vez na Vaca, e eſpere por mim, que eu vou buſcar luzes, para celebrarmos o matrimonio com luminarias. Tu verás como me vingo. *á part. e vai-ſe.*

*Sang.*

*Sang.* He poſſivel que hei de ver com eſtes olhos esbugalhados a minha ſobrinha Princeza! Senhor, ſaiba Voſſa Alteza, que por eſta obra pia de amparar huma orfã ſem mãi, hão de os Deoſes fazello victorioſo de ſeus inimigos. *Vai-ſe.*

*Esfuz.* Eu ſou o noivo, e levo o dote em joias: com eſta caſta de gente ſou eu gente. Aparelha-te, Esfuziote, que hoje has de ſenhorear a melhor Deidade, que calçou cothurno. Ai, que já eſtou pulando! Ora ſem duvida, que a fazer-me Principe muito me grangea na confeitaria do amor: vamo-nos eſconder na Vaca; comece a obedecer, quem principia a triunfar.

*Mete-ſe Esfuziote na Vaca. Sahem Tezeo, e Dedal.*

*Dedal.* Eſta he a ſala dos enganos: nella não temas perigos, que no maior, em que eſtiveres, te defenderei com hum certo artificio, que ſó para mim reſervei.

*Tezeo.* Poís não te apartes nunca de mim, em quanto eſpero o ſol de Ariadna, para clarificar a opâca ſombra deſte cáos; e quando não o Cometa de meus zelos ſerá luzido farol, que me allumie.

*Esfuz.* Frito ſeja eu, ſe aquella voz parda não he de Tezeo azul no ſeu ciume: alguma cancaburrada temos!

*Sahe Tebandro.*

*Teband.* Mui valente he o amor, pois deſprezando horrores, e confuſões, me conduz a eſ-

eſte confuſo abyſmo de enleios, facilitando, me o caminho a eſta ſala dos enganos hum prático deſte Labyrintho.

*Sahe Ariadna pela parte de Tebandro, e Fedra pela de Tezeo.*

*Ariad.* Não diſſe bem, quem affirmou, que o amor carecia de olhos; que a ſer cégo, não me guiaria a eſta ſala dos enganos, ſó a buſcar o bem que adoro.

*Fedra.* Verdade fallou, quem diſſe, que o amor era lince, (*Sahe*) que a não ſer, mal me conduziria a eſte pelago de horrores, a procurar a cauſa de meu tormento

*Tezeo.* Paſſos ouço; ſem duvida he Ariadna.

*Teband.* Gente vem; mas quem ha de ſer ſenão Fedra?

*Tezeo.* Vem, brilhante eſtrella de Venus, a influir... mas que digo? Tu não és a tyranna, que me offendeſte?

*Eſfuz.* Eſtrella de Venus he eſtrella Boeira, aqui deve de haver algum touro, que vem namorar a eſta Vaca.

*Teband.* Feliz mil vezes eu, que em anticipadas luzes vejo confundir os raios da Aurora com os reſplendores da Lua.

*Eſfuz.* Se a Lua tem cornos, claro eſtá que falla com a Vaca metaforicamente.

*Fedra.* Es tu acaſo aquelle ingrato, que não ſabe correſponder á minha fineza? *para Tezeo.*

*Tezeo.* E tu, ſem ſer acaſo, não és aquella mudavel, que grata, e carinhoſa te oſtentaſte com Lidoro eſta tarde no jardim? *para Fed.*

*Fe-*

*Fedra.* Vê que te enganas.

*Ariad.* Oh quanto eſtimáras mais neſta occaſião, que eu não foſſe eu, ſenão minha irmá, a quem como agradecido ſaberás ſer amante. *para Tebandro.*

*Teband.* Tu não ſabes, galharda Fedra, que nunca Ariadna me mereceo hum cuidado? *para Ariadna.*

*Ariad.* Tezeo cuida que ſou Fedra: ah cruel, que mal pagas hum conſtante amor! *á part.*

*Eſfuz.* Que diabo de ſuſſurro ouço aqui! Sem duvida iſto he algum viveiro de cochichos!

*Fedra.* Não ſei, que motivos tenhas, para fabricar eſſe penſamento contra a lealdade com que te adoro?

*Tezeo.* Se tu ſouberas o como te vi com Lidoro, talvez que o não negaſſes; porém mal poderáõ as tuas vozes contradizer aos meus olhos?

*Fedra.* Já ſei que iſſo he maxima, que inventa a tua falſidade, para que me falte o tempo de dizerte, que ſó eſtimas os favores de minha irmá; mas ſe o teu amor não fora cégo, talvez que ſouberas avaliar as finezas, que me deves.

*Tezeo.* Tu bem ſabes, Ariadna, que ſempre foſte primogenita de meu amor, ſem que lograſſe Fedra já mais as prerogativas de querida.

*Fedra.* Ai de mim, que Tezeo cuida, que ſou Ariadna! Oh ingrato Principe, que m nunca te conhecêra! *á part.*

*Es-*

*Esfuz.* Muito tarda Taramella : eu confeſſo que já não poſſo eſtar embezerrado.

*Teband.* Já não ſei , formoſa Fedra , quando me verei completamente feliz.

*Ariad.* Deixa-me , ingrato , traidor , que já me falta a paciencia para ouvir as tuas falſidades.

*Teband.* Jupiter com ſeus raios me abraze , ſe algum dia quiz a Ariadna , pois ſó a ti formoſa Fedra. . . .

*Ariad.* Cala-te : ai de mim , que cada vez me offendes mais !

*Fedra.* Baſta que nunca idolatraſte a Fedra ?

*Tezeo.* Só tu , ingrata Ariadna , a pezar das tuas falſidades ſoubeſte uſurpar toda a liberdade de meu alvedrio.

*Fedra.* Calla-te , deſagradecido , que já te não poſſo eſcutar.

*Tezeo.* Eu nunca amei a Fedra , tu a Lidoro ſim ; deixa-me , ingrata , não te compadeças da minha vida.

*Ruido dentro.*

*Dedal.* Tezeo , retira-te ; ahi cuido que eſtá alguem.

*Fedra.* Retira-te por hum pouco , ingrato , que ſe me não engano , alli vem gente.

*Tezeo.* Será illuſão ; mas com tudo por amor de ti me retiro.

*Esfuz.* Ainda não vem eſta maldita Taramella ; pois o verde de minha eſperança ſe vai mudando no amarello da deſeſperação.

*Eſconde-ſe Tezeo, e Dedalo. Sahe Lidoro com eſpada na mão, e Taramella.*

*Taram.* Senhor Lidoro, eſta he a ſala dos enganos, buſque-o na Vaca, que elle lá eſtá eſperando pela Senhora Ariadna.

*Lidor.* Ah falſa cruel, hoje me vingarei de ti, e deſſe tyranno, que me offende. Mas quem eſtá aqui? Ariadna he ſem duvida.

*Encontra-ſe com Fedra.*

*Fedra.* Quem ha de ſer? Já me deſconheces? He a tua Ariadna.

*Lidor.* Não me enganou Taramella. *á part.*

*Teband.* Querida Fedra, cuido que gente veio.

*Ariad.* Não ſou Fedra, falſo traidor amante.

*Teband.* Ai de mim! Quem ſerá?

*Lidor.* Dize, ingrata Ariadna, ainda não achaſte neſta eſcuridade a luz de teus olhos? *para Fedra.*

*Dedal.* Eſpera, Tezeo, aonde vás com eſſa eſpada?

*Tezeo.* A vingar injurias de meu amor; morra o traidor que me offende.

*Sahe Tezeo com eſpada, briga com Lidoro, e com a confuſão ſe trocão as Damas, ficando Fedra ao lado de Tebandro, e Ariadna ao de Lidoro.*

*Lidor.* Morra o aleivoſo, que me opprime.

*Fedra.* Que deſgraça! Ampara-me Principe.

*Ariad.* Que infelicidade! Sempre a teu lado morrerei conſtante.

*Dedal.* Que confuſão!

*Teband.* Fedra, primeiro eſtá a tua vida: vem comigo. *Es-*

*Esfuz.* Neſta arrenegada da confuſão ſahio o trunfo de eſpadas: ainda bem; que eſtando o meu Sol em Tauro, eſtou metido em hum ſino.

*Taram.* Ai moſina de mim; que eu tive a culpa diſto! Hirei chamar quem acuda. Acudão todos, acudão a eſtorvar a maior deſgraça, que já mais ſe vio: acudão, acudão. *Vai-ſe.*

*Tezeo.* Debalde reſiſtes ao vigoroſo impulſo de meu braço.

*Lidor.* Por iſſo ſerá maior o meu triunfo: valente ſois!

*Tezeo.* Tenho amor, e tenho zelos.

*Esfuz.* He hum regalo ver touros de palanque

*Teband.* Fedra, ſegue-me.

*Fedra.* Como, ſe eſtou quaſi mortal?

*Ariad.* Senhor; ampara a minha vida.

*Dentro ElRei.*

*Rei.* Cercai todos o Labyrintho, para que ſe inveſtigue a cauſa deſte alboroto.

*Dedal.* Retiremo-nos, que vem ElRei.

*Tezeo.* Dedalo, agora he tempo para que a tua induſtria me valha.

*Dedal.* Anda comigo, que deſta ſorte nos não poderáõ ſeguir. *Retirão ſe.*

*Sabe ElRei, e hum criado com luz; e depois que ElRei diz:* Suſpendei as armas, *vão-ſe Tezeo, e Dedalo, o qual dará huma grande pancada, e cahem as columnas, e fica em viſta de pateo.*

*Rei.* Suſpendei as armas. Mas ai de mim, que a ſala toda vem vindo ſobra nós! Eſtranho ſucceſſo!

*Li-*

*Lidor.* Iſto he terremoto ſem duvida!

*Todos.* Deoſes clemencia!

*Eſfuz.* Senhores, que diabo ſerá iſto? Tanta bulha, e algazarra ao redor da Vaca? Sem duvida iſto he algum aſſougue!

*Rei.* Perplexo, e confuſo, não ſei o que pronuncie.

*Ariad.* Lidoro aqui, e Tebandro? Tezeo ſem duvida ſe retirou, antes que o viſſem. Oh quanto eſtimo que o não encontraſſem! *á part.*

*Fedra.* Aonde eſtará Tezeo? Talvez ſe auſentou, vendo que vinha gente. *á part.*

*Teband.* Com quem brigaria Lidoro, não eſtando aqui mais do que eu, e elle? *á part.*

*Lidor.* Tebandro foi ſem duvida o com quem briguei. *á part.*

*Rei.* Ainda não eſtou em mim, confuſo entre tanto aſſombro. Lidoro, Tebandro; que foi iſto neſta ſala?

*Lidor.* Se bem reparo, Senhor, iſto não foi terremoto, ſeria algum artificio de Dedalo, que occulto eſtaria aqui; pois outro novo edificio ſe deixa ver, a pezar da artificioſa ruina das columnas.

*Rei.* Iſſo he ſem duvida; porém como Dedalo ainda vive encerrado no Labyrintho, delle meſmo me poderei informar; mas por ora não me importa ſaber iſſo tanto, como a cauſa de voſſos inſultos, inquietando o ſilencio da noite, e o ſagrado deſte Labyrintho com deſafios; e o que mais he, ver eu aqui as Infantas neſte ſitio, e a eſtas horas, e vôs Lidoro, com eſſa eſpada na mão.

*Ariad.*

*Ariad.* Eu, e Fedra, Senhor, vindo-nos a divertir, e admirar, como ſempre, eſte Labyrintho, ſuccedeo anoitecer nos; e perdendo o tino na confuſão da noite, e do lugar, começámos a chamar quem nos acudiſſe, e os Principes, talvez informados das noſſas vozes, e clamores, ſe animárão a vir libertarnos deſte enleio. Eſta he' a cauſa, Senhor, de nos achares aqui, e Voſſa Mageſtade me premitta licença, que a fadiga do ſuſto me obriga a que me recolha. *Vai-ſe.*

*Fedra.* Bem fingio Ariadna. *á part.*

*Esfuz.* Tambem quem quer que he, mente que trezanda.

*Teband.* Como Voſſa Mageſtade já eſtá informado da verdade, não tendo mais que ſaber, não tenho eu mais que eſperar; mas ſim a Fedra. Ai louco amor, quando terão fim os meus males? *á part. e vai-ſe.*

*Lidor.* Por cuja cauſa, Senhor, não havia vir deſarmado, vindo a eſte lugar. Disfarcemos ainda a falſidade de Ariadna. *á part.*

*Rei.* Já tenho dito, que quando quizerem vir ao Labyrintho, não venhão deſacompanhadas; e já que ſe fez inutil o meu preceito, agora inviolavelmente ordeno ſobpena de minhas iras, que nem vós, nem Ariadna, venhão mais ao Labyrintho.

*Fedra.* Senhor, Voſſa Mageſtade.... eu ſe...

*Esfuz.* Aquella finge, que eſtá turbada.

*Rei.* Eu evitarei eſtes ſuſtos: e vós, Lidoro, já tendes viſto, que não ha em Creta, quem pu-

pudeſſe dançar com Ariadna ; e aſſim ſatisfeito o voſſo eſcrupulo , podeis eleger , ou o hirvos para Epyro , como querieis , ou caſar com Ariadna , como pertendo , por não fazer infructifera a voſſa vinda.

*Lidor.* Como já ſei quem foi o que dançou com Ariadna , ſerá juſto que eleja o hirme para Epyro.

*Rei.* Pois que eſperais , que o não dizeis ?

*Fedra.* Que ſerá iſto ?

*Eſfuz.* Lá vai Tezeo com os diabos deſta vez.

*Rei.* Vede Lidoro , não ſeja iſſo delirio de voſſos zelos.

*Lidor.* Não são delirios , são realidades , pois me atrevo a moſtrallo neſte meſmo lugar.

*Eſfuz.* Agora iſſo tomara eu ver pelo buraco deſta eſcotilha.

*Rei.* Neſte meſmo lugar ? Aonde , ſe aqui não eſtá ninguem ?

*Lidor.* Dentro daquella Vaca acharás quem com Ariadna dançou.

*Eſfuz.* Ai que elles comigo ! Por aqui anda Taramella.

*Fedra.* Tomára já ver quem dançou com Ariadna. *á parte.*

*Rei.* Olá , inveſtigai eſſa Vaca , que ſegunda vez ſe conſerva para a minha afronta , já que o meu deſcuido a não reduzio em cinzas , para que na minha lembrança ſó ſe conſervaſſe eſta memoria.

*Chega hum Soldado a tirar Eſfuziote da Vaca.*

*Lidor.* Agora me vingarei de Ariadna. *á part.*

*Soldad.* Quem ahi eſtá ſaia para fóra.
*Esfuz.* Vaca não tem ſaia.
*Soldad.* Vá ſe ſahindo dahi.
*Esfuz.* A Vaca he de páo, e não póde andar.
*Rei.* Quebrem eſſa Vaca. *Dão na Vaca.*
*Esfuz.* Querem carne de chacina? Eſperem, que eu me patenteo antes que me metão os tampos dentro. Pois que he iſto cá? *Sahe.*
*Lidor.* Que he o que vejo! Eſte he Tezeo, que me diſſe Taramellà? *á part.*
*Rei.* Que he iſſo, Lidoro? Eſte criado he o que dançou com Ariadna? Vês que tudo foi delirio do teu ciume?
*Lidor.* Não ſei o que reſponda. Senhor, já ſei que o meu ciume me pôde allucinar, mas não foi ſem fundamento. Eſtou corrido! *á p. e vai-ſ.*
*Esfuz.* E eu parado. Senhor, ſirvo aqui de alguma couſa, ſenão quero buſcar minha vida?
*Rei.* E tu Esfuziote, que fazias dentro deſſa Vaca? Dize.
*Esfuz.* He que eu ſempre fui muito amigo de vaca.
*Rei.* Reſponde a propoſito.
*Esfuz.* Senhor, como ſou Filoſofo natural, meti-me dentro da Vaca, por ver ſe ſe dava vaca *in rerum natura.*
*Rei.* Se não fallas a verdade, mando-te lançar ao Minotauro.
*Esfuz.* O Minotauro já me não mete medo, para dizer a verdade: ſaberá V. Real Mageſtade, que fui criado de Tezeo, que o eſcuro Cocito haja; quando de mim ſe apartou, me pedio de joelhos com lagrimas de quatro

em

em quatro, que fizeſſe eu muito por lhe apanhar alguns oſſos ſeus, que ſobejaſſem ao Minotauro, e que os enviaſſe para Athenas para conſolação de ſeu Pai; pois não queria, que quem lhe comeo a carne, lhe roeſſe os oſſos. Eu por lhe cumprir a ſua ultima vontade, entrei neſte Labyrintho, e cuidando, que a vaca era carneiro, entrei nella, para ver ſe achava algum oſſo, a tempo que ſe armou huma briga, e veio Voſſa Mageſtade, e acabou-ſe eſta hiſtoria.

*Rei.* Por ſeres fiel a teu amo, te perdoo eſte exceſſo; porém te ordeno, que não venhas mais ao Labyrintho, aliáz te matarei.

*Esfuz.* Sim, Senhor, vá Voſſa Mageſtade deſcançado.

*Rei.* Folgo que ficaſſe deſvanecida a preſumpção de Lidoro: vem, Fedra. *Vai-ſe.*

*Fedra.* Eu te obedeço. *Vai-ſe.*

*Esfuz.* Iſto já anda muito bolido com enganos, e chiſmes de Taramella; hirei aviſar a Tezeo, que ſe çafe daqui para fóra, pois ſe El-Rei me aperta mais, eu ſem eſtar bebado, me esborracho, e lá hia quanto Ariadna fiou. *Vai-ſe.*

*Lidor.* Todos ſe forão, ſó comigo ficou o meu cuidado; pois ainda que o que eſtava eſcondido na Vaca não era Tezeo, como me diſſe Taramella, com tudo póde ſer que a prevenção variaſſe o ſucceſſo, pois nem Taramella me havia de enganar, nem podia deſconhecer o ſujeito, que dentro na Vaca ſe

eſcondeo. Oh funeſto labyrintho de amor, aonde até os deſenganos são confusões!

*Canta Lidoro a ſegunte Aria, e*

RECITADO.

Quem ſerá, juſtos Deoſes,
Eſſe Feliz amante, que eſcondido
De Ariadna no idolo elevado
Victimas ſacrifica?
Quem ſerá (ai de mim!) eſſe gigante
Que a tanto ceo de amor ſubir pertende?
Que ſuppoſto não veja eſſe incentivo
Que meus zelos fabrica,
Com tudo o coração ſempre preſágo
Não ſei que vaticina;
Pois tímido, cobarde, e penſativo,
Cada objecto que vejo, he hum ciume,
E até do que não vejo zelos formo.
Que muito ſe eu de mim, em taes deſvelos,
Por amor de Ariadna tenho zelos!

ARIA.

Qual Leoa embrevecida,
Que ſe vê deſtituida
Do filhinho tenro, e caro,
Que com furias, e bramidos,
Rompe a terra, e fere o ar:
Aſſim eu em meus gemidos
Bramo, peno, ſinto, e choro,
Vendo (oh Deos!) o que eu adoro
Noutros braços deſcançar.

SCE-

## SCENA VI.

*Labyrintho. Sahe Tezeo.*

*Tezeo.* GRande confusão cauſaria a ſubita ruina das columnas, entre cujo horror pudemos ſahir, ſem ſermos notados de ninguem; porém que importa, que de hum ſuſto me redima, ſe de hum cuidado me não ſeparo? Quem ſeria (oh duras penas!) aquelle, que appellidando de ingrata a Ariadna, quiz com inſtrumento de Marte vingar offenſas de amor? Mas quem havia ſer, ſenão Lidoro, tyranno uſurpador de minha fortuna?

*Sahe Ariadna.*

*Ariad.* Tezeo, o amor, e o medo, ambos me derão azas para buſcarte.

*Tezeo.* Olha que vens engadada, pois entendo que buſcas a Lidoro.

*Ariad.* Deixa por ora eſſas loucuras, e failemos no que mais importa.

*Tezeo.* Haverá couſa, que mais importe, que os meus zelos?

*Ariad.* Que zelos? Que Lidoro? Que delirio he eſſe?

*Tezeo.* Pergunta-o ás flores do jardim, que teſtemunharão os reciprocos carinhos, com que attrahiſte a Lidoro, que ao depois na ſala dos enganos, chamando-te ingrata, me intentou matar.

*Ariad.* Quanto ao jardim, logo verás que mais te defendo, do que te offendo; e quanto á

ſa-

ſala dos enganos, ha mais que apurar na tua inconſtancia, que na minha firmeza; pois cuidando tu que eu era Fedra, por quem talvez eſperavas, me diſſeſte que nunca Ariadna te mereceo hum ſó cuidado. Vê agora ſe achas deſculpa a eſte delicto?

*Tezeo.* Ariadna, a lingua não tem mais vozes que as que lhe dicta o coração, aonde ſe conſerva eterno o original de tua belleza, melhor que a tua copia no peito de Lidoro; e aſſim não intentes recompenſar huma fingida offenſa com hum aggravo verdadeiro.

*Ariad.* Para que não formes eſſe conceito contra a minha lealdade, ſaberás que como a Lidoro aborreço a pezar de ſeus extremos, me diſſe hum dia, que a cauſa de meus deſvios era, porque eu te adorava, pois ſabia, que tinhas triunfado do Minotauro. Conſidera tu que ſuſtos eſtes para hum coração amente. E para que zeloſo o não communicaſſe a El-Rei, fui mantendo a ſua eſperança com fingidos carinhos, até que te vieſſe aviſar, para que com a fuga nos iſentaſſemos deſte imminente perigo, que nos eſpera. Vê agora ſe póde ſer desleal, quem tão finamente ſabe ſer amante? Mas como vejo que ſó Fedra te merece cuidados, já não he licito, que eu te acompanhe, mas ſim aviſarte do perigo, por não faltar ao juramento que dei de defender a tua vida, em remuneração da que me deſte no boſque. *Quer ir-ſe.*

*Tezeo.* Eſpera, Ariadna, que não he juſto que

ao

ao meſmo tempo que me deixas agradecido, te auſentes queixoſa. Já ſei o extremo do teu amor; não te perſuadas que Fedra, ſendo capaz para a minha veneração, o poſſa ſer para a minha fineza; tu ſó, beliſſima Ariadna, occupas ditoſamente todo o meu coração; de ſorte que nelle não ha lugar que poſſa accommodar outro objecto.

*Ariad.* Mal te poſſo acreditar, quando eſta noite te ouvi differentes expreſsões. Deixa-me, ingrato, que eſſes affectos ſó são para Fedra-

*Tezeo.* Farás com que deſeſpere na incredulidade de meus extremos.

*Cantão Tezeo, e Ariadna a ſeguinte.*

ARIA A DUO.

*Tezeo.* Tanto te adoro, tanto,
Que em ondas de meu pranto
Fluctua o meu amor.

*Arad.* Tu dizes que me adoras,
Que gemes, e que choras,
Eu não te creio, não.

*Tezeo.* Pois, cruel, para que me creas,
Rompe o peito, abre eſta alma,
Verás nelle o meu ardor.

*Ariad.* Na tua alma, e no teu peito,
Que de enganos acharei?

*Tezeo.* Sómente firmezas,

*Ariad.* Nenhumas finezas

*Ambos.* Neſte peito encontrarás.

*Tezeo.* Oh quem moſtrar pudera!

*Ariad.* Oh quem te conhecera!

*Ambos.* Ingrat$\frac{o}{a}$, mas talvez

Que

Que as chammas, que deſprezas
Em cinzas acharás. *Quer ir-ſe Ariad.*

*Tezeo.* Ariadna, não augmentes a minha deſgraça com a tua ſemrazão.

*Ariad.* Ai que lá vem Fedra! Conſidera, ingrato, ſe ha motivos para a minha queixa.

*Tezeo.* Se Fedra vem, não ſerá, pois eu...

*Ariad.* Não he agora tempo de ouvir deſcûlpas, ſó tomára eſconder-me, para que me não viſſe.

*Tezeo.* No concavo deſſa columna ha hum limitado gabinete, em que apenas cabem duas peſſoas, eſconde-te, já que aſſim o queres.

*Ariad.* Obſervarei as tuas falſidades. *Eſconde-ſe.*

*Tezeo.* Qual ſerá o intento de Fedra? Queira amor não ſe encontre com o de Ariadna.

*Sahe Fedra.*

*Fedra.* Tezeo, parece que querem os fados ſeja eu ſempre tutelar de tuas infelicidades, a pezar de tuas ingratidões; e porque huma vez empenhada a defender a tua vida não era juſto deſiſtiſſe deſte nobre intento; ſabe que já em Palacio ha claros indicios de que eſtás vivo; e aſſim, antes que ElRei o chegue a ſaber, trata de auſentarte com a brevidade poſſivel.

*Tezeo.* Será forçoſo ſeguir o teu conſelho.

*Ariad.* Não ſei que intenta Fedra com tantos extremos!

*Fedra.* E pois não ignoras que eu fui o inſtrumento da tua vida na morte do Minotauro, para que ſe não venha a ſaber, que eu dei armas contra eſſe monſtro, e ſinta a indi-

dignação d'ElRei, ſerá forçoſo que me leves comtigo para Athenas ſe acaſo o dar-te duas vezes a vida te póde fazer menos ingrato.

*Tezeo.* Notavel empenho! Que reſponderei a Fedra, ouvindo-me Aridna? *á part.*

*Ariad.* E que vieſſe Fedra pôr o ultimo fim á minha deſgraça! *á part.*

*Fedra.* Não me reſpondes? Porém nada me digas, que ſe eu tivera os meritos de Ariadna, talvez foſſe venturoſa a minha ſupplica.

*Tezeo.* Não crimineis a Ariadna, pois nella nunencontrei huma ſó piedade, nem creio que huma lembrança; pois he ſem duvida que imaginará, que eſtou morto.

*Ariad.* Bem fez Tezeo em negallo.

*Fedra.* Como póde ſer que Ariadna ignore que tu és vivo, ſe na ſala dos enganos eſta noite, aonde te diſſe, me eſperaſſes, eſtando tu comigo?...

*Tezeo.* Eſpera que eſtás enganada, pois não indo eu á ſala dos enganos, mal te podia fallar. Oh que incentivo, para os zelos de Ariadna! *á part.*

*Ariad.* Por iſſo o traidor me chamava Fedra, cuidando que fallava com ella.

*Fedra.* Se huma evidencia intentas contradizer, já não tenho mais que te arguir; e aſſim, Tezeo.....

*Sahe Eſfuziote.*

*Eſfuz.* Senhor, eſconda-me por vida ſua, que ahi vem ElRei, e ſe me vê, certamente me enlabyrintha para ſempre. Ai deſgraçado Eſfuziote! *Te-*

*Tezeo.* Que dizes? ElRei vem ahi?

*Esfuz.* Sim Senhor, ElRei em peſſoa: eſcondamo-nos depreſſa.

*Fedra.* Ai de mim ſe ElRei me vê; pois tenho inviolavel preceito para não vir ao Labyrintho! Tezeo, eſconde-me antes que perigue a minha vida.

*Ariad.* Que notavel deſgraça ſe ElRei vir a Tezeo!

*Tezeo.* Eſte ſim, que he verdadeito labyrintho em que me vejo; pois não ha aonde eſconder a Fedra, ſenão aonde eſtá Ariadna! Que farão ſe ſe encontrão?

*Fedra.* Tezeo, eſconde-me, e tu tambem para que ElRei não nos veja.

*Esfuz.* Senhor, eſconda-me a mim ſe quer.

*Tezeo.* Senhora, o lugar que ha capaz para eſſe miniſterio, apenas he ſufficiente para occultar huma peſſoa; e aſſim hum de nós ha de ficar expoſto ao perigo de ElRei nos ver.

*Esfuz.* Senhor, veja que Dedalo da outra vez diſſe, que alli cabião duas peſſoas; e aſſim eu, e a Senhora Fedra bem cabemos nelle.

*Fedra.* Pois Tezeo, perigue a minha vida, antes que a tua; que melhor he conſervar a hum morto, que livrar da morte a hum vivo.

*Ariad.* Oh quanto invejo aquella finezas de Fedra!

*Tezeo.* Não he razão, Senhora, que eu por ſalvar a minha vida, exponha a voſſa ao perigo; occultai-vos, que o tropel já vem perto. Perdoe Ariadna, que eſta acção he filha do meu brio, e não do meu amor. *á part.*

*Fedra.* E ſe fores viſto d'ElRei, que ſerá de ti?

*Te-*

*Tezeo.* O mais que póde fazer he matar-me; anda, eſconde-te já.

*Esfuz.* E eu, Senhor, aonde? he boa graça!

*Fedra eſconde-ſe aonde eſtá Ariadna, e ſahe eſta.*

*Ariad.* Pois não ha de ſer aſſim, que Tezeo não ha de ficar expoſto ao rigor d'ElRei. Tezeo, ſe tu por ſalvar a Fedra expões a tua vida; eu por redemir a tua offereço a minha: anda, eſeonde-te aonde eu eſtava, que iſto he ſaber conſervar a tua vida.

*Tezeo.* Ariadna, eſſe exceſſo tranſcende aos limitis da maior fineza; torna a eſconderte, ſenáo por Jupiter ſoberano te juro, que ambos aqui ficaremos.

*Esfuz.* Melhor ſerá que neſſe lugar me eſcondáo a mim.

*Ariad.* Primeiro eſtá a tua vida.

*Tezeo.* A tua eſtá primeiro.

*Fedra.* Aquella he Ariadna; quem vio maior confuſão? Ah traidor Tezeo!

*Tezeo.* Occulta-te, Ariadna, que eu buſcarei induſtrias que me defendão.

*Esfuz.* Senhor, que diabo he iſto? Não ouvem a eſtropeada já neſſa caſa viſinha?

*Ariad.* Como te não queres occultar, quero conſervar a minha vida, para defender a tua.

*Eſconde-ſe Ariadna. Sahe ElRei ſem olhar para Tezeo.*

*Esfuz.* E agora, Senhor Tezeo?

*Tezeo.* Põem-te atraz de mim, e ſegue os meus movimentos.

*Rei.* Já parece que he tempo de perdoar a Deda-

dalo o delicto de fabricar a Vaca para Pazife, pois baſtante caſtigo he a dilatada, e horroroſa prizão, em que eſtá, e com o motivo de ſua liberdade poder-me-ha declarar todos os artificios deſte Labyrintho, que muitos ignoro, como o de cahirem as columnas na ſala dos enganos.

*Tezeo.* Em grande perigo eſtou! Valha-me todo o meu valor, e toda a minha induſtria.

*Esfuz.* Eu eſtou aqui tão agarrado como piolho ladro em ſovaco de almocreve.

*Vai-ſe ElRei voltando para Tezeo.*

*Rei.* Eu me reſolvo; eu vou a libertar a Dedalo. Mas ai de mim! Que he o que vejo? Parece que ſe me figura naquella errada ſombra a imagem de Tezeo! Ai infeliz, que os cabellos ſe me erição!

*Tezeo.* ElRei ſe aſſuſtou de verme; pois o ſeu engano me valha. *á part.*

*Esfuz.* Ah Senhor, já que me leva ao reboque, não haja por ora vento em popa.

*Rei.* Palida ſombra, vago horror da antaſia, que pretendes de mim?

*Tezeo.* Barbaro Rei, eſta que vês em corporea fórma he a alma de Tezeo que errante por eſte Labyrintho vem a noticiarte da parte de Plutão, ſupremo Juiz do Cocyto, a tua malevolencia, e injuſtiça, com que tyrannamente me uſurpaſte a vida, para que vivas na certeza, que hão de os Deoſes vingar a minha morte com o eterno ſupplicio que te eſpera.

*Es-*

*Esfuz.* Ninguem faz papel de defunto como meu amo! Andar, ſe não ſomos duas almas em hum corpo, ao menos ſomos dous corpos em buma alma.

*Rei.* Não me horrorizes mais, funeſto eſpectaculo; já ſei, que fui cruel para comtigo.

*Esfuz.* Ai que nos vamos ſubmergindo! Não ſerá a primeira vez que os amos levem comſigo os criados ao inferno.

*Tezeo com paſſos vagaroſos ſe metterá na mina com Esfuziote, de ſorte que a eſte o não veja El Rei.*

*Ariad.* Com bella induſtria ſe livrou Tezeo!

*Fedra.* Notavel idéa por certo!

*Rei.* Quaſi que não tenho alentos para reſpirar. Olá da minha guarda, acudão todos.

*Sahe Tebandro, e Soldados.*

*Teband.* Senhor, que te ſuccedeo? Que tens, que tão pállido o teu ſemblante nos informa de algum extraordinario ſucceſſo?

*Rei.* Não ſei ſe poderei dizer o que vi, que o ſuſto me privou do uſo de todos os ſentidos.

*Teband.* Conta-me, Senhor, a cauſa de tanto exceſſo.

*Rei.* Tebandor, eu vi diſtinctamente neſte lugar huma agigantada, diſforme, e horroroſa vizão, que caminhando para mim com paſſos lentos, e vagaroſos, me diſſe com voz irada, e rouca, ſer o eſpirito de Tezeo, que da parte de Plutão me vinha notificar, que pela injuſta morte, que lhe dei, ſe me eſperava hum eterno tormento; e com iſto, abrindo-

ſe

ſe a terra com eſpantoſo bramido, o ſepultou em ſuas entranhas.

*Ariad.* Sempre o medo repreſenta maior os objectos.

*Teband.* He caſo verdadeiramente notavel! Vem, Senhor, a prevenir algum remedio a eſſe ſuſto.

*Rei.* Vamos, Tebandro: e vós outros cerrai as portas deſte Labyrintho com traveſſas, além das guardas, para que fique inhabitavel para ſempre eſte cadafalſo, aonde ouvi a ſentença de minha condemnação.

*Teband.* Senhor, e Dedalo, e o Minotauro?

*Rei.* Morra Dedalo, pereça o Minotauro; pois hum, e outro forão inſtrumentos de meu precipicio. *Vão-ſe.*

*Sahem da columna Ariadna, e Fedra.*

*Ariad.* ElRei (ai deſgraçada!) manda fechar o Labyrintho; como ſahiremos daqui?

*Fedra.* A que fim, Ariadna, vieſte ao Labytintho?

*Ariad.* A repoſta que tu me havias de dar, ſe eu o meſmo te perguntara, ſervirá, para a tua pergunta; mas agora não he tempo de averiguar zelos, quando maior cauſa nos afflige.

*Fedra.* Nunca me enganei, que Tezeo amava a Ariadna. *á part.*

*Ariad.* Que dizes, Fedra, da noſſa deſgraça?

*Fedra.* Deixa-me, que o coração dividido a ſentir tantos golpes, não ſabe diſtingir os ſentimentos.

*Ariad.* Aonde eſtará Tezeo? Tezeo?

*Sahem da mina Tezeo, e Esfuziote.*

*Tezeo.* Apenas ſaio de hum perigo, quando logo me vejo em outro maior! *Es-*

*Esfuz.* Não ha couſa como ſervir a Principes, que ainda depois de mortos amparão os criados.

*Ariad.* Não cuides, Tezeo, que quero arguirte de tuas falſidades, vendo aqui a Fedra; ſó quero dizerte, que ElRei mandou ſechar o Labyrintho: vê como havemos daqui ſahir, com tal brevidade, que ElRei nos não ache menos em Palacio; e quando por mim o não faças, faze-o por Fedra, que tanto te merece.

*Esfuz.* Ainda mais eſſa temos? Em boa me vim eu meter!

*Fedra.* Não te perturbes, Tezeo, nem o meu reſpeito te obrigue a ſer menos exrremoſo para com Ariadna, de cuja vida compadecido, vê como has de livralla, que pelo meſmo caminho, que a libertares, me ſalvarei á ſua ſombra, ſó por te não merecer algum favor eſpecial.

*Tezeo.* Que farei em tão precipitado empenho?

*Esfuz.* Senhores, Voſſas Altas Potencias deixem por ora couſas, que não vão, nem vem; cuidemos em materias de vir, e hir daqui para fóra, não tanto pelas Senhoras Infantas, quanto por mim, que tenho occupação no Paço, e não ſerá razão que falte ás obrigações d'ElRei meu amo.

*Ariad. e Fedra.* Que dizes, Tezeo?

*Esfuz.* Senhor, diga alguma couſa pois já ſe não póde livrar das ballas deſta Infantaria.

*Tezeo.* Senhoras, não vos affijais que tudo terá remedio. Dedalo, Dedalo, pódes ſubir ſem ſuſto.

*Sa-*

*Sabe Dedalo da mina.*

*Dedal.* Que me ordenas? Mas que vejo! Aqui Voſſas Altezas?

*Ariad.* Dedalo, ſabe que tambem viemos a ſer companhairas na tua deſgraça.

*Fedra.* Quem te diſſera, que para noſſo eſtrago fabricavas eſte Labyrintho!

*Dedal.* São altas diſpoſiçõeſ dos Deoſes, que ſe não podem evitar.

*Tezeo.* Dedalo, por ſucceſſos de amor, e fortuna, ſe achão aqui hoje as Infantas; o Labyrintho por ordem d'ElRei eſtá fechado, vê por onde havemos de ſahir?

*Dedal.* Por aquella mina, que vai ter ás ribeiras do mar, como ſabes, pois não ha outro caminho.

*Tezeo.* Bem advertiſte.

*Dedal.* Oh quanto me peza haver fabricado eſte Labyrintho!

*Eſfuz.* O certo he que eſte labyrintho, em que eſtamos, não o fabricou o Senhor Dedalo.

*Ariad.* Pois quem foi?

*Eſfuz.* Foi o amor, que he maior architecto que quantos Dedalos ha no mundo; e ſe o querem ſaber, dem-me attenção a eſte.

SONETO.

Ser labyrintho amor, ninguem duvída,
Que eſte rapaz cruel, cego frecheiro,
Frabricou, como quiz, meſtre pedreiro,
Dentro de huma alma hum beco ſem ſahida.
O magano tomou bem a medida;
Valha-te o diabo amor, que és marralheiro,

Pois

Pois por dar cos narizes num ſedeiro
No alfuje de hum rigor lança huma vida!
Anda neſte Palacio, o mais diffuſo,
O triſte coração num corropio,
Porque todo o querer he parafuſo:
E por mais que da idéa arda o pavio,
Em trocicolos mil ſe vê confuſo,
Pois ſempre no melhor ſe quebra o fio.

*Ariad.* Na tua toſca fraze diſſeſte verdades puras.
*Esfuz.* Que me faça bom proveito.
*Tezeo.* E pois eſtá determinado o fugirmos pela mina, para nos traſportarmos para Athenas, ſerá preciſo que vá Esfuziote logo com joias a fretar huma náo, e que junto á mina tenha eſcaleres promptos para o embarque, ſem que declare ás peſſoas, que hão de hir nella, e te eſperemos na boca da meſma mina, ao dares ſenha, que ſerá eſta: *Venhão, Senhores*: e já que até o preſente tens ſido fiel, eſpero que com eſta acção coroes a tua fidelidade.
*Esfuz.* Eſtá muito bem, mas ſaibamos por onde hei de hir eu?
*Tezeo.* Por aquella mina, que vai dar ao mar.
*Esfuz.* Qual mina? Aquella onde cahio ſemivivo o Senhor Minotauro! De burro que eu tal vá.
*Tezeo.* Tu bem viſte que o Minotauro cahio morto, e já náo pódes ter medo, pois Dedalo, eu, e tu eſtivemos agora neſta mina.
*Esfuz.* Eu com o medo náo ſei aonde me meti e era eu capaz naquella hora de metter-me

pelo fundo de huma agulha, que tão peque-no me reduzio o pavor: com que, Senhor, eu não vou pela mina, que o meſmo ſerá lembrar-me no caminho o Minotauro, que fi-car tolhido ſem poder dar hum paſſo.

*Dedal.* O' Esfuziote, parece mal dizer hum ho-mem que tem medo.

*Esfuz.* Pois os homens são os que tem medo, que quanto aos animaes, eſſes inveſtem como brutos.

*Fedra.* Pois como ha de ſer, que cada vez ſe difficulta mais a noſſa liberdade?

*Dedal.* Eu darei o remedio: como Esfuziote recuſa hir pela mina, hirá pelo ar com hu-mas azas, que lhe hei de pôr, e com ellas voará tão ſeguro, como qualquer ave.

*Tezeo.* Agora não tens deſculpa; que dizes, Es-fuziote?

*Esfuz.* Iſſo tem que cuidar: vamos, que enten-do que para iſto de voar não ſerei deſaza-do: venha, Senhor Dedalo. *Vai-ſe.*

*Dedal.* Tu verás o meu artificio. *Vai-ſe.*

*Fedra.* Tezeo, eſpero de ti que em Athenas ſaibas agradecer as finezas que me deves. *á parte e vai-ſe.*

*Tezeo.* Tu verás a minha conſtancia. *á p. para Fed.*

*Ariad.* Em fim me levas a mim, e a Fedra? Já ſei que vou experimentar, ingrato, as tuas inconſtancias. *Vai-ſe.*

*Tezeo.* Não temas variedades no meu amor. Oh Deoſes ſoberanos, ſe for ingrato á Fedra, não me cremineis; pois não podendo ſer eſpoſo de am-

ambas, e a ambas devendo iguaes finezas, razão será que fique isenta a vontade para preferir a Ariadna. *Vai-se.*

## SCENA VII.

*Bosque, e marinha, como no principio, e a mesma gruta, mas desfeita; e dizem dentro o seguinte.*

*Rei.* BUsquemos todos as Infantas, não fique penha, ou tronco, por mais inculto, que o nosso cuidado não investigue. *Dentro.*

*Lidor.* Ariadna, aonde te escondem os teus desvios? *Dentro.*

*Tehand.* Querida Fedra, quem te aparta dos meus olhos? *Dentro.*

*Todos.* Busquemos as Infantas, que não apparecem. *Dentro.*

*Sahem Sanguixuga, e Taramella.*

*Sang.* Ai desgraçada, que Fedra amolou as palanganas!

*Taram.* Que será de V. m. minha tia?

*Sang.* Que será de ti, minha sobrinha?

*Ambas.* Que será de nós?

*Taram.* E o peior he que o Senhor Tezeo entendo fugiria com Ariadna, e hirá cazar com ella. Ah cruel Tezeo, que me deixaste burlada!

*Sang.* Antes cuido que hirá casar com Fedra, que por mim em certa occasião lhe mandou huma banda.

*Taram.* Ou case com huma, ou com outra, eu fiquei chuchando no dedo.

*Sang.* E eu ſem Embaixador, por meus peccados!

*Taram.* E ſobre não caſar comigo, levar-me a joia, que me deo Lidoro, que nella tinha o meu dote!

*Sang.* E a mim a joia que me deo Tebandro!

*Taram.* Oh Principe de huma balla, os diabos te levem.

*Sang.* Oh Principe de huma figa, má raios te partão.

*Taram.* Eu ſem Ariadna, e ſem joia!

*Sang.* Eu ſem joia, e ſem Fedra!

*Ambas.* Que ſerá de mim?

*Vai-ſe Sanguixuga, e apparece Esfuziote com as azas voando.*

*Esfuz.* Nenhum alcoviteiro ſe vio até o preſente em maiores alturas! Iſto he que he ſubir de hum pullo! Agora nada me dá cuidado com ter tantas penas, pois nunca me vi tão deſempenado como agora, que me vejo com azas: eu em minha conſciencia, ſe quizer, daqui poſſo mijar no mundo.

*Taram.* Cada vez que cuido naquelle inſolente, não ſei como não deſeſpero.

*Esfuz.* Ora olhemos agora cá para baixo. Muito grande he o mundo! Ai que lá eſtá Taramella feita mulher do mundo! Pois eu quero debicar hum pouco com ella: trás. *Chegando-ſe ao ouvido de Taramella.*

*Taram.* Ai! Que bizouro me anda pelos ouvidos?

*Esfuz.* Trás tris.

*Taram.* Xó daqui maldito bizouro.

*Esfuz.* Adeos, Taramella, trás.

*Tara-*

*Tezeo.* Quem me falla ao ouvido, ſe aqui não eſtá ninguem?

*Esfuz.* Taramella, Tezeo querte muito, mas he aqui para traz.

*Taram.* Quem he que me falla? Iſto he encanto.

*Esfuz.* Amor, que tem azas, he o que falla.

*Taram.* Aonde eſtás?

*Esfuz.* Aqui atraz.

*Taram.* Que he o que vejo? Não és tu, fingido ingrato Tezeo, a quem ſem duvida os Deoſes, por caſtigo da tua falſidade, em ave te convertêrão? Anda cá para baixo, que eu te abaterei os voos.

*Esfuz.* A quem não attrahirão aquelles doces reclamos? *Deſce.* Ai Taramella, que já preza a minha liberdade no viſgo dos teus olhos, deixo por elles o ceo de Venus, em que me vi, pela eſféra de tua belleza, em que me abrazo.

*Taram.* Agora que cahio no laço, não me eſcapará. *á part.*

*Esfuz.* Vês, tyranna, que as tuas falſidades me fazem aereo?

*Taram.* Quem deo eſſas azas a Voſſa Alteza?

*Esfuz.* Das penas que me dás, naſcêrão as azas que me vês.

*Taram.* Bem ſei que penas lhe cauſo, e ſó Ariadna lhe dá glorias.

*Esfuz.* Não queiras, traidora, com eſſe fingimento encobrir o engano de me mandares metter na Vaca, para tomar degoladouros na eſpada de Lidoro, a quem duas vezes mixiriqueira intentaſte entregar-me; vai te, que já com-

ti-

tigo não quero nada, pois para fugir de ti já tenho azas.

*Taram.* Quem me dera que viesse alguem, para o agarrar, e entregallo a ElRei; porém eu o deterei com carinhos. *á part.* Meu Senhor, meu esposo, meu bem, meu, meu . . . .

*Esfuz.* Calte, calte, Taramella, que estás taramellando?

*Taram.* Eu . . . porque foi o meu amor . . . . porque os zelos . . . mas eu prometto . . .

*Esfuz.* Nada, nada, não admito lograções; já sou passaro çafaro, que não caio com essa facilidade.

*Taram.* Olhe, verá que nunca mais, nunca mais.

*Canta Esfuziote a seguinte Aria, e*

RECITADO.

Deixa-me, fucinhuda Taramella,
Que eu não quero cahir nessa esparrella
Tu falsa, tu cruel, tu aleivosa,
Com fucinho de gata langanhosa,
Querias em taes penas
Que ficasse sem filho ElRei de Athenas?
Pois hum chuço amolado que te passe,
Huma faca flamenga que te espiche,
E huma bomba de fogo que te esguiche.

ARIA.

Não ha cousa como ver
Huma destas presumida,
Mui lambida, e deslambida,
Com mil chularias,
Com caras de monos,
Com unhas de arpias,

Chu-

Chupando-me o ſangue,
Roendo-me os oſſos,
Deixando-me em pelle,
E depois de chuchado, roido, e lambido,
Me prega hum gatafio:
Iſto he amor? Arrelá!
Hei de amarte? Iſſo não.

*Sahe Sanguixuga.*

*Sang.* Ai rapatiga, que quanto mais buſcão as Infantas, menos ſe achão.

*Taram.* Tia, agora he tempo de recuperarmos as noſſas joias; ajude-me á pegar neſte traidor: venhão, Senhores.

*Pegão em Esfuziote, e lhe tirão as azas.*

*Esfuz.* Deſſe-me rio eu, pois tenho azas *ad volandum.*

*Taram.* Arranquemos-lhe as azas para que não fuja.

*Sang.* Agora pagará tudo junto: venhão todós.

*Esfuz.* Não me agarres, Sanguixuga; olha que deito ſangue.

*Taram.* Venhão, Senhores.

*Esfuz.* Calte, tolla, não digas tão alto: venhão Senhores.

*Tezeo.* Alli diſſe Esfuziote, venhão Senhores vámos ſahindo.

*Dentro Sahem ElRei, e Tebandro por huma parte, e pela gruta hirão ſahindo diante Dedalo, Fedra, e Ariadna, que ficará com as coſtas na gruta.*

*Rei. e Teband.* Que he iſto aqui?

*Taram.* Eis-aqui quem te póde dar conta das Infantas.

*Ari-*

*Ariad.* Ai de mim, que Esfuziote nós entregou! *á part.*

*Fedra.* Fujamos outra vez.

*Dedal.* Oh que desgraça!

*Esfuz.* Desta ninguem se livra. *á part.*

*Rei.* Traidoras, aleivosas, viboras mal nascidas, como atropelando a minha authoridade, e o vosso decoro desta sorte.... Porém a minha vingança suprirá as minhas vozes.

*Vai para ambas.*

*Fedra. e Ariad.* Não ha quem me ampare?

*Teband.* Senhor, Vossa Magestade advirta.

*Tezeo.* Anda, Ariadna, desvia-te da boca da mina; deixa-me sahir.

*Ariad.* Espera hum pouco.

*Rei.* E tu, aleivoso Dedalo, como te atreves a ver a face do Sol, e a minha quando a tua insolencia... *Tambores dentro.*

*Dentro.* Arma, arma, guerra, guerra.

*Sahe Lidoro.*

*Lidor.* Senhor, estamos perdidos, pois de improviso nós vemos cercados de huma poderosa armada de Athenas, e já muita parte dos Soldados tem desembarcado.

*Rei.* Pois vamos a resistir-lhes: ai de mim, quantos golpes penetrão este afflicto coração!

*Esfuz.* Quanto folgo!

*Licas.* Não fique pedra sobre pedra, que não prostrem as nossas armas. *Dentro.*

*Lidor.* Senhor, he já quasi impossivel a defensa, pois os esquadrões tudo vem destruindo.

*Tezeo.* Que he o que ouço? Desvia-te, Ariadna.

*Ariad.* Espera, não te sobresaltes. *Te-*

*Teband.* Vamos, Senhor, que o meu valor saberá castigar aos Athenienses.

*Ao querer entrar, sahem Licas, e Soldados, e tocão tambores.*

*Licas.* Dá-te á prizão, barbaro Rei; pois já te não pódes livrar do nosso furor.

*Rei.* Oh tyranna sorte! Para isto me dilataste a vida, supremo Jove?

*Licas.* Para que vejas, tyranno Rei, que Athenas sabe vingar a morte de seu Principe Tezeo, já que cruel, sem arenderes a seu regio sangue, o fizeste reo da mais afrontosa morte, em cuja vingança, destruido o teu Reino, serás com toda a tua familia levado para Arenhas, a seres despojo de nossas armas.

*Teband. e Lidor.* Que desgraça!

*Ariad. e Fedra.* Que desventura!

*Esfuz.* Que regias folganças!

*Rei.* Oh quem tivera a Tezeo vivo! Mas em vão são os meus desejos.

*Taram.* Senhor, não se amosine, que Tezeo está vivo, que he este que aqui está disfarçado em Esfuziote.

*Sang.* Sim, Senhor, eu, e minha sobrinha só sabiamos este segredo.

*Rei.* Deixai-me, tontas.

*Esfuz.* Calem-se cavalgaduras.

*Licas.* Anda, Minos.

*Sahe Tezeo.*

*Tezeo.* Espera Licas, que ainda sou vivo, pela piedade de huns generosos affectos, que constantes me redemirão, livrando-me do Labyrin-

rin-

rintho, e matando o Minotauro, cessando a ruina da nossa Patria na extinção desse monstro.

*Licas.* Deixa-me, Senhor, prostrar-me a teus pés: que feliz nova para ElRei teu Pai, que já te julgava morto aos impulsos dessa féra!

*Lid. e Teb.* Que extraordinaria maravilha!

*Rei.* Tezeo, a teus pés rendido te peço perdão da inhumanidade, que usei comtigo; e pois das tuas armas me vejo hoje prisioneiro, peço-te te compadeças de huma desgraçada velhice.

*Esfuz.* Vejão como desandou a roda; e o que vai de moer a ser moido, pois Minos de author veio a ser reo!

*Fedra. e Ariad.* E se acaso, Senhor, as nossas lagrimas tem algum valimento na tua piedade, por ellas perdoa a nosso Pai.

*Tezeo.* Senhoras, basta Minos ser vosso progenitor, para que não só lhe restitua a liberdade, mas tambem o Reino; e para completar a minha, e a sua fortuna, Ariadna ha de ser hoje minha esposa, em premio das finezas que lhe devo, e por não faltar ao juramento que lhe dei.

*Ariad.* Ditoso amor que de tantos impossiveis se vê já triunfante!

*Fedra.* Infeliz eu, que malogrei tantas finezas! *á p. Rei.* Venturosa bonança depois de tanta tormenta! E agora em Tezeo, que reputado por morto matou o Minotauro, se verifica o Oraculo de Venus, pois Tezeo foi o vivo morto na extinção do Minotauro.

*Lidor.*

*Lidor.* Ah cruel Ariadna ; que para ver a tua falsidade sustentaste de enganos a minha esperança ! Logra tu esse Hymenêo , que eu herei sentir a minha sorte infeliz.

*Teband.* Senhor , nesta occasião he justo que os favores de Fedra premieem as minhas firmezas.

*Rei.* Fedra , reconhece a Tebandro por teu esposo.

*Fedra.* Não posso resistir ao teu imperio. Obedeçamos aos fados. *á part.*

*Licas.* Oh quanto estimo esta concordia !

*Tezeo.* E tu , Dedalo , vem comigo para Athenas a receber o premio de tua lealdade.

*Dedal.* Não quero mais premio que a tua felicidade.

*Sang.* E que ficasse eu lograda , sem joias , e sem Embaixador !

*Taram.* Basta , Esfuziote , que me enganaste , dizendo-me que eras Tezeo , para que tantas vezes enganasse a Lidoro ?

*Esfuz.* Não se perdeo mais que o feitio ; porém posso affirmar-te , que te não enganei ; pois quem duvida que quando eu era menino , era infante ? porém se só he Principe , quem faz acções generosas , eu quero fazer huma estupenda que he casar comtigo ; porque em sua casa cada hum he Rei , e senhor de seus narizes ; venha a mão , Taramella , com licença dos Senhores.

*Taram.* Do mal o menos , vá feito.

*Rei.* Repitão todos os vivas desta soberana gloria.

*Tezeo.* Esperai que primeiro Lidoro me ha de dar hum retrato de Ariadna , que fingidamente lhe dou. *Lidor.*

*Lidor.* Razão tendes; tomai-o que não he bem que conserve a verdadeira copia de hum falso original. *Dá o retrato.*

*Tezeo.* Agora sim, publiquem todos o maior triunfo de Cupido, confessando que só o amor he o verdadeiro labyrintho.

*Esfuz.* Vá de festa, e folía, celebrando-se este despozorio com harmoniosas vozes.

## CORO.

Numa alma inflammada
De amor abrazada
Cruel labyrintho
Fabrica o amor.
Porém quem espera
O bem de huma féra,
Acertos de hum cégo,
De hum monstro favor?

## FIM.

GUER-

# GUERRAS DO ALECRIM, E MANGERONA,

OPERA JOCOSERIA,

Que se representou no Theatro do Bairro Alto de Lisboa, no Calnaval de 1737.

---

## INTERLOCUTORES.

D. Gilvaz.
D. Fuas.
D. Tiburcio.
D. Lanserote, *Velho.*
D. Cloris. } *Sobrinhas de D. Lanserote.*
D. Nize. }
Sevadilha, *Graciosa, Criada.*
Fagundes, *Velha, Criada.*
Simicupio, *Gracioso, Criado de D. Gilvaz.*

## SCENAS DA I. PARTE.

I. *Prado, com casaria no fim.*
II. *Camera.*
III. *Praça.*
IV. *Gabinete.*

## SCENAS DA II. PARTE.

I. *Praça.*
II. *Sala.*
III. *Camera.*
IV. *Praça.*
V. *Camera.*
VI. *Jardim.*
VII. *Sala.*

PAR-

# PARTE I.

## SCENA I.

*Prado, com cafaria no fim. Sahem D. Cloris, D. Nize, e Sevadilha com os roſtos cubertos; e D. Fuas, D. Gilvaz, e Simicupio, ſeguindo-as.*

*D. G.* DIana deſtes boſques, ceſſem os acelerados deſvios deſſe rigor, pois quando remora me ſuſpendeis, ſois iman, que me attrahis. *para D. Clor.*

*D. F.* Flora deſtes prados, ſuſpendei a fatigada porfia de voſſo deſdem, que eſſa diſcorde fuga com que me deſenganais, he armonioſa attracção de meus carinhos; pois nos paſſos deſſes retiros fórma compaſſos o meu amor. *para D. Nize.*

*Simic.* E tu, que vens atraz, ſerás a ſiringa deſtas brenhas; e para o ſeres com mais propriedade, deixa-te ficar mais atraz, pois a pezar dos eſguichos de teu rigor, hei de ſer conglutinado raboleva das tuas coſtas. *para Sevadilha.*

*D. Clor.* Cavalheiro, ſe he que o ſois, peço-vos, me não ſigais, que mal ſabeis o perigo, a que me expõe a voſſa porfia. *para D. G.*

*D. G.* Galhardo impoſſivel, em cujas nubladas eſcé-

esféras ardem occultos dous soes, e se abraza patente hum coração; permitti que esta vez seja fineza a desobediencia; porque seria aggravo de vossos reflexos negar-lhe o inteiro culto na visualidade desse esplendor; porque assim, formosa Ninfa, ou hei de ver-vos, ou seguir-vos, porque conheça, já que não o sol desse oriente, ao menos o oriente desse sol.

*D. Clor.* Que será de mim, se este homem me seguir? *á part.*

*D. Niz.* Já parece teima essa porfia: vêde, Senhor, que se me seguis, que impossibilitais o meio para ver-me outra vez.

*D. F.* Para que são, bellissimo encanto, esses avaros melindres do repudio? Se já começeis a querer-vos, como posso deixar de seguir-vos? Pois até não saber, ou quem sois, ou aonde habitais, serei eterno gyrasol de vossas luzes.

*Sevad.* Ora basta já de porfia, senão vou revirando. *para Simicupio.*

*Simic.* Tem mão, Sargeta encantadora, que com embiocadas denguices feita papão das almas, encobres olho e meio, para matares gente de meio olho: escusados são esses esconderêlos, pois pela unha desse melindre conheço o leão dessa cara.

*D. Clor.* Isso já parece teima.

*D. G.* Isto he querer-vos.

*D. Niz.* Isso he porfia.

*D. F.* He adorar-vos.

*Sevad.* Isso hé empurração.

*Simic.* A'gora, isto he bichancrear, pouco mais, ou menos. *D. G.*

*D. G.* Senhoras, para que nos cansamos? Ainda que pareça grosseria não obedecer; entendei que a nossa curiosidade, e amor não permittirá que vos ausenteis, sem ao menos com a certeza de vos tornarmos a ver, dando-nos tambem o seguro de onde morais, para que possa o nosso amor multiplicar os votos na peregrinação desses animados templos da formosura.

*D. F.* Eis-alli, Senhora, o que queremos.

*Sevad.* Em termos sem tirar, nem pôr.

*D. Clor.* Pois, Senhor, se só por isso esperais, bastará que esse criado nos siga; porque de outra sorte destruis o mesmo que edificais.

*D. G.* E admittireis a minha fineza?

*D. Clor.* Sendo verdadeira, porque não?

*D. F.* Admitireis os repetidos sacrificios de meu amor?

*D. Niz.* Sim, se for amor constante.

*D. G. e D. F.* Quem essa dita me abona?

*D. Niz.* Este ramo de Mangerona. *para D. F.*

*D. F.* Na minha alma o desporei, para que sempre em virentes pompas se ostente troféo da Primavera.

*D. G.* Mereça eu igual favor para segurança da vossa palavra.

*D. Clor.* Este ramo de Alecrim, que tem as raizes no meu coração, seja o fiador que me abone.

*D. G.* Por unico na minha estimação será este Alecrim o Fenix das plantas, que abrazando-se nos incendios de meu peito, se eternizará no seu mesmo ardor.

*Simic.* Isso he bom, segurar o barco; mas a taci-

tacita hypotheca não me cheira muito digão o que quizerem os Jardineiros.

*D. Clor.* Cada huma de nós eſtima tanto qualquer deſſas plantas, que mais facil ſerá perder a vida, do que ellas percão o credito de verdadeiras.

*Simic.* Ai! Baſta, baſta, já aqui não eſtá quem fallou: voſſas mercês perdoem, que eu não ſabia que erão do rancho do Alecrim, e Mangerona: reſta-me tambem, que tu coſinheiraſinha vivas arranchada com alguma ervinha, que me dês por prenda, pois tambem me quero ſegurar.

*Sevad.* Eis-ahi tem eſſe malmequer, que eſte he o meu rancho; eſtimeo bem, não o deixe murchar.

*Simic.* Ditoſo ſeria eu, ſe o teu malmequer ſe murchaſſe.

*D. Clor.* Pois, Senhor, como eſtais ſatisfeito, deſejarei eſtimaſſeis eſſe ramo, não tanto como prenda minha, mas por ſer de Alecrim.

*D. Niz.* O meſmo vos recommendo da Mangerona.

*D. Clor.* Advertindo, que aquelle, que mais extremos fizer a noſſo reſpeito, coroará de triunfos a Mangerona, ou Alecrim, para que ſe veja qual deſtas duas plantas tem mais poderoſos influxos para vencer impoſſiveis.

*D. Niz.* Deſejára, que triunfaſſe a Mangerona. *Vai-ſe.*

*D. Clor.* E eu o Alecrim. *Vai-ſe.*

*Sevad.* Cuidado no malmequer. *Vai-ſe.*

*Simic.* Cuidado no bem-mequer.

*D. G.* O' Simicupio, vai ſegindo-as, para ſabermos aonde morão; anda, não as percas de viſta.

*Simic.* Ellas já lá vão a perder de viſta; mas eu pelo faro as encontrarei, que ſou lindo perdigueiro para eſtas caçadas. *Vai-ſe.*

*D. F.* Quem ſerão, amigo D. Gilvaz eſſas duas mulheres?

*D. G.* Eſſa pergunta não tem repoſta, pois bem viſtes o cuidado, com que vendárão o roſto, para ferir os corações como Cupido; mas pelo bom tratamento, e aceio, indicão ſer gente abaſtada.

*D. F.* Oxalá que aſſim fora, porque em tal caſo, admittindo os meus carinhos, poderei com a fortuna de eſpoſo ſer meeiro no cabedal.

*D. G.* Ai, amigo D. Fuas, que direi eu, que ando pingando, pois já não morro de fome, por não ter ſobre que cahir morto?

*D. F.* Ellas forão atordidas com palanfrorios.

*D. G.* Já que do mais ſomos famintos, ao menos ſejamos fartos de palavras.

*Sahe Simicupio.*

*Simic.* Já fica aſſinalada na carta de marear toda a Coſta de Leſte a Oeſte, com ſeus cachopos, e baixos.

*D. G.* Aonde morão?

*Simic.* São as noſſas viſinhas, ſobrinhas de D. Lanſerote, aquelle mineiro velho, que veio das minas o anno paſſado.

*D. F.* Baſta que são eſſas? Por iſſo ella cobrirão o roſto.

*Simic.* Iſſo tem ellas, que não são deſcaradas; an-

antes são tão ſizudas, que nunca encarárão para ninguem.

*D.G.* Huma dellas ſei eu que ſe chama D. Cloris.

*Simic.* E a outra D. Nize, iſſo ſabia eu ha muito tempo.

*D. F.* E como ſaberei eu qual dellas he a da Mangerona?

*Simic.* Iſſo he facil, em ſabendo-ſe qual he a do Alecrim, logo ſe ſabe qual he a da Mangerona?

*D. F.* Grande ſubtileza! Vamos D. Gil.

*Simic.* Já que ſe vão, advirtão de caminho, que ſegundo as noticias, que tenho, bem pódem deſiſtir da empreza; porque o velho he tão cioſo das ſobrinhas, como do dinheiro; a caſa he hum recolhimento; as portas de bronze; as janellas de encerado; as freſtas são oculos de ver ao longe, que nem ao perto ſe vem; as trapeiras são zimborios tão altos, que nem as nuvens lhe paſsão por alto; as paredes do jardim são meſtras, e as chaves das portas diſcipulas, porque ainda não ſabem abrir; mas ſó hum bem ha, e he, que tendo tudo tão forte, ſó o telhado he de vidro. Com que, Senhores meus, outro officio, contentem ſe com cheirar a ſua Mangerona, e o ſeu Alecrim; que amor, que entra pelo nariz, não he bem que chegue ao coração.

*D. G.* Simicupio, não temo impoſſiveis, tendo da minha parte a tua induſtria, que eſpero de ti apures toda a força de teu engenho para os combates deſſa muralha.

*Simic.* Ah Senhor; D. Gilvaz, o meu Ariere

já ſe acha mui cançado com tanto vai-vem, pois nem todo o artificio de minhas máquinas póde abrir brecha neſſa diamantina bolſa, que tão cerrada ſe difficulta aos meus merecimentos.

*D. G.* Simicupio amigo, tem animo, que ſe montamos a burra de D. Lanſerote, ſaltaremos de contentes.

*Simic.* Tal he a minha deſgraça, e a ſua miſeria, que ainda com eſſa burra me dará dous couces.

*D. G.* D. Fuas, ficai-vos embora, que me vou armar de eſperanças, para que nos combates de amor triunfe o Alecrim.

*D. F.* D. Gil, vamos a forro, e a partido, pois que Simicupio he tão deſtro na materia.

*D. G.* Por ora não póde ainda ſer; deixai-me primeiro tentar o váo, que vós tambem navegareis no mar de Cupido.

*D. F.* Iſſo não merece a noſſa amiſade.

*D. G.* Se vós ſois do rancho da Mangerona, já me podereis conhecer por inimigo declarado, ſeguindo eu a parcialidade do Alecrim; e como nas guerras deſtas plantas havemos os dous ſer contrarios, mal poderei ſoccorrer-vos, e aſſim ficai-vos embora, D. Fuas, e viva o Alecrim. *Vai-ſe.*

*Simic.* E viva o malmequer. *Vai-ſe.*

*D. F.* Vivirá a Mangerona a pezar do mais intenſivo ardor de oppoſtos Planetas.

*Sahe Fagundes com manto, e capello.*

*Fag.* He bom fumiço! Aonde eſtaráõ eſtas meninas, que ha mais de quatro horas, que foráõ

rão á Missa, e ainda não ha fumo dellas Meu Senhor, vossa mercê acaso veria por aqui duas mulheres com huma criada?

*D. F.* Que sinaes tinhão?

*Fag.* Tinha huma dellas huns sinaes pretos no rosto, e a outra huns sinaes de bexigas.

*D. F.* E que mais?

*Fag.* Huma dellas tem os olhos verdes, côr de pimentão, que não está maduro, e a outra olhos pardos, como raiz de oliveira; huma tem cova na barba, e a outra barba na cova; huma tem a espinhela cahida, e a outro hum leisenso num braço.

*D. F.* Com esses sinaes nunca vi mulher nesta vida.

*Fag.* Meu Senhor, huma dellas trazia hum ramo de Alecrim no peito, e a outra de Mangerona.

*D. F.* Vi muito bem, que são as sobrinhas de D. Lanserote.

*Fag.* Essas mesmas são: ora diga-me, aonde as vio?

*D. F.* Promette vossa merce fazer-me quanto lhe eu pedir?

*Fag.* Ai, que cousa me pedirá vossa mercê, que lhe não faça, dizendo-me aonde estão as minhas meninas?

*D. F.* Pois descance, que ellas aqui estiverão, e agora forão para casa.

*Fag.* Ai, boas novas tenha.

*D. F.* Ora pois, em alviçaras dessa boa nova, quero me diga, como se chama....

*Fag.* Eu? Ambrosia Fagundes para servir a vossa mercê.

*D. F.* Digo, como se chama a que trazia a Mangerona no peito?

*Fag.*

*Fag.* Chama-se D. Nize.

*D. F.* Pois Senhora Ambrosia Fagundes, saiba que eu adoro tão excessivamente a D. Nize, que em premio do meu extremo me franqueou este ramo de Mangerona.

*Fag.* He verdade, que pelo cheiro o conheço, que he o mesmo.

*D. F.* E como me dizem os impossiveis, que ha de a poder communicar, quizera dever-lhe a galantaria de ser minha protectora nesta amorosa pretenção; e fie de mim que o premio ha de ser igual ao meu desejo.

*Fag.* Meu Senhor, difficil empreza toma vossa mercê; porque além da excessiva cautella do tio, que nisso não se falla, huma dellas está para cazar com hum primo, que hoje se espera de fóra da terra; e a outra qualquer dia vai a ser freira; com que, meu Senhor, desengane-se, que alli não ha que arranhar.

*D. F.* E qual dellas he a que casa?

*Fag.* Ainda se não sabe; porque o noivo vem á escolha daquella, que lhe mais agradar.

*D. F.* Como o vencer impossiveis he proprio de hum verdadeiro amante, nós havemos intentar esta empreza, saia o que sahir; que a diligencia he mãi de boa ventura: favoreça-me vossa mercê, Senhora Fagundes, com o seu voto, que eu terei bom despacho no tribunal de Cupido: tenho dinheiro, e resolução, e tendo a vossa mercê da minha parte, certo tenho o triunfo da Mangerona.

*Fag.* Pois por mim não se desmanche a festa,

que

que eu não sou desmancha prazeres: esta noite o espero debaixo da janella da cosinha; sabe aonde he?

*D. F.* Bem sei.

*Fag.* Pois espere-me ahi, que eu lhe direi o que ha na materia.

*D. F.* Deixe-me beijar-lhe os pés, ó insigne Fagundes, feliz corretora de Cupido.

*Fag.* Ai! Levante-se, Senhor, não me beije os pés, que os tenho agora mui suados, e hum tanto fétidos: descanse, Senhor, que D. Nize ha de ser sua a pezar das cautellas do tio, e das caricias do noivo.

*D. F.* Se tal comsigo, não tenho mais que desejar.

*Canta D. Fuas a seguinte*

ARIA.

Se chego a vencer
De Nize o rigor,
De gosto morrer
Vossé me verá.
Porém se hum favor
Alenta o viver,
Quem morre de amor
Mais vida terá. *Vai-se.*

*Fag.* Estes homens, tanto que são amantes, logo são musicos; e eu neste entendo terei boa melgueira; e mais eu que sou abelha mestra, que hei de chupar o mel da Mangerona, e do Alecrim.

SCE-

## SCENA II.

*Camera. Sahem D. Nize, D. Cloris, e Sevadilha.*

*Sevad.* AI Senhora, que ainda não creio que eſtamos em caſa, pois ſe vimos mais tarde, não nos acha o Senhor velho!

*D. Clor.* Em boa nos mettemos!

*D. Niz.* Nunca tal nos ſuccedeo: que re parece, D. Cloris, a porfia daquelles homens em nos querer conhecer?

*Sevad.* Sim, Senhora, como ſe nós foſſemos ſuas conhecidas.

*D. Clor.* E a facilidade com que ſe namorão logo eſtes homens, he o que mais me admira!

*Sevad.* Pois o maldito do Criado, que tanto ſe metteo comigo, como piolho por coſtura!

*D. Clor.* Que te veio dizendo?

*Sevad.* Mil deſpropoſitos miſturados com varias finezas eſfarrapadas.

*Sahe Fagundes com o manto apanhado no braço.*

*Fag.* Ainda eſſes Alecrins, e Mangeronas hão de dar nos narizes a muita gente.

*D. Niz.* Que diz, Fagundes?

*Fag.* Digo, que bem eſcuſados erão eſtes ſuſtos: ora digão-me, Senhoras, ſe ſeu tio vieſſe, e as não achaſſe em caſa, que ſeria de mim?

*D. Clor.* Não fallemos niſſo, que ainda eſtou a tremer.

*Fag.* Apoſtemos que iſſo forão conſelhos deſta Senhora, que aqui eſtá?

*Sevad.* Apello eu, que teſtemunho! Olhe o diabo

bo da mulher, parece que me tem tomado á sua conta!

*Fag.* Coitada, como se desconjura!

*Sevad.* Ainda por amor della me hei de hir desta casa.

*Sabe D. Lanserote.*

*D. L.* Fagundes, depressa vá deitar mais hum ovo nos espinafres, que ahi vem meu sobrinho D. Tiburcio, já que sou tão desgraçado que por mais meia hora não chega depois de jantar.

*Fag.* Eu vou, meu Senhor; mas cuido que o noivo a estas horas comerá novilho. *Vai-se.*

*D. L.* Agora, minhas sobrinhas, he chegado o vosso esposo; não tenho que encommendar-vos o modo com que o haveis de tratar.

*D. Clor.* Já vem tarde. *á part.*

*D. Niz.* Veremos a cara a este noivo. *á part.*

*Sevad.* Pois dizem que he hum galante lapuz. *á p.*

*Sahe D. Tiburcio com botas vestido ridiculamente.*

*D. L.* Amado sobrinho, dá-me os braços. He possivel que vejo a hum filho de meu irmão!

*D. T.* Sim, Senhor; mas primeiro mande vossa mercê ter cuidado naquellas choiriças, que vem no alforje, não as dizime o Arrieiro, que tem em cada mão cinco aguias rapantes.

*D. L.* Isso me parece bem seres poupado; eu vou a isso. *Vai-se.*

*D. C.* Que te parece, Nize, a discrição do noivo?

*D. Niz.* Muito bom principio leva.

*Sevad.* Parece que o seu genio mais se casa com o Alforje. *á part.*

D. T.

*D. T.* As primas não são más; porém a moça me toa mais. *á part.*

*Sabe D. Lanſerote.*

*D. L.* Socegai, Sobrinho, que já tudo eſtá arrecadado.

*D. T.* Agora ſim, amado tio meu, por cujos humanos aqueductos circula em nacarados licores o ſangue de meu progenitor, permitti que os meus ſequioſos labios calculem eſſes pés, dedo por dedo.

*D. L.* Levantai-vos; ſois diſcreto, meu ſobrinho: pois voſſo pai era hum pedaço d'aſno, Deos lhe perdoe.

*D. T.* Não eſtá mais na minha mão, em abrindo a boca me chovem os conceitos aos borbotões.

*D. L.* Fallai a voſſas primas, e minhas ſobrinhas, D. Nize, e D. Cloris.

*D. T.* Eu vou a iſſo.

SONETO.

Primas, que na guitarra da conſtancia
Tão iguaes retinis no contraponto,
Que não ha contraprima neſſe ponto,
Nem nos porpontos noto diſſonancia:
Oh falſas não ſejais neſta jactancia;
Pois quando attento os numeros vos conto,
Neſſa belleza harmonica remonto
Ao plectro da Phebina conſonancia:
Já que primas me ſois, ſede terceiras
De meu amor, por mais que vos agaſte
Ouvir de hum cavalete as frioleiras;
Se encordoais de ouvir-me, ó primas, baſte
De dar á eſcaravelha em taes aſneiras,
Que em fim iſto de amor he hum lindo traſte.

*D. L.*

*D. L.* Tambem sois Poeta, meu sobrinho?

*D. T.* Tambem temos nosso entuziasmo, Senhor tio; isto cá he vea capilar, e natural.

*D. L.* Oh quanto me peza que sejais Poeta, pois por força haveis de ser pobre.

*D. T.* A'gora, Senhor, eu sou hum rico Poeta. Pois, primas, que dizeis da minha eloquencia? Não me respondeis?

*D. Clor.* Os Anjos lhe respondão.

*D. Niz.* Ahi não ha mais que dizer.

*D. T.* Ah Senhor tio, esta rapariga he cá da obrigação de casa?

*D. L.* He meça da almofada.

*D. T.* Não he mal estreada; e que olhos que tem! Benza-te Deos!

*Sevad.* Quer Deos que trago hum corninho por amor do quebranto.

*D. L.* Eu cuido, Sobrinho, que mais vos agrada a criada do que a noiva.

*D. T.* Tudo o que he desta casa me agrada muito.

*D. L.* Agora vamos ao intento: Sabereis, minhas Sobrinhas, que vosso primo D. Tibutcio, filho de meu irmão D. Trifonio, e de Dona Pantaleoa Reboldan, o qual tambem era irmão de vosso pai, e meu irmão D. Blianís, vem a eleger huma de vós outras para esposa, pela mercê que me faz; que a ser possivel cazar com ambas, o fizera sem ceremonia, que para mais he o seu primor.

*D. T.* Por certo que sim; e não só com ambas, mas até com a criada; pois, como digo, desejo metter no coração tudo o que for desta casa.

*D. L.*

*D. T.* Eu o creio, meu Sobrinho, niſſo ſahis a voſſo Pai.

*D. Clor.* Não vi maior aſno! *á part.*

*D. Niz.* Nem eu maior ſimples! *á parte*

*Diz dentro Simicupio.*

*Simic.* Quem merca o Alecrim?

*D. Clor.* O' Sevadilha, chama a eſſe homem do Alecrim, anda depreſſa.

*Sevad.* Entrou no fadario! *á part.*

*D. L.* Sobrinho, não eſtranheis eſte exceſſo de minha ſobrinha, porque haveis de ſaber, que ha neſta terra dous ranchos, hum do Alecrim, outro da Mangerona; e fazem taes exceſſos por eſtas duas plantas, que ſe mataráõ humas ás outras.

*D. T.* E voſſa mercê conſente que minhas primas ſigão eſſas parcialidades?

*D. L.* Não vedes que he moda; e como não cuſta dinheiro, bem ſe póde permittir?

*D. T.* Bem ſei que iſſo são verduras da mocidade, mas com tudo não approvo.

*D. L.* E a razão?

*D. T.* Não ſei.

*D. Clor.* Voſſa mercê como vem com os abuſos do monte, por iſſo eſtranha os eſtilos da Corte.

*D. Niz.* Callai-vos, mana, que elle ha de ſer o maior apaixonado que ha de ter o Alecrim, e a Mangerona.

*D. T.* Se eu enlouquecer, não duvido.

*Sahe Simicupio com hum molho de Alecrim ao hombro.*

*Simic.* Quem quer o Alecrim?

*D. Clor.*

*D. Clor.* Anda para cá: tem mão, não o ponhas no chão.

*Simic.* Pois aonde o hei de pôr?

*D. Clor.* Aqui no meu colo: ai, no cháo o meu Alecrim? Iſſo não.

*Simic.* Pois não ſó o ponha no colo, mas no peſcoço.

*D. Clor.* A quanto he o mólho?

*Simic.* A real e meio, por ſer para voſſa mercê.

*D. Clor.* Põem ahi cincoenta molhos.

*Simic.* Pelo que vejo, eſta he D. Cloris. *á part.* Eis-ahi tem todos os mólhos, reparta lá com a Senhora, que ſupponho tambem quererá o ſeu raminho.

*D. Niz.* Ai, tira-te para lá, homem, com eſſe máo cheiro.

*Simic.* Já ſei que eſta he a da Mangerona de D. Fuas. *á parte.*

*D. T.* Bem haja minha prima que não he deſtas invenções.

*D. L.* porque he da Mangerona, por iſſo aborrece o Alecrim.

*D. T.* Reſta-me que voſſa mercê tambem tenha algum rancho.

*D. L.* Olhai vós, não deixo cá de mim para mim de ter minha parcialidade.

*Simic.* Ora demos principio á tramoia. *á part.* Ai Senhores, quem me acode?

*D. L.* Que tens, homem?

*Simic.* Ai, ai, confiſsão.

*Cahe Simicupio eſtrabuxando, fingindo hum accidente.*

*D. Clor.*

*D.Clor.* Coitado do homem! Que tens? Que te deo?

*D. Niz.* Tão venenoſo he o teu Alecrim, que mata a quem o traz?

*D. L.* Olá, tragão agua.

*Sahem Fagundes, e Sevadilha com huma quarta.*

*Sevad.* Ai, Senhores, que iſto he accidente de gota coral!

*Semic.* O coral de teus labios que accidentes não fará? *á part.*

*D. L.* A unha de grão beſta he boa para iſto.

*D. T.* Puxem-lhe pelos dedos, que tambem he bom remedio.

*D. Lanſerote, D. Tiburcio, Sevadilha, e Fagundes pegão em Simicupio, e eſte com o eſtrabuxamento fará cahir a todos.*

*D. L.* Moſtra cá o dedo.

*Simic.* Agredeço o annel. *á part.*

*D. T.* E a força que tem o ſalvaje!

*Sevad.* Eu não poſſo com elle.

*Simic.* Lá vai o dedo pollegar cos diabos! Eu eſtou capaz de tornat a mim, antes que me deixem deſpedaçado.

*D. L.* Borrifa-o Fagundes.

*Fag.* Ora deixem-no comigo. *Borrifa-o.*

*Simic.* Pó diabo! E o que fedem os borrifos da velha! A maldita parece que tem a poſtema no bofe.

*D. Niz.* Não ſe canſem que elle não torna a a ſi tão cedo.

*Simic.* Eſſa he a verdade.

*Fag.* Mas pelo ſim pelo não, eu lhe vazo eſta quarta; que quando Deos quer, agua fria he mézinha. *Si-*

*Simic.* Valha-te o diabo, que me deitaſte agua na fervura! Eu não tenho mais remedio que aquietar-me, ſenão virá como remedio algum páo ſanto ſobre mim. *á part.*

*Fag.* Senhores, elle eſtá mais ſocegado depois da agua; venhão jantar que a meza eſtá poſta.

*D. L.* Vai buſcar o meu capote, e cobreo-o, que eſtá tremendo o miſeralvavel.

*Simic.* He maravilha que hum miſeravel cubra outro. *á part.*

*D. T.* Aquillo são convulsões, mas bom he cobrillo por amor do ar.

*Sahe Fagundes com hum capote.*

*Fag.* Eiſ-ahi o capote; ſe elle o babar, babado ficará.

*Simic.* Anda, tolla, que não me babo. *á part.*

*D. L.* Tu, Sevadilha, tem ſentido neſte homem, em quanto jantamos: vinde, Sobrinho. *Vai-ſe.*

*D. T.* Vamos, que tenho huma fome horrenda. *Vaiſ-e.*

*D. Niz.* He galante figura o tal meu primo. *Vai-ſe.*

*D. Clor.* Fagundes, agazalha eſſe alecrim.

*Fag.* Tanto me importa; ſe fora Mangerona, ainda, ainda. *Vai-ſe.*

*Sevad.* Só iſto me faltava, ficar eu guardando a eſte defunto!

*Simic.* Vejamos quem he eſta Sevadilha, que ficou por minha enfermeira. Ai que ſupponho que he a menina do malmequer, que lá traz hum no cabello: Vamo-nos erguendo, por ver ſe nos quer bem. *Vai-ſe erguendo.*

*Sevad.* Deite-ſe, deite-ſe. Ai que o homem tem freneſis! Acudão cá.

*Si-*

*Simic.* Calte, Sevadilha, não perturbes eſta primeira occaſião de meu amor.

*Sevad.* Deixe-ſe eſtar cuberto.

*Simic.* Bem ſei que o calafrio de meu amor he tão grande, que ſe póde cobrir diante d'El-Rei; mas confeſſo-te que já não poſſo aturar o gravamen deſte capote.

*Sevad.* Ai que o homem eſtá louco, e furioſo!

*Simic.* A furia com que te auſentas, me faz enlouquecer: não fujas, Sevadilha, que eu ſou aquelle ſujeito do malmequer, e tão ſujeito aos teus imperios, que ſou hum criado de voſſa mercê.

*Sevad.* Eu te arrenego, maldito homem! Tu és o deſta manhã?

*Simic.* Cuidavas que não havia ſaber buſcar modo para ver-te?

*Sevad.* Queres que vá chamar a D. Cloris, ou D. Nize?

*Sevad.* Logo irás chamar a D. Cloris; mas primeiro attende á chamma de meu amor, que ſe o fogo tem linguas, e as paredes tem ouvidos, bem póde a dura parede de teu rigor eſcutar a levareda em que me abraſo: muita couſinha te poderia eu dizer; porém a occaſião não he para iſſo.

*Sevad.* Nem eu eſtou para eſſoutro.

*Simic.* Eu o diſſera, que o teu malmequer não he para menos.

*Sevad.* Nem a tua peſſoa he para mais.

*Simic.* Pois iſſo he de veras? Olha que deſconfio.

*Sevad.* Bem aviada eſtou eu! Bom amante tenho!

não! Bonito eras tu para aturar vinte annos de desprezos, como ha muitos que aturão, levando com as janellas nos narizes, dormindo pelas escadas, aturando calmas, soffrendo geadas, apurando-se em Romances, dando descantes, feitos estatuas de amor no templo de Venus, e com tudo estão mui contentes da sua vida; e assim para que me buscas?

*Simic.* Para que me desenganes, se me queres, ou não.

*Sevad.* Pergunta-o ao malmequer, que elle to dirá.

*Simic.* Se eu o tivera aqui, fizera essa experiencia.

*Savad.* E aonde está o que eu te dei?

*Simic.* Lá o tenho empapelado, que cuido que o ar mo leva.

*Sevad.* Assim te leve o diabo.

*Simic.* Levará que he muito capaz disso. Pois em que ficamos? Bem me queres, ou mal me queres?

*Sevad.* Apanha aquelle malmequer, que está junto áquella porta, e perguntalho, que elle to dirá.

*Simic.* Pois acaso nas folhas do malmequer estão escritos os teus amores, ou os teus desdens?

*Sevad.* Da mesma sorte que a buena dicha na palma da mão.

*Simic.* Eu vou apanhar o dito malmequer. *Vai-se.*

*Sevad.* Quem me dera que ficasse em malmequer, para o fazer andar á prática!

*Sahe Simicupio com hum malmequer.*

*Simic.* Eis-aqui o malmequer: ora vamos a isso; que se ha flores que são desengano da vi-

da, esta o será do amor. Sevadilha, toma sentido, vê se fica no bem me quer.

*Sevad.* Isto he como huma sorte.

*Simic.* Queira Deos não se converta o mal me quer em azar. Tem sentido, Sevadilha: amor, se sabe a cousa como eu quero, eu te prometto hum arco de pipa, e huma venda nos Romolares em que ganhes muito dinheiro.

*Canta Simicupio a seguinte*

ARIA.

Oraculo de amor
Propicio me responde
Nas ancias deste ardor
Bem me queres, mal me queres
Bem me queres, mal me queres,
Mal me queres, disse a flor.
Ai de mim, que me quer mal
Teu ingrato mal me quer!
Acabou-se o meu cuidado,
Que mais tenho que esperar?
Vou-me agora a regalar,
Levar boa vida, comer, e beber.

*Sahe D. Cloris.*

*D. Clor.* Oh quanto folgo, que já estejas bom!

*Simic.* E tão bom, que parece que nunca tive nada.

*D. Clor.* Com que saraste?

*Simic.* Com o mesmo mal; porque tambem ha males que vem por bem.

*D. Clor.* Que dizes, que te não entendo? Estás louco?

*Simic.* Meu amo ainda o está mais do que eu, desde que te vio assim por maior, esta manhã;

nhã ; e assim para significar-te a tremendissima efficacia de seu amor, aqui me manda a teus pés, minto aos teus átomos, para que com os disfarces do Alecrim possa merecer os teus agrados.

*D. Clor.* Sevadilha, põem-te a espreitar não venha alguem.

*Sevad.* Sim, Senhora. Arrelá com o ardil do homem! *Vai-se.*

*D. Clor.* E quem he esse teu amo, que tanto me adora?

*Simic.* He o Senhor D. Gilvaz cavalheiro de tão lindas prendas, como *verbi gratia* Londres, e París.

*D. Clor.* Que officio tem?

*Simic.* Ha de ter hum de defuntos quando morrer.

*D. Clor.* E em quanto vivo, em que se occupa?

*Simic.* Em morrer por vossa mercê.

*D. Clor.* Falla a proposito.

*Simic.* Senhora, meu amo não necessita de officios para manter os seus estados, porque tem varias propriedades comsigo muito boas; além disso tem huma quinta na semana, que fica entre a quarta, e a sesta, tão grande, que he necessario vinte e quatro horas para se correr toda.

*D. Clor.* Quanto fará toda de renda?

*Simic.* Não se póde saber ao certo; sei que tem varias rendas em Flandes, e outras em Peniche, e estas bem grossas; tambem tem hum foro de fidalgo, e hum juro de nobreza.

*D. Clor.* Basta que he fidalgo?

*Simic.* Como as eſtrellas, que as vê ao meio dia, e a eſtas horas não vê outra couſa; e certamente lhe poſſo dizer, que he tão antiga a ſua deſcendencia, que diz muita gente, que deſcende de Adão.

*D. Clor.* Se iſſo he aſſim, talvez que me incline a querello para meu eſpoſo.

*Simic.* Venha a reſpoſta, Senhora, que meu amo eſtá eſperando com lingua de palmo.

*D. Clor.* Pois ouve o que lhe has de dizer.

*Canta D. Cloris a ſeguinte*

ARIA.

Dirás ao meu bem,
Que não deſconfie,
Que adore, que eſpere,
Que não deſeſpere,
Que á ſua firmeza
Conſtante ſerei.
Que firme eu tambem
A tanta fineza
Amante, conſtante
Extremos farei. *Vai-ſe.*

*Simic.* Vencido eſtá o negocio, mas o capote do velho cá não ha de ficar por vida de Simiçupio; que ſe a occaſião faz o ladrão, hei de ſello por não perder a occaſião.

*Vai-ſe com o capote.*

*Sahe Sevadilha.*

*Sevad.* Eſpera, homem, onde levas o capote? E foi-ſe como hum ceſto roto! Ai mofina deſgraçada, que ha de ſer de mim, ſe meu amo não achar o ſeu rico capote?

Sa-

*Sahe D. Lanſerote.*

*D. L.* Já ſarou o homem, Sevadilha?
*Sevad.* Sim Senhor.
*D. L.* Já ſe foi?
*Sevad.* Sim, Senhor.
*D. L.* Guardaſte o capote!
*Sevad.* Ahi he ella. *á parte.*
*D. L.* Não ouves? Guardaſte o capote?
*Sevad.* Qual capote?
*D. L.* O meu.
*Sevad.* Qual meu?
*D. L.* O meu de Çaragoça.
*Sevad.* Ah, ſim, o capote do homem do Alecrim?
*D. L.* Qual homem?
*Sevad.* O do accidente.
*D. L.* Tu zombas?
*Sevad.* Zombaria fóra, o homem levou o capote.
*D. L.* O meu capote?
*Sevad.* Eu náo ſei ſe elle era de voſſa mercê; o que ſei he que o homem do Alecrim levou hum capote, com que eſtava cuberto.
*D. L.* E como o levou?
*Sevad.* Nos hombros.
*D. L.* O meu capote furtado?
*Sevad.* Pois nunca ſe vio furtar hum capote?
*D. L.* Não, bribantona, que era hum capote aquelle, que nunca ninguem o furtou. Oh dia infeliz, dia aziago, dia indigno de que o Sol te viſite com os ſeus raios!
*Sevad.* Santa Barbara!
*D. L.* Tu, deſcuidada, has de pôr para alli o meu capote, ou do corpo to hei de tirar.

*Se-*

*Sevad.* Como mo ha de tirar do corpo, ſe eu o não tenho?

*D. L.* Deſta ſorte.

*Cantão D. Lanſerote, e Sevadilha a ſeguinte*

ARIA A DUO.

*D. L.* Moça tonta, deſcuidada,
*Sevad.* Ha mulher mais deſgraçada
Neſte mundo? Não, não ha.
*D. L.* Se não dás o meu capote,
Tua capa hei de raſgar.
*Sevad.* Não me raſgue a minha capa.
*D. L.* Dá me, moça, o meu capote
*Sevad.* Minha capa.
*D. L.* Meu capote.
*Ambos.* Trata logo de o pagar.
*D. L.* Meu capote aſſim furtado!
*Sevad.* Meu adorno aſſim raſgado!
*Ambos.* Que deſgraça!
*D. L.* Contra a moça
*Sevad.* Contra o velho
*Ambos.* A juſtiça hei de chamar:
Meu capote donde eſtá? *Vão-ſe.*

## SCENA III.

*Praça: no fim haverá huma janella. Sahe D. Gil embuçado.*

*D. G.* DIſſe a Simicupio que aqui o eſperava; mas tarda tanto, que entendo o apanhárão na empreza. Mas ſe ſerá aquelle que alli vem? Não he Simicupio, que elle não tem capote. Quem ſerá?

*Sa-*

*Sahe Simicupio embuçado em hum capote.*

*Simic.* Lá eſtá hum vulto embuçado no meio do caminho; queira Deos não me cheguem ao vulto; não ſei ſe torne para traz, mas peior he moſtrar cobardia; eu faço das tripas coração, vou chegando, mas ſempre de longe.

*D. G.* Elle ſe vem chegando, e eu confeſſo que não eſtou todo trigo.

*Simic.* Eſte homem não eſtá aqui para bom fim; eu finjo-me valente: afaſte-ſe lá, deixe-me paſſar, aliàs o paſſarei.

*D. G.* Voſſa mercê póde paſſar.

*Simic.* Ai, que he D. Gil! Pois agora farei com que me tenha por valoroſo. Quem eſtá ahi? Falle, quando não deſpeça-ſe deſta vida, que o mando para a outra.

*D. G.* Primeiro perderá a ſua, quem me intenta reconhecer.

*Simic.* Tenha mão, Senhor D. Gilvaz, que ſou Simicupio.

*D. G.* Se não fallas, talvez que a graça te fahiſſe cara.

*Simic.* Igual voſſa mercê, que ſe o não conheço pela voz, ſem dúvida, Senhor D. Gilvaz, lhe prégo com o ſeu nome na cara.

*D. G.* Deixemos iſſo, dá-me novas de D. Cloris; dize, podeſte dar-lhe o recado?

*Simic.* Não ſabe que ſou o Ceſar dos alcoviteiros? Fui, vi, e venci.

*D. G.* Dá-me hum abraço, meu Simicupio.

*Simic.* Não quero abraços, venhão as alviceras, ſenão emmudeci como Oraculo.

*D. G.*

*D. G.* Em caſa tas darei : conta-me primeiro ; que fazia D. Gloris ?

*Simic.* Iſſo são contos largos, eſtava toda rodeada de brazeiros de Alecrim, com hum grande mólho delle no peito, cheirando a Rainha de Hungria, maſcando Alecrim, como quem maſca tabaco de fumo ; e como acabava de jantar, vinha palitando com hum palito de Alecrim, e finalmente, Senhor, com o Alecrim anda toda tão verde, como ſe tivera tiricia.

*D. G.* E do mais que paſſaſte ?

*Simic.* Iſſo he para mais de vagar, baſta que ſaiba por ora, que apenas lancei o anzol no mar da ſimplicidade de D. Cloris, picando logo na minhoca do engano, ficou engaſgalhada com o engodo de mil patranhas, que lhe encaixei á mão tente.

*D. G.* Incriveis são as tuas habilidades : e que capote he eſſe ?

*Simic.* Eſte he o deſpojo do meu triunfo ; joguei com o velho os centos, e ganhei-lhe eſte capote ; e ſe voſſa mercê ſoubera a virtude que elle tem, paſmaria.

*D. G.* Que virtude tem ?

*Simic.* He hum grande remedio para ſarar accidentes de gota coral.

*D. G.* Conta-me iſſo.

*Sahe D. Fuas embuçado.*

*Simic.* Fallemos de manſo, que ahi vem hum homem.

*D. F.* Eſta he a janella da coſinha de D. Nize, que a pezar da eſcuridade da noite, a conhe-

ce o meu inſtincto pelos effluvios odoriferos, que exhala a Pancava daquella Fenix.

*D. G.* Simicupio, hum homem ao pé da janella de D. Cloris? iſto não me cheira bem.

*Simic.* Como lhe ha de cheirar bem, ſe iſto aqui he hum monturo?

*Apparece Fagundes á janella.*

*Fag.* Cé, he voſſa mercê meſmo?

*D. F.* Sou eu meſmo, e não outro que impaciente eſpero novas de meu bem.

*D. G.* Não ouviſte aquillo, Simicupio?

*Simic.* Aquillo he que não cheira bem, Senhor D. Gilvaz.

*Fag.* Não baſta que voſſa mercê diga que he meſmo; he neceſſario a ſenha, e a contraſenha.

*D. F.* Pois atenda,

*Canta D. Fuas o ſeguinte*

MINUETE.

Já que a fortuna
Hoje me abona,
A Mangerona
Quero exaltar.
No ſeu triunfo
Que a fama entoa,
Palma, e coroa
Ha de levar.
Ha de por certo,
Que a ſua rama
Na voz da fama
Sempre andará.

*D. G.* Eſte he D. Fuas, pela ſenha da Mangerona:

rona: que te parece, Simicupio, o quanto tem adiantado o seu amor?

*Simic. Quidquid sit*, o primeiro milho he dos passaros, o segundo he cá para os melros.

*Fag.* Suba por essa escada. *Lança a escada.*

*D. F.* Segure bem. *Sobe.*

*Simic.* Senhor D. Gil, agora he tempo de subir tambem; pois estamos em era de atrepar; não perca a occasião.

*D. G.* Vem tu tambem. *Sobe.*

*Simic.* Eu tambem vou a render á escala vista esse castello de Cupido.

*Fag.* Tenha mão, Senhor, que he o que quer?

*D. G.* Mangerona.

*Fag.* Vossa mercê, meu fidalgo, quem procura?

*Simic.* Tambem Mangerona em lugar de Sevadilha, que tudo faz bom tabaco.

*Fag.* Isto cá está por estanque, não entra quem quer.

*Simic.* Se não entra quem quer, entrará quem não quer.

*Fag.* Vá-se dahi, que não conheço Framengos á meia noite.

*Simic.* Tem mão, não me empurres.

*Fag.* Não ha de entrar.

*Simic.* O' mulher, não me precipites, que sou capaz de te escalar.

*Fag.* Vá-se cos diabos, seja quem for.

*Empurra a escada, e cahe com Simicipio.*

*Simic.* Ai, que me derreaste, bruxa infernal! Tu me pagarás o simicupio que me fizeste tomar. Estes são os ossos do officio; mas para

ra

ra que tudo não sejão ossos, vamos levando esta escada, que sempre valerá alguma cousa; ao menos se não morri da quéda, vou para casa em huma escada.

*Vai-se Simicupio, e leva a escada.*

## SCENA IV.

*Gabinete. Sahe Fagundes trazendo pela mão a D. Fuas, e detraz virá D. Gil embuçado.*

*Fag.* PIze de manssinho, que se acorda, será para nos enforcar.

*D. F.* Recontou a D. Nize os axtremos com que a idolatro?

*Fag.* Não me ficou nada no tinreiro: meu Senhor, nessa materia tenho tanta elegancia, que sou outra Marca Tulia Cicerona.

*D. F.* Ai, Fagundes, se casará D. Nize com o primo! Mas quem está aqui atraz de nós?

*D. G.* Não quero dar-me a conhecer a D. Fuas, por ver se com os zelos desiste da empreza, para que só triunfe o Alecrim. *a part.*

*D. F.* Cavalheiro, vós daqui não haveis de passar, ou ambos ficaremos aqui mortos, sem dizer-me primeiro o que buscais nesta casa?

*D. G.* O mesmo que vós buscais.

*D. F.* O que eu busco não vos póde pertencer.

*D. G.* Nem o que me pertence podeis vós buscar.

*Fag.* Senhores meus, accomodem-se, que póde acordar o Senhor D. Lanserote, e o damno será de todos.

*D. F.* Queres que me calle á vista dos meus zelos?

*Sa-*

*Sahe D. Nize.*

*D. Niz.* Que ruido he eſte, Fagundes?

*D. F.* Sinto, Senhora Dona Nize, que a primeira vez que me facilitais eſta fortuna, me hoſpedeis com zelos.

*D. Niz.* Não ſei que motivo haja para os haver.

*D. F.* Eſte Senhor embuçado, que aqui me vem ſeguindo, e diz que procura o meſmo que eu buſco.

*D. Niz.* Sabe elle por ventura o que vós procurais?

*D. F.* Elle que diz que ſim, certo he que o ſabe.

*D. Niz.* Senhor, vós acaſo vindes aqui a meu reſpeito? *para D. Gil.*

*D. G.* Nada hei de reſponder. *á parte.*

*D. F.* Quem calla conſente: não averiguemos mais, Senhora Dona Nize, ſó ſinto que a ſua Mangerona admitta enxertos de outra plantas.

*D. Niz.* Fſſe he o pago que me dais, de admittir a voſſa correſpondencia, de obrar eſte exceſſo a voſſo reſpeito, e de me expôr a eſte perigo por voſſa cauſa?

*D. F.* Melhor fôra deſenganar-me, que eſſa era a melhor fineza que vos podia merecer.

*D. Niz.* Pois eu digo-vos, que eſtou innocente, que não conheço eſte homem; e me parece que baſta dizello para me acreditares.

*D. F.* E baſtava ver eu o contrario, para não acreditar eſſas deſculpas.

*D. Niz.* Pois viſto iſſo, fiquemos como dantes.

*D. F.* De que ſorte?

*D. Niz.* Deſta ſorte.

*Canta D. Nize a seguinte*

ARIA.

Supponha, Senhor,
Que nunca me vio,
E que he o seu amor
Assim como a flor,
Que apenas nasceo,
E logo murchou.
Pois tanto me dá
De seu pertender,
Que firme supponho
Seria algum sonho,
Que pouco durou. *Vai-se.*

*D. F.* Nize cruel, isso ainda he maior tyrannia; escuta-me. *Vai-se.*

*Fag.* Vá lá dar-lhe satisfações, que ella he bonita para essas graças. E vossa mercê, Senhor rebuçado, a que fim quiz profanar o sagrado desta casa?

*D. G.* A ver o bem que adoro.

*Fag.* Vossa mercê está zombando? Aqui não ha quem possa ser amante de vossa mercê; pois bem vê o recato, e honra desta casa.

*D. G.* Eu bem vejo o recato, e honra desta casa. Que? Aquillo de subir hum homem por huma janella, e hir-se para dentro atraz de huma mulher, não he nada?

*Fag.* Aquelle homem he primo carnal da Senhora D. Nize.

*D. G.* Pois eu tambem quero ser muito conjun-

to da Senhora D. Cloris: ora faça-me o favor de a hir chamar.

*Fag.* Que diz? A Senhora D. Cloris? Olha tu lá D. Cloris não te enganes; sim a outra, que anda cuberta de cilicios, jejuando a pão, e agua; tire dahi o sentido, meu Senhor.

*D. G.* Se a não fores chamar, a hirei eu buscar.

*Fag.* Ai Senhor, vossa mercê tem alguma legião de diabos no corpo? E que remedio tenho senão chamalla, antes que o homem faça alguma asneira, que elle tem cara de arremeter. *Vai-se.*

*D. G.* Venha logo, que eu não posso esperar muito tempo. A velha queria corretaje: basta que lha dê D. Fuas.

*Sahe D. Cloris.*

*D. Clor.* Senhor, vossa mercê que pertende com tantos excessos? A quem procura?

*D. G.* Eu, Senhora D. Cloris, sou D. Gilvaz, aquelle impaciente amante que atropellando impossiveis vem, qual salamandra de amor, a abrazar-se nas chammas do seu Alecrim, como victima da mesma chamma.

*D. Clor.* Senhor D. Gilvaz, como entendo o seu amor só se encaminha ao licito fim de ser meu esposo, por isso lhe facilito os meus agrados, mas não tão francamente, que primeiro não haja de experimentar no crisol da constancia os raios do seu amor.

*D. G.* Mui pouco conceito fazeis da vossa belleza; pois se antes de admirar essa formosura em occultas sympathias, soubestes attrahir todos

dos os meus affectos, como depois de admirar o maior portento de perfeição, poderia haver em mim outro cuidado mais que o de adorar-vos com tão immovel conſtancia, que primeiro ſe moveráõ as eſtrellas fixas, que ſejão errantes as minhas adorações?

*D. Clor.* Iſſo he de veras, Senhor D. Gil?

*D. G.* Se eu morro de veras, como hei de fallar zombando?

## SONETO.

Tanto e quero, ó Clori, tanto, tanto;
E tenho neſte tanto tanto tento,
Que em cuidar que te perco, me eſpávento;
E em cuidar que me deixas, me ataranto.
Se não ſabes (ai Clori!) o quanto o quanto
Te idolatra rendido o penſamento,
Digáo-to os meus ſuſpiros cento a cento,
Soletra-o nos meus olhos pranto a pranto.
Oh quem pudera agora encarecerte
Os exquiſito modos de adorarte
Que amor ſoube inventar para quererte!
Ouve, Clori; mas não, que hei de aſſuſtarte;
Porque he tal o meu incendio, que ao dizerte
Ficarás no perigo de abrazarte.

*D. Clor.* Senhor D. Gil, as ſuas finezas por encarecidas perdem a eſtimação de verdadeiras; que quem tem a lingua tão ſolta para os encarecimentos, terá preza a vontade para os extremos.

*D. G.* Como ha de haver experiencias na minha

nha conſtancia, ſerão os ſucceſſos de minhas finezas os chroniſtas de meu amor.

*Canta D. Gil a ſeguinte*

ARIA.

Viſte, ó Clori, a flor gigante,
Que procura firme, amante,
Seguir ſempre a luz do Sol?
Deſſa ſorte, ſem deſmaios,
Sol que gyra são teus raios,
E meu peito Gyraſol.
Mas ai, Clori, que a luz pura
De teus raios mais ſe apura
De meu peito no criſol.

*D. Clor.* Ceſſa, meu bem, de encarecer-me o teu amor; já ſei são verdadeiras as tuas expreſsões. Oh ſe eu tivera a fortuna que eſſas vozes as não levaſſe o vento, para augmentar com ellas a força de ſua inconſtancia!

*Sahe Sevadilha.*

*Sevad.* He bem feito! He bem empregado!
*D. Clor.* O que, Sevadilha?
*Sevad.* O Senhor, que eſtá acordado.
*D. Clor.* Não póde ſer a eſtas horas; não te creio, que és huma medroſa.
*Sevad.* Fallo verdade, e não minto.

*Canta Sevadilha a ſeguinte*

ARIA.

Senhora, que o velho,
Se quer levantar!

Mo-

Mofina de mim,
Que ouvi eſcarrar,
Fallar, e toſſir!
Senhor, vá-ſe embora, *para D. G.*
Vá já para fóra,
Senão o papão
Nos ha de engolir.

*Fag.* Ui, Senhores, iſto he couſa de brinco? O Senhor ſeu tio eſtá com tamanho olho aberto, que parece hum leão, que eſtá dormindo; deite fóra eſſe homem, e venha-ſe agazalhar, que já vem amanhecendo.

*D. Clor.* Pois deitem fóra a D. Gil: meu bem, eſtimarei que as ſuas obras correſpondão ás ſuas palavras. *Vai-ſe.*

*Sahem D. Nize, e D. Fuas.*

*D. Niz.* Fagundes, encaminha a D. Fuas, que meu tio eſtá acordado.

*D. F.* Ainda o embuçado aqui eſtá? He para ver! Ah cruel! *á part.*

*D. Niz.* Anda, Fagundes.

*Fag.* Senhora, que não ha eſcada para deſcerem.

*D. Niz.* E aquella por onde ſubio aonde eſtá?

*Fag.* Empurrei-a com hum homem, que tambem queria ſubir,

*D. G.* Devia ſer Simicupio. *á part.*

*D. F.* Pois como ha de ſer?

*Sevad.* Não ha mais remedio que ſaltar pela janella.

*Fag.* Mas vejão não caião no alfuje.

*D. G.* Em boa eſtou metido! *á part.*

*D. F.* Aonde eſtá a chave da porta?

*Sevad.* A chave tem guardas, e eſtá agazalha-

da no traveſſeiro do velho, por não dormir n'uma porta.

*D. L.* Fagundes, venha abrir eſta janella que já vem amanhecendo. *Dentro.*

*Fag.* Eis-aqui voſſas mercês o que quizerão!

*D. L.* Fagundes, que faz que não vem? *Dentro.*

*Fag.* Eſtou enxotando o gato da viſinha: çape gato. Senhores eſcondão-ſe aondę for.

*D. Niz.* Ai que deſgraça!

*D. L.* Sevadilha, que he iſſo lá? *Dentro.*

*Sevad.* He o gato da viſinha, çape gato. *Dentro.*

*Simic.* Abrão a porta que ſe queima a caſa: fogo, fogo. *Dentro.*

*Fag.* Ai que ha fogo na caſa! São Marçal.

*D Niz.* Eu eſtou morta!

*D. Clor.* Ai que ſe queima a caſa, que deſgraça!

*D. F.* Peior he eſta! (*Sahe.*

*D. G.* Ha horas minguadas!

*Simic.* Abrão a porta, que ha fogo, fogo. *Dentro.*

*Sevad.* Moſina de mim, que lá vão os meus tarecos!

*Simic.* Não ouvem? Pois lá vai a porta pela porta fóra. *Dentro.*

*Sahe Simicupio com huma quarta ás coſtas, e ao meſmo tempo ſahe D. Lanſerote em fralda de camiza, e D. Tiburcio embrulhado em hum lençol, com huma candeia de garavato na mão.*

*Simic.* Fogo, fogo.

*Fag.* Adonde he, meu Senhor.

*D. T.* Que he iſto cá?

*D. L.* Fogo aonde, ſe eu não vejo fumo!

*Simic.*

*Simic.* Como ha de ver o fumo, ſe o fumo faz não ver?

*D. T.* Aqui me cheira a Alecrim queimado.

*D. L.* Dizes bem: Cloris, accendeſte algum Alecrim?

*D. Clor.* Eu, Senhor, não... foi... porque ſempre.....

*D. L.* Calla te, que eu porei o Alecrim com dono; ha mais mofino homem! Lá vai o ſuor de tantos annos.

*Simic.* Com elle podia voſſa mercê apagar eſte fogo.

*D. G.* Eſtou admirado de ver a traça de Simicupio! *á part.*

*D. T.* Senhores, acudamos a iſto, que ſe acaba a torcida.

*D. L.* Vede, ſobrinho, ainda aſſim não ſe entorne o azeite.

*D. Niz.* Ai os meus craveiros de Mangerona!

*D. Clor.* Ai os meus olhos de Alecrim!

*Fag.* Ai a minha canaſtra!

*Sevad.* Ai os meus tarequinhos!

*D. L.* Ai a minha burra!

*D. T.* Ai o meu alforje!

*Simic.* Ai com tanto ai! Senhores aonde he o fogo.

*D. L.* Vejão voſſas mercês bem por eſſas caſas aonde ſerá.

*Simic.* Entremos, Senhores, antes que ſe atee o incendio.

*D. G. e D. F.* Vamos.

*Entrão Simicupio, D. Fuas, e D. Gil, e logo tornão a ſahir.*

*D. L.* Vereis vós trampoſinha, que fim leva o Alecrim.

*D.Clor.* O Alecrim não tem fim, que nunca murcha.

*Sahem os tres.*

*D. G.* Não ſe aſſuſtem, que não he nada.

*D. F.* Já ſe apagou, Deos louvado.

*D. L.* Aonde foi?

*Simic.* Foi no almofariz, que eſtava ao pé da iſca.

*Sevad.* Pois eu não fui a que petiſquei.

*Fag.* Pois eu nem no ferrolho.

*Simic.* Pois eu ainda eſtou em jejum.

*D. L.* Ora, meus Senhores, voſſas mercês me vivão muitos annos pela honra, que me fizerão.

*D. G.* Sempre buſcarei occaſiões de ſervir a eſta caſa. *Vai-ſe.*

*D. F.* E eu não menos. *Vai-ſe.*

*Simic.* Agradeça-nos a boa vontade não mais.

*Fag.* Se não houveſſem boas almas, j o mundo eſtava acabado.

*D. Clor.* Eu eſtou paſmada do ſucceſſo! *á part.*

*D. Niz.* E eu não eſtou em mim! *á part.*

*D. T.* Ora com licença, meus Senhores, que me vou pôr em freſco. *Vai-ſe.*

*D. L.* Eu todavia ainda não eſtou ſocegado Vio voſſa mercê bem na chaminé?

*Simic.* Para que voſſa mercê deſcanſe de todo, vazarei eſta quanta nos narizes daquella velha, que são duas chaminés.

*Fag.* Ai que me enſopou! Senhor que mal lhe fiz?

*Simic.* He dar-lhe a molhadura de carta obra.

*Di. L.* Que fez voſſa mercê?

*Simic.* Deixe, Senhor; iſto he para que ſe lembre, e tenha cuidado no fogo que falcilmente ſe póde atear por hum accidente.

*Fag.*

*Fag.* Vou mudar de camiſa. *Vai-ſe.*

*D. Niz.* Tomára aproveitar os cacos para a minha Mangerona.

*D. L.* Eſta advertencia merece eſta moça, que he huma deſcuidada, que por ſeus deſmazellos me deixou furtar hum capote.

*Cantão D. Lanſerote, Sevadilha, Simicupio, D. Cloris, e D. Nize a ſeguinte*

ARIA A 5.

*D. L.* Tu moça, tu tonta
Sentido no fogo,
Senão tu verás.
*Sevad.* Debalde he o ſeu rogo,
Que fogo ſem fumo
Não he bom final.
*Simic.* Que linda pilhage
Num fogo ſalvage,
Que lambe voraz!
*D. Clor.* Não ſente quem ama.
*D. Niz.* Não temo eſſa chamma.
*Ambas.* Que he fogo de amor.
*D. L.* Cuidado no fogo.
*Sevad.* Debalde he o ſeu rogo.
*D. L. e Sev.* Que fogo ſem fumo
Não he bom final.
*D. L.* Sentido, cuidado.
*Simic.* Que fogo ſalvage.
*Todos excepto D. L.* Que he fogo de amor.
*Todos.* Cuidado, pois, cuidado,
Que algum furor vendado
Fulmina tanto ardor.

PAR-

# PARTE II.

## SCENA I.

*Praça. Sahem D. Gil, e Simicupio.*

*D. G.* AInda não sei cabalmente applaudir a tua induſtria, ó inſigne Simicupio.

*Simic.* Nem applaudir, nem agradecer, Senhor D. Gilvaz.

*D. G.* As tuas idéas são tão impoſſiveis de applaudir, como de agradecer; pois todo o premeio he diminuto, e todo o louvor limitado.

*Simic.* Viſto iſſo eu meſmo tenho a culpa de não ſer premiado; porque ſe eu não ſervira tão bem, eſtaria mais bem ſervido. Senhor meu, eu nunca fui amigo de palanfrorios; mais obras, e menos palavras; eu quero que me ajuſte a minha conta.

*D. G.* Para que?

*Simic.* Para pôr-me no olho da rua, que ſerei mais bem viſto.

*D. G.* Simicupio, nem ſempre o diabo ha de eſtar atrás da porta.

*Simic.* Sim, porque entrará para dentro de caſa.

*D. G.* Calte, que ſe configo a D. Cloris com ſeu dote, e arras, eu te prometto, que andes n'uma boléa.

*Simic.*

*Simic.* Senhor, não me ande com a cabeça á roda com eſſas promeſſas; era melhor que os premios andeſſem a rodo.

*Sahe Fagundes.*

*Fag.* Lá deixo a D. Fuas metido n'uma caixa, para o introduzir com D. Nize em caſa ſem ſuſtos, como da outra vez; tomára achar hum homem, que ma carregaſſe.

*D. G.* Lá vem a velha, criada de Dona Cloris.

*Simic.* Retire-ſe voſſa mercê, e deixe-me com ella.

*D. G.* Pois eu aqui te eſpero. *Vai-ſe.*

*Fag.* O' filho, por vida voſſa quereis levar-me huma caixa?

*Simic.* Com que achou-me voſſa mercê com hombros de mariola?

*Fag.* Pois perdoe-me, que cuidei que era homem de ganhar.

*Simic.* Todos neſta vida ſomos homens de ganhar; porém o modo he que deſauthoriza.

*Fag.* Iſto não era mais que levar huma caixa ás coſtas.

*Simic.* Pois ſe não he mais do que iſſo, entendo que não eſtará mal á minha peſſoa.

*Fag.* Qual mal? Antes lhe eſtará muito bem.

*Simic.* Mas advirta que iſto em mim não he officio, he huma méra curioſidade.

*Fag.* Ora Deos lhe dê ſaude; olhe, ella peza pouco, e vem aqui para caſa de D. Lanſerote.

*Simic.* E de quem he a caixa?

*Fag.* He minha, que a que eu tinha, toda ſe desfaz em caruncho.

*Simic.* Pois eſta não ſe livrará da traça, que in-

intento uſar com ella. *á parte.* Vamos, Senhora. *Vai-ſe.*

*Fag.* Ande, meu filho. *Vai-ſe.*

*Sahe D. Gil.*

*D. G.* Aondé hirá Simicupio com a velha? O maldito não perde occaſião: com ſemelhante jardineiro não murchará o Alecrim de Dona Cloris; porém elle lá vem com huma caixa ás coſtas.

*Sahe Simicupio com huma caixa ás coſta, e logo a põem no chão.*

*Simic.* Deſencontrei-me da velha, que andará tonta por mim.

*D. G.* Que he iſto, Simicupio?

*Simic.* Não lhe importe, vá-ſe enrolando, que ſe ha de metter aqui dentro, e hei de levar eſſe corpinho a caſa de Dona Cloris.

*D. G.* Iſſo he quimerá; como poſſo eu caber ahi?

*Simic.* Iſſo não me importa a mim; abata as preſumpções, que logo caberá em toda a parte.

*D. G.* E como havemos abrilla, que eſtá fechada?

*Simic.* Não ſabe, que a irmã gazúa ſempre me acompanha? Eu a abro. *abre.*

*D. G.* Eſta tramoia he mui arriſcada: que tem dentro?

*Simic.* Eu vejo huns trapos eſtendidos: Ande, ande, que nos importa a nós.

*D. G.* Ora vamos a iſſo: ai Cloris, quanto me cuſtas!

*Mete ſe D. Gil na caixa, e a fecha Simicupio, e logo a põem ás coſtas, e dentro tambem virá D. Fuas.*

*Simic.* Não ha de ſer má eſta encaixação. Arre o que peza a criança! *D. F.*

*D. F.* Ai que me esmagão os narizes!
*D. G.* Quem está aqui? Espera, vejamos o que he.
*Simic.* O que for lá se achará.
*D. G.* Espera, que isto he traição.
*D. F.* Homem dos diabos não me esborraches.
*D. G.* Aque d'ElRei, não ha quem me acuda?
*Simic.* Calle-se, tamanhão, que para boa casa vai. *Vão-se.*

## SCENA II.

*Sala. Sahem D. Tiburcio, e Sevadilha.*

*D. T.* SEvadilha, agora que estamos sós quero-te pedir hum conselho.
*Sevad.* Se vossa mercê acha que lhos posso dar, proponha, que eu resolverei.
*D. T.* Tu bem sabes que eu vim para casar com huma destas duas primas minhas: ambas são bellas, ao que entendo; só me resta saber as manhas de cada huma, para que escolha do mal o menos.
*Sevad.* Senhor, ambas são mui bastantes moças, a Senhora Dona Cloris he mui perfeita, sabe fazer os ovos moles muito bem; a Senhora Dona Nine tem melhor juizo; muito assento, quando não está de levante; grande capacidade, e tanto, que sendo tão rapariga, já lhe nasceo o dente do sizo; porém na condição he huma vibora asslanhada.
*D. T.* Não sei, Sevadilha, o que faça neste caso.
*Sevad.* Não casar com nenhuma.
*D. T.* Pois eu vim cá por besta de páo?
*Sevad.* Eu digo o que entendo em minha consenciencia. *D. T.*

*D. T.* Oh ſe pudera eu cazar comtigo, Sevalha, porque ſó tu me cahiſte em graça!

*Sevad.* Ai que graça! Diga-me iſſo outra vez.

*D. T.* Não zombo, que não eſtou fóra de fazer eu huma parvoiſſe.

*Sevad.* Não ſerá a primeira.

*D. T.* Queres tu que fujamos? Olha, que eſtou com minhas tentações de te fazer dona da milha caſa.

*Sevad.* Diga-me deſſas, que goſto diſſo.

*D. T.* Sevadilha, não percas eſta fortuna.

*Sevad.* Quem he a fortuna?

*D. T.* Sou eu, que te quero.

*Sevad.* Se he fortuna, ſerá inconſtante.

*D. T.* Ai que a moça me falla por equivocos! Es diſcreta.

*Seved.* Ora va-ſe com a fortuna.

*Sahe Simicupio com a caixa ás coſtas.*

*Simic.* Quem toma conta deſte arcaz?

*D. T.* Quem a manda?

*Simic.* Huma mulher já de dias grandes, porque era baſtantemente velha.

*D. T.* A mim me melem ſe iſto não he já alguma preparação para o caſamento.

*Simic.* Voſſa mercê parece que advinha, pois para caſamento he, ſegundo ouvi dizer a hum terceiro.

*D. T.* Sabes o que virá ahi dentro?

*Simic.* Cuido que he hum veſtido.

*D. T.* E que tal?

*Simic.* Bello na verdade, bordado com huns vivos brancos, e de cores rão vivas, que eſtão ſaltando.

*D. T.*

*D. T.* He de mulher, ou de homem?
*Simic.* Tudo o que aqui vem he para mulher.
*D. T.* Cuidei que era para mim.
*Sevad.* Aquelle he Simicupio; elle que carrega a caixa, não he sem cauſa. *á part.*
*Simic.* Sevadilha lá me eſtá deitando huns olhos, que ſe vão os meus traz delles. *á part.*
*D. T.* Já te pagáráo?
*Simic.* Não Senhor; mas eu eſperarei pela velha.
*D. T.* Pois, Savadilha, em que ficamos? Ajuſtemos o negocio?
*Sevad.* He boa eſta, ouvindo-me Simicupio! *á parte.*
*D. T.* Olha, Sevadilha, eu te quero tanto, que fecharei os olhos a tudo, ſó por caſar comtigo.
*Simic.* Tome-ſe lá, o que eſtavão ajuſtando os dous! Eu lho eſtorvarei. *á part.*
*D. T.* Que dizes, rapariga?
*Simic.* Ah Senhor, pague-me o carreto da caixa.
*D. T.* Eſpera, que logo vem a velha.
*Simic.* Sim, pois a moça logo vai. *á part.*
*D. T.* Tu ainda és menina, não ſabes o que te convem.
*Sevad.* Eu não neceſſito de tutores.
*D. T.* Olha, que eu ſou Morgado na minha terra, e terás tantos, e quantos.
*Simic.* Senhor, pague-me o carreto da caixa, que não poſſo eſperar.
*D. T.* Logo, eſpera: ora, Sevadilha iſſo ha de ſer, dá-me hum abraço.
*Simic.* Venha o carreto da caixa; he boa eſſa!
*Sevad.* He boa teima!

*D. T.*

*D. T.* Pois dá-me ao menos eſſe malmequer por prenda tua.

*Simic.* Ora venha já eſſe carreto, ſenão tudo vai cos diabos.

*D. T.* Eſpera homem , ouve , mulher.

*Sevad.* Va-ſe dahi , mal creado , aleivoſo maligno ; he o que me faltava !

*Canta Sevadilha a ſeguinte*

ARIA.

Que hum tonto jarreta ,
Que hum neſcio pateta ,
Me falle em amor ,
Ou he para rir ,
Ou para chorar.
Não cuide em amores ,
Que neſſes ardores ,
Se póde fregir ,
Se póde abrazar. *Vai-ſe.*

*Simic.* Regalou-me eſta Aria : vou dizer a Sevadilha , diga a Dona Cloris que alli eſtá meu amo , e finjo que me vou. Senhor , adeos : eu virei n'outra occaſião. *Vai-ſe.*

*Sahe D. Lanſerote com hum caſtiçal , e vela aceza , e a porá em cima da caixa , donde ao depois ſe aſſentaráõ.*

*D. L.* Sobrinho , vós bem ſabeis que hum hoſpede , paſſados os tres dias logo fede , como cavallo morto ; iſto não he dizer que fedeis , mas vos affirmo , que me não cheira bem eſſa voſſa irreſolução , vendo que indeciſo ainda

da não elegeſtes qual voſſas primas ha de ſer voſſa conſorte.

*D. T.* Senhor, as perfeições de cada huma são tão peregrinas, que vacilla a vontade na eleição dos ſujeitos; pois quando me vejo entre Cloris, e Nize, me parece que eſtou entre Scylla, e Caribdis.

*D. L.* Pois, Sobrinho, reſolver, reſolve logo, e já.

*D. T.* Pois Senhor, ſe a hum enforcado ſe dão tres dias, eu que no cazar noto a meſma propriedade, pois bem ſe enforca quem mal ſe caſa, peço tres dias tambem para me reſolver.

*D. L.* Tres dias peremptorios concedo; e para que não hajão duvidas no dote, aſſentai-vos, e ſabereis o que haveis de levar. *Aſſentão-ſe.*

*D. T.* Iſſo he ſanto e bom, para que não ſeja a noiva de contado, e o dote de promettido.

*D. L.* Eu, meu ſobrinho, ſuppoſto tenha corrido muito mundo, com tudo me acho alcançado.

*D. T.* Iſſo he bonito!

*D. L.* Primeiramente cada huma de minhas ſobrinha tem muiro boa limpeza.

*D. T.* Sim Senhor, são muito aſſeadas, niſſo não ha duvida.

*D. L.* Além diſſo: eſtai attento, meu ſobrinho, não deis ſalabancos com a caixa, que iſſo he manha de beſtas. *Bole a caixa.*

*D. T.* Eu eſtou com os cinco ſentidos bem quietos.

*D. L.* Como digo, ſabereis, que todo o meu cabedal anda ſobre as ondas do mar. Não eſtareis quieto? *Bole a caixa.*

*D. T.* Não ſou eu por vida minha.

*D. T.*

*D. L.* Não vedes a caixa a saltar?
*D. T.* He verdade; será de contente.
*Cahe a caixa com os dous.*
*D. L.* Isto agora he mais comprido.
*D. T.* E isto he mais estirado.
*D. L.* Ai, quem me acode com huma luz!
*Sahem Dona Cloris, Dona Nize, Fagundes, e Sevadilha com luz.*
*Todos.* Que succedeo?
*D. T.* O maior caso, que virão as idades.
*D. L.* Eu, que na maior idade vi o maior caso.
*D. Niz.* Pois que foi?
*D. Clor.* Que succedeo, Senhores?
*Sevad.* Que he isto?
*Fag.* Que foi? Que succedeo? Que he isto?
*D. T.* Esta caixa.
*D. L.* Esta arca.
*D. T.* Que em torcicolos.
*D. L.* Que em bamboleios.
*D. T.* Com pulos.
*D. L.* Com saltos.
*D. T.* Deitou-me no chão.
*D. L.* No chão me estendeo.
*D. Niz.* He raro caso!
*D. Clor.* He caso raro!
*Sevad.* He, não ha duvida: ai que ella torna a bolir! Fujamos, Senhores.
*Fag.* Valha-te o diabo, D. Fuas, que tão inquieto és? *á parte.*
*D. L.* Esta caixa tem algum encanto, abramo-la.
*D. T.* Diz bem; abra-se a caixa.
*D. Niz.* Ai de mim, que será de D. Fuas! *á p.*
*D. Clor.*

*D. Clor.* Que será de D. Gil! *á part.*

*D. T.* Vá o tampo dentro.

*Sevad.* Tenhão mão, que póde vir dentro algum diamante, que nos mate aqui a todos.

*Fag.* Ai santo breve da marca!

*D. Niz.* Senhor, se se abre a caixa, desmaiamos todos aqui.

*D. L.* Vamo-nos, que a prudencia he melhor que o valor. *Vai-se.*

*D. T.* Pois só não quero ser valente.
*Vai se, e leva a luz.*

*Sevad.* Ai, Não sei que pés me hão de levar! Ande, Senhora.

*D. Clor.* Fazes bem em disfarçar até ao depois. *Vai se.*

*Fag.* A caixa parece que tocou a recolher.

*D. Niz.* E não foi o peior o ficarmos ás escuras, que assim teráõ todos medo de vir aqui: ora abre a caixa, e dize a D. Fuas que saia.

*Fag.* Ai, a caixa está aberta! Seria com os salabancos: saia, meu Senhor, e perdoe o descommodo.

*Abre a caixa, e sahe D. Gil.*

*D. G.* O' tu nocturna deidade, que no caliginoso bosque destas sombras brilhas carbunculo da formosura, aqui tens segunda vez no theatro de tua belleza representante a minha constancia na Tragicomedia de meu amor.

*Fag.* Senhora, quem ás escuras he tão discreto, que fará ás claras?

*D. Niz.* Já vou acreditando, meu bem as tuas finezas; porém....

*Sahe D. Fuas da caixa.*

*D. F.* Porém o teu engano, falsa inimiga, segunda vez se repete para meu desengano, e tua affronta.

*D. Niz.* Que he isto, Fagundes? Que tramoias sáõ estas?

*Fag.* Eu estou besta, pois só a D. Fuas meti na caixa!

*D. Niz.* Pois como ha aqui outro fóra D. Fuas?

*Fag.* Eu não sei, em minha consciencia, que não he má.

*D. F.* Senhora D. Nize, para que são esses fingimentos? Peleije agora com Fagundes, para se mostrar innocente.

*D. G.* Esta he Dona Nize; eu me recolho ao vestuario, até que venha Dona Cloris.

*Mete-se D. Gil na caixa.*

*D. Niz.* Já disse, Senhor D. Fuas, que a minha constancia vive isenta dessas calumnias.

*D. F.* A que d'ElRei, Senhora, quereis que dê com a cabeça por essas paredes? He possivel que ainda intentais negar o que táo repetidas vezes tenho experimentado?

*D. Niz.* Senhor, he pouca fortuna de minha firmeza, encontrar sempre com accidentes de falsidade.

*Fag.* Senhor D. Fuas, não cuide vossa mercê que somos cá nenhumas mulheres de cacaracá; mas alli vem gente.

*D. Niz.* Recolha-se outra vez, que eu em tanto aqui me retiro. Anda, Fagundes. *Vai-se.*

*Fag.* Senhor, nós já tornamos. *Vai-se.*

*D. F.*

*D. F.* Mais á minha conſervação, que ao teu reſpeito, obedeço.

*Eſconde-ſe D. Fuas na caixa, e ſahe D. Cloris.*

*D. Clor.* Que ſe expozeſſe D. Gil ao perigo de vir em huma caixa a meu reſpeito! Ora o certo he que não ha mais extremoſo amante; porém os fumos de Alecrim tem a meſma virtude, que o incenſo nos pombos, que os faz tornar ao pombal. Mas adonde eſtará aqui a caixa? Eſta ſupponho que he. Já meu bem pódes ſahir ſem ſuſto.

*Sahe D. Fuas da caixa.*

*D. F.* Sim, tyranna, pois já me não aſſuſtão as tuas falſidades.

*D. Clor.* Que falſidades? Que dizes? Enlouqueceſte, ou ignoras com quem fallas?

*D. F.* Comtigo fallo, que com outro amante duas vezes infiel te encontrou a minha infilicidade.

*D. Clor.* Cuido que não são tantos os encontros que temos tido.

*D. G.* Aquella voz he de D. Cloris eſtou ardendo com zelos! *á part.*

*D. F.* Já eſtou deſenganado da tua falſidade. Já ſei que eſt'outro amante, que vive encerrado neſſa caixa, he o que ſó merece os teus agrados.

*D. G.* E como que o merece, pois ſó elle he digno deſſe favor; e a quem o impedir, lhe meterei eſta eſpada até as guarnições.

*D. F.* Vês, ingrata, ſe he certa a minha ſuſpeita?

*D. Clor.* Eu eſtou confuſa, e não ſei a quem ſatisfaça!

*D. G.* Ainda continúa, insolente? Não sabe que esta Dama he cousa minha?

*D. F.* Já agora por capricho, a pezar das suas aleivosias hei de dar a vida por mi dama.

*D. Clor.* Senhores, que desgraça!

*D. G.* Se não estivera ás escuras, tu serias o alvo de minhas iras.

*D. F.* Pois se não fora a escuridade, eu te fizera ver o meu brio; mas ainda assim, eu vou dando, dê donde der.

*D. Clor.* Senhores, dem de manso, não os ouça meu tio.

*Cantão D. Fuas, D. Gil, e Dona Cloris a seguinte*

ARIA A 3.

*D. G.* Se não fora por não sei que,
Te matára mesmo aqui.

*D. F.* Se não fora o velho alli,
Te fizera hum não sei que.

*D. Clor.* De mansinho, pouca bulha,
Calte gralha, calte grulha,
Porque o velho ha de acordar.

*D. G.* Pois aqui mui mansamente
Materei este insolente.

*D. F.* Tambem eu pela callada
Meterei a minha espada.

*D. Clor.* De vagar não dem de rijo,
Porque o velho ha de acordar.

*Todos.* Quem pudera em tanta luta
Sua dôr desabafar!

*D. F.*

*D.F. D.G.* Se não grito neſte caſo,
Sou capaz de rebentar.
*D. Clor.* Mais que eſtalem, e arrebentem,
Não ſe ha de aqui fallar.
*Todos.* Não ſe póde iſto aturar! *Vão-ſe.*

*Sahe Simicúpio pela mão de Sevadilha.*

*Simic.* Donde me levas, Sevadilha?
*Sevad.* Ande, não me faça perguntas.
*Simic.* Não ha huma candeia neſta caſa que ſe me meta na mão, que eſtou morrendo por te ver?
*Sevad.* Melhor fineza he amar por fé.
*Simic.* Como, ſe eu não dou fé de ti?
*Sevad.* Ande, que o amor ſe pinta cego.
*Simic.* Muito vai do vivo ao pintado.
*Sevad.* Aſſim eſtamos mais á noſſa vontade.
*Simic.* Andar, ſupponho que tenho o meu amor na Noroega: mas ainda aſſim iſto de eſtar ás eſcuras, não he grande couſa para hum homem dizer á ſua Dama quatro hiperboles, pois ſe não vejo, como poderei dizer-te, que és eſtatua de alabaſtro ſobre plintos de jaſpe, neve vivente, e racional ſorvete, mas ſó carapinhada, pois negra te conſidero neſta Ethiopia: oh negregada occaſião, em que por falta de huma candeia não ſahe á luz a tua formoſura!
*Sevad.* Pois o fogo de teu amor não baſta para allumiar eſta caſa?
*Simic.* Se a luz exceſſiva faz cegar, tambem a minha chamma por exceſſiva não allumia; mas com tudo iſto não nos metamos no eſcuro;

fallemos claro: como eſtamos nós daquillo; que chamamos amor?

*Sevad.* E como eſtamos nós do malmequer, que eſſe he o ponto?

*Simic.* Cada vez eſtá mais viçoſo com a copioſa inundação de meu pranto.

*Sevad.* E tem amo com o Alecrim?

*Simic.* Iſſo são contos largos, o homem anda doido; tudo quanto vê lhe parece que he Alecrim; eſt'outro dia eſtava teimoſo, em que havia de cear ſellada de Alecrim, mais que o levaſſe o diabo. Olha, para contar-te as loucuras que faz, aſſentemo-nos, que iſto ſe não pode levar de pé.

*Aſſenta-ſe Simicupio na caixa, que eſtará com o tampo levantado, e cahe dentro da caixa, que ſe fechará com a dita queda.*

*Simic.* Mas ai Sevadilha, que cahi n'um poço ſem fundo!

*Sevad.* Aonde eſtás, Simicupio?

*Simic.* Não ſei aonde eſtou; ſó ſei que eſtou aqui.

*Sevad.* Aonde he aqui?

*Simic.* He aqui.

*Sevad.* Aqui aonde?

*Simic.* He boa pergunta! Eu ſei cá donde são os aquis na caſa alheia? Sei que eſtou aqui n'um ſole como criança que naſce implicada, mas ſem ventura.

*Sevad.* Pois ſahe dahi, e anda para aqui.

*Simic.* Iſſo he ſe eu ſoubera hir daqui para ahi.

*Sevad.* Quem te impede?

*Simic.* Eſtou entupido.

Se-

*Sevad.* Dá dous eſpirros.

*Simic.* Falta-me a Sevadilha, que a não acho, por mais que ando ao cheiro della. Ora filha, tira-me daqui, tu não ouves?

*Sevad.* Eu bem ouço; porém não vejo aonde eſtás.

*Simic.* Buſca-me fóra de mim, porque não eſtou dentro em mim metido neſta ſepultura, donde ſó campa por infeliz a minha deſventura.

*Sevad.* Calte Simicupio, que ahi vem gente com luzes; adeos até logo. *Vai-ſe.*

*Simic.* Eſtou no mais apertado lance, que ninguem ſe vio!

*Sahem D. Lanſerote com huma luz, e D. Tiburcio.*

*D. L.* Apuremos eſte encanto. Sobrinho, nós havemos ver o que ſe encerra neſta caixa, ainda que o cabello ſe arripie.

*D. T.* Se for couſa deſta vida, ficará ſem ella, e ſe for da outra, a mandarei para o outro mundo.

*D. L.* Pois ſobrinho, abri eſſa caixa com intrepido valor.

*D. T.* Abra voſſa mercê, que he mais velho, e em tudo tem o primeiro lugar.

*D. L.* Deixai cùmprimentos, que a occaſião não he para ceremonias.

*D. T.* Por nenhum modo: não tem que ſe cançar, que lhe não quero tirar a gloria deſta empreza.

*D. L.* O magano contralogrou-me; pois eu confeſſo que eſtou tremendo de medo. *á part.*

*D. T.*

*D. T.* Queria arrumar-me o gigante? He bem eſperto. *á parte.*

*D. L.* Ora pois, hei de ir eu, ou haveis de ir vós?

*D. T.* Vá, não haja comprimentos, que eu ſou de caſa.

*D. L.* Não ha mais remedio que ir eu em corpor e alma, a ver eſta alma ſem corpo, ou eſte corpo ſem alma. Deos vá comigo, Anjo da minha guarda, e todo o Flos Sanctorum me defenda.

*D. T.* Ande tio, não tenha medo que eu eſtou aqui.

*D. L.* Pois ſe não fora iſſo, já eu deitava a correr. *á part.*

*Simic.* Ai! que ſem duvida eſtou na caixa, em que trouxe a D. Gil, e ſegundo o que aqui ouço dizer, me intentão reconhecer: eu lhes tocarei a caixa.

*Chega-ſe D. Lanſerote á caixa, e tanto que a abre, deita Simicupio a cabeça de fóra, e dá hum aſſopro na véla.*

*D. L.* O' tu quem quer que és, que eſtás neſta caixa... mas ai, que me apagárão a véla com hum aſſopro!

*D. T.* Aſſopro!

*Simic.* Mui fraca era aquella luz, pois de hum aſſopro a derribei.

*D. L.* Sobrinho, vós eſtais ahi?

*D. T.* Como ſe não eſtivéra.

*D. L.* Quem ſeria o cruel, que tão aleivoſamente matou huma innocente luz a aſſopros frios?

*Simic.* Deos lhe perdoe, que era huma luz a to-

todas as luzes boa; mas eu quero çafar-me daqui, e temo marrar de narizes com alguem; mas que remedio?

*D. L.* Agora vós chegais para mim, cobarde ſobrinho? Hide, que por voſſa culpa não acabei de deſencantar eſte encanto.

*D. T.* Veja voſſa mercê como chama cobarde?

*D. L.* Calai-vos, abobora, que degenerais de quem ſois.

*D. T.* A mim abobora?

*Simic.* Agora, he boa occaſião de hirme; porque ainda que encontre com algum, cuidaráõ que são murros: lá vai o primeiro. *Dá.*

*D. L.* O' mal enſinado, pondes mãos violentas em voſſo tio?

*Simic.* Eu abrirei caminho deſta ſorte, dando a troxe moxe. *Dá.*

*D. T.* He boa eſſa, Senhor tio, aſſim ſe dá n'um barbado?

*D. L.* Calai-vos, maganão, que não haveis de çaſar: mas ai, que me déſtes huma bofetada com a mão aberta! A que d'ElRei ſobre eſte magano de meu ſobrinho! *Vai-ſe.*

*D. T.* A que d'ElRei ſobre eſte caduco de meu tio! *Vai ſe.*

*Simic.* A que d'ElRei que já me deixáraõ! *Vai-ſe.*

## SCENA III.

*Camera. Sahem D. Gil , e D. Nize.*

*D. G.* SEnhora Dona Nize, ſe acaſo em voſſa piedade póde achar amparo hum deſgraçado , peço-vos que me occulteis ; pois já a rubicunda Aurora em riſonhas vozes nos aviſa da chegada do Sol , aſſim a voſſa Mangerona ſe veja coroada de louro no Capitolio do amor.

*D. Niz.* Já o Alecrim pede favores á Mangerona ?

*D. G.* Se Dona Cloris não apparece , que quereis que faça ?

*D. Niz.* Pois eſcondei-vos neſſa alcova , em quanto a vou chamar.

*Eſconde-ſe D. Gil , e ſahe D. Fuas.*

*D. F.* Aonde vás , tyranna ? Procuras acaſo o teu amante ? Oh murcha ſeja a tua Mangerona , que como planta venenoſa me tem morto.

*D. Niz.* Homem do demonio ou quem quer que és , que em negra hora te vi , e amei , que deſconfianças são eſſas ? Que amante he eſſe , com quem me andas aqui apurando a paciencia , e ſem que , nem para que , deſcompondo a minha Mangerona ?

*D. F.* Pois quem era aquelle , que ſahio da caixa a dizer-te mil colloquios ?

*D. Niz.* Que ſei eu quem era ; ſalvo foſſe . . . . Mas retira-te que ahi vem gente.

*D. F.* Eſconderme-hei aonde for.

*Quer eſder-ſe onde eſtá D. Gil.*

*D. Niz.*

*D. Niz.* Não te eſcondas ahi. Ai de mim, que ſe D. Fuas vê a D. Gil, fará o ſeu ciume verdadeiro! *á part.*

*D. F.* Não queres, que me eſconda ahi? Agora por iſſo meſmo.

*D. Niz.* Tem mão, adverte...

*D. F.* Qual adverte? Tens ahi acaſo eſcondido o teu amante?

*D. Niz.* Não; D. Fuas, porque ſó tu...

*D. F.* Que he iſſo? Mudas de cor?

*D. Niz.* Se a cor he accidente, eſtou para deſmaiar, vendo a ſemrazão com que me criminas.

*Sabe D. Cloris.*

*D. Clor.* Nize, que alarido he eſſe? Queres que venha o tio, e ache aqui eſte eſtafermo?

*D. Niz.* São loucuras de hum zeloſo ſem cauſa.

*D. F.* São zelos de huma cauſa ſem loucura. E ſenão diga-me, Senhora D. Cloris, por vida do Senhor ſeu Alecrim, não he para ter zelos ver repetidas vezes a hum ſujeito procurar a D. Nize com tão reperidos extremos que huma couſa he vello, e outra dizello; e ſupponho o tem agora eſcondido naquella alcova de donde me deſvia para eſconder-me?

*D. Clor.* Iſſo verei eu, que tambem me importa eſſa averiguação.

*D. Niz.* Cloris não te canceis, que não has de ver quem ahi eſtá. Eſtou perdida! *á part.*

*D. F.* He para que veja, Senhor, a razão que tenho. Ah tyranna!

*D. Clor.* Já agora por capricho hei de ver quem ahi eſtá. Voſſa mercê he, Senhor D. Gilvaz?

Que

Que he isso? Quer enxertar o meu Alecrim com a Mangerona de Dona Nize.

*D. G.* Ha caso semelhante!

*D. F.* Falso, traidor amigo, como sabendo que eu pretendo a D. Nize, te expões a embaraçar o meu emprego?

*D. G.* D. Cloris, D. Fuas, para que são esses extremos, quando a Senhora D. Nize nem a vós vos offende, nem a mim me corresponde?

*D. F.* Ninguem se esconde sem delicto.

*D. Clor.* Ninguem se occulta sem motivo.

*D. Niz.* Ora agora não quero dar satisfações, nem a huma louca, nem a hum temerario: he muita verdade; escondi a D. Gil, porque lhe quero bem; pois que temos?

*D. F.* Que isto soffra a minha paciencia! Ah ingrata!

*D. Clor.* Que isto tolerem os meus zelos! Ah falso amente!

*D. G.* A Senhora D. Nize está zombando, e aquillo nella he galantaria.

*D. Niz.* Não he senão realidade, e tenho dito. *Vai-se.*

*D. F.* Não se vio mais descarado rigor! Espera cruel, e verás com os teus olhos os ultrajes, que faço á tua Mangerona. *Vai se.*

*D. Clor.* Senhor D. Gil, venha depressa o meu Alecrim.

*D. G.* O teu Alecrim he inseparavel de meu peito.

*D. Clor.* Deixemos graças, que eu não zombo.

*D. G.* Pois entendes que D. Nize falla de veras?

*D. Clor.*

*D. Clor.* Quer fallaſſe de veras, quer não, venha, venha o meu Alecrim.

*D. G.* De que ſorte queres que te ſatisfaça? Ignoras acaſo as firmezas de meu amor?

*Canta D. Gil a ſeguinte*

ARIA.

Borboleta namorada,
Que nas luzes abrazada,
Quando eſpira nos incendios
Solicita o meſmo ardor.
Tal, ó Clori, me imagino,
Pois parece que o deſtino
Quer, por mais que tu me mates,
Que appeteça o teu rigor.

*Sahem Simicupio, e Sevadilha.*

*Simic.* Senhor D. Gilvaz, nunca Simicupio ſe vio em calças mais pardas.

*D. G.* Porque?

*Sevad.* Porque o velho já ahi vem caminhando como huma centopeia.

*D. Clor.* Anda, D. Gil, para dentro até que haja occaſião para ſahires.

*D. G.* Vás ainda com eſcrupulos na minha conſtancia?

*D. Clor.* Cá dentro apuraremos eſſas finezas. *Vai ſ.*

*D. G.* O' Simicupio, vê como havemos ſahir daqui, que bem ſabes, que tenho de eſcrever hoje para o correio. *Vai-ſe.*

*Simic.* Tomára que o fizeſſem em poſtas, e o levaſſe barzabú ás vinte.

*Se-*

*Sevad.* E ſe lhes não dizemos que vinha ô velho, ainda ſe não hião.

*Simic.* E hia-ſe a hiſtoria ſem nós fazermos noſſo papel de Alfazemas por cauſa do Alecrim.

*Sevad.* Não me dirás, Simicupio, em que ha de parar toda eſta barafunda?

*Simic.* Em algum caſamento, iſſo já ſe ſabe; tomára eu tambem que me diſſeſſes em que havemos nós parar.

*Sevad.* Em correr, que ſe paramos aqui, talvez que nos envidem o reſto.

*Simic.* Não embaralhes o ſentido em que te fallo. Ai Sevadilha, que não ſó me chegaſte ao coração, mas tambem aos narizes! E aſſim não ponhas por eſtanque os teus favores; antes affavel dá-me alguma amoſtrinha de tua inclinação.

*Sevad.* Quem te metteo eſſes fumos na cabeça!

*Simic.* O dó que tenho de te ver tão matadora.

*Sevad.* Vai-te dahi, que tenho nojo de chegar-me a ti.

*Simic.* Eu não te mereço que me deſcomponhas o carinho, com que te trato. Ai Sevadilha, que ſinto aſſar-me nos eſpetos quentes de teus olhos, aonde os repetidos eſpirros de meu incendio....

*Sevad.* Se me diſſeras iſſo em dous dedos de papel, ainda te crêra.

*Simic.* Não ſó em dous dedos, mas em toda a mão da ſolfa, donde verás de teu Simicupio as finas clauſulas de ſuas ſimicopadas.

*Canta Simicupio, eſpirrando no fim de cada verſo, a ſeguinte*

ARIA.

Não poſſo, ó Sevadî....
Dizerte, o que padê....
Que o meu amor travê....
Chegando-me aos narî....
N'um moto continuo me faz eſpirrar.
Mas ſe he tafullaria
Eſte vicio de querer-te,
Toda inteira hei de ſorver-te,
Por mais que me veja morrer, e eſtallar.
*Vai-ſe.*

*Sevad.* Ora Deos o ajude com tanto eſpirrar.
*Sahem D. Lanſerote, e D. Tiburcio.*

*D. L.* Baſta ſobrinho que não foſtes vós, o que me derreaſtes?

*D. T.* Pois acha voſſa mercê que havia pôr as mãos violentas nas reverendas barbas de voſſa mercê? Igual eu me podia com mais razão queixar de voſſa mercê, que me fez em eſtilhas.

*D. L.* Eu, ſobrinho? Iſſo he engano; eu havia erguer a mão para vós, quando ſó as devo levantar ao Ceo para dar-lhe graças, por dar-me para huma de minhas ſobrinhas hum noivo tão gentil-homem?

*D. T.* Não vai a dar quebranto.

*Sevad.* E elle, que he mui bello. *á part.*

*D. T.* Pois ſe nenhum de nós reciprocamente deu hum no outro, quem ſeria?

*D. L.*

*D. L.* Eu tambem não posso atinar; o que sei he, que a caixa para nós foi de guerra.

*Sevad.* E para o noivo, de tartaruga do Alémtejo. *á part.*

*D. L.* Sevadilha, anda cá, não o negues: quem andará nesta casa, ha hum par de noites que sinto grande reboliço?

*Sevad.* Senhor, eu tenho para mim que esta casa ás escuras he assombrada.

*D. L.* Tens visto alguma cousa?

*Sevad.* Ai Senhor, tenho visto tantas cousas, que não me atrevo a dizellas.

*D. L.* Dize, rapariga.

*Sevad.* Só em cuidar no que vi, estou para me desmaiar.

*D. L.* Era cousa do outro mundo?

*Sevad.* Qual do outro mundo, se eu a vi neste?

*D. L.* Era fantasma?

*Sevad.* O que he fantasma?

*D. L.* He huma cousa branca que põem os olhos em alvo.

*Sevad.* Senhor, eu não sei o que he; sei sómente que vi sahir de huma caixa huma cousa como furacão de vento, que me deu muita pancada.

*D. L.* Vedes, sobrinho? He o mesmo que nos succede em carne.

*D. T.* Na carne aliás.

*D. L.* Aqui não ha outro remedio mais que çafares logo, e já, e levares vossa mulher comvosco, que eu ponho escritos nas casas, e mudo-me ás carreiras.

*D. T.*

*D. T.* Isso he o verdadeiro.

*D. L.* Sevadilha, vai chamar as raparigas, que venhão cá depressa.

*Sevad.* Genro, e sogro não os vi mais bestas! *á parte e vai-se.*

*D. T.* Para que manda vossa mercê chamar a minhas primas tão depressa?

*D. L.* Logo vereis.

*Sahem D. Cloris, e D. Nize.*

*Ambas.* Que nos ordenas, Senhor?

*D. L.* Sobrinho, ellas ahi estão, escolhei huma das duas para vossa esposa.

*D. Clor.* Eu fiz voto de ser freira, e assim não posso cazar.

*D. L.* Pois caze D. Nize.

*D. Niz.* Eu menos, que quero ser donzella.

*D. L.* Isso já não póde ser, que dei a minha palavra, que val mais que tudo.

*D. T.* Eu já me resolvêra a aturar a rispida condição de Dona Nize, mas sem receber o dote, não me recebo.

*D. L.* Andai, que sois hum impolitico: algum homem que tem brio falla em dote?

*D. T.* E algum homem que quer dote, attenta em brio?

*Sahem D. Fuas, D. Gil, e Simicupio vestidos de mulher com mantos.*

*Simic.* Senhor, esta industria nos valha, que para sahir sempre foi boa huma saia.

*D. G.* Quem serve a Cupido, não he muito que se affemine. *á part.*

*D. F.*

*D. F.* Até niſto moſtra o amor que he cobarde. *á part.*

*D. L.* Que mulheres são eſſas, que ſahem da noſſa alcova?

*D. Clor.* Eſtou tremendo não ſe deſcubra a tramoia. *á part.*

*Simic.* Senhor D. Tiburcio, as mulheres honradas, como eu, ſe não tratão deſta ſorte.

*D. T.* Senhora, voſſa mercê vem enganada.

*D. L.* Que he iſto, ſobrinho?

*D. T.* Eu o não ſei em minha conſciencia.

*D. L.* Senhoras, como entraſtes neſta caſa?

*Simic.* Eſte Senhor ſobrinho de voſſa mercê merecia que lhe deſſem duas facadas, pois ſem alma, nem conſciencia, depois de o introduzir na minha caſa, para cazar com huma de minhas filhas, que voſſa mercê aqui vê, teve taes ardis, que enganou a ambas, e de ambas triunfou; e para mais penas ſentir, eſta madrugada nos mandou vieſſemos a eſta caſa, que diſſe era ſua, e no cabo ſei que não he, e eſtá para cazar com huma ſobrinha de voſſa mercê. Ah traidor, ladrão, não ſei como te não eſgadanho, e te arranco eſſas goellas.

*D. L.* He notavel caſo! Sobrinho deſalmado, que he o que fizeſtes?

*D. T.* Senhor, eu eſtou tolo de ver mentir eſta mulher!

*D. G.* Ah falſo D. Tiburcio, o Ceo me vingue de tuas falſidades.

*D. F.* Ainda nega o magano? Tal eſtou que lhe arrancára eſſas barbas.

*Simic.*

*Simic.* Deixai, filhas, deixai, que ainda no Ceo ha raios, e no inferno a caldeira de Pero Botelho para caſtigo de velhacos. Vamos, meninas. *Vão-ſe.*

*D. Clor.* Já eſtamos livres deſte ſuſto. *á part.*

*D. Niz.* O criado val hum milhão. *á part.*

*D. L.* Senhor ſobrinho, voſſa mercê a tem feito como os ſeus narizes; baſta que voſſa mercê he uſeiro, e viſeiro a enganar moças?

*D. T.* Senhor, eu não conheço taes mulheres.

*D. L.* Se não tendes outra deſculpa, eſſa não me ſatisfaz, e agora vejo, que por iſſo dilataveis o cazar com voſſas primas fingindo irreſoluções, e regateando o dote.

*D. T.* Senhor, permitta Deos, que ſe eu....

*D. L.* Não jureis falſo; dizei me, e tiveſtes atrevimento de meteres mulheres em caſa, ſem attenção ao decóro de voſſas primas?

*D. T.* Primas do meu coração, eu eſtou para enlouquecer, pois eſtou tão innocente....

*D. Clor.* Calle-ſe, tenha juizo; baſta, que com eſſe feitio nos queria lograr?

*D. Niz.* He o Senhor ſizudo que não approvava os ranchos de Alecrim, e Mangerona!

*D. T.* Ora baſta que diga eu que não conheço taes mulheres.

*D. Clor.* Calle-ſe, tonto.

*D. Niz.* Calle-ſe, ſimplez.

*D. Clor.* Basbaque.

*D. Niz.* Inſolente.

*Ambas.* Que? Agora cazar? Aqui para traz. *Vão-ſe.*

*D. T.* Senhor tio, deme attenção, senão desesperarei.

*Canta D. Lanserote a seguinte*

ARIA.

Eis aqui: eu estou perdido,
Gasto feito, noiva prompta,
Porta aberta, e casa tonta;
Ah sobrinho! Mas que digo?
Empreſtai-me a vossa espada,
Que me quero degollar.
Oh prudencia desgraçada,
Pois não faço huma fallada
Por ninguem me ouvir gritar.

*D. T.* Que isto a mim me succeda? Não ha homem mais infeliz!

## SCENA IV.

*Praça. Sahem D. Gil, e Simicupio.*

*D. G.* HUma, e muitas vezes te considero, Simicupio, prodigioso artifice de meu amor, pois com as tuas máquinas vás erigindo o retorcido thalamo, que ha de ser throno do mais ditoso Hymenêo.

*Simic.* Já disse a vossa mercê, que mais obras, e menos palavras: Simicupio, Senhor, já se acha mui cansado, tomára que me aposentasse com meio soldo, que este officio de alcofa he mui perigoso, que supposto tenha azas para fugir, tambem as azas tem penas para sentir.

*D. G.*

*D. G.* Simicupio, já o peior he paſſado: acabemos de deitar eſta náo ao mar, que então teremos enchentes.

*Simic.* E no cabo de tantas enchentes tudo nada.

*D. G.* Anda, não deſmaies, que hoje havemos moſtrar ao Mundo os triunfos do Alecrim.

*Simic.* E a Mangerona todavia não menos viçoſa com os borriſos de Fagundes.

*D. G.* Mas a galantaria he, que todas as ſuas idéas redundão em noſſo proveito.

*Simic.* Ahi he que eſtá a filagrana do jogo, Fagundes a ſemear e nós a colher.

*Sahe Sevadilha com mantilha.*

*D. G.* Aquella que lá vem, não he Sevadilha?

*Simic.* Pelo cheiro aſſim me parece.

*D. G.* Que novidade he eſſa, Sevadilha? Tu ſó por aqui?

*Sevad.* Que ha de ſer? A maior deſgraça do mundo.

*D. G.* Que? Morreo o velho?

*Sevad.* Iſſo então ſeria fortuna.

*D. G.* Pois que foi?

*Sevad.* Foi que D. Tiburdio com a pena de ſe ver accommettido de tres mulheres, como voſſa mercê ſabe; á viſta das noivas, e do ſogro tomou tal paixão, que lhe deu eſta noite huma colica, e eſtá quaſi indo-ſe por hum fio; e aſſim eu por huma parte, Fagundes, e o Galego por ambas, vamos a chamar o Medico. Adeos, que me não poſſo deter.

*D. G.* Eſpera.

*Sevad.* Não posso, que D. Tiburcio está morrendo por instantes.

*Simic.* Não te canses, que já o achas morto: ande cá, tenha feição, e faça palestra com os amigos.

*D. G.* Que faz Dona Cloris?

*Sevad.* Não me detenha, adeos.

*Simic.* Dize-me primeiro, que tal te pareci em trages de mulher?

*Sevad.* Não estou para isso, deixe-me hir, que estou depressa.

*Simic.* Ha tal pressa! Como se estivere alguem para morrer!

*Sevad.* Não vê que vou acodir a esta grande necessidade.

*Simic.* Vai-te, filha; vai-te, não te soffras.

*Sevad.* Bem puderas tu poupar-me essas passadas, e hir chamar hum Medico ás carreiras.

*Simic.* Vai descançada, que eu chamarei o Medico.

*D. G.* Sim, com muito gosto.

*Sevad.* Ora faça-me esse favor, e adeos. *Vai-se.*

*D. G.* Anda depressa, vai chamar o Medico.

*Simic.* Que Medico? Cuide n'outra cousa.

*D. G.* Isso he zombaria? Não permitta Deos, que o homem morra por nossa omissão.

*Simic.* Vamos, que eu, e vossa mercê havemos ser os Medicos na enfermidade de D. Tiburcio.

*D. G.* Estás louco? Pois nós sabemos Medicina?

*Simic.* Assim como ha Filosofia natural, porque não haverá natural Medicina?

*D. G.* E se o doente morrer por falta de remedio?

*Si-*

*Simic.* Mais depreſſa morrerá por muitos remedios.
*D. G.* E que lhe havemos applicar?
*Simic.* Tudo o que não ſor veneno; porque o que não mata, engorda.
*D. G.* Iſſo he temeridade.
*Simic.* Vamos, Senhor, e Deos ſobre tudo.

*Sahe D. Fuas.*

*D. F.* Eſpera, traidor D. Gil.
*Simic.* Ai, que iſto he alguma eſpera!
*D. G.* Que me quereis, D. Fuas?
*D. F.* Que metais a mão a eſſa eſpada.
*D. G.* Para que?
*Simic.* He boa pergunta! Para que ſerá? He para fazer alfeloa magana.
*D. F.* Vereis que ſabe o meu valor caſtigar offenſas de hum amigo desleal: pois ſabendo vós, que Dona Nize era o idolo da minha veneração, chegaſtes a profanar o meu culto com os ſacrilegos votos de voſſos ſacrificios, a quem ſuaviſárão os odoriferos halitos da Mangerona.
*Simic.* Ahi cos diabos!
*D. F.* E aſſim metei a mão a eſſa eſpada, para que ſe conſerve Dona Nize, ou ſegura no templo de meu peito, ou no de voſſo coração.
*Simic.* Senhor, aqui não he lugar de deſafios, vamos para Val de cavallinhos a jogar os couces.
*D. G.* D. Fuas, eſtais louco? Vede que ſem cauſa he a voſſa queixa.
*D. F.* Não quero ſatisfações, vamos puxando.
*Simic.* Eſte homem vem puxado.

*D. G.*

*D. G.* Pois para que vejais que o ſatisfazer-vos não he temer-vos. . . .

*Sahe Fagundes com mantilha.*

*Fag.* Cé, ah Senhor D. Fuas, huma palavrinha depreſſa, que importa.

*D. F.* Aquella he Fagundes; que me quererá? Eſperai, D. Gil, em quanto fallo a eſta mulher.

*Simic.* Senhor, não conſinto, ou fallar, ou brigar.

*D. G.* Deixai mulheres, e brigai, que eſtou prompto a ſatisfazer-vos por eſte modo.

*Fag.* Senhor, venha já depreſſa.

*Simic.* Já vai, que quer aqui primeiro meter a eſpada pelo olho a hum amigo.

*Fag.* Ande ſenão vou-me.

*D. F.* Eſpera, que eu vou.

*D. G.* Briguemos, D. Fuas.

*Simic.* Vamos a iſſo, antes que ſe acabe a cólera.

*D. F.* D. Gil, ſe tendes brio, eſperai, que eu venho já. *Vai para Fag.*

*Simic.* Ora vá de ſeu vagar, que eſta pendencia não he de ceremonia. Senhor D. Gil, abalemos com os cachimbos, que brigar com loucos he ſer mais louco. *Vai-ſe.*

*D. G.* Tomo o teu conſelho. *Vai-ſe.*

*Fag.* Sim, Senhor, a caſa eſtá revolta; D. Tiburcio nos articulos da morte, e quaſi moribundo; o velho banzando, e tudo banzeiro; e á viſta diſto póde voſſa mercê introduzir-ſe em caſa o mais depreſſa que puder, em alguma fórma que intentar a ſua induſtria, e adeos.

*D. F.* Ouça cá.

*Fag.* Não poſſo, que vou á botica.

*D. F.*

*D. F.* Pois eſſa ingrata de Dona Nize ainda....
*Fag.* Não eſtou para ouvir nada.
*D. F.* Eſpere, tome lá eſſes vintens pelo trabalho.
*Fag.* Moſtre cá depreſſa.
*D. F.* Ora diga-me, pois Dona Nize.....
*Fag* N'outra occaſião fallaremos, venha iſſo depreſſa.
*D. F.* Tome lá: mas diga-me, em quanto tiro a bolſa, eſſa falſa, eſſa cruel...
*Fag.* Ai, moſtre cá, não me detenha.
*D. F.* Eſpere, que tenho o boldrié por cima da algibeira.
*Fag.* Pois Senhor, ſe a ſua bolſa eſtá aferrolhada, a minha lingua eſtá ferrugenta. *Vai-ſe.*
*D. F.* Muito intereſſeira he eſta velha! Mas aonde eſtá D. Gil? D. Gil? Foi-ſe o cobarde; mas á fé de quem ſou, que as não ha de perder comigo; e tu, ingrata Nize, hoje hirei a verte disfarçado; que á viſta das tuas falſidades he juſto, que me reviſta não ſó de outro habito, mas tambem de outro affecto.

*Canta D. Fuas a ſeguinte*

ARIA.

De hum amigo, e de huma ingrata
Offendido, e ultrajado?
Quem me dera ver vingado!
Oh não ſei como ainda cabe
No meu peito tanta dor!
Mas ſim cabe, porque as penas
Nos eſtragos repartidas
Pelas bocas das feridas
Sahirá com mais vigor. *Vai-ſe.*

SCE-

## SCENA V.

*Camera. Haverá huma cama, e nella estará D. Tiburcio deitado, assistido de D. Lanserote, Dona Cloris, Dona Nize, e Sevadilha.*

*D. L.* O Que tarda este Medico!
*Sevad.* Não póde tardar muito; pois me disse que já vinha.
*D. L.* Como estais agora, meu sobrinho?
*D. T.* Depois que arrotei, acho-me mais aliviado.
*D. Niz.* Valo máo não quebra. *á part.*
*D. Clor.* Se fora cousa boa não havia de escapar. *á parte.*
*D. L.* Não sabeis quanto folgo com a vossa melhora, pois me estava dando cuidado o entero, e me podeis agradecer a boa vontade, pos vos seguro que havia ser luzido; vós o vereis
*D. T.* Outro tanto desejo eu fazer a v. m.
*Sahem D. Gil, e Simicupio vestidos de Medico*
*Simic. Deo gratias.*
*D. L.* Entrem, meus Senhores Doutores.
*D. G.* Em boa me meteo Simicupio! Eu não sei o que hei de dizer. *á parte*
*Simic.* Qual de vossas mercês he aqui o doente
*D. L.* He este que aqui está de cama.
*Simic.* Logo me pareceo pelos sintomas.
*Sevad.* Senhora, que são Simicupio; e D. Gi. *para D. Clo.*
*D. Clor.* Bem os vejo: Nize, que te parece?
*D. Niz.* Que faz melhor effeito o teu Alecrim, que a minha Mangerona.

*Sa*

*Sahem D. Fuas, e Fagundes.*

*Fag.* Entre Senhor Doutor, aqui vem eſte Senhor, que tambem ſe entende muito bem.

*D. F.* Neſte inſtante chego de fóra da terra, quando logo me chamou eſta mulher, que vieſſe ver a hum enfermo.

*D. L.* Já era eſcuſado, porém entre, e ſente-ſe.

*D. Clor.* Nize, D. Fuas compete nas finezas com D. Gil.

*D. Niz.* Não me peza.

*D. F.* Aquelles são D. Gil, e Simicupio; eſtou ardendo! *á parte*

*Simic.* Ah Senhor, não vês a D. Fuas tambem como gente? *para D. Gil.*

*D. G.* Já ſei.

*D. T.* Ai minha barriga, que morro! Acuda-me, Senhor Doutor.

*Simic.* Agora vou a iſſo: ora diga-me, que lhe doe?

*D. T.* Tenho na barriga humas dores mui finas.

*Simic.* Logo as engroſſaremos: e tem o ventre tumido, inchado, e pullulante?

*D. T.* Alguma couſa.

*Simic.* Voſſa mercê he caſada, ou ſolteira?

*D. T.* Porque, Senhor Doutor?

*Simic.* Porque os ſinaes são de prenhe.

*D. L.* Não Senhor, que meu ſobrinho he macho.

*Simic.* Dianteiro, ou trazeiro?

*D. L.* Ui, Senhor Doutor! Digo que meu ſobrinho he varão.

*Simic.* De aço, ou de ferro?

*D. L.* He homem, não me entende?

*Simic.* Ora acabe com iſſo: eis-aqui como por

fal-

falta de informação morrem os doentes; pois se eu não especulára isso com miudeza, entendendo que era macho, lhe applicava huns cravos, e se fosse varão, humas limas; e como já sei que he homem, logo veremos o que se lhe ha de fazer.

*D. L.* Eis-aqui como gosto de ver os Medicos assim especulativos.

*Simic.* Pois o mais he asneira: diga-me mais, ceou demasiadamente a noite passada?

*D. T.* Tanto como a futura, porque desde que se me acabárão as chouriças, que trouxe no alforge, me tem meu tio posto a pão, e laranja.

*D. L.* Aquillo são delirios, Senhor Doutor.

*Simic.* Assim deve ser por força, ainda que não queira, pois conforme ao atorismo *Cùm barriga dolet, cætera membra dolet.*

*D. T.* Não são delirios, Senhor Doutor, que eu estou em meu juizo perfeito.

*Simic.* Peior, pois quem diz que tem juizo, não o tem.

*D. L.* Senhor Doutor, o homem está allucinado depois que huma fantasma, que sahio de huma caixa, o desancou; e sobre isso a grande pena, que tem tomado de humas moças, que aqui introduzio em casa, enganando-as, de cuja insolencia se me veio aqui a mãi queixar, que era mulher de bem, ao que parecia.

*Simic.* Ella he muito criada de vossa mercê.

*D. T.* Deixemos isso; o caso he que a minha barriga não está boa.

*Si-*

*Simic.* Cale-ſe, que ainda ha de ter huma boa barrigada: deite a lingua fóra.

*D. T.* Ei-la aqui.

*Simic.* Deite mais, mais.

*D. T.* Não ha mais.

*Simic.* Eſſa baſtará: he forte linguado! Tem mui boa ponta de lingua! Vejão voſſas mercês, Senhores Doutores.

*D. G.* A lingua he de prata.

*D. F.* Humida eſtá baſtantemente.

*Simic.* Venha o pulſo: eſtá intermitente, languido, e convulſivo: ó menina tomou as aguas?

*Sevad.* Ainda não veio o aguadeiro.

*Simic.* Pergunto ſe o doente fez a mija?

*D. T.* Neſta caſa não ha outinol.

*Simic.* Pois tome-as, ainda que ſeja n'uma frigideira em todo o caſo, *quia per orinis optime cognoſcitur morbus.*

*D. L.* Ah Senhores, grande Medico!

*D. Niz.* E D. Fuas como eſtá melancolico!

*para D. Cloris.*

*D. Clor.* Eſtará cuidando na receita.

*Simic.* Ora Senhores, capitulemos a queixa. Eſte Fidalgo (ſe he que o he, que iſto não pertence á Medicina) teve huma colorica procedida de paixões internas porque o eſpirito agitado da repreſentação fantaſmal, e da inveſtida feminil, retrahindo-ſe o ſangue aos vaſos linfaticos, deixando exauridas as matrizes ſanguinarias, fez huma revolução no inteſtino recto; e como a materia craſſa, e viſcoſa, que havia nutrir o ſucco pancreatico,

pela

pela ſua turgencia ſe achaſſe deſtituida do vigor, por falta do appetite famelico, degenerou em liquidos: eſtes pela ſua virtude acre, e mordaz vilicando, e pungindo as tunicas, e membranas do ventriculo, exaltárão-ſe os ſaes fixos, e volateis por virtude do acido alcalino, de ſorte que fez com que o Senhor andaſſe com as calças na mão toda eſta noite: *in calſis andatur, qui ventre evacuatur*, diſſe Galeno.

*D. L.* Eu não lhe entendi palavra.

*D. T.* Eu morro, ſem ſaber de que.

*Simic.* Conhecida a queixa, votem o remedio, que eu, como mais antigo, votarei em ultimo lugar.

*D. G.* Eu ſou de parecer que o ſangrem.

*D. F.* Eu que o purguem.

*Simic.* Senhores meus, a grande queixa, grande remedio; o mais efficaz he, que tome humas bichas nas meninas dos olhos, para que o humor faça retroceſſo debaixo para ſima.

*D. T.* Como he iſſo de bichas nas meninas dos olhos?

*Simic.* He hum remedio topico; não ſe aſſuſte, que não he nada.

*D. T.* Voſſa mercê me quer cegar?

*Simic.* Calle-ſe ahi; quantas meninas tomão bichas, e mais não cégão.

*D. L.* Calai-vos, ſobrinho, que elle Medico he, e bem o entende.

*D. T.* Por vida de D. Tiburcio, que primeiro

ha

ha de levar o diabo ao Medico, e á receita, que eu em tal consinta. *Ergue-se.*

*Simic.* Deite-se, deite-se: o homem está maniaco, e furioso.

*D. L.* Aquietai-vos, sois alguma criança?

*D. Niz.* Ora Senhores Doutores, já que vossas mercês aqui se achão, bem he que os informemos, eu, e minha irmã, de varias queixas que padecemos.

*Simic.* Inda mais essa? Ora digão.

*D. Clor.* Senhor, o nosso achaque he tão semelhante, que com huma só receita se pódem curar ambos os males.

*D. Niz.* Não ha duvida que o meu achaque he o mesmo em carne que o de minha irmã.

*Simic.* Achaque em carne pertence á Cirurgia.

*D. Clor.* Que como dormimos ambas, se nos communicou o mesmo achaque; e assim, Senhor, padecemos humas ancias no coração, humas melancolias n'alma, huma inquietação nos sentidos, huma travassura nas potencias; e finalmente, Senhor Doutor, he tal este mal, que se sente sem se sentir; que doe sem doer; que abraza sem queimar; que alegra entristecendo, e entristece alegrando.

*Simic.* Basta, já sei, isso he mal Cupidista.

*D. L.* O que he mal Cupidista, que nunca tal ouvi?

*Simic.* He hum mal da moda.

*D. Niz.* Que remedio nos dão vossas mercês?

*D. F.* Eu dissera, que o óleo de Mangerona era excellente remedio.

*D. G.* O verdadeiro para essa queixa são as fumaças do Alecrim. *D. F.*

*D. F.* Ui Senhor Doutor, a Mangerona he hum excellente remedio.

*D. G.* Nada chega ao Alecrim, cujas excellentes virtudes são tantas, que para numerallas não acha numero o algarismo; e não faltou quem discretamente lhe chamasse planta bemdita.

*D. F.* Se entrarmos a especular virtudes, as da Mangerona são mais que as da herva santa.

*Simic.* Daqui a polla no altar não vai nada.

*D. F.* A Mangarona he planta de Venus, de cujos ramos se coroa Cupido, e para o mal Cupidista não póde haver melhor remedio que huma planta de Venus; pois se notarmos a perfeição com que a natureza a revestio daquellas mimosas folhinhas, para que todo o anno sejão jeroglifico da immortalidade; aquelle suavissimo aroma, de cuja frangrancia he hidropico o olfato, ella he a delicia de Flora, o mimo de Abril, e a esmeralda no annel da primavera.

*Simic.* He verdete; não ha dúvida.

*D. Niz.* Estou tão contente! *á part.*

*D. G.* O Alecrim, Senhor, pela sua excellencia he titular na republica das plantas, cujas flores, depois de serem bella imitação dos ceruleos globos, são a doçura do mundo nos melifluos osculos das abelhas

*Simic.* Todavia a materia he de *apicibus.*

*D. G.* Elle he a coroa dos jardins, o lenço vegetavel das lagrimas da Aurora: nas chammas he Fenix; nas aguas Rainha; e finalmente he o antidoto universal de todos os ma-

les,

lés, e a mais ſegura taboa da vida, quando no mar das queixas aſſoprão os ventos inficionados; e para prova deſte ſyſtema repetirei traduzido em Portuguez hum Epigramma do Proto-Medico Avicena, Poeta Arabico.

## SONETO.

Hum dia para Siques quiz amor
Huma grinalda bella fabricar,
E por mais que buſcou, não pôde achar
Flor do ſeu goſto entre tanta flor.
Deſprezou do jaſmim o ſeu candor,
E a roſa não quiz por ſe eſpinhar,
Ao gyraſol moſtrou não ſe inclinar,
E ao jacyntho deixou na ſua dôr.
Mas tanto que chegou Cupido a ver
Entre virentes pompas o Alecrim,
Hum verde ramo pretendeo colher;
Tu ſó me agradas, diſſe, pois em fim
Por ti deſprezo, ſó por te querer,
Jacyntho, gyraſol, roza, e jaſmim.

*D. Clor.* Viva o Senhor Doutor, eu quero as fumaças do Alecrim.

*D. T.* E morra o Senhor doente: ai minha barriga!

*D. F.* Se verſos pódem ſervir de textos, eſcute huns de hum Antegoniſta deſſe Author a favor da Mangerona pelos meſmos conſoantes.

SO-

## SONETO.

Para vencer as flores quiz amor
Settas de Mangerona fabricar:
Foi deſcreta eleição, pois ſoube achar
Quem ſoubeſſe vencer a toda a flor.
O jaſmim deſmaiou no ſeu candor,
A roza começou-ſe a eſpinhar,
No gyraſol foi culto o inclinar,
Ais o jacyntho deu de inveja, e dôr.
Entre as vencidas flores póde ver
Retirar-ſe fugido o Alecrim,
Que amor para vingar-ſe o quiz colher;
Cantou das flores o triunfo, em fim,
Nem os deſpojos quiz, por não querer,
Jacyntho, gyraſol, roſa, e jaſmim.

*D. Niz.* Viva o Senhor Doutor, eu quero o remedio da Mangerona.

*D. L.* Não cuidei que a Mangerona, e Alecrim tinhão taes virtudes. Vejamos agora o que diz o Senhor Doutor.

*D. T.* Que tenho eu com iſſo? Senhores, voſſas mercês me vierão curar a mim, ou ás raparigas? Ai minhas barrigas!

*Simic.* Calado eſtive ouvindo a eſtes Senhores da Eſcola moderna, encarecendo a Mangerona, e Alecrim. Não ha duvida que, *pro utraque parte* ha mui nervoſos argumentos, em que os Doutores Alecriniſtas, e Mangroniſtas ſe fundão; e tratando Dioſcorides do Mangeroniſmo, e Alecriniſmo, aſſenta de pedra, e cal,

cal, que para o mal Cupidiſta são remedios inanes; porque tratando Ovidio do remedio *amoris*, não achou outro mais genuino contra o mal Cupidiſta que o Malmequer, por virtude ſympatica, magnetica, diaforetica, e diuretica, com a qual *curatur amorem.* Repetirei as palavras do meſmo Ovidio.

## SONETO.

Eſſa que em cacos velhos ſe produz
Mangerona miſerrima ſem flor,
Eſſe pobre Alecrim, que em ſeu ardor
Todo ſe abraza por ſahir á luz.
Ainda que ſe vejão hoje a fluz
Desbancar nas baralhas do amor,
Cuido que ellas o bollo hão de repôr,
Se não negro ſeja eu como hum lapuz.
O Malmequer, Senhores, iſſo ſim,
Que he flor que deſengana, ſem fazer
No verde da eſperança amor ſem fim.
Deixem correr o tempo, e quem viver
Verá, que a Mangerona, e o Alecrim,
As plantas beijarão do Malmequer.

*Sevad.* Viva, e reviva o Senhor Doutor, e já que he tão bom Medico, peço-lhe me cure de humas dores tão grandes, que parecem feitiços.

*Simic.* Dá cá as pulſeiras. Ah perra que agora te agarrei! Tu eſtás maraſmodica, e impiamatica. Ah Senhor, logo, logo, antes que ſe perpetue huma febre podre, he neceſſario que eſta rapariga tome huns Simicupios.

*Sevad.* Simicupios eu? He couſa que abomino.

*Simic.* Eu deſencarrego a minha conſciencia, e não ſou mais obrigado.

*D. L.* Ella não tem querer, ha de fazer o que voſſa mercê mandar.

*Fag.* Eu tambem ſou de carne, tenho annos, e tenho achaques.

*Simic.* Pois cure-ſe primeiro dos annos, logo ſe curará dos achaques.

*Fag.* Não, Senhor, que eſte achaque não he annual, he diario.

*Simic.* Se fora nocturno, não era máo. Pois que achaque he o ſeu, Senhora velha?

*Fag.* Que ha de ſer? He eſta madre que me perſegue.

*Simic.* Ui, voſſe com eſſes annos ainda tem madre? E o que ſerá de velha a ſenhora ſua madre! Filha, iſſo não he madre, he avó.

*Fag.* Talvez que por iſſo tão rabujenta me perſiga. E que lhe farei, Senhor Doutor?

*Simic.* A huma madre velha, que ſe lhe ha de fazer? Andar, ponha-lhe oculos, e muletas, e deixe-a andar.

*D. L.* Iſto aqui he hum hoſpital, graças a Deos: ſó eu neſta caſa ſou são como hum pero, a pezar de duas fontes, e huma funda.

*Simic.* Oh ditoſo homem que vive ſem males!

*D. T.* Senhores, o meu mal devia ſer contagioſo, porque depois da minha doença todos adoecerão. Ai minha barriga!

*D. L.* Pois em que ficamos?

*Simic.* Senhor meu fallando em termos, o doen-

ente ſangre-ſe no pé; voſſa mercê na bolſa; ás ſenhoras ſuas ſobrinhás tres banhos; á moça Simicupios; e a velha lancem-na ás ondas, que eſtá danada.

*Fag.* Ai que galante couſa!

*D. Clor.* Eu não quero mais remedio, que os fumos do Alecrim.

*D. Niz.* E eu os da Mangerona.

*Simic.* Não ſeja eſſa a duvida, ainda que não ſou deſſe voto, com tudo cada hum he ſenhor da ſua vida, e ſe póde curar como quizer; lá vai a receita.

*Canta Simicupio a ſeguinte*

ARIA.

Si in midicinis
Te viſitamus,
Non aſniamus
Sed de Alecrinis,
Et Mangeronis
Recipe quantum
Saris *aná.*
Credite mihi,
Qui ſum peritus,
Non mediquitus
De cacaracá

*D. L.* Eſperem, Senhores, voſſas mercês perdoem, lá repartão eſſa ninharia entre todos, que eu não eſtou aparelhado ſenão para hum.

*Simic.* Venha embora, que ſó eſte hé o verdadeiro ſimptoma da Medicina. *Vai-ſe.*

*D. G.* Ai Cloris, que quando o mal he de amor, ſó o morrer he remedio! *Vai-ſe.*

*D. F.* Finjo que me vou, por ver ſe poſſo apurar a falſidade de Dona Nize. *Vai ſe.*

*D. T.* Mande-me cerrar eſte miombo, que vou entrando em hum ſuor copioſo, abafem-me bem.

*D. L.* Aqui ſervia o meu capote: paciencia! vamo-nos, e deixemo-lo ſuar, ninguem lhe falle á mão. *Vai-ſe.*

*D. Clor.* Vamos, Nize, a moralizar os extremos deſtes amantes. *Vai ſe.*

*D. Niz.* Tanto me importa, vamos a regar os noſſos craveiros. *Vai-ſe.*

*Fag.* O diabo de Simicupio temo que me metta em hum chichéllo com ſeus ardis. *Vai-ſe.*

*Sevad.* He para ver ſe o meu Malmequer tambem entra em reſtea. *Vai-ſe.*

*Sahe D. Fuas.*

*D. F.* Já todos ſe forão. Quem me dera encontrar a eſta tyranna, cruel, falſa, inimiga.

*Sahe Fagundes.*

*Fag.* D. Tiburcio fica a ſuar como hum cavallo. Mas ai! Quem eſtá aqui?

*D. F.* Sou eu, Senhora Fagundes, não ſe aſſuſte.

*Fag.* Senhor, que temeridade he eſta? Voſſa mercê não vê que ainda he luzque-fuſque? Como ſem deixar anoitecer penetra eſtas paredes, aonde até o Sol entra ás fortadelas?

*D. F.* Não reparei, que ainda era dia; pois no abyſmo de meu ciume ſempre eſtou ás eſcuras. Aonde eſtá eſta cruel Dona Nize?

*Fag.* Eſtará no jardim.

*D. F.*

*D. F.* Pois vamos lá, e de caminho quero me vá dizendo de meter-me na caixa a mim, e a D. Gil.

*Fag.* Vamos, que eu lhe contarei o que foi; ande por aqui com pés de lã. Ai Senhor D. Fuas quanto me deve!

## SCENA VI.

*Viſta de quintal, em que haveráõ alguns alegretes, e huma capoeira, e vem D. Gil, e Simicupio deſcendo por huma corda.*

*D. G.* SImicupio, deixa-me deſcer eu primeiro, para que ſe não quebre a corda com o pezo de ambos. *Deſce.*

*Simic.* Agarre-ſe bem á corda, e daixe-ſe eſcorregar.

*D. G.* Ora já cá eſtou; mas eu não paro aqui, até encontrar com Dona Cloris. *Vai-ſe.*

*Sahe D. Lanſerote.*

*D. L.* Eſte quintal he o meu divertimento, e encanto; hum homem aqui aſſentado, e tomando o freſco, não ha maior regalo.

*Simic.* Agora já poderei deſcer afoitamente.

*D. L.* Que he iſto, que cahe ſobre mim? Quem me acode!

*Ao deſcer Simicupio cahe ſobre D. Lanſerote.*

*Simic.* Não he nada, eſcarranchei-me no velho cuidando que era poial; eſtou bem aviado! *á p.*

*D. L.* Mas que vejo? A que d'ElRei, ladrões!

*Simic.* Não o diſſe eu?

*D. L.* Ladrão, velhacão, tu deſcendo por huma corda os altos muros de meu quintal? Pois com

com essa mesma corda te atarei de pés, e mãos até que amanheça para entregar-te á justiça.

*Simic.* He bem feito, já que eu mesmo dei a corda para me enforcar.

*D. L.* Dá cá os braços.

*Simic.* Já está meu amigo? Quer-me abraçar?

*D. L.* Anda cá, ladrão, mostra cá os pulsos.

*Simic.* Não tenho febre.

*D. L.* Anda, que atado has de ficar.

*Simic.* Senhor, por sua vida que me não ate; basta o enleio em que me vejo.

*D. L.* Dize, a que vieste a este quintal?

*Simic.* Ora Senhor, ate-me muito embora, mas não me aperte por isso.

*D. L.* Por isso he que eu te aperto; has de confessar a que vieste.

*Simic.* Eu estou atado, não sei o que lhe responda. *á parte.*

*D. L.* Qual foi o fim que aqui te trouxe?

*Simic.* A dar fim á minha vida, por dar principio á minha morte por meio desta corda, que falsa me entregou nas mãos de vossa mercê.

*D. L.* Vieste roubar-me, não he verdade?

*Simic.* Sim, Senhor, mas foi a roubar-lhe as attenções.

*D. L.* Anda, ladrão sinho, para a capoeira donde ficarás atado.

*Simic.* Para onde, Senhor?

*D. L.* Para a capoeira, até que venha o Sol a ser testemunha do teu latrocinio.

*Simic.* Pois vossa mercê quer encapoeirar-me?

Gra-

Graças a Deos que não sou cá nenhuma gallinha; mas sabe porque falla? porque me acha atado, quando não haviamos jogar as cristas.

*D. L.* Anda, ladrão, que aqui ficarás até amanhecer. *Vai-se.*

*Simic.* Ora criado Senhor Simicupio: já sabemos que isto he meio caminho andado para a forca; mas he bem feito que isto a mim me succeda. Que tinha eu cá com D. Gil? Pois para que elle fosse gallo, me vejo eu feito gallinha, se bem que já podia ser frango pelo esfrangalhado; o magano estará a estas horas entre glorias, e eu entre penas; elle voando na esféra de amor, e eu de aza cahida na gema dos ovos.

*Sahe Fagundes.*

*Fag.* Que mais me falta para fazer? Eu já fiz a cama a todos; já fiz a sellada de rabos para cearmos; já temperei as gaitas para o gallego; já assei o fricassé; já cozi hum guardanapo; agora me falta deitar os arenques de molho, para ficar com as mãos lavadas. Ora sou huma tonta, esquecia-me o melhor, que he matar huma galinha para o doente, e mais trazia a faca na mão para isso.

*Simic.* Eu o estava dizendo; grande desgraça he ser hum homem gallinha pois até de huma mulher tem medo.

*Fag.* Mas confesso que não sou para ver sangue que logo desmaio; porém eu fecho os olhos, e meto a faca, que alguma ficará espichada.

*Simic.* Oh mulher! Deos te tire isso do pensamento. *Fag.*

*Fag.* Qual! Eu ſou muito melindroſa, e fuzilanima; não tenho valor para matar huma formiga. Ora lá vai a Deos, e á ventura.

*Simic.* Sem fallencia eu morro de morte gallinhal: não ha mais remedio que fallar á velha; mas ſe lhe fallo, he capaz de acordar o cão do velho, que eſtá dormindo, e encerrar-me em parte mais apertada: não ſei o que faça; pois tal eſtou, que ſe a velha me mata, não tenho no corpo pinga de ſangue para deitar.

*Fag.* Para que he cançar, eu não ſou ſanguinolenta.

*Sahe Sevadilha.*

*Sevad.* Fagundes, o Senhor eſtá deſeſperado por voſſé, que faz ahi?

*Fag.* Já que vieſte, matarás huma gallinha, que eu não me atrevo. *Vai-ſe.*

*Simic.* Lá vem a Sevadilha: ora o certo he que donde a gallinha tem os ovos, ahi ſe lhe vão os olhos.

*Sevad.* Aborrece-me gente melindroſa; vejão agora que dó póde haver de matar hum animal? Verão como eu faço iſto brincando.

*Simic.* Não são bons brincos eſſes, Sevadilha; mas ſe tu já me tens morto, para que me queres tornar a matar?

*Sevad.* Ai que eſtamos em tempo que fallão os animaes! Eſte pela voz he Simicupio.

*Simic.* Eu ſou que te fallo de papo; he o teu Simicupio que eſtá feito ſimigallo.

*Sevad.* Quem te metteo ahi?

*Simic.* O velho, por eu ſer metediſſo.

*Se-*

*Sevad.* Pois como foi?

*Simic.* Já me não lembra, que eu tenho memoria de gallo.

*Sevad.* Anda cá para fóra.

*Simic.* Não posso, sem tu me enxotares daqui.

*Sevad.* Como não pódes se eu sei, que muito póde o gallo no seu poleiro?

*Simic.* Isso seria se o velho me não desazára.

*Sevad.* Não sabes o bem que me pareces nessa capoeira! Estás guapo! Estás França!

*Simic.* Sim, estou França, porque estou feito gallo.

*Sevad.* Pois dá-me das tuas penas para hum regalo.

*Simic.* Pois tu te regallas com as minhas penas?

*Sevad.* Não, mas folgo de verte feito alma em pena.

*Simic.* Que fará se souberas que estou todo coberto de penas vivas? Ora anda, Sevadilha, tira-me de más penas.

*Cantão Simicupio, e Sevadilha a seguinte*

ARIA A DUO.

*Sevad.* Meu frangainho
Tupetudo
Como he galantinho!
Que lindo, que está!

*Simic.* Minha bella
Malfazeja,
Cahi na esparella,
Liberta-me já.

*Sevad.* Coitada da pila,
Pila, pila, pila,
Que te hão de pilar.

*Simic.* Acode-me, filha,
Que eſtou ha meia hora
A cacarejar.
*Ambos.* Que triſte cantar
He o cacarejar!
*Sevad.* Mas não te agaſtes,
Que eu vou-te a ſoltar.
*Simic.* Vem já, que não poſſo
Mais tempo penar.
*Ambos.* Que he pena, que he magoa,
Que huma ave de pena
Não poſſa voar.

*Simic.* Anda, deita-me pela porta fóra, ainda que ſeja aos coices. *Vai-ſe.*
*Sevad.* Ora vamos. *Vai ſe.*

*Sahe D. Fuas.*

*D. F.* Para eſte quintal ou jardim, ou o que for me diſſe Fagundes viera Dona Nize a regar a ſua Mangerona; mas em quanto ella não vem, me eſconderei atrás deſte canteiro de Alecrim, pois da Mangerona não quero auxilios para encobrir me dos argentados eſplendores da Lua, que tão clara ſe oſtenta eſta noite, talvez aviſando-me na clara inconſtancia de ſeus raios a variedade de Dona Nize.

*Eſconde-ſe da banda do Alecrim.*

*Sahe D. Gil.*

*D. G.* Grande temeridade foi a minha, pois ſem aviſar a Dona Cloris, me expuz a penetrar os quartos deſta caſa, com o perigo de me encontrar D. Lanſerote; mas ſem duvida Cloris

virá

virá a eſte ſeu jardim a namorar o ſeu Alecrim; e aſſim eſcondido nas ſombras deſtas plantas..... Mas ai que he Mangerona! Perdoa, Cloris, que eſta acção foi hum acaſo, e não eleição.

*Eſconde-ſe da banda da Mangerona.*

*Sahem Dona Nize, e Dona Cloris cada huma pela ſua parte com regadores na mão, regando, e cantando o ſeguinte*

*D. Niz.* Sois no ceo de Flora,
Mangerona bella,
Não ſó verde eſtrella,
Mas luzida flor.

*D. Clor.* Alecrim florido,
Que de Abril na eſféra
Sois na primavera
Fragrante primor.

*Ambas.* Eſta pura neve,
Que tributa Flora,
São riſos da Aurora,
E lagrimas de amor.

RECITADO.

*D. Niz.* Mas que vejo? (Ai de mim!) Quem arrogante,
Da Mangerona uſurpa o ſer fragante?

*D. G.* Quem, ó Nize, eſcondido amante eſpera
O Sol que adoro neſta verde eſféra?
*Sabe.*

*D. F.* Pois traidor, como aſſim tyranno intentas,
Roubar-me a Nize, que meu peito adora?
*Sabe.*

E tu falsa inimiga. Mas ai triste ;
Que mal a tanta pena a dor resiste !

*D. Cl.* E tu falso D. Gil , que em torpe insulto
Buscas a Mangerona amante occulto ,
Deixa-me , fementido. . . .

*D. G.* Attende , ó Clori ,
Que sem causa fulminas teus rigores ,
Quando em puros ardores
Nas chammas do Alecrim feliz me abrazo.

*D. Niz.* Sem motivo , D. Fuas, me criminas ,
porque eu firme. . . .

*D. G.* E eu constante. . . .

*D. G. e D. Niz.* Fiel te adoro , e te busco amante.

ARIA A 4.

*D. Gil.* Attende , ó Clori , attende
Verdades de quem sabe
Ser firme em te adorar.

*D. Clor.* Suspende , infiel , suspende
Injurias de quem sabe
Já mais te acreditar.

*D. Fuas.* Nize ingrata , infiel amigo ,
Cesse a barbara indecencia ,
Que a evidencia
Não se póde equivocar.

*D. G. e D. N.* Pois tu só querida prenda ,

*D. F. e D. Cl.* Já não creio os teus enganos

*D. G. e D. N.* Nas purezas de meu peito
Felizmente vivirás ,

*D. F. e D. Cl.* Nos rigores de meu peito
Teu castigo encontrarás.

To-

*Todos.* Mas, ó cégo amor tyranno,
Como poſſo em tanto damno
Teu eſtrago idolatrar?

*Sahe Fagundes.*

*Fag.* Já acabárão de cantar? Pois agora entrem a chorar.

*D. Clor.* Porque, Fagundes?

*Fag.* Porque o Senhor ſeu tio diz, que logo vem ao quintal, affirmando que ha ladrões em caſa; e diz que ſe não ha de deitar eſta noite, ainda que faça roſa divina.

*D. G.* Aonde eſtará Simicupio?

*Fag.* Não apparece; Senhores, eſcondão-ſe, e não digão ao depois que duro foi, e mal ſe cozeo.

*D. Niz.* Metão-ſe neſta capoeira entre tanto.

*D. G.* E que remedio, já que Simicupio não apparece?

*D. F.* A neceſſidade ſabe unir a quem ſe deseja ſeparar. Nize cruel, eu me eſcondo na capoeira, que ſó o lugar das penas he o centro de hum amente infeliz. *Mete-ſe na capoeira.*

*D. G.* Quem ſerve a Cupido, ás vezes he leão, ás vezes galinha. *Mete-ſe na capoeira.*

*Fag.* Ah Senhores não me eſmaguem os ovos de huma gallinha, que ahi eſtá de choco.

*Sahem D. Tiburcio, e Sevadilha.*

*Sevad.* Senhor, não me perſiga: olhem o diabo do homem!

*D. T.* Ahi no quintal te quero. Mas aqui eſtá Cloris, e Nize, remediarei o negocio. Eſta moça

ça faz zombaria de mim ; deixa-me tu casar, que eu te porei a caminho.

*D. Clor.* Que he isso, Primo ? Como estando doente, e tão perigoso vem a estas horas ao sereno ?

*D. T.* Que ha de ser se vossés não sabem ensinar esta rapariga, pois nada lhe digo, que não faça as avessas ? De sorte, que me fez vestir, e sahir atrás della, como desesperado das perrices que me faz.

*D. Niz.* Tu não queres, Sevadilha, senão ser descortez a men Primo ?

*Fag.* Vossas mercês não querem crer que se ha de fazer desta moça a peste, fome, e guerra.

*Sevad.* Para que estamos com arcas encoiradas ? O Senhor D. Tiburcio anda-me ao sucario, e não me deixa huma hora, nem instante.

*D. T.* Calte, mentirosa.

*Fag.* Isso tem ella que levanta hum testemunho, como quem levanta huma palha.

*D. Clor.* Não nos importa essa averiguação ; só digo, Senhor D. Tiburcio, que parece muito mal estar vossa mercê aqui comnosco a estas horas, e que póde vir meu Tio, e acharnos com vossa mercê ; que supposto seja primo, e com tentações de noivo, sempre o recato, e decencia se deve conservar ; e assim lhe pedimos em cortezia se vá para o seu quarto.

*Sevad.* Ande, vá despejando o beco.

*D. T.* Nem eu quizera que meu Tio me achasse aqui por nenhum modo. Mas coitado de mim que elle lá vem ! Tomára que me não visse.

*Se-*

*Sevad.* Pois esconda-se nessa capoeira.

*D. T.* Dizes bem.

*D. Clor.* Estás louca, Sevadilha? Meu Primo ha-de-se lá metter n'uma capoeira? Isso não.

*D. T.* Não importa, que para conservar o seu recato me metterei na parte mais immunda.

*Entra na capoeira.*

*D. Niz.* Estamos perdidas, que lá se encontra com os dous! Que fizeste, maldita?

*Sevad.* Eu bem sei o que fiz: verão que peça lhe prego.

*D. G.* Este deve ser Simicupio. Es tu, Simicupio?

*D. T.* Qual Simicupio? Sou huma Simibala para elle: quem está aqui? O' Sevadilha, abre-me a porta, que eu quero sahir, corra a agua por onde correr.

*Sevad.* Calle-se, que ahi vem o velho.

*D. F.* Que tal me succeda!

*D. G.* Estou tremendo!

*D. Niz. e D. Clor.* Estamos perdidas!

*Sahem D. Lanserote com huma luz na mão, e Simicupio vestido de Ministro com vara na mão.*

*Simic.* Não se assustem, minhas Senhoras, que isto não he mais que huma diligencia.

*D. L.* Vossa mercê poupou-me o trabalho de o hir procurar de manhã para lhe entregar hum ladrão que tenho prezo naquella capoeira.

*Simic.* A isso mesmo venho, que já tive quem disso me avisasse.

*D. Niz.* Que será isto? *á parte.*

*D. Clor.* São infortunios meus. *á parte.*

*Fag.*

*Fag.* Démos com o pé na peia. *á parte.*

*Sevad.* Folgo por amor de D. Tiburcio. *á parte.*

*Simic.* Hoje todos hão de mamar o chaſco, que a ninguem me hei de dar a conhecer. Ora, meu Senhor, como foi eſte caſo?

*D. L.* Supponha voſſa mercê, que acabada huma junta de Medicos, que vierão aſſiſtir a meu ſobrinho, ſendo já quaſi noite, eſtando eu aſſentado junto daquella Mangerona, que não me deixará mentir, veio deſcendo hum homem por huma corda; e cuidando que eu era poial me poz o pé no cachaço.

*Simic.* Iſſo foi o meſmo, que por o pé no peſcoço: não ha maior deſaforo!

*D. L.* Aſſuſtei me, não ha duvida, quando me vi daquella ſorte opprimido; mas tornando a mim, fui ſobre elle, e conhecendo que era ladrão, o prendi neſſa capoeira; donde a preſpicaz diligencia de voſſa mercê ſaberá melhor obrar do que eu fallar.

*Simic.* E como conheceo voſſa mercê que era ladrão?

*D. L.* Pela cara, que era a mais horrenda que meus olhos virão.

*Simic.* Eſtou já deſenganado, que ſou feio. *á p.*

*D. L.* Ande voſſa mercê, e verá.

*Simic.* Ah ſô ladrão, ſaia cá para fóra.

*D. F.* Voſſa mercê vem enganado, porque eu (*Sabe*) ha maior deſgraça! ſou hum homem bem naſcido.

*Simic.* He D. Fuas; quem me dera ver a D. Gil, que he o que cá me traz. *á parte.*

*D. L.*

*D. L.* Senhor, eſte não he o ladrão, que eu encerrei.

*Simic.* Já ſe vê, que eſte não he tão feio, como voſſa mercê diz; vejamos ſe eſtá lá mais algum? Oh cá eſtá mais outro; *venite ad cam para fóram.* Ai que he D. Gil! Já eſtou deſcançado. *á parte.*

*D. L.* Tambem não he eſte o ladrão, que eu aqui encerrei.

*D. G.* Claro eſtá, que não ſou eu, pois eu, graças a Deos, não neceſſito de furtar.

*D. L.* E que faziáo voſſas mercês aqui, ſe não erão ladrões?

*Simic.* Eſſa inquirição me pertence a mim, que ſou juiz privativo deſtà cauſa; e voſſa mercê, meu amo, não ſe coſtume a mentir aos Miniſtros de vara groſſa, dizendo-me, que o ladrão era feio, e horrendo, quando vemos, que eſtes Senhores são mui bem eſtreados.

*D. L.* Senhor Juiz, por vida minha, que era o mais feio homem, que vi em meus dias.

*Simic.* Calle-ſe, não minta, que o hei de mandar carregar de ferros.

*D. L.* Ora, Senhor, torne voſſa mercê a ver a capoeira, que aſſim como achou dous, que eu não metti, talvez que ache o que eu encerrei.

*Simic.* Já não tenho mais que buſcar.

*D. L.* Faça-me eſſe goſto, que póde lá eſtar ainda mais algum.

*Sevad.* Iſſo que ſe perde? Veja, Senhor Doutor.

*Simic.* Bem ſei que vou debalde, mas eu vou: mas não, entre voſſa mercê, que me não

quero encher de piolhos; ande, que lhe dou patente de quadrilheiro.

*D. L.* Eu vou, que quero agora apurar eſte enîgma. Ai que elle aqui eſtá! Não o diſſe eu?

*Simic.* Traga-o cá para fóra.

*D. L.* Eilo aqui. Mas que vejo! Não ſois vós, meu ſobrinho?

*D. T.* Eu ſou por meus peccados.

*D. L.* Eu eſtou beſta em beſta.

*Simic.* Eſte ſim, que he o ladrão, que tem horrendiſſima cara; todos tres venhão comigo.

*D. Niz.* Ai D. Fuas, que eſtou ſem alma! *ái.*

*D. Clor.* Ai D. Gil, que eſtou ſem vida!

*D. L.* Senhor, advirta que eſte he meu ſobrinho.

*Simic.* Por ſer ſeu ſobrinho, não póde ſer ladrão?

*D. L.* Senhor, elle mal podia deſcer pela corda, pois eſtava doente de cama.

*Simic.* Pois acaſo elle dorme na capoeira?

*D. L.* Não Senhor.

*Simic.* Se não dor-me, que fazia nella feito *ſocius criminis* deſtes dois machacazes?

*D. L.* Sobrinho, a que vieſtes á capoeira?

*D. T.* Eu Senhor eſtando.....

*Simic.* Chiton, não me uſurpe a juriſdicção; já diſſe que eſtas averiguações ſó a mim me pertence: vamos andando *ad cagarronem.*

*D. L.* Não importa; hide ſobrinho, que Deos he grande.

*D. T.* A minha innocencia me livrará.

*D. L.* Como he á ſua graça, meu Senhor?

*Simic.* O Bacharel *Petrus in cunctis*, Juiz de fóra daqui com alçada na vara até o ar.

*D. L.*

*D. L.* Pois Senhor Bacharel *Petrus in cunctis*, saiba vossa mercê de caminho, que tambem me furtárão hum capote de Çaragoça em muito bom uso.

*Simic.* Capote de Çaragoça he caso de devassa: notificados vossas mercês todos para que em amanhecendo venhão jurar a minha casa sobre este furto.

*D. L.* E aonde mora vossa mercê?

*Simic.* Junto a hum D. Gilvaz, que mora. . . .

*D. L.* Já sei, eu perguntarei.

*Simic.* Pois lá estará quem lhe responda.

*D. G.* Ai, que he Simicupio! Agora reparo, já estou sem susto. *á parte.*

*Simic.* Vamos: à manhã todos a minha casa, sobpena de prizão. *Vai se.*

*D. F.* Ai Nize, que as tuas falsidades me pozerão neste estado! *á parte e vai-se.*

*D. T.* Tio, trate logo de soltar-me. *Vai se.*

*D. G.* Quem não deve, não teme. *Vai-se.*

*D. L.* Que mal socegarei esta noite, indo prezo meu sobrinho, e não apparecer o ladrão que eu prendi: não ha homem mais desgraçado! *Vai se.*

*D. Niz.* Tal estou de sentimento, que até me faltão as lagrimas para o alivio. *Vai se.*

*Fag.* Eis-aqui os Alecrins, e Mangeronas: cousas de ervas he para bestas. *Vai-se.*

*Sevad.* E de que escapou Simicupio! Tambem alguma alma boa rezou por elle. *Vai se.*

*D. Clor.* Ai D. Gil, que a tua desgraça será a causa de minha morte! *Vai-se.*

## SCENA VII.

*Sala, em que haverá hum bofete, tinteiro, papel, penna, e cadeiras; e ſabem D. Gil, e Simicupio veſtido ainda de Juiz.*

*D. G.* NÃo te perdoo o ſuſto, que me fizeſte levar.

*Simic.* Nem eu o chaſco da capoeira, que me fez ſoffrer.

*D. G.* E agora, que determinas com eſſa devaſſa, que queres tirar?

*Simic.* Logo verá.

*D. G.* E porque não ſoltas a D. Fuas, e a D. Tiburcio, que eſtão fechados naquelle quarto eſcuro?

*Simic.* Não poderei tambem ter meus ſegredos, ſem que ninguem o ſaiba? O certo he que como os trouxemos ás eſcuras, entendem fixamente que eſtão em rigoroſa prizão. Mas ahi vem gente, e voſſa mercê faça vezes de Eſcrivão.

*D. G.* Ahi parou huma ſege: ſe ſerão ellas?

*Simic.* Lá eſtá quem as ha de encaminhar; *ſedete*, que ahi vem ſubindo a primeira teſtemunha.

*Sahe D. Lanſerote.*

*D. L.* Senhor, aqui eſtamos todos á ordem de voſſa mercê.

*Simic.* Venhão entrando hum a hum.

*D. L.* Pois, Senhor, lembre-ſe do meu capote.

*Simic.* Eu já tenho tomado iſſo a mim; vá deſcan-

cançado, que eu puxarei bem pela juſtiça, e farei quanto ella der de ſi.

*D. L.* Não tenho mais que dizer. *Vai-ſe.*

*D. G.* Homem, tu me tens attonito com as tuas induſtrias!

*Simic.* Bem he que as reconheças: ah Senhor, eſteja de meio perfil, para que o não conheça D. Nize, que lá vem.

*Sahe D. Nize.*

*D. Niz.* Venho morta: nunca em tal me vi!

*Simic.* Huma vez de a primeira: ſente-ſe minha Senhora, deſabafe-ſe, ſupponha que eſtá em ſua caſa.

*D. Niz.* Ai Senhor, não ſei que reſpeito infunde a cara de hum Juiz, que faz titubear o mais valente coração!

*Simic.* E mais eu, que pareço hum Papiniano aſſanhado! Diga o ſeu nome; vá lá eſcrevendo, Senhor Eſcrivão.

*D. Niz.* Chamo-me D. Nize Silvia Ruſina Fabia Lizarda Laura Anarda, e.....

*Simic.* Baſta, Senhora, e póde voſſa mercê com todos eſſes nomes?

*D. Niz.* Ainda faltão quatorze.

*Simic.* Viſto iſſo he voſſa mercê a mulher mais nomeada que ha no mundo. Que idade tem?

*D. Niz.* Quinze annos eſcaſſos.

*Simic.* Liberal andou a natureza: em tão poucos annos tanta perfeição! E do coſtume?

*D. Niz.* Não entendo.

*Simic.* Ponha lá, que do cuſtume jejua. Sabe quem furtou aquelle capote ao Senhor ſeu tio?

*D. Niz.*

*D. Niz.* Presumo que foi hum criado de D. Gil, que entrou disfarçado a vender Alecrim.

*Simic.* Tenho largas noticias desse criado, e me dizem que he ardiloso *quantum satis.*

*D. Niz.* Isso he pasmar!

*Simic.* E sabe se aquelles homens da capoeira serião ladrões?

*D. Niz.* Não Senhor, porque hum era D. Gil, e outro D. Fuas; que ambos....

*Simic.* Diga, não se faça rubicunda.

*D. Niz.* Senhor, os ditos homens vierão por causa de amor; e como veio meu tio, se esconderão na capoeira.

*Simic.* Rapaziadas. Ora ande, va-se ahi para dentro, e não faça outra: seja sizuda, e virtuosa, que assim manda o direito, *honestè vivere.*

*D. Niz.* A' obediencia de vossa mercê. *Vai-se.*

*D. G.* Homem, acabemos com isso, venha D. Cloris, por quem estou suspirando.

*Sahe Fagundes.*

*Fag.* Muito bons dias, meu Senhor.

*Simic.* Chegue-se para cá; olhe para mim, vossa mercê a meu ver tem cara de testemunha falsa, ou eu me enganarei.

*Fag.* Serei o que vossa mercê quizer.

*Simic.* Como se chama?

*Fag.* Ambrosia Fagundes Birimboa Franchopana e Gregotil.

*Simic.* Isso são nomes, ou alcunhas?

*Fag.* Será o que vossa mercê for servido.

*Simic.* Casada, ou solteira?

*Fag.* Nem casada, nem solteira, assim, assim.

*Si-*

*Simic.* Assim como?

*Fag.* He que tenho o marido no Brasil ha quarenta e sete annos.

*Simic.* De que annos casou?

*Fag.* De quarenta justos, que os fui fazer á porta da Igreja.

*Simic.* Que annos tem?

*Fag.* Vinte e cinco bem puchados.

*Simic.* Não he nada, casou de quarenta, tem o marido no Brasil ha quarenta e sete annos, e diz que tem vinte e cinco de idade! Vá-se dahi bebada, falsaria, que a hei de amarrar a huma escada, e deitalla por essa janella fóra.

*Fag.* Eu não sei contar, senão pelos dedos: ouça vossa merce, que eu quero dar a minha quartada.

*Simic.* A quartada dei eu; ande, não cuide que se ha de lavar com huma bochecha d'agua; vá-se para dentro.

*Fag.* Eu vou rebolindo. *Vai-se.*

*D. G.* Acaba já com isso.

*Sahe Sevadilha.*

*Sevad.* Sou criada de vossa mercê.

*Simic.* Ai, que já a justiça começa a abrir os olhos para ver a Sevadilha! Eu encosto a varara, que estou varado. Menina, como he o seu nome?

*Sevad.* Sevadilha sem mais nada.

*Simic.* Que annos tem?

*Sevad.* Sete mui fanados.

*Simic.* Só sete? Não sois má cartinha para hum sete levar. Casada, ou solteira?

Se-

*Sevad.* Eſtou para cazar com hum criado daqui do ſeu viſinho D. Gil, que ainda que feio, he mui carinhoſo.

*Simic.* Eſſe foi o que furtou o capote a ſeu amo?

*Sevad.* Eſſe meſmo.

*Simic.* Logo he ladrão?

*Sevad.* He o vicio que tem, que ſe não fora iſſo, era hum moço perfeito.

*Simic.* Ai Sevadilha, que eſſe ladrão.....

*Sevad.* Que tem, meu Senhor?

*Simic.* Nada, nada: e por hum triz, que não deponho a judicatura, e perco o juizo: aſſina-te aqui em branco, que eu eſtou pelo que diſſeres.

*Sevad.* Eu não ſei eſcrever.

*Simic.* Porém ſabes muita letra: vai-te ahi para dentro. A rapariga me poz a ver jurar teſtemunhas.

*Sevad.* Eu já vi huma cara, que ſe parecia com a deſte Juiz. *Vai-ſe.*

*Simic.* Entre quem falta.

*D. G.* Reſta Dona Cloris; Simicupio, perdoa que hei de fallar-lhe.

*Simic.* Faça o que lhe digo, e não tenha graças comigo.

*D. G.* Como eſtás inchado!

*Simic.* Se queres ver o villão, mette-lhe a vara na mão.

*Sahe D. Cloris.*

*D. Clor.* Senhor Juiz, logo declaro, que eu de furtos não ſei nada, e ſó que D. Gil foi hum dos da capoeira, e eſtá innocente, porque...

*D. G.* porque foi preciſo obedecer-te, querida Cloris. *Levanta-ſe.* *D. Clor.*

*D. Clor.* Que vejo! D. Gil? Cobre alentos o meu coração.

*D. G.* Não te admires dos ſucceſſos de meu amor; que os influxos do teu Alecrim ſabem triunfar dos maiores impoſſiveis.

*Simic.* Aliás, que hum Simicupio ſabe fazer poſſiveis as maiores difficuldades. Ahi tem, Senhor D. Gilvaz, o ſeu bem de portas a dentro: tenho cumprido a minha palavra, e ſe não eſtá bem ſervido, buſque quem o faça melhor.

*D. Clor.* Huma vez que me vejo em tua caſa, não porei mais em contingencias a minha fortuna.

*Simic.* Iſſo meſmo; quem diſſe caſa, caſa.

*Sahe D. Lanſerote.*

*D. L.* Que he iſto, Senhor Doutor? As teſtemunhas vem, e não tornão?

*Simic.* Já eſtá concluida, e ſentenceada a devaſſa.

*D. L.* Quem são os culpados?

*Simic.* As Senhoras ſuas ſobrinhas, que são humas finas ladras.

*D. L.* Minhas Sobrinhas ladras? De que ſórte?

*Simic.* Deſta ſórte; vamos ſahindo cá para fóra:

*Vai Simicupio trazendo a todos para fóra, e diz o ſeguinte:*

Porque viſtos eſtes ſucceſſos, conſta, que a Senhora D. Nize furtou o coração do Senhor D. Fuas, e a Sonhora Dona Cloris o de D. Gil; e aſſim he de razão, que lho reſtituão, caſando com elles; porque no matrimonio ſe entregão os corações com as vontades.

*D. F.*

*D. F.* Em cumprimento da ſentença, eu a executo pela minha parte igualmente alegre, e admirado deſta rara invectiva de Simicupio.

*D. Niz.* He de juſtiça eſta acção: que alegria!

*D. G.* Dona Cloris, dá-me o coração, que me tens, na mão que te peço.

*Simic.* Iſſo he fallar com o coração nas mãos. Senhora Dona Cloris, caſe-ſe, mas não ſe arrependa.

*D. Clor.* Senhor D. Gil, o meu coração lhe entrego; em recompenſa do que lhe roubei, ſe acaſo he furto, o que ſe dá por vontade.

*Simic.* D. Tiburcio tenha paciencia, e pague as cuſtas de premeio com o Senhor D. Lanſerote, já que forão tão basbaque, que ſe deixárão enganar de mim. Simicupio, tantos de tal mez, &c.

*D. T.* Senhor tio, ſeja-lhe para bem, que aqui já não ha para onde appellar.

*D. L.* Nem eu me poſſo aggravar, quando o matrimonio he o ditoſo fim deſtes exceſſos.

*Sevad.* Quem caſa a tantos, porque ſe não caſa a ſi?

*Simic.* Não me falles em remoques; já ſei, Sevadilha, que queres caſar comigo; e pois a ſentença paſſou em cauſa julgada, demos as mãos, e a boa vontade.

*Sevad.* Oh diſcreta mão que eſcreveo tal ſentença!

*Fag.* E que ha de ſer de mim, Simicupio, que neſte negocio tambem dei minha pennada?

*Sevad.* Em vindo a frota, virá teu marido.

*D. G.* E pois te conſegui galharda Cloris, publique a fama os vivas do Alecrim, que triunfou de tantos impoſſiveis.

*D. F.*

*D. F.* Tendé mão, que não he juſto, que roubeis á Mangerona a parte que lhe toca no applauſo, que merece; pois á ſombra de ſuas folhas conſeguiſtes muita parte da dita, que poſſuis.

*Fag.* Iſſo he verdade; ſenão diga-o a eſcada, e a caixa.

*D. T.* Foi boa caixa.

*D. G.* Que importa que a Mangerona abriſſe os caminhos aos favores, ſe o Alecrim ſerenava as tempeſtades na tormenta dos enleios?

*Simic.* E ſenão diga o tambem o fogo ſalvaje, a Medicina, a Miniſtrice, e a mãi de duas filhas.

*D. T.* Pois que vai, Senhor tio? He bico, ou cabeça?

*D. L.* Paciencia por força.

*D. Clor.* Não ſe póde negar que venceo o meu Alecrim, pois elle tocou a méta, pondo fim a noſſos deſejos.

*D. Niz.* A Mangerona ſó merece appalauſos, porque deu principio a eſte fim.

*Simic.* Então, viſto iſſo venceo o Malmequer, pois elle foi o meio entre o principio da Mangerona, e o fim do Alecrim.

*Sevad.* Pois viva o Malmequer.

*D. G.* Tenho dito, venceo o Alecrim.

*D. T.* Se a efficacia das razões não baſta a convencer-vos, eſta eſpada fará confeſſar o triunfo da Mangerona.

*Simic.* Deixe eſtar a folha, que as da Mangerona não são o Alcorão de Maſoma, para que ſe defendão á ponta da eſpada; e pois eſtou feito Juiz, pela authoridade que tenho, declaro que ambas as plantas vencêrão o pleito, pois cada huma fez quanto pode; e para

ra que ſe acabem eſſas guerras do Alecrim; e Mangerona, mando, que os dous ranchos fação as pazes, e ſe ponha perpétuo ſilencio neſta materia ſobpena de ſerem aſſumptos de minuetes, e andarem por boca de Poetas, que he peior que pelas bocas do mundo.

*Todos.* Pois viva o Alecrim, e viva a Mangerona.

*Simic.* E viva todo o bicho vivo.

*D. L.* Vivamos todos, meu Sobrinho.

*D. T.* Eſſa he a verdade.

*Simic.* E como não ha triunfo ſem acclamação; em quanto o Coro não principia a feſtejar eſte applauſo, coroemos eſta obra com as ramas da Mangerona, e Alecrim.

CORO.

*D. Niz. e D. F.* Viva a Mangerona
Perpétua no durar.
*D. Clor. e D. G.* Viva o Alecrim
Feliz no florecer.
*Todos.* Viva a Mangerona
Viva o Alecrim,
Pois que hum ſoube vencer,
E a outra triunfar.
*D. Niz. e D. F.* No templo de Cupido
Troféo de amor ſerá.
*D. Clor. e D. F.* Nas aras da fineza
Em chammas arderá.
*Todos.* Viva a Mangerona,
Viva o Alecrim,
Pois que hum ſoube vencer,
E a outra triunfar.

FIM.

# AS VARIEDADES DE PROTEO,

OPERA QUE SE REPRESENTOU no Theatro do Bairro Alto de Lisbaõ, no mez de maio de 1737.

## ARGUMENTO.

*SEndo Polibio cabeça de huma parcialidade, que em Egypto se fulminou sobre a deposição de hum Monarca daquella Coroa; prevalecendo o poder contrario, foi preciso a Polibio retirar-se com huma filha unica chamada Cyrene; e chegando a Beocia, por caminhar mais occulto, deixou em huma rustica Aldea daquelle Paiz a Cyrene, até que achasse seguro porto a sua errante fortuna. Chegando a Flegra, Cidade do Archipelago, foi recebido delRei Ponto, com distinção nas estimações; mandando-o outra vez a Beocia para conductor da filha daquelle Monarca, tambem chamada Cyrene, para Esposa de Nereo seu filho. Em Beocia soube Polibio ser fallecida de pouco aquella Princeza, por cujo motivo, incitado Polibio da ambição de ver coroada sua filha, dissimulando a embaixada, a conduzio a Flegra para esposa de Nereo, affirmando ser a filha delRei de Biocia.*

*No mesmo tempo chegou Dorida, ou Doris, filha delRei de Egnido, para esposa de Proteo,*

*tam-*

*tambem filho del Rei Ponto ; porém inflammado Proteo exceſſivamente na formoſura de Cyrene, valendo-ſe das variedades da ſua fórma (privilegio, que lhe concedêrão os Deoſes) intentou com extremos perſuadir-lhe o ſeu amor, que impedindo-lhe Polibio na brevidade, que intentava do Hymenêo de ſua filha, Proteo o quiz matar, cujo golpe caſualmente recebeo Cyrene, procurando impedillo ; e ſendo achado o punhal na mão de Polibio, foi condemnado ao ſacrificio de Aſtrëa; e para moſtrar a ſua innocencia, e evitar a victima da ſua vida, foi preciſo a Cyrene declarar, que Polibio era ſeu pai. Vendo Nereo o engano, levado da altivez do ſeu genio, repudiou a Cyrene, a quem recebeo Proteo, eſtimando como fortuna o meſmo engano ; ficando Dorida para eſpoſa de Nereo, e ambos ſatisfeitos na mudança das eſpoſas.*

Servem de Epiſodio a eſta obra as Variedades, e trasformações de Proteo, para conſeguir os favores de Cyrene.

## INTERLOCUTORES.

*Cyrene*, *Reputada Princeza de Beocia; destinada para esposa de Nereo.*
*Dorida*, *Princeza de Egnido, destinada esposa de Proteo.*
*Porteo.* } *Filhos del Rei Ponto.*
*Nereo.* }
*Ponto*, *Monarca de todo o Archipelago.*
*Polibio*, *Pai encuberto de Cyrene.*
*Maresia*, *Criada de Dorida.*
*Caranguejo*, *Criado de Proteo.*

A Scena se representa em Flegra.

---

## SCENAS DO I. ACTO.

I. *Selva, e mar com ponte.*
II. *Gabinete.*
III. *Bosque, e montanha.*

## SCENAS DO II. ACTO.

I. *Sala.*
II. *Gabinete.*

## SCENAS DO III. ACTO.

I. *Jardim.*
II. *Sala.*
III. *Templo de Astrêa.*

PAR-

# PARTE I.

## SCENA I.

*Porto de mar, em que haverá huma ponte, aonde chegaráõ eſcaleres para o deſembarque de Dorida, que o fará pela ponte acompanhada de Proteo, e nella eſtará Ponto, Caranguejo, e mais Criados; e antes diſto apparecerá huma náo á véla: e ao meſmo tempo paſſará hum coche pelo Proſcenio do Theatro, que ſerá de Selva, e nelle virá Cyrene, e Polibio, e recolhendo-ſe, ſahiráõ os meſmos. Tudo ſe executará em quanto ſe toca a Sinfonia, e cantão alternadamente os Córos.*

CÓRO.

1. *Coro.* EM hora ditoſa
Venha Cyrene,
2. *Coro.* Em hora feſtiva
Dorida venha.
1. *Coro.* A ſer de Nereo,
2. *Coro.* A ſer de Proteo,
*Ambos.* Eſpoſa feliz.
1. *Coro.* Os prados com flores,
2. *Coro.* Com perlas os mares,
*Ambos.* Os Sceptros eſmaltem
De eterno matiz.

*Rei.*

*Rei.* Huma, e muitas vezes repitão as Naiades dos boſques, e as Ninfas do mar o ſuave Melibeo de alternados vivas, para que ſe eternizem os applauſos no mar, e na terra, ao meſmo tempo que ſe multiplicão as felicidades em ambos os elementos. Em hora feſtiva, e ditoſa, tornem a repiter, que ſejão bem vindas á minha Corte de Flegra as illuſtres Princezas de Eguido, e Beocia, para que nas regias nupcias de meus filhos Proteo, e Nereo, ſe perpetue a ſemidea eſtirpe das maritimas Deidades.

*Cyren.* Já que a ſorte me deſtinou, ó excelſo Ponto Monarca do Archipelago, ás fortunas de eſpoſa de Nereo, com a gloria de filha tua, não invejo o throno de Juno, nem os dominios de Thetis.

*Nereo.* Nem eu, ó Cyrene, com eſſa belleza o Solio de Jove, e o liquido Imperio de Neptuno.

*Rei.* Cyrene, quando em hum ſó dia ſe encontrão tantas felicidades, ſejão mudos interpretes de meu alvoroço os internos jubilos do coração. E tu, ſoberana Dorida, vem a meus braços, em quanto nos de Proteo te não enlaça amor no mais ditoſo Hymenêo.

*Dorid.* Os vinculos, com que amor me enlaça em Proteo, primeiro ſerão cadeas de minha eſcravidão, que voluntaria offereço a Voſſa Mageſtade, a quem já reſpeito como pai, e venero como Senhor.

*Porteo.* Ai de mim, que ſó eu na maior ventura ſou o mais infeliz! *á part.*

*Rei.* Proteo, ſem duvida que o prazer deſte dia ſe faz inexplicavel nas tuas vozes, notando no teu ſilencio a tua ſuſpensão.

*Proteo.* Pois com effeito Dorida vem deſtinada para eſpoſa minha, e Cyrene para meu irmão Nereo?

*Rei.* Eſſa pergunta parece ocioſa, pois antes do tranſporte das Princezas já eſtava deſtinada Cyrene para Nerêo, e Dorida para eſpoſa tua.

*Proteo.* Não tem remedio o meu tormento. *á part.* Poderia ſer, Senhor que mudaſſes o primeiro intento, achando, que as riquezas de Egnido ſerião mais convenientes a Nerêo, como mais moço; e que a mim me ſobrava o pequeno patrimonio de Beocia; que a minha vontade não ſe rege por outro imperio, que o do teu preceito.

*Carang.* Adeos minhas encommendas: Proteo, não he nada, ora eſcutemos. *á part.*

*Nerêo.* Enganas-te, Proteo, na ambição que me ſuppões nas riquezas de Egnido, pois eſtimo tanto a Cyrene Princeza de Beocia, que a julgo inſeparavel do ſeu eſtado; que o regio ſangue de ſeus progenitores a faz digna de maior Imperio, e a mim me inhabilita para outro deſejo; e tanto que a ſer menos regia, e mais opulento o ſeu eſtado, a não recebêra eſpoſa.

*Polibio.* Que ouço! Grande arrojo foi o meu! *á p.*

*Carang.* Proteo todavia parece que deſeja alborcar a noiva; pois eu não trocarei huma couſinha que lá vejo, nem por quantas Princezas tem a Berberia. *á part.*

*Rei.*

*Rei.* Principes, a ſorte eſtá lançada: Cyrene he de Nerêo, Dorida de Proteo; e Polibio, que conduzio a Cyrene, venha comigo a receber as eſtimações, que ſe devem á ſua peſſoa; e pois toda a Corte impaciente nos eſpera com feſtivos applauſou, não dilatemos a noſſa entrada. *Vai-ſe.*

*Nereo.* Vamos, formoſa Cyrene. *Vai-ſe.*

*Cyren.* Polibio, não te apartes de mim hum inſtante. *Vai-ſe.*

*Proteo.* Vamos, Dorida, vamos. Oh quem pudera trocar a ſórte, ſe he ſórte a que me acompanha! *á parte, e vai-ſe.*

*Dorid.* O coração preſágo não ſei que me vaticina. *á parte, e vai-ſe.*

*Mareſ.* Vou cambaleando, pois me parece que ainda eſtou no navio. *Quer ir-ſe.*

*Carang.* Eſpere, menina; donde ſe vai meter entre a barafunda das carroças? Deixe-ſe eſtar, que em vazando a maré, ſe embarcará na ſua carruaje.

*Mareſ.* A mim me farão lugar em toda a parte.

*Carang.* Não vê a encangalhação que lá vai? Vá, mas veja que ha de ſuar bem para ſe meter na ſua eſtufa.

*Mareſ.* Parece que aſſim he: ora voſſa mercê viva mil annos pela advertencia.

*Carang.* Como poderei viver annos mil, ſe encontro mil mortes em cada olhadura de voſſa mercê?

*Mareſ.* Tão máos olhos tenho eu que dém quebranto?

*Carang.* Náo são máos, pelo que são em voſſa mercê; mas ſim pelo que ſinto em mim.

*Mareſ.* Pois que ſente?

*Carang.* Sinto-me mui aquebrantado.

*Mareſ.* Nunca vi dar quebranto em couſa má.

*Carang.* Se as almas são couſa má, bem má couſa ſou eu; não pelo que tenho de deſalmado, mas porque toda a alma deſſa formoſura a tenho transferida em mim amente Pythagorico de tua belleza.

*Mareſ.* Inſolente, deſcomedido, que fraze he eſſa de fallar-me?

*Carang.* Náo ſei frazear melhor; e ſe cada hum enterra ſeu pai como póde, eu reſuſcito o meu amor como ſei.

*Mareſ.* Para que ſe lhe deſvaneça eſſa tentação, ſaiba logo em continente, que tenho feito a Diana hum voto ſolemne de perpétua caſtidade.

*Carang.* Não por meu voto.

*Mareſ.* E aſſim eſpero que eſta ſeja a ultima vez, que tal couſa ouça; porque o meu voto não he couſa de brinco.

*Carang.* E quem votou niſſo?

*Mareſ.* A minha devoção.

*Carang.* Pois antes queres ſer caſta que caſtiça?

*Mareſ.* Hei de ſer ſolteira para que em mim ſe acabe a minha geração.

*Carang.* Vejáo lá de que caſta he ella? Pois eu te armarei huma trempe, que tu te verás em ſaias pardas: Ora diga, e não póde anullar eſſe voto?

*Mareſ.* Eſtá revalidado com trezentos juramentos.

*Ca-*

*Carang.* Pois, filha, se não desfazes esse voto, terás todos a froxo para te sacrificarem.

*Tocão os instrumentos do Coro.*

*Maref.* Como he isso?

*Carang.* Não he tempo agora de o saberes, pois a comitiva já se vai pondo em marcha.

*Maref.* Dize mais duas palavras: como he isso do sacrificio?

*Carang.* Tu o saberás anda depressa para o teu carrinho, que em Palacio to direi.

*Canta o Coro.*

## SCENA II.

*Gabinete. Sahem Proteo, e Caranguejo.*

*Proteo.* DEixa-me, não me persigas, que não ha maior tormento para hum infeliz, que a privação do retiro.

*Carang.* Senhor Proteo, que manía he essa? Ao mesmo tempo que te vês propinquo a casar te vejo proximo a enlouquecer? Não esperavas com alvoroços a Dorida Princeza de Egnido? Não dizias muitas vezes lamentando nas costas do mar: (se he que o mar tem costas) vem querida Dorida, e se por falta de aguas encalhou o teu navio, as dos meus olhos te traráõ ao reboque? Não andavas fazendo Sonetos a huma ausencia, e cantando minuetes a huma saudade? Pois como agora depois de possuir o que desejavas, parece que não desejas o que possues.

*Pro-*

*Proteo.* Tudo isso assim he; porém às vezes ha incidentes tão fortes, que destroem o mais firme pensamento.

*Carang.* Por ventura, ou por desgraça, não he Dorida muito bella, e senhora de hum Reino?

*Proteo.* Assim he.

*Carang.* Pois que mais desejas? O certo he, que dá Deos nozes a quem não tem dentes.

*Proteo.* Sabes tu o que he amor?

*Carang.* Oxalá que o não soubera tanto! Amor, ainda que mal pergunte, nos homens he o mesmo que querer bem; nas bestas muares mormo, e nos outros animaes appetite.

*Proteo.* Pois como queres que não enlouqueça, se eu tenho amor?

*Carang.* Para que são esses terremotos, quando estás quasi propinquo a ter em teus braços a Senhora Dorida?

*Proteo.* Ai! se souberas que... mas não; sepulte-se comigo a causa do meu tormento.

*Carang.* Se he por isso, diga-mo, que em mim ficará sepultado esse segredo.

*Proteo.* Bem sei que não desmereces a estimação que de ti faço; porém....

*Carang.* Porém que? Com que estamos? Queres que to diga?

*Proteo.* Não, não me prives da gloria de o pronunciar.

*Carang.* Isso he gloria do ceo da boca.

*Proteo.* Cyrene he a causa do meu tormento.

*Carang.* Não o disse eu? Oh como he certo o ditado da gallinha da minha visinha!

*Pro-*

*Proteo.* Confeſſo-te que tal foi a violencia, com que me arrebatou a ſua em tudo peregrina belleza, que não tive acordo para deſmentir a inclinação: viſte aquella perfeição que immortalizando-ſe nas ſuas galhardias ſe fez adorar como Deidade? Viſte aquelles olhos que ſe adoptárão aſtros para adornar a eſféra da ſua formoſura? Viſte aquella neve, que derretida de melhor eſtrella, ſoube congelar os corações? Viſte aquelle ondeado epilogo de luzes, em cujos annéis preza a memoria não ſe lembra de outra igual maravilha? Viſte...

*Carang.* Eſpere, Senhor, com quem falla? Iſſo he comigo?

*Proteo.* Sim, porque vejas ſe tem deſculpa a minha loucura.

*Carang.* Agora vejo, que iſſo he loucura refinada. Eu por ventura vi nada diſſo que dizes? Eu vi aſtros, eſtrellas, Deidades, nem luzes? Eu vi mais que huma mulher, ou huma Princeza, que tudo he mulher, formoſa ſim, porém não agora lá couſa do ſete eſtrello.

*Proteo.* Calte, neſcio, que o teu genio groſſeiro não ſabe diſtinguir perfeições.

*Carang.* Eu cá no meu amor ſigo outra filoſofia mais natural; a formoſura cá para mim ha de ſer clara, palpavel que todos a entendão, como as paſtoras do tempo antigo.

*Proteo.* Oh quanto invejo a fortuna de Nereo, e quanto temo que eſte incendio, em que me abrazo, conſuma ſacrilegamente os ſacrificios de ambos os Hymeneos!

Ca-

*Carang.* E que determinas com essa desordenada inclinação?

*Proteo.* Deixar a Dorida, e perteuder a Cyrene a pezar de todos os impossiveis.

*Carang.* E Nereo teu irmão que dirá nesse caso?

*Proteo.* Perdoe Nereo, que eu não posso reger a violencia da minha inclinação; Numen superior parece que a domina.

*Carang.* Em quanto a Nereo, já não he a duvida; porém Cyrene como ha de correspondet-te, se he noiva, e Princeza? e o fallarlhe em amor será crime, de leza magestade.

*Proteo.* Tudo vence o tempo.

*Carang.* E se faltar o tempo?

*Proteo.* Não faltarão os extremos, pois sou Proteo, que me saberei transformar em varias fórmas, para possuir os favores de Cyrene.

*Carang.* Se não fora Gyrene Princeza, te dissera que te transformasses sempre em ouro, que he a melhor fórma para attrahir.

*Proteo.* E não será desacerto participar-te a mesma virtude de trasformar, pelo que póde succeder.

*Carang.* Eu, Senhor?

*Proteo.* Sim, tu.

*Carang.* Se eu sou capaz disso, já me começo a transformar na tua vontade, e me verás não só transformado, mas formado na faculdade amatoria; e ainda que sou Caranguejo, farei muito que ande para diante o teu amor. *Vai-se.*

*Sa-*

*Sahe Cyrene ; e eſtará Proteo voltado com as coſtas para ella.*

*Cyren.* Principe ?

*Proteo.* Que ordenas , ó Princeza ?

*Cyren.* Cuidei que era Nereo.

*Proteo.* Já ſei que não ha maior infelicidade que ſer Proteo.

*Cyren.* Porque ?

*Proteo.* Porque ſendo Nereo , tivera a fortuna de merecer-te eſſe cuidado.

*Cyren.* Nereo , em quanto Nereo , não merecê mais que Proteo , em quanto Proteo ; a qualidade de eſpoſo que eſtá para conſeguir , he que fórma a differença de Nereo a Proteo.

*Proteo.* Eſſa qualidade , ó Cyrene , he a que mais qualifica a minha deſventura.

*Cyren.* Se a formoſura de Dorida não pudeſſe fazer ditoſo ao mais deſgraçado , poderia queixar-ſe de infeliz a tua ſórte : mas como na ſua belleza eſtão vinculadas as fortunas , mal pódes apetecer as de Nereo por inferiores.

*Proteo.* Mas com tudo a ſer poſſivel que os aſtros mudaſſem de aſpecto , e que os Planetas , que influirão no meu horoſcopo , pudeſſem commutar os ſeus influxos entre mim , e Nereo , eu fora mais ditoſo não ſendo Proteo , do que o meſmo Nereo com a dita que goza.

*Cyren.* Enigmas parecem ás tuas palavras.

*Proteo.* Se Nereo ſoubera , Senhora. ...

*Sahe Dorida.*

*Dorid.* Oh quanto te agradeço , Cyrene , que divirtas as melancolias de Proteo ; mas cuido

que

que ſerá eſtilo em Flegra receberem-ſe as eſpoſas com pompa funebre.

*Proteo.* Sempre as couſas intenſas produzem effeitos contrarios ; pois aſſim como ha lagrimas de goſto , porque não haverá triſteza que ſeja alegria ?

*Dorid.* Nem ſempre são contínuos eſſes ſinaes no exceſſivo affecto.

*Cyren.* Dorida , porque o não ſerá o affecto , ſe o amor for exceſſivo ?

*Dorid.* Porque affecto que não ſabe mudar de affecto , he affectada demonſtração da vontade. Proteo , bem ſei que as tuas prendas merecião mais bella Princeza , e mais digna eſpoſa ; a tua triſteza me perſuade o deſgoſto de noſſo Hymenêo ; e porque não perigue a realidade na conjectura, deſengana-me(que ainda he tempo)ſe acaſo eu motivo os teus pezares ?

*Proteo.* Tu Dorida , tu és a cauſa de minhas penas.

*Dorid.* Infeliz fui ; porém....

*Proteo.* Não te aſſuſte eſta expreſsão , que como na gloria do amor ha ſombras de inferno , que muito me entriſteça o meſmo , que me alegra ? Pois quando comtigo vejo a gloria que me eleva , vejo tambem em ti o abyſmo que me penaliza.

*Cyren.* Que bem expreſſado extremo !

*Dorid.* Que mal fingida fineza !

*Proteo.* Que mal entendido affecto ! *á parte.*

*Canta Proteo a ſeguinte*

ARIA

Em ti meſma conſidero
De meus males o motivo,
Por ti morro, por ti vivo,
Tu me matas, tu me alentas,
Pois comtigo eſtá meu mal,
E comtigo eſtá meu bem.
Deixa, pois, que triſte viva
Quem alegre buſca a morte,
E veràs que deſſa ſórte
Eſta vida me horroriſa,
E eſta morte me convém. *Vai-ſe.*

*Dorid.* Que te parece, Cyrene, eſte novo modo de querer?

*Cyren.* He que o ſeu amor não he vulgar.

*Dorid.* Achas acaſo em Nereo ſemelhantes expreſsões?

*Cyren.* Ainda não houve occaſião para a experiencia.

*Sahe Caranguejo.*

*Carang.* Se eu deſta me ſaio bem, tenho muito que contar: lá eſtão as duas Princezas, Cyrenes, e Doridas, eu darei o recado de ſórte que Cyrene me entenda, e Dorida fique em jejum: finjo-me paréta, e mentecapto. Ainda que me matem não hei de caſar.

*Cyren.* Que homem he eſte?

*Dorid.* Será algum tonto, com quem os Principes ſe divertem.

*Carang.* Tenho dito: contra minha vontade não ſe canſem. *Do-*

*Dorid.* Não ſei que graça achão neſtes tontos? Vai-te daqui.

*Cyren.* Deixa-o, que gôſto de o ouvir.

*Carang.* He boa teima! Digo que não quero caſar. Irra! A' força me querem encaixar huma mulher á queima roupa!

*Cyren.* Que tens, tonto?

*Carang.* Digo, que não quero, vá-ſe a noiva para a ſua terra.

*Dorid.* Que noiva?

*Carang.* Tu cruel, vaite com Satanás.

*Dorid.* Arrebatado no ſeu frenesí imagina que falla com alguem.

*Cyren.* No caſar he a ſua teima.

*Carang.* Ai adorado impoſſivel, que ſó tu me regalas eſta alma!

*Cyren.* Com quem fallas?

*Carang.* Comtigo; comtigo hei de morrer a pés juntos: eſpera, não fujas, que dos braços de teu amante te arrancarei. *Vai-ſe.*

*Dorid.* As palavras deſte louco não ſei que éco formárão na idéa, que me penetrarão o coração.

*Cyren.* Não faças caſo de hum ſimples.

*Dorid.* Se o coração não eſtivera ferido com as triſtezas de Proteo, deſprezára aquellas vagas loucuras; porém ás vezes são preſagios as caſualidades; pois temo.....

*Cyren.* Que temes?

*Dorid.* Ai Cyrene, que os temores não ſe sabem tanto explicar como ſentir.

*Can-*

*Canta Dorida a ſeguinte*

ARIA.

Não tenhas por delirios
Meus temores,
Que em amores
Em duvida he melhor
Temer, que confiar.
Oh credula não ſejas
De amor no cégo engano,
Que em tal damno
Dos males o peior
Devemos eſperar. *Vai-ſe.*

*Cyren.* A' viſta daquellas expreſsões de Proteo, venho a entender que não são ſem fundamento os temores de Dorida, nem verdadeira a ſimplicidade do Criado. Oh cégo amor, que de abſurdos vás fulminando, e que de horrores vás produzindo!

*Sahe Polibio.*

*Polib.* Filha Cyrene, não ſei ſe me peza do engano que tenho fabricado, trazendo-te para eſpoſa de Nereo, em lugar de outra Cyrene, verdadeira Princeza de Beocia; querendo-me aproveitar do ſeu obito, e do teu nome ſemelhante ao della; pois já com as eſtimações de verdadeira Princeza ſe me difficulta o ver-te as vezes que o meu paternal amor deſeja.

*Cyren.* Pai, e Senhor, ſe não houvera outro mal que temer, eſſe com facilidade ſe podia remediar.

*Po-*

*Polib.* Pois que receias, levando tão bom principio a noſſa induſtria?

*Cyren.* Temo que ſe chegue a deſcobrir, que a verdadeira Cyrene, Princeza de Beocia, he fallecida, e que tu és meu pai, e eu intruſa Princeza; e póde ſer que ſe converta em luto toda eſta pompa feſtiva, e nupcial apparato.

*Polib.* As emprezas difficultoſas não ſe intentão ſem perigo, e ſem ſuſto não ſe adquire huma Coroa. Bem ſei exponho a minha vida pela tua elevação; porém conſiderando a brevidade com que ſe ha de effeituar eſte Hymenêo, e que quando ſe deſcubra o engano te acharás Senhora do alvedrio de Nereo, prezo nos laços de tua formoſura, e eſtimando como fortuna o ſeu engano, terá ditoſo fim o noſſo premeditado intento.

*Cyren.* Oh queirão os Deoſes proſperallo!

*Sahe Nereo.*

*Nereo.* Cyrene, como ſei eſtimas o exercicio da caça, por te dar eſſe alivio, tem ElRei meu Pai determinado divertir-te em huma caçada real, donde vejas a deſtreza, e valor dos noſſos monteiros.

*Cyren.* Impulſos são da benignidade delRei, a quem agradeço, e a voſſa Alteza o cuidado de meu divertimento.

*Nereo.* A tão alta Princeza todo o exceſſo he devido.

*Polib.* Parece, Senhor, que apoſtárão os fados a fazer-te ditoſo, unindo na eſpoſa, que poſſues, a ultima perfeição da formoſura.

*Nereo.* Polibio, huma formoſura não faz ditoſo

hum Principe : os illuſtres Heroes , de quem deſcende Cyrene , a fazem digna da minha veneração : a belleza he vulgar attractivo de hum animo plebeo : a regia aſcendencia he digna eſtimação de hum Principe : a formoſura caduca com o tempo : a nobreza ſe immortaliza na poſteridade ; e aſſim , Polibio , pódes entender , que a ſer Cyrene menos regia , abandonára o thalamo , e deſprezára a formoſura , não ſendo adornada da Mageſtade. *Vai-ſe.*

*Cyren.* E que dizes agora , Senhor ? Eſtimará Nereo com a fortuna de poſſuir a minha belleza o ſeu engano ? Vês cahida por terra a baſe , aonde erigias as tuas máquinas ? Ai de mim , Senhor , quanto melhor me fora viver occúlta , como eſtava , nas ruſticas aldeas de Beocia , que ver-me quaſi propinqua a cahir da eminencia de hum throno no abyſmo de tua ambição!

*Polib.* Não me affliias cõm eſſa ponderação : porém não foi pequena fortuna poder no anticipado deſengano de Nereo buſcar o remedio deſte iminente damno ; e no em tanto procurar deſvanecer-lhe com profiados carinhos a violencia de ſua inclinação.

*Canta Polibio a ſeguinte*

ARIA.

Na onda repetida
Do Zefiro impellida
Talvez a dura penha

Aman-

Amante não deſdenha
Seu liquido criſtal.
Se pois a clara eſpuma
Trofeo de hum monte alcança,
Bem póde haver mudança
Na inſtancia dos carinhos
Do genio ſeu fatal. *Vai-ſe.*

*Sahe Mareſia.*

*Mareſ.* Dorida te eſpera, Senhora, para irem á montaria.

*Cyren.* Eu vou. Oh louca ambição, a quantos precipitas! *Vai-ſe.*

*Mareſ.* Tomára que Caranguejo me acabaſſe de explicar aquella arenga do Sacrificio, que lhe não pude perceber com a bulha das cantarollas; porém ſe tal he, antes hei de dar hum olho ao demo, que huma mão ao amor.

*Sahe Caranguejo.*

*Carang.* Eu aſſim como tollo dei a entender a Cyrene o intento de Proteo, e ella a meu ver me não deixaria de entender, que tem olhos de grande tubercula.

*Mareſ.* Senhor Caranguejo.

*Carang.* Senhora Mareſia minha Senhora.

*Mareſ.* Ha muito que nos não vemos.

*Carang.* Que ha de ſer? Eſta occupação de Sota-Miniſtro de Venus não me deixa huma hora livre para ter o meu regabofe.

*Mareſ.* Bom officio deve elle ſer.

*Carang.* Bom he; mas para o meu genio não he muito couſa; eſta tarde ſacrificámos quatro moças, como quatro torres, por não que-

re-

rerem casar; e confesso-te, que quando levantei a machadinha para descarregar o golpe, que me fugio o sangue do corpo.

*Maref.* Ai de mim coitada! Diga-me, Senhor Caranguejo.

*Carang.* O que, Senhora Caranguejola?

*Maref.* Essa lei se cumpre tanto á risca, que todas que não casão morrem?

*Carang.* Ui, como dous, e tres são nove: saibà, (se he que o não sabe) que toda aquella mulher que se mostra esquiva, e desdenhosa, como v. g. aquellas que tudo me fede, se não abrandar a condição, ha de ser sacrificio de Venus como Deosa dos amores.

*Maref.* Não ha lei mais barbara do que essa, querer violentar a vontade!

*Carang.* Bem se póde casar sem vontade; pois quantos se casão contra vontade?

*Maref.* Casamento sem vontade não he casamento.

*Carang.* A'gora não; olha, a vontade he cousa que se não vê, e vendo hum homem a noiva, não lhe abre o coração para lhe ver a vontade, pois basta saber que tem as tres potencias da alma, memoria, entendimento, e vontade; porque isso de casar sempre vai na fé dos padrinhos.

*Maref.* E quem seria o magano, que tal lei inventou?

*Carang.* Calte, não sejas blasfemia; olha que foi Apóllo em despique do rigor de Daphne.

*Maref.* Bem haja ella; o mesmo fizera eu. Por força? Isso não, ainda que seja hum Sol; e

além disso tenho feito voto de castidade a Diana, que me impossibilita o casar, e hei de cumprillo, mais que me matem.

*Carang.* Por mim faze o que quizeres, que isto não he mais que insinuar; que suposto não sejas minha proxima, pois do teu carinho vivo apartado, com tudo és criada de Dorida, e tenho dó dos teus poucos annos. Coitadinha, que lastima tenho de ti! Não olhes para mim, que cada vez que te vejo, se me parte o coração.

*Maref.* Não te compadeças de mim.

*Carang.* Não póde ser, que sou mui mavioso; em apertando os olhos logo choro.

*Maref.* Isso vai de ter bom coração.

*Carang.* Antes vai de ter bons olhos, que a mim nunca me chorou o coração no corpo, como as crianças na barriga.

*Maref.* Pois, Senhor Caranguejo, Maresia não ha de descer da burra ainda que a leve o diabo.

*Carang.* Pois eu montarei a cavallo, e irei dar parte á justiça; e sómente por descargo de minha consciencia te torno a lembrar a rigorosa, severa, e fulminante lei de Apóllo, a qual de cabo a rabo he a seguinte *per formalia verba, ibi.*

## DECIMA.

Toda a mulher que não for
Inclinada ao matrimonio,
Ha de levalla o demonio,
Se a não levar o amor:
Trate logo de depôr

Seu

Seu tyranno deſdenhar;
Porém ſe não abrandar
Seu rigor, deve eſcolher
Ou caſar, por não morrer,
Ou morrer, por não caſar, *Vai-ſe.*

*Mareſ.* Ha entaladura ſemelhante! Não ſei o que hei de fazer neſte caſo! Se caſo, he matar-me; ſe não caſo, he morrer: oh que apertado caſo! Pois ſe tudo he morrer, eſcolherei a morte, que me for mais ſuave.

*Canta Mareſia a ſeguinte*

ARIA.

Não ha quem me diga
Por eſta cidade
Se devo caſar,
Se não, ou ſe ſim?
Porém que verdade
Me podem dizer,
Se eu hei de morrer
Aſſim como aſſim? *Vai-ſe.*

## SCENA III.

*Boſque. Haverá hum Monte matizado de flores, e ao ſom de huma Sinfonia de trompas hirão ſahindo varios monteiros com inſtrumentos venatorios, e ſe verão cruzar o Theatro varios animaes ſilveſtres, e ſahirão encontrados Cyrene, e Nereo.*

*Nereo.* CYrene, não te empenhes tanto no ſeguimento deſſas féras, nem por hum divertimento aventures a tua vida: eſ-

pera, e verás, que apreſento nas aras de tua formoſura o mais feroz javalí, que occultão eſtes boſques.

*Cyren.* Não, Principe; ſuſpende o exceſſo do teu valor, que temo em ti a tragedia de Adonis.

*Nereo.* Tendo a ventura de morrer nos braços deſſa melhor Venus, ambicioſo buſcarei a morte.

*Cyren.* Se me compáras a Venus, já ſei será fingida eſſa fineza.

*Nereo.* Fingida, por que?

*Cyren.* Porque a formoſura per ſi não te póde obrigar a nenhum exceſſo, não ſendo animado do Regio ſangue.

*Nereo.* Aſſim he, mas quando á Megeſtade ſe une a belleza, são mais venerados os Idolos da formoſura: mais formoſa, ao que parece, he a Lua, mas por ſer tão baixa a ſua eſféra, não merece tantos elogios de bella, como a minima eſtrella, pelo elevado ſolio, em que ſe oſtenta galharda maravilha dos Ceos.

*Cyren.* Viſto iſſo, a não ſer eu Princeza, não ſeria objecto de teu amor?

*Nereo.* Não ſupponhas hum impoſſivel, quando alcanço a fortuna de poſſuir-te Princeza, e formoſa.

*Cyren.* Pois adverte, (já que me appellidas de Venus) que como Deidade eſtimarei mais os cultos de formoſa, que os tributos de Princeza.

*Nereo.* Para mim não ha mais formoſura que a nobreza; e amando-te como Princeza, te adoro como bella.

*Cyren.* Deſſa ſorte impoſſibilitas o Hymenêo,

que

que deſejas; e para o conſeguires, has de imaginar-me ſem qualidade de Princeza, aliás...

*Nereo.* Que?

*Sahe El Rei.*

*Rei.* Que te afflige, Cyrene?

*Cyren.* Achar, Senhor, hum eſpoſo, que me adora por politica, mas não por affecto. *Quer ir-ſe.*

*Rei.* Eſpera.

*Sahe huma féra correndo.*

*Cyren.* Mal poderei, até não vingar neſta féra as offenças de outra. *Vai-ſe.*

*Rei.* Que foi iſto, Nereo?

*Nereo.* Senhor, permitte-me que evite em Cyrene, algum perigo no ſeguimento daquella féra. *Vai ſe.*

*Rei.* Eſta condição de Nereo auſtéra, elevada, e ſoberba, ſem duvida motivou em Cyrene algum deſgoſto; não he aſſim Proteo, cujo genio mais docil he o attractivo dos corações. Feliz Dorida ſerá com tal eſpoſo: mas ella alli vem.

*Sahe Dorida.*

*Rei.* Dorida, eſtimarei aches alivio no divertimento da caça.

*Dorid.* Antes me penaliza, por não achar a féra, que buſco.

*Rei.* Se eſconderia talvez temeroſa do teu valor.

*Dorid.* Antes pudera eu eſconder-me temeroſa da ſua ferocidade.

*Rei.* Se a temes, como a buſcas?

*Dorid.* Para deſenganar-me da qualidade da ſua eſpecie, pois tendo-a viſto varias vezes, não ſei diſtinguir a ſua natureza.

*Rei.*

*Rei.* Declara-me eſſe enigma; ou dize-me aonde habita eſſa féra?

*Dorid.* Em palacio.

*Rei.* Em palacio que féra póde haver como eſſa que dizes?

*Dorid.* Quem? Proteo.

*Rei.* Proteo? Como? Declara-te, não me tenhas confuſo.

*Dorid.* Proteo, Senhor, cujo genio indomito nem o politica ó perſuade a ſer mais attento, nem a razão de eſpoſo o obriga a ſer mais amante.

*Rei.* Proteo! Não me perſuado.

*Dorid.* Vês por ventura aqui a Proteo, ao menos para liſongear-me com as aſſiſtencias de eſpoſo, ao meſmo tempo que Nereo ſeguindo a Cyrene, adora os ſeus veſtigios?

*Rei.* Não imagines em Proteo menos attenção á tua peſſoa; a caſualidade de ſeu deſvio neſta occaſião não ſeja argumento de ſeu deſamor. Ah ſe ſouberas a ſuave indole de Proteo, verias que não cabem em ſeu peito as ferocidades, que lhe imaginas!

*Dorid.* Ah ſe ſouberas, que ainda lhe não merecí hum ſó agrado!

*Rei.* A não ſerem tão dignas de fé as tuas palavras, as duvidára por incriveis. Proteo, ou mudou a natureza, ou perdeo o juizo; porém, antes que ſe accumulem novos incentivos á queixa, na brevidade do Hymenêo remediarei as deſordens da mocidade. *á part.*

*Sahe Mareſia.*

*Mareſ.* Senhores, que huma féra mui féra vem correndo atrás de mim! Ai que ella alli vem! Acudão-me todos.

*Rei.* Seguilla ſerá forçoſo. Dorida, retira-te, que cedo darei providencia a teu ſentimento. *Vai ſe.*

*Dorid.* Segue-me tu, que os inſtantes que aqui me dilato ſem Proteo, são continuadas offenſas do meu decóro. *Vai ſe.*

*Mareſ.* Tomara-me já daqui cem legoas!

*Ao querer ir-ſe Mareſia, lhe ſahe ao encontro Caranguejo transformado em porco montez.*

*Carang.* Não ſerá facil.

*Mareſ.* Ai de mim, que porco tão porco!

*Carang.* Queira amor que a faça limpa.

*Mareſ.* Ai, que o porco me inveſte! Vai-te daqui, não me emporcalhes.

*Carang.* Não fujas, que eu ſou o mais aſſeado porcalhão que tem o Mundo.

*Mareſ.* Nem alentos tenho para fugir. Senhor porco montez, por vida de ſeus bacorinhos, que não ſuje o ſeu dente com o meu ſangue.

*Carang.* Attende primeiro a eſta amante porcaria, ſenão fico entendendo que te não paſſa da garganta eſta alporca.

*Inveſte, e cahe Mareſia deſmaiada, e torna Caranguejo na ſua fórma.*

*Mareſ.* Ai de mim! Quem me acode que morri?

*Carang.* Ora eu a fiz como os meus narizes! Deſmaiou-ſe Mareſia ſem dizer aqui eſtou! O' Mareſia, ó rapariga, deſaccidenta-te, deſmorre-te, olha que ſou eu Caranguejo, que

em

em eſquálida fórma quiz comer a bolota de tua formoſura. Mas ai de mim, que ella já eſtá fria! Se eſtará morta? Mas não, que ella meſma he huma neve: porém ella não reſpira, morta eſtá: mas não; que importa que não reſpire, ſe ella he o meu alento? Mas ai que agora me deſengano que eſtá morta de todo, que já me fede o ſeu deſdem! Anda cá para os meus braços, que te quero receber á hora da morte. (*Toma a nos braços.*) Oh nunca tornes em ti cadaverica Deidade, pois ſendo tu a defunta, eu ſou o que tenho o jazigo quando te tenho?

*Mareſ.* Ai de mim!

*Carang.* Meus peccados, que ſe vai acabando o prazo, que amor me concedeo!

*Mareſ.* Ai Caranguejo, que foi iſto?

*Carang.* Foi iſto meſmo.

*Mareſ.* Aonde eſtá o porco?

*Carang.* Aqui torce a porca o rabo.

*Mareſ.* Ora dize, aonde eſtá o porco, que me queria engolir?

*Carang.* Ainda não eſtá fóra de te papar.

*Mareſ.* Mataſte-o?

*Carang.* Morto eſtá elle ha bem tempo.

*Mareſ.* E agora donde eſtou eu?

*Carang.* Nos meus braços.

*Mareſ.* Nos teus braços? Ai de mim deſgraçada mulher! Não ſei ſe quebrei o voto que fiz a Diana.

*Carang.* Táo vidrento he o teu voto, que com hum abraço ſe quebre?

*Mareſ.* Sou muy eſcrupuloſa neſſa materia: dize, Caranguejo por tua vida, achas, que quebrei o voto, eſtando em teus braços?

*Carang.* Não eſtou bem certo; deita-te outra vez nos meus braços, para ver com mais circunſpecção ſe quebraſte o voto.

*Mareſ.* Deſgraçada de mim! Eu nos braços de hum homem! Que me fará Diana ſe o ſouber?

*Carang.* E quem lho ha de dizer? Eu por mim livre eſtás.

*Mareſ.* Antes o javalí me emporcalhára que ver-me em teus braços.

*Carang.* Para que tanto rigor?

*Mareſ.* Por não querer que Diana me mate.

*Carang.* Pois porque fugias da féra?

*Mareſ.* Por não perder a vida.

*Carang.* Pois tolla, ſe fugias por querer viver, porque não fóges da morte, que te eſpera no ſacrifio de Venus, pela rebeldia do teu deſdem?

*Mareſ.* Porque aſſim como és de ſegredo, para não dizeres a Diana que eſtive em teus braços, tambem o ſerás para não contares a Venus que ſou deſdenhoſa.

*Carang.* A Diana poderei ſer desleal, mas não a Venus, que ſou ſeu ſacerdotiſo; e aſſim, Mareſia, deixa-te deſſas loucuras; trata de buſcar marido, não queiras experimentar o rigoroſo golpe do ſacrificio.

*Mareſ.* Pois tu, que és o verdugo, não has de ter dó de me matar?

*Carang.* Dó terei, mas ha de ſer depois da tua morte. Mareſia, não zombemos, olha que

se te não resolves, que eu mesmo hei de ser o beleguim, que te leve ás áras de Venus.

*Maref.* Que tens tu que eu morra?

*Carang.* Porque quem te avisa, bem te quer.

*Canta Caranguejo a seguinte*

ARIA.

Quando vires o duro cutélo
Na tua garganta luzente vibrar,
Me dirás: basta, basta, eu me caso;
Porém sem remedio, que então grogotó.
Busca amante o ditoso conjugio,
E dize a Diana que vá bugiar,
E antes te aperte o nó do Hymenêo,
Do que na garganta te aperte outro nó.

*Vai-se.*

*Maref.* Oh desgraçada Maresia! Para isto vim eu cá acompanhando a Dorida? Não me fora melhor ser no mar alimento de hum tubarão, que ser em terra despojo de Caranguejo? Oh voro, quem nunca te fizera! Mas que digo? Ainda que morra não hei de casar. *Vai-se.*

*Sahe Cyrene.*

*Cyren.* Que loucura será esta com que andão estes criados, pois antes querem a morte do que casar? Porém para a fadiga da caça, parece que este virente monte, a quem a Aurora bordou de perolas, e Abril de flores, me está persuadindo com vegetantes linguas, que nelle descance, em quanto não chega a comitiva.

*Senta-se, e reclina se no monte.*

Oh

Oh delicioſa habitação dos boſques, ditoſa quem logra a tranquilidade de tua delicia, onde mais ſegura vive a innocencia nas pelles dos paſtores, que nas purpuras dos Principes!

*Vai-ſe inſenſivelmente desfazendo o monte, em que eſtava Proteo transformado, em cujos braços fica Cyrene reclinada como de antes, ſem ver a Proteo.*

Aqui as ſettas do amor, tendo mais por onde voar, não ferem com tanta violencia.

*Proteo.* Te enganas, Cyrene, pois até eſte monte ſe ſente abrazar em amoroſas chammas.

*Cyren.* Quem he o que me reſponde? *Levanta-ſe.*

*Proteo.* Quem eternamente fora monte, a não ficar em duvida, ſe as penhas ſabem amar.

*Cyren.* Proteo, que arrojo he eſte? Mas aonde eſtá o monte aonde me reclinei?

*Preteo.* Não te admires, que deſappareça hum monte de flores, quando em ſeu lugar eſtás vendo hum veſuvio de fogo, donde ſe fraguão, não as armas de Marte, mas ſim as ſettas de Cupido.

*Cyren.* Ainda não poſſo comprehender o teu inſulto.

*Proteo.* Qual he o amor que não tem por azas o atrevimento? Se amor ſe contivera ſó na extenção de ſeus limites, não ſeria exceſſivo; remontar-ſe á eſféra do Empyrêo he timbre de ſeu poder; e aſſim não me crimines, Cyrene, que violando as leis do decôro, da politica, e do ſangue, rompa o meu amor nestes exceſſos, que ſobrenatural affecto, que

em

em ti me arrebata, póde deſculpar o méu arrojo, e contraſtar a tua iſenção.

*Cyren.* Louco Principe, que intentas com teus extremos?

*Proteo.* Amar-te.

*Cyren.* Para que, ſe ſabes que não poſſo correſponderte?

*Porteo.* Para querer-te não neceſſito da tua correſpondencia; que ſeria menos pura a chamma de meu amor, ſe para arder neceſſitaſſe de teus favores.

*Cyren.* Pois ſe amas independente, para que me buſcas amante?

*Proteo.* Para que não ignores o meu ſacrificio.

*Cyren.* E que importa deixar de o ſaber?

*Proteo.* Seria uſurpar-te a gloria deſſe triunfo, occultando-te o deſpojo da vitoria.

*Cyren.* Viſto iſſo, como eſtás ſatisfeito, fica-te embora.

*Proteo.* Eſpera.

*Cyren.* Que mais queres, ſe ſatisfeito eſtás?

*Proteo.* Que te lembres do meu amor.

*Cyren.* Para que, ſe não hei de premiar-te?

*Proteo.* Por não ſer preciſo tornar-te a ſignificar o quanto te adoro.

*Cyren.* Por evitar eſta occaſião, ſó por iſſo me lembrarei.

*Proteo.* Adverte, que ſe te diſſe que não eſperava favores, não he juſto que experimentes deſprezos.

*Cyren.* Não ſei que meio haja entre amar, e aborrecer.

*Pro-*

*Proteo.* Huma inclinação, que nem he amor, nem deixa de o ser.

*Cyren.* Mas poderá ser amor.

*Proteo.* Se o for, será benignidade tua, mas não que eu o espere.

*Cyren.* Oh, que se esta chamma ardesse em Nereo, sem susto conseguiria a Coroa!

*Canta Proteo o Recitado que se segue, e depois cantão os dous a Aria a duo.*

RECITADO.

Belissimo prodigio, amado encanto,
Se te eu dissera o quanto
Finamente te adoro,
Julgáras fabulosa a realidade,
Com que me abrazo amante
Mariposa de amor nesses teus olhos,
Que animadas estrellas
Nortes luzidos são de hum peregrino,
Que em votivos ardores
Offerece lacrimoso em teus altares
Dous liquidos incendios em dous mares.

ARIA A DUO.

*Proteo.* Se acaſo te eſqueceres
Das lagrimas que choro,
A fé com que te adoro,
Lembrar-te faberá.
*Cyren.* Não cabe na memoria
Teu loco deſvarîo,
Pois de teu pranto o rio
Do Averno ſó ſerá.
*Proteo.* Ah, lembra-te de mim,
Que terno te adorei.
*Cyren.* Eſquece-te de mim,
Que tua não ſerei.
*Proteo.* Mal poderei eſquecer-me,
*Cyren.* Mal poderei lembrar-me,
*Ambos.* De tão vilento ardor.
*Proteo.* Porque tanta impiedade,
Cyrene infiel, porque?
*Cyren.* Porque faltar não devo
De eſpoſa á ſacra fé.
*Ambos.* Oh falte o meu alento,
Mas não o meu amor.

# PARTE II.

## SCENA I.

*Sala. Sahem El Rei, e Polibio.*

*Rei.* JA' que as Princezas vivem estimuladas das desatenções de Nereo, e Proteo, abbreviar as nupcias será o unico remedio, para que cesse o seu estimulo. Polibio, tenho determinado que hoje se conclua o regio Hymenêo de meus filhos: espero da tua diligencia, que no exterior aparato conheção as Princezas a estimação que dellas faço.

*Polib.* A teus pés prostrado, Senhor, te rendo as graças por tão grande mercê, pois tambem me competem as glorias deste dia.

*Rei.* A ti, porque?

*Polib.* Por ter a fortuna de ver coroada a Cyrene, já que tive a dita de ser seu conductor.

*Rei.* Com isto se atalhão as desordens dos Principes; que a dilação ás vezes he causa de grandes ruinas.

*Polib.* Acertos são da tua prudencia: na brevidade consiste a minha fortuna. *á parte, e vai-se.*

*Sahe Dorida.*

*Dorid.* Vossa Magestade, Senhor, me permitta a licença de embarcar-me para Egnido na ar-

ma-

mada, que me trouxe infauſtamente a Flegra, porque ſe não augmente maior injuria á minha peſſoa; pois quem antes de ſer eſpoſo me deſeſtima, que poſſo eſperar depois, quando as faculdades de marido ignorarem totalmente os eſtylos do carinho?

*Rei.* Dorida, a eſſa deſconfiança brevemente ſatisfarei; e adverte, que Proteo he meu filho, e não faltará ás obrigações de ſeu ſangue.

*Sahe Cyrene.*

*Cyren.* Senhor, como no Principe Nereo não buſco honras, nem eſtados, pois eſtes, e aquelles me deu a fortuna, e a natureza, ainda que feudataria a teu vaſto Imperio; e como na doce união de Hymenêo deve ſó reger a vontade ás leis do amor, e não ás da razão de eſtado; e em Nereo tudo são politicas no ſeu amor, digo, Senhor, que quero ir-me para Beocia, por não ſoffrer o meu genio, que haja de ſe amar em mim, ou a poſteridade, ou a aſcendencia, ficando vacilante na divisão do culto a independencia do amor.

*Rei.* Rigoroſos Deoſes, como aſſim ides trocando em pezares as minhas bem fundadas eſperanças? Princezas, eſſas deſconfianças são demaſiados eſcrupulos de huma fantazia indiſcreta. Em Dorida a queixa he mais bem fundada; mas em ti, Cyrene, he ſem fundamento o eſtimulo; pois não poſſo comprehender eſſa metafyſica de amor. Em fim, Senhoras, porque não ſuſpeite o Mundo neſſes regreſſos maior cauſa do que eſſa, hoje ſe completará eſſe

Hy-

Hymenêo, e então vereis desvanecidos os vossos temores.

*Dorida, e Cyrene com os lenços nos olhos.*

*Dorid.* Já não ha tempo de esperar esse desengano; e quando não me permittas licença, nas correntes de meu pranto navegarei para Egnido.

*Cyren.* E eu voarei para Beocia nas azas de minhas penas.

*Rei.* Haverá quem possa resistir a tantos martyrios!

*Canta El Rei a seguinte*

ARIA.

Refrea o pranto, Dorida,
Cyrene, não lamentes,
Não mais, não me atormentes;
Que póde ser que troques
As mágoas em prazer.
Desterra o medo panico, *Para Cyren.*
Alenta no receio, *Para Dorid.*
Alenta, pois que creio,
Que contra o meu imperio
O mal não tem poder.

*Cyren.* E que desgraça foi a nossa, Dorida, ou para melhor dizer a minha, pois tenho hum esposo, que adora mais os meus progenitores, do que a mim; porque tudo he encarecer-me a minha ascendencia amando mais o passado, do que o presente!

*Dorid.* Pois eu, Cyrene, em nenhum tempo fou amada; vê tu qual he maior infelicidade?

*Cyren.* Em Proteo ſerá reſpeito eſſe deſvio; pois me conſta he extremoſo amante.

*Dorid.* Sabes mais do que eu.

*Sahem Caranguejo, e Mareſia cada hum por ſua parte, ſem verem as Princezas, como fallando ſó comſigo.*

*Mareſ.* Por mais que me matem não hei de caſar.

*Carang.* Não hei de caſar ainda que me matem.

*Dorid.* Ha loucura ſemelhante! O peior he que eſta criada eſtá com o meſmo delirio! Mareſia, que tens? Dommunicou-te eſte ſimplez a tua loucura?

*Carang.* Aqui ſe deſcobre a patranha. *á part.*

*Mareſ.* Minha Senhora, quero embarcar-me para a minha terra; porque neſta, ou hei de morrer, ou hei de caſar; e eu nem quero caſar, nem morrer.

*Dorid.* Ainda mais eſſa pena tenho que ſentir, vendo-te neſſe eſtado! Eſtá tambem a louccon-firmada! Que te parece, Cyrene?

*Cyren.* Será força de aſtro, que influa neſte hemiſferio.

*Mareſ.* Senhora, eu me quero embarcar por não morrer.

*Dorid.* Ha caſo igual!

*Carang.* Senhoras, digão-lhe que ſim, que ſe lhe contradizem, he capaz de ſe matar.

*Mareſ.* De ſórte que eu fiz voto de caſtidade a Diana; e aſſim....

*Carang.* Sim, ſim, o que tu quizeres.

*Mareſ.* Não me deixarás, Caranguejo?

Ca-

*Carang.* Mui doidinha eſtás! Vai-te dahi; não vez que eſtás diante das peſſoas Reaes?

*Mareſ.* Pois eu aqui não hei de dar a oſſada, iſſo não. *Vai-ſe.*

*Cyren.* E a ti louco, quem te ha de reprehender?

*Carang.* Eu louco? He mui boa caſta de louco eſte! Louco ſeria eu, ſe por amor de meu irmão me caſaſſe contra vontade: iſſo não; ainda que meu pai me lançaſſe a maldição com a mão direita.

*Dorid.* Calla-te, neſcio, que te aborreço.

*Cyren.* Muito ſe declara o fingido ſimplez. *á part.* Quem he teu amo?

*Carang.* Eu ſou huma virgula delRei Ponto, quando eſtamos juntos fazemos ponto, e virgula.

*Dorid.* Cyrene, diverte-te com o louco, que eu vou ſentir meus males. *Vai-ſe.*

*Cyren.* Anda cá, fingido; cuidas que não penetro as tuas ſimuladas frazes?

*Carang.* Iſſo meſmos he o que eu queria.

*Cyren.* Quem tão atrevidamente te induſtriou?

*Carang.* Hum louco de amor.

*Cyren.* Quem he eſſe louco?

*Carang.* He cá huma creatura, que por mais que lhe diſſe, Senhor Proteo, veja que a Senhora Cyrene, que aſſim ſe falla em auſencia, he eſpoſa de ſeu irmão Nereo, e que não póde caſar com ella; porque ainda que queirão os contrahentes, hão de haver grandes impedimentos; mas elle, afferrando os dentes, bateo o pé na caſa, e pondo a mão no peito diſſe; ou Cyrene ha de ſer minha, ou eu não hei de ſer eu.

*Cyren.* Com que Proteo concebeo tão atrevido pensamento?

*Carang.* Não Senhora, não foi Proteo, foi cá huma creatura.

*Cyren.* Adverte que a não querer fazer publica essa temeridade, experimentarias o castigo de teu arrojo. Vai-te daqui insolente, antes que a cólera domine a prudencia.

*Carang.* Tudo isso lhe disse eu: parece que adevinhava, pois lhe disse; olhe creatura que a Senhora Cyrene se ha de enfadar; vai á creatura, e diz-me: Bom remedio, quando vires que se agasta, dize, que estás louco: com que, Senhora, não faça caso do que diz hum louco; e assim tornando ao meu lucido intervallo, digo, que não hei de casar, ainda que me matem. *Vai-se.*

*Cyren.* Quem se vio em maior enleio! Mas já que a ambição de meu pai fabricou este engano, porque não quizestes, injustos fados, que viesse destinada espoza de Proteo, no qual a cegueira de seu amor não distinguiria qualidades para amar, como em Nereo que... *Sahe Nereo.*

*Nereo.* Venturoso Nereo, que ouvio pronunciar o seu nome nesse vivo Oraculo de Venus!

*Cyren.* Ai de mim! Se me ouviria? Não ouvistes mais que o teu nome?

*Nereo.* Essa foi a ultima clausula que te ouvi.

*Cyren.* Bem estou. *á part.* Pois se não ouvistes mais, ouve agora o que não ouvistes.

*Sahe Proteo ao baſtidor.*

*Proteo.* Buſcando venho o prodigio que adoro; mas com Nereo eſtá; ai infeliz!

*Nereo.* Não dilates o venturoſo diſcurſo de quem foi aſſumpto á minha felicidade.

*Cyren.* Dizia, pois, que ſeja poſſivel que não encontre em Nereo hum verdadeiro amor, que deſluſtre o luzido da ſua chamma com os fumos da politica! Que ame em mim mais o ſangue do que as vêas! Que venere o pincel, e não eſtime a copia! Oh que indigno amor! Iſto dizia, Nereo; e ſe queres deſtruir eſte conceito, muda o ſyſtema do teu amor.

*Nereo.* Eſſa divisão que intentas fazer da formoſura, e da qualidade, he impraticavel na minha idéa; e ſenão dize-me: ſeria decente, que para eſpoſa minha eſcolheſſe outro ſujeito menos que huma Princeza?

*Cyren.* Ai de mim! *á parte.*

*Nereo.* Reſponde.

*Cyren.* Aſſim he.

*Nereo.* Reſponde-me mais: ſeria licito que inflammado em huma vulgar formoſura, abateſſe o eſplendor da Mageſtade, antepondo o meu ardor ao meu decóro? Como ſe conſervaria a nobreza ſe ſó o amor foſſe o director dos Hymenêos? Em fim, Cyrene, não imagines que deſeſtimo a tua formoſura por eſtimar a tua grandeza; que quando as adoro unidas, não ſei diſtinguir a cauſa de meu amor.

*Proteo.* Que ouça iſto, e que viva!

*Cyren.* O amor, Nereo, deve ſer diſtincto,

e não indifferente ; que quanto maior he a cauſa , donde ſe origina , tanto mais efficaz he o ſeu effeito : a qualidade póde infundir veneraçõeſ , mas não amor ; a formoſura he aquelle vinculo mais forte , que prende a vontade ; e como ſó a chamma do amor ha de arder na ſacra têa de Hymenêo , faltando-te a occaſião deſſe amor , não ſerá luzido o teu Hymenêo.

*Proteo.* Notavel capricho de Cyrene!

*Nereo.* Enſina-me a fazer eſſa differença , para ſaber no que erra o meu amor.

*Cyren.* Has de imaginar-me , não Princeza , porém huma particular formoſura , a quem ſó como amante tributes adoraçõeſ.

*Nereo.* E para que he eſſa differença ?

*Cyren.* Porque ſe algum dia perturbarem os fados eſta proſperidade , que gozamos ; arruinado o throno , quebrado o ſceptro , e murcho o laurel , não me deſeſtimes , porque já não ſou Princeza.

*Nereo.* Quando tal aconteça , contentar-me-hei com que tenhas ſido Princeza ; e porque te não canſes com mais explicaçõeſ de amor , eſte he o ultimo deſengano que te dou.

*Canta Nereo a Aria que ſe ſegue , e o ſeguinte*

RECITADO.

Deixa , Cyrene , deixa eſſe exquiſito
Novo modo de amar , que em meus ardores
Não diſtingo outro modo de querer-te

Neſ-

Neſte extremo de amar-te,
Mais que hum puro adorar-te,
Com tão cega violencia,
Que confundo em meu peito o requiſito,
Que em enigmas propõs a meus ſentidos,
Pois que eſſa formoſura me perſuade
Que belleza não ha ſem Mageſtade.

ARIA.

Se em Maio oſtenta a roſa
Os timbres de formoſa,
Não deve á formoſura
As glorias de Princeza,
Que a Purpura, que veſte,
Lhe deu a inveſtidura
De bella Imperatriz.
Pois ſó ſe na belleza
Amor ſe vinculára,
Que cedo lhe acabára
Do tempo nos eſtragos
A pompa dos Abrís. *Vai-ſe.*

*Sahe Proteo.*

*Proteo.* Acaſo, belliſſima Cyrene, vive ainda na tua memoria aquelle efficaz extremo de meu amor?

*Cyren.* Não me lembres tanto, que ás vezes o muito lembrar faz eſquecer.

*Proteo.* Pois nem queres que te lembre a minha conſtancia?

*Cyren.* Para que, ſe me não eſquece? Que mais queres?

*Proteo.* Nada mais; eu me retiro. *Quer ir-ſe.*

*Cy-*

*Cyren.* Ouves? Não tornes mais a lembrar-me.
*Faz que se vai.*

*Proteo.* Adverte que te não has de esquecer.

*Cyren.* De que?

*Proteo.* Que desejára, se possivel fosse, não seres quem és.

*Cyren.* Para que?

*Proteo.* Para amarte independente da tua grandeza, pois bastava para fazer-me feliz, possuir a tua belleza em qualquer estado da fortuna.

*Cyren.* Que ouço? Apurarei a sua fineza. *á part.* Não vês, que não estaria bem ao teu caracter menos esposa, que huma Princeza?

*Proteo.* Em hum Principe sem amor assim he; mas quando se sente abrazar o coração na formosura, rompem se as leis da politica, e se promulgão as de Cupido.

*Cyren.* Pois a não ser eu quem sou, me adorárás com o mesmo extremo?

*Proteo.* Eu não adoro em ti mais que a belleza, de cujo peregrino imperio ambicioso dera pelo conseguir, quanto possuo: ainda he pouco, dera a liberdade: nada encareço, dera a mesma vida, se tudo já tivéra consagrado em os tyrannos altares de teu rigor.

*Cyren.* Como sabes ser impossivel deixar de ser quem sou, por isso affectas essa fineza.

*Proteo.* O' Cyrene, pelos Deoses do imperio do mar, e do abysmo te juro, que as expressões, que me ouves, não são fantasticas, senão verdadeiros effeitos de meu amor.

*Cy-*

*Cyren.* Baſta, Principe, que iſſo he mais que lembrar-me o teu querer.

*Proteo.* He lembrar-te com as circumſtancias, com que te adoro.

*Cyren.* Mas já ſabes que ſem a eſperança do premio.

*Proteo.* Baſta-me não viver ignorado na tua idéa, por não haver premio, que correſponda a meu amor, nem merecimento que contraſte a tua iſenção.

SONETO.

Não intento favores merecer-te.
Cyrene, quando chego a idolatrar-te,
Que excedendo os limites ſó de amar-te,
Nunca os principios toco de querer-te.
Com razão poderias offender-te,
Se ambicioſo chegára a deſejar-te,
Que para ſer mais fino no adorar-te,
Sem premio o ſacrificio hei de incender-te.
Amar, não he querer, que impura ardêra
A chamma de Cupido, ſe eſperára
Frutos, adonde tudo he Primavéra;
E ſe acaſo, ó Cyrene, imaginára,
Que na tua belleza premio houvéra,
Pelo premio a belleza deſprezára. *Vai-ſe.*

*Cyren.* Se direi a Proteo quem ſou, para eſtabelecer melhor a minha fortuna? Mas como, ſe Dorida, e Nereo embaráção a minha proſperidade? Em Nereo vacilla a Coroa; em Proteo tenho conſtante Sceptro: oh deſgraçada Cyrene! A tua felicidade te faz mais infeliz.

*Sahe Polibio.*

*Polib.* Chegou o venturoſo dia, em que ſe hão de coroar as noſſas eſperanças com o diadema da poſſe; pois ordenou ElRei que hoje ſe concluão os Hymenêos dos Principes.

*Cyren.* Mas, Senhor, não te lembrão as palavras de Nereo?

*Polib.* Nem tudo o que ſe diz, ſe executa.

*Cyren.* E ſe o executar?

*Polib.* E que remedio, ſenão obedecer aos fados? Que ſe todos os ſucceſſos ſe premeditaſſem, nenhuma acção extraordinaria ſe intentaria. Vamos, que na brevidade conſiſte muita parte da noſſa fortuna.

*Cyren.* Eſpera, Senhor, que póde ſer que ſem ſuſto a conſigamos.

*Polib.* Dize.

*Cyren.* Proteo me adora tão exceſſivamente, que chegou a publicar entre varias expreſsões do ſeu amor, que ainda a não ſer eu Princeza, como ſuppõe, me faria eſpoſa ſua, e revalidou com taes juramentos, que me fez preſuadir a ſua realidades.

*Polib.* Saberá acaſo que tu és minha filha?

*Cyren.* Não, Senhor: e parecia-me, que ſe pudeſſe eu ſer de Proteo, e...

*Polib.* Cala-te não pronuncies tal, que para iſſo aſſim ſer dependia do conſentimento delRei, da vontade de Nereo, e do beneplacito de Dorida; quanto mais, que pretexto decoroſo para iſſo poderia haver? Sigamos o premeditado deſignio, que os Deoſes nos ſerão propicios. *Vai-ſe.* Cy-

*Cyren.* Já nem esperanças tenho de ser feliz, pois vejo frustrados todos os meios que podião fazer-me ditosa.

*Canta Cyrene a seguinte*

ARIA.

Mísera já não posso,
Fugir á crueldade,
Se hum pai me persuade
Que siga o vil destino
De hum barbaro furor.
Parece-me que vejo
Nos braços de Nerco
A morte por troféo
Do seu cruel amor. *Vai-se*

## SCENA II.

*Gabinete adornado de cadeiras, e hum Relogio, e sahe Maresia.*

*Mares.* SE Dorida me não manda para a minha terra, sou capaz de me enforcar pelas minhas máos; pois antes quero ser eu carrasca de mim mesma, que dar esse gosto a Carangueijo. Mas ai de mim, que me não posso ter em pé, que de continuo considerar na materia, caio com virtiges! Ai, ai, que tenho o miolo fofo! Se me não sento, caio de narizes. Que seria de mim, se não fora o balsamo apopletico, que me corrobora o celebro?

*Assenta-se em huma cadeira, que subitamente*

se

*se transforma em Caranguejo, em quem ficará assentada Maresia, cuidando que está na cadeira.*

*Carang.* Já que Maresia está de assento, verei se posso surrepticiamente aproveitar-me de seus culatraes favores, já que tão atrazado estou no seu amor.

*Marcs.* Se não fora este voto de castidade, que me déra a mim de casar?

*Carang.* Agoro que amor navega vento em poppa, verei quanto péza este Indiatico planeta.

*Mares.* Se eu tivera a certeza, que Diana se não havia enfadar, já me casára rebolindo: mas eu peccadora, como o hei de saber? Bem podia Diana, vendo a barafunda em que me acho, não digo cara a cara, mas dizer-me ao ouvido o que neste caso devo obrar.

*Carang.* Casar.

*Mares.* Que ouço! Ditosa orelha, que tal ouviste! Logo posso sem offender-te casar?

*Carang.* Até rebentar.

*Mares.* Bem: visto isso o voto não val de nada?

*Carang.* Nada.

*Mares.* E a promessa val de pouco?

*Carang.* Como hum coco.

*Mares.* Não tenho mais que ouvir: vou-me depressa a dar ordem a namorar-me para casar antes que Diana se arrependa.

*Quer levantar se, e a detem Caranguejo.*

*Carang.* Suspenda.

*Mares.* Quem me agarra?

*Carang.* A minha garra.

*Ma-*

*Maref.* E's tu Caranguejo? Ha maior insolencia! Eu assentada em ti! Como foi isto?

*Carang.* Eu o não direi: o que sei he que estando assentado em hum tamborete, viesse tu, e te sentasse nas minhas cadeiras.

*Maref.* Tal estava com as virtigens, que não reparei aonde me assentava: e tu porque te não desviaste?

*Carang.* Estava dormindo, e não te senti.

*Maref.* Por isso eu dizia comigo: valha-me Deos, que duro he este assento!

*Carang.* Por isso eu tambem dizia: valha-me amor, que molle he esta assentada! E logo assentei comigo fazer disso hum assento no canhenho de minha memoria.

*Maref.* Ouvirias tambem o que eu ouvi?

*Carang.* Que ouviste tu?

*Maref.* Não, dize tu primeiro.

*Carang.* Não quero, dize tu.

*Maref.* Eu não hei dizer sem tu dizeres.

*Carang.* Com que estamos aqui dize tu direi eu? O que eu ouvi foi huma voz, ou hum éco sussurrante que dizia azar, azar.

*Maref.* Casar he que dizia,

*Carang.* Casar diria, ainda que eu não ouvi mais do que azar; porém casar, e azar tudo he o mesmo.

*Maref.* Já sei que não foi fantasia, nem me enganei no que ouvi.

*Carang.* Pois que era?

*Maref.* Não era nada: que te importa?

*Carang.* A mim dous caracoes; nunca tive genio

nio de inqueredor; o que me importa saber he, se ainda estás com estomago de ser sacrificada que o tempo se vai acabando, e Venus já me preguntou: esta moça casa, ou não casa? E eu fiz que a não ouvia, por ouvirte o ultimo desengano: pois que dizes?

*Maref.* Senhor Caranguejo, eu já estou resoluta a casar.

*Carang.* Eu sempre disse que tu morrias por casar.

*Maref.* Quero casar; que hei de fazer?

*Carang.* Que dizes minha Marefia? Dá cá hum abraço em alviçaras dessa boa nova.

*Maref.* Abraço? Huma balla.

*Carang.* Que desaballado rigor!

*Maref.* Quero que Venus me deva essa fineza.

*Carang.* Ella te agradecerá; porém agora he necessario escolher marido logo, e já.

*Maref.* Ahi com tanta pressa! Hei de escolher muito de meu vagar.

*Carang.* Qual vagar? Venus he mui executiva, que se todas dissessem, ainda não escolhi marido, com esse pretexto nunca casarião: não, Senhora, escolher logo, ou para melhor dizer, não escolher, senão fechar os olhos, e casar, seja com quem for.

*Maref.* Isso agora he mais apertado.

*Carang.* Não tem remedio.

*Maref.* Com quem hei de casar se não conheço ninguem?

*Carang.* Lança os olhos por esta casa; vê, vê se achas aqui com quem te empregues.

*Maref.* Aqui fóra elle não está ninguem.

Ca-

*Carang.* Pois casa com esse elle.
*Maref.* Que ? Comtigo !
*Carang.* Comtigo não ; comigo.
*Maref.* Pois hei de casar comigo.
*Carang.* Não , com eu.
*Maref.* Ora isso he o que me faltava ; ante morrer , que casar comtigo.
*Carang.* Pois eu sou mais feio que a morte ?
*Maref.* Sim , que pódes ser morte da morte.
*Carang.* Não me mortifiques com esse elogio funebre.
*Maref.* Era o que me faltava.
*Carang.* Talvez que te falte quando me buscares.
*Maref.* Se for para isso nunca tu appareças.

*Canta Maresia a seguinte*

ARIA.

Não vem o meu noivo
Como he galantinho ?
Com esse sucinho
Queria mulher ?
Que tolo, que simples, que necio he vossê?
Bem sei não mereço
Tão lindos amores ;
Porém taes favores
Os lanço de mim , co-a ponta do pé.

*Vai-se.*

*Carang.* Ora , Senhores , digão o que quizerem ; a tal Maresia se não fedêra , era huma galante mocetona ; porque ainda que me não quer , disse-me quanto quiz.

Sa-

*Sahe Cyrene.*

*Cyren.* Louco que fazeis ahi?

*Carang.* Eſtava vendo eſte relogio, que he huma galante poſſa; e me diſſerão que dava horas por minuetes, que parece gente, que canta.

*Cyren.* Começa com as tuas loucuras.

*Carang.* Não, Senhora, agora não tenho o relogio deſconcertado: mas eſpere, que elle começa a dar horas.

*Canta Proteo o ſeguinte*

MINUETE.

Toda a minha alma
Se abraza amante,
E a cada inſtante
Morrendo eſtá.
Mais que os minutos
São meus ardores,
Nos teus rigores
Conta não ha.
Mas ai tyranna,
Se a quem te adora
Foſſe eſta hora
Hora de amar!

*Cyren.* Iſto he mais que artificio humano! Confuſa eſtou!

*Carang.* Eſtou vendo que ha de vir tempo em que os relogios comão, e caſem, e tenhão filhos.

*Cyren.* Quem me dera que tornaſſe a repetir eſta ſuaviſſima conſonancia.

*Carang.* O relogio he de repetição; ſe o quer tornar a ouvir, toque-lhe naquelle ferrinho, e verá.

*Cyren.* Tu parece que ſabes o ſegredo deſte relogio.

*Carang.* Sim, Senhora, o ſegredo deſte relogio ſó eu, e elle o ſabemos.

*Cyren.* Pois faze com que repita.

*Carang.* Para que? Toque Voſſa Alteza meſmo com o ſeu altiſſimo dedo; que tem mais galantaria a mão de huma Senhora no moſtrador de hum relogio.

*Cyren.* Pois eu toco. Mas ai de mim! Proteo, como aſſim. . . .

*Toca Cyrene no relogio, e eſte ſe transforma em Proteo.*

*Proteo.* Não te admires, Cyrene, que buſque o meu amor artificios, para communicar-te; que donde não vence a força dos carinhos, vençáo as ſubtilezas da induſtria. Tu ſabes o quanto te adoro; não ignoras o extremo com que te idolatro; e quantos mais impoſſiveis encontro para poſſuir-te, mais incentivos me arraſtão para querer-te.

*Cyren.* Principe, o teu amor, ou o teu delírio não póde ter recompenſa: não ſabes que eſtou deſtinada eſpoſa de teu irmão, e que eſtás eleito conſorte de Dorida? Como poderá huma paixão céga vencer tantos impoſſiveis, e difficuldades?

*Proteo.* Logo ſe as não houvéra, conſeguiria a tua belleza?

*Cyren.* Para que, ſe tu amas independente do premio?

*Carang.* Se dá corda ao relogio, não parará hum inſtante. *á parte.*

*Proteo.* Ainda que ame ſem eſperança, não deſmereço o premio.

*Cyren.* Iſſo meſmo he eſperar o premio do merecimento.

*Proteo.* Não, que bem poſſo merecer ſem eſperar.

*Carang.* Se eſpero que iſto ſe acabe, tenho bem que eſperar. *á parte, e Vai-ſe.*

*Proteo.* Só huma ſupplica te faço.

*Cyren.* E he?

*Proteo.* Que não buſques os braços de teu eſpoſo, que não ſerão tão firmes, como os meus.

*Sahe Polibio ao baſtidor.*

*Polib.* Que vejo! Cyrene, e Proteo! Obſervarei o que dizem.

*Cyren.* Não ſei ſe me declare com Proteo, que aquella fineza não he para deſprezar. *á part.*

*Proteo.* Que te ſuſpendeo, Cyrene? Imaginas nos obſtaculos, que propozeſte? Pois ſabe que tenho no mar poder, e no peito fogo para conſumir a mais forte oppoſição.

*Cyren.* Ai Proteo, quem pudera experimentar a tua conſtancia! Mas temo declarar-te. . . .

*Polib.* Ai de mim, que Cyrene ſe declara!

*Proteo.* Não recees que deſeſtime a occaſião de poſſuir eſſa ventura, que me negas tyranna.

*Cyren.* Promettes, Proteo? Ai de mim! Não ſei o que digo! Se acaſo ſouberes. . . . Que enleio me embaraça?

*Po-*

*Polib.* Eſtou perdido, ſe lhe declára o ſegredo!
*Proteo.* Que receas? Não ſabes o meu amor?
*Cyren.* Pois Proteo, já que o teu extremo me ſegura o receio, ſaberás que eu....

*Sahe Polibio.*

*Polib.* Eu lho eſtorvarei. *á part.* Senhora, ElRei ordena que venhas já, para que ſe effeitue hoje o Hymenêo.
*Cyren.* Ai de mim!
*Proteo.* Hoje meſmo?
*Polib.* He vontade delRei.
*Proteo.* Não póde haver dilação?
*Polib.* Nenhuma: vem, Senhora.
*Proteo.* Eſpera, Polibio, que celeridade he eſſa?
*Polib.* He obedecer aos imperios do Soberano.
*Proteo.* Obedece, mas não excedas; que iſſo mais parece violencia, que obediencia.
*Polib.* Mais val o exceſſo em hum vaſſallo, que a deſobediencia em hum filho.
*Proteo.* Tu me reprehendes, barbaro, foraſteiro? Não te lembra que vieſte de Beocia a mendigar favores em Flegra? Se não fora...
*Cyren.* Senhor, Polibio nos ſeus annos tem a deſculpa de ſeu exceſſo.
*Polib.* Senhor, como ElRei manda que não vá ſem a Princeza, todo o exceſſo he louvavel. Senhora, não te dilates.
*Cyren.* Principe, he força obedecer.
*Proteo.* Pois vás com effeito ao Hymenêo?
*Polib.* Infailivelmente.
*Proteo.* Não te pergunto a ti; com Cyrene fallo.

*Polib.* Pois eu por ella reſpondo, que deixar ír ſerá impoſſivel.

*Proteo.* E eu tambem por ella reſpondo, que ír não póde.

*Polib.* Eu ſem ella não hei de ír.

*Proteo.* E eu mando que vás ſem ella.

*Polib.* Cyrene não he Dorida.

*Proteo.* E eu ſou Proteo, que huma vez empenhado em impedir-te que leves a Cyrene, o não has de conſeguir.

*Cyren.* Principe, que te perdes! Polibio, que fazes?

*Polib.* Obedecer a ElRei.

*Cyren.* Principe, adeos: vou ſem alma! *á part.*

*Proteo.* Eſpera. Ai de mim, que a vida, e o coração me levas! *á part.*

*Polib.* Venha voſſa Alteza, que aſſim importa.

*Proteo.* Pois barbaro inſtrumento de minha morte roubarei a tua vida, em recompenſa da que me levas.

*Puxa Proteo hum punhal contra Polibio, e fere a Cyrene, que ſe mete de premeio, e cahe deſmaiada.*

*Polib.* Que intentas?

*Cyren.* Suſpende, Senhor: mas ai que me feriſte, e o ſangue... ai de mim!

*Proteo.* Que vejo! Cyrene (ai infeliz!) enſanguentada! Ah cruel, que tu foſte a cauſa...

*Polib.* A tua imprudencia... Ha tormento igual! Senhora? Cyrene?

*Proteo.* O ſangue he copioſo. Mas eu vivo, e Cyrene deſmaiada! Eu me tirarei a vida para caſtigo de meu innocente delicto: morre, infeliz Proteo.

*Ao*

*Ao querer ferir-se Proteo, Polibio o detem, tirando-lhe o punhal, e fica com elle na mão.*

*Polib.* Senhor, que fazes? Não sejas homicida de ti mesmo.

*Proteo.* De que me serve a vida, vendo sem vida a Cyrene?

*Polib.* Larga o punhal; não te mates.

*Proteo.* Não he necessario mais instrumento para a minha morte que a minha pena. *Vai-se.*

*Sahem El Rei, Nereo, Dorida, e Maresia.*

*Rei.* Que excesso he este?

*Nereo.* Ai de mim! Cyrene ensanguentada!

*Dorid.* Sem alentos Cyrene!

*Rei.* Que foi isto, Polibio?

*Polib.* Quem se vio em maior afflicção! *á part.*

*Rei.* Emmudeces? Não respondes?

*Nereo.* Queres mais resposta que aquelle punhal, e aquelle sangue?

*Rei.* Retirem a Princeza, e cuide-se exactamente na sua saude.

*Mares.* Vamos: coitadinha! Ainda assim o sangue real he vermelho como os outros sangues.

*Leva a Cyrene.*

*Rei.* Dize, infame temerario, que espirito sacrilego animou esse braço para tanto insulto?

*Nereo.* Não perguntes; castiga sem dilação.

*Polib.* Senhor, que direi? Este braço não se armou contra Cyrene, porque....

*Rei.* Pois quem, se esse punhal te contradiz?

*Nereo.* Aquella ferida te condemna.

*Dorid.* E aquelle sangue te accusa.

*Polib.* E esta vida me falte, se eu....

*Nereo.* Em vão negas, quando vemos em ti o punhal, e em Cyrene o golpe.

*Polib.* Oh Deoſes! Quem ſe vio em maior conſternação? Pois ſe criminino a Proteo, ha de provalecer a ſua defeza, e a minha innocencia perecerá. *á part.*

*Rei.* Nenhuma deſculpa dás?

*Polib.* Cyrene o dirá.

*Rei.* Pois em quanto o não diz, levem-no á torre de Palacio, aonde ſe apure o ſeu delicto, e da ſua culpa o caſtigo fique ao arbitrio de Nereo, como parte mais offendida.

*Polib.* Não póde haver caſtigo aonde não ha culpa.

*Canta Polibio o ſeguinte Recitado, depois do qual cantão ElRei, Dorida, Nereo, e o meſmo Polibio a Aria a quatro.*

RECITADO.

Não me aſſuſta, ó Monarca eſſe caſtigo,
Que me intímas irado,
Que o ſangue de Cyrene idolatrado
Derramar não procura, quem o eſtima,
Qual outro pai; porém ſe a ſorte impia
Pretende aſſim que eu morra,
Morrerei ſatisfeito: mas adverte,
Se acaſo a minha vida
A ſua duplicára hoje no throno,
Eu ſeria homicida de mim meſmo,
E já na morte exangue
Lhe ſervirá de purpura o meu ſangue.

ARIA

ARIA A 4.

*Polib.* Sem culpa ao ſupplicio
Me leva hum rigor.
*Rei.* Infame, traidor,
Sem culpa não he.
*Nereo.* Não he; porque a culpa
Bem clara ſe vê.
*Polib.* Teu rogo propicio *Para Dorid.*
Senhora interceda
Por eſte infeliz.
*Dorid.* Não poſſo, que a culpa
Deſculpa não tem.
*Polib.* Não ha quem acuda
Por eſte infeliz?
*Dor. Rei. Ner.* Não ha; porque a culpa
Bem clara ſe vê.
*Polib.* Que eu morro innocente
Vós Deoſes ſabeis.
*Dor. Rei. Ner.* Da juſta vingança
O exemplo ſereis.
*Polib.* Da injuſta vingança
Aos Ceos clamarei.
*Dor. Rei. Ner.* Os Deoſes fulminem
Hum grave caſtigo,
Que a hum barbaro dê.

# PARTE III.

## SCENA I.

*Jardim, em que estará sobre huma pilastra hum vaso de amor perfeito, e em outra mais inferior outro de cravos amarellos, e sahe El-Rei Ponto.*

*Rei.* QUem me aconselhará em tantos combates de duvidas, quantos assaltão a este afflicto coração? Deixo as imprudencias dos Principes na desattenção das Princezas, como mal que póde ter remedio; mas a ferida de Cyrene não tem cura na minha magoa. Que furor fulminado do cavernoso Abysmo impellio o peito de Polibio para tanto excesso? Não cabe na imaginação o seu atrevimento.

*Sahe Cyrene.*

*Cyren.* Senhor, a teus pés. . . .

*Rei.* Que excesso he este, Cyrene? como te vejo neste lugar ainda mal convalecida?

*Cyren.* A ferida não foi tão grave como se imaginou, pois a penas penetrou a região da cutis; porém ainda que fora mortal, nem por isso deixaria de vir a teus pés.

*Rei.* Que causa póde obrigar-te a tanto excesso?

*Cy-*

*Cyren.* A liberdade de Polibio, por quem Senhor intercedo; e se o meu valimento póde merecer-te alguma attenção, espero da tua benignidade satisfaças ao empenho do meu desejo.

*Rei.* Quando eu cuidava que vinhas a fomentar o seu castigo, vens a interceder pela sua liberdade?

*Cyren.* Por isso mesmo, porque a vingança não cabe em peitos generosos.

*Rei.* E que diria o Mundo, vendo impunido hum tão grave delicto?

*Cyren.* Melhor he que o Mundo ignore que houve atrevimento em hum vassallo para crime tão execrando; que ha casos ás vezes, em que he melhor dissimular a culpa, que castigar o delicto.

*Rei.* E não pódes penetrar o designio desta temeridade de Polibio, ou que interesse buscava na tua morte?

*Cyren.* Não sei mais que pedir-te a sua liberdade.

*Rei.* A Nereo, como parte mais offendida, entreguei a culpa de Polibio; delle depende a sentença; a elle pódes recorrer. *Vai-se.*

*Cyren.* Ai de mim! Que sendo Proteo o que me feriste, seja Polibio o culpado? Mas Polibio, que se desculpou com Proteo, mostrando a sua innocencia, sem duvida que o quer conservar para o fim de seus intentos. Ai amado pai, quantos extremos te devo, pois pela minha fortuna offereces a tua vida! Mas para que neste oceano de confusões saiba o norte que devo seguir, lhe enviarei hum aviso

ſo occulto nas flores de hum ramilhete, para que com eſta cautella ſe encubra o meu deſignio. Eſte amor perfeito ſeja o inſtrumento de minha fortuna.

*Ao tirar hum ramo de amor perfeito, deſapparece a pileſtra, e o vaſo ficando em Proteo, em cuja mão ſe une a de Cyrene, cuidando que pega na flor.*

Ai de mim! Que vejo? Attrevido Proteo, ſolta-me a mão, não queiras com os disfarces de flor encubrir os venenos de aſpide, que tu não és o amor perfeito que eu buſco.

*Canta Proteo o ſeguinte Recitado, e Aria.*

RECITADO.

Amor perfeito, ſou Cyrene bella,
Que inundado da copia de meu pranto
Ao Empyreo ſe eſtende a minha rama;
Que ſó no Ceo de fogo buſco a chamma,
Como centro feliz de meu incendio;
E ſe aquella ferida,
Belliſſima homicida,
Augmenta teu rigor neſſa impiedade,
Huma caſualidade
(Ai de mim!) deſtruir não póde aquella
Doce eſperança, que me promettias;
Mas ſe a innocente culpa que não tenho,
Teus rigores augmenta,
Verás (oh impia ſórte!)
Buſcar na minha dor a minha morte.

ARIA

ARIA.

Se Amor, ſe a Parca irada
Qualquer tirar-me intenta
A vida que me alenta;
Mais val que eu ſeja, (ó bella)
Triunfo, não da morte,
Deſpojo ſim do amor.
Pois quando afflicto intento
Buſcar maior tormento,
Morrendo ſó de amante,
Será o penar maior. *Quer ir-ſe.*

*Cyren.* Eſpera, Proteo, que não te crimino, para te caſtigares; bem ſei que eu meſma me entreguei ao golpe, quando intentava ferir a Polibio.

*Proteo.* Tambem ſei que eu ainda que innocente, fui o inſtrumento de teu eclypſe; e ainda que no ſagrado de tua belleza acha immunidade a minha culpa, permitte-me, Cyrene, que a ſatisfaça morrendo.

*Cyren.* Não he tempo agora de ouvir finezas; ſabe que Polibio.....

*Proteo.* Já ſei que a Polibio ſe imputou o delicto de ferir-te, e que prezo eſtá na torre de Palacio.

*Cyren.* E ſabe que por te não criminar, conſentio mudamente no crime que ſe lhe impoz: agora Proteo he eſcuſado lembrar-te a obrigação, em que eſtás de o libertares, como Principe, e como generoſo; que he ra-

zão

zão te empenhes em defender huma innocente vida, que pela tua tranquillidade se expõe ao mais funebre cadafalso.

*Proteo.* Supposto seja Polibio o instrumento de minha ruina na celiridade de teu Hymenêo, com tudo, como te empenhas na sua liberdade, por ella exporei a minha vida; que morrer por ti, ó Cyrene, não he novidade no meu amor.

*Cyren.* Não he necessario por ora tocar o ultimo extremo da fineza; vença a industria primeiro, e depois a desesperação; e só essa acção poderá persuadir-me a tua constancia.

*Proteo.* Pois ainda della duvidas?

*Cyren.* Sim; pois até o presente não experimentei em ti mais que varidades na tua fórma: deixa pois o mudavel, e sê firme na efficacia de tua fineza.

*Proteo.* Ainda que tenha por natureza o mudavel, isso he quanto ao exterior, pois todas essas mudanças são demonstrativos de minha firmeza.

*Cyren.* Pois, Principe, na liberdade de Polibio a experimentarei.

*Proteo.* Na liberdade de Polibio o verás.

*Ao irem-se, sahem ao encontro Nereo a Cyrene, e Dorida a Proteo.*

*Dorid.* O que ha de ver, Cyrene?

*Proteo.* Na vida de Polibio o castigo de sua temeridade. *Vai-se.*

*Nereo.* Que intentas experimentar?

*Cy-*

*Cyren.* A tua fineza na liberdade de Polibio, a pezar dos empenhos de Proteo.

*Nereo.* Ah tyranna, que bem percebo a tua induſtria! *á parte.*

*Cyren.* E aſſim, Nereo, eſpero da tua generoſidade, que libertes a Polibio; que com eſte premio lhe ſatisfaço o ſer ditoſo inſtrumento de eu poſſuir a felicidade de eſpoſa tua, na condução de Beocia para Flegra.

*Nereo.* Parece que algum ſuſto, ou perplexidade te fez mudar a intenção de tua ſupplica.... Ah tyranna! *a part.*

*Cyren.* A ancia que tenho de libertar a Polibio, quando me affligc o coração, não me perturba o acordo para pedir-te a ſua liberdade.

*Nereo.* Para te oſtentares generoſa, baſta ſaberſe, que intercedeſte por Polibio; mas eu como duas vezes offendido na ſua vida, vingarei as minhas offenſas. *Vai-ſe.*

*Cyren.* Que ſe falte ao reſpeito a huma eſpoſa e a huma Princeza! Dorida, intercede tambem por Polibio, que talvez ſeja mais venturoſa a tua ſupplica.

*Dorid.* Pede a Proteo, que não deixará de ſatisfazer ao teu empenho; que eu me embarco para Egnido ſem dilação, pois já conheço a cauſa, donde naſcem os deſvios de Proteo.

*Cyren.* Donde, Dorida?

*Dorid.* Donde não imaginava, Cyrene. *Vai-ſe.*

*Cyren.* Ai infeliz, que Proteo me intenta precipitar com ſeus extremos, pois do ſemblante de Nereo, e das palavras de Dorida infi-

ro os zelos, em que se abrazão! Ah Proteo, já que tu és a causa de todos os meus males, sê algum dia instrumento de minha fortuna.

*Canta Cyrene a seguinte*

ARIA.

Fortuna que inconstante
Te ostentas rigorosa,
Quando serei ditosa?
Quando serei feliz?
Suspende por hum pouco
Teu moto acelerado,
Não seja sempre o fado
Cruel a huma infeliz. *Vai-se.*

*Sahe Maresia.*

*Maref.* Agora me disse Dorida que me preparasse, que nos haviamos embarcar para a nossa terra; isso já havia ser ha mais tempo; e sem dizer nada a Caranguejo, me hei de despedir em Grego, que ainda he peior que em Latim; e quantos trastes, e cacaréos tiver, tudo hei de levar comigo. E para sacrificar a Diana, Deosa dos bosques, levarei este craveiro de cravos amarellos, em memoria da desesperação, em que me poz o sacerdotiso Caranguejo; e assim já o vou levando, ainda que seja ao collo:

*Ao tomar Maresia o craveiro nos braços, se transforma este em a figura de Caranguejo, e diz Maresia o seguinte*

*Maref.* Mas ai! Que diabo he isto?

*Carang.* Não he diabo; sou eu mesmo que sou endiabrado.

*Ma-*

*Maref.* Es tu? Deixa-me negro mofino.
*Carang.* Mofina és tu, que nenhum favor me dás.
*Maref.* Larga-me, ſe não hei de chamar á que delRei.
*Carang.* E eu hei de chamar a que de Venus.
*Maref.* Tu não queres?
*Carang.* Quero, quero.
*Maref.* Pois toma. *Atira com elle ao chão.*
*Carang.* Só iſſo me pódes dar; mas cahindo a teus pés não quero maior fortuna.
*Maref.* He muito atrevido:com enganos comigo?
*Carang.* Deixemos iſſo Mareſia, que já não eſtamos neſſes termos, pois ſó a teus pés proſtrado põe a boca hum Caranguejo amante; e te pede com lagrimas de ſangue, que ſe has de eſcolher marido, que ſeja eſte pobre mendigo de teus favores, pois niſſo farás huma obra pia; porque ſou hum moço orfão ſem pai, nem mãi.
*Maref.* Já não ſe me dá de Venus, porque hoje me embarco, e mais Dorida, e nos vamos deſta maldita terra.
*Carang.* Iſſo he fallar.
*Maref.* Quando o vires, ou quando me não vires, então o crerás.
*Carang.* Não podéras ter feito iſſo ha mais tempo, e eſcuſar de andar dando tratos ao juizo, empenhando-me com Venus, pedindo-lhe amoratorias para te eſperar, ficando eu por teu fiador, abonando a tua peſſoa? Iſto tudo tenho obrado a teu reſpeito, e agora que ha de ſer de mim?

*Ma-*

*Mareſ.* Cada qual forra a ſua pelle.

*Carang.* E a minha ha de ficar cativa para Vénus me tirar do coiro a fiança?

*Mareſ.* Que tenho eu com iſſo?

*Carang.* He boa eſſa! Não, Senhora, que eu fiquei por voſsê que havia de caſar mais dia, menos dia; e agora quer eſcapolir? Nada: mandado de ſegurança no caſo.

*Mareſ.* Eu não vou por minha vontade, que Dorida me leva.

*Carang.* Pois caſa primeiro antes que te vás, ainda que ſeja comigo, e vai-te depois muito embora, que iſſo baſta para eu ficar liberto no forro interno.

*Mareſ.* Qual caſar? Se eu por amor diſſo me vou; e comtigo muito menos.

*Carang.* Eſſe menos he que he o mais.

*Mareſ.* O que poſſo fazer, he deſpedir-me de ti: ſe queres direi que te fiques embora.

*Carang.* Eu ſempre ouvi dizer que quem ſe deſpede ſe abraça, e ſe me has de abraçar, deſpeçamo-nos já.

*Mareſ.* Hum abraço Françez não ſe nega a ninguem. *Abraça-o.*

*Carang.* Ora ſeja pela vida, e ſaude do Senhor ſeu pai: abraçada ſeja a tua alma todos os dias da tua vida.

*Cantão Caranguejo, e Mareſia a ſeguinte*

ARIA.

*Mareſ.* Senhor Caranguejo,
Adeos que me vou.

Ca-

*Carang.* Lá vai o meu bem,
Meu mal me matou.
*Mareſ.* Náo chore barbado,
Voſsê he rapaz?
*Carang.* Amor he que chora,
Que amor he rapaz.
*Mareſ.* Adeos, que me vou
*Carang.* Náo digas tyranna,
*Ambos.* Adeos que me vou.
*Mareſ.* Oh quanto me cuſta
Deixar-te ſem mim!
*Carang.* Oh quanto me aſſuſta
Ficar-me ſem ti!
*Ambos.* Porém paciencia,
Que na agua do pranto
Amor ſe affogou. *Vai-ſe.*

## SCENA II.

*Sala. Sahem Nereo, e Cyrere.*

*Cyren.* HE poſſivel Nereo, que os rogos de huma eſpoſa náo tenhão valimento na tua attenção?
*Nereo.* Por iſſo meſmo que para que ſe ſaiba o quanto eſtimo a minha eſpoſa, hei de moſtrar o quanto ſei vingar a ſua offenſa.
*Cyren.* Se eu demitto de mim eſſa offenſa, já te náo fica acção para a caſtigar.
*Nereo.* As offenſas da eſpoſa são reciprocas ao eſpoſo; e ſe da tua parte demittes a injuria, da minha náo perdoo a offenſa: ó lá, tra-

gão aqui a Polibio, para que veja Cyrene no seu castigo o meu amor.

*Cyren.* Barbara fineza he essa, Nereo: quem vio maior desgraça! *á parte.*

*Sahe Polibio com cadeas, e Guardas.*

*Polib.* A' tua presença chega o infeliz Polibio, e tão infeliz, que pela mesma acção, que devêra ser primiado, se vê na consternação de perder a vida.

*Cyren.* Mal posso conter as lagrimas.

*Nereo.* Polibio, já sabes que sou o Fiscal de tua culpa; do castigo não duvides; porém para que seja menos horroroso o espectaculo, quero me digas, qual foi o fim de tão enorme delicto?

*Polib.* Que delicto?

*Nereo.* Ainda te atreves a negar, ou imaginas que não delinquiste?

*Polib.* Sim, porque não offendi a Cyrene.

*Nereo.* Não intentes negar hum delicto, que não tem defeza, que quasi aos nossos olhos foi commettido; só quero me digas quem te impellio a tanto excesso?

*Polib.* Senhor, eu não offendi a Cyrene; ella sabe a minha innocencia.

*Nereo.* Pois quem?

*Polib.* Cyrene o dirá.

*Nereo.* Cyrene, se queres a vida de Polibio, porque não declaras o offensor?

*Cyren.* Ai infeliz! Que farei entre hum pai, e hum amante? *á part.*

*Nereo.* Que dizes? Mas nada digas, que o teu si-

silencio eloquente me diz que foi Polibio; que se não fosse, quando lhe desejas a liberdade, accusarias o delinquente: não tenho mais que averiguar: seja Polibio conduzido ao Templo de Astréa, aonde no rigor da justiça pague com a vida o seu delicto.

*Chegão os guardas a levar a Polibio.*

*Cyren.* Esperai, que Polibio não he o delinquente.

*Nereo.* Pois quem, Cyrene?

*Cyren.* Que direi! Oh abysmo de confuzões! *á p.*

*Nereo.* Levai a Polibio, que Cyrene o condemna.

*Polib.* Vamos, que hum respeito me crimina. *Vai andando.*

*Cyren.* Vença ao amor a natureza: suspendei, que eu declaro quem foi o delinquente.

*Nereo.* São escusados esses artificios para suspender a execução: levem a Polibio, que elle he o delinquente.

*Cyren.* Não he, Nereo; não he: eu he que fui a delinquente.

*Nereo.* De que sórte?

*Cyren.* Desta sórte: como determinava ElRei a brevidade do nosso Hymenêo....

*Sahe Proteo com espada, e Soldados tambem com ellas, e Caranguejo armado.*

*Nereo.* Que he isto, Proteo?

*Proteo.* Libertar a Polibio, para que a supplica de Cyrene não fique sem satisfação decente á sua pessoa.

*Nereo.* Pois tu intentas despicar as injurias de minha espósa?

*Proteo.* Não: mas as injurias de huma Dama offendida, ſim.
*Cyren.* Maior damno ſe vai originando. *á part.*
*Polib.* Proteo obra como Principe. *á part.*
*Carang.* Hoje ha de ir tudo com Berzabú.
*Nereo.* Proteo, enlouqueceſte? Não ſabes o perigo a que te expões?
*Proteo.* Já ſei.
*Nereo.* Pois que intentas, ſe o ſabes?
*Proteo.* Defender a Polibio.
*Nereo.* Como?
*Proteo.* Deſta ſórte. *Brigão.*
*Carang.* Ai que aqui eſtá o homem! Que he iſſo lá?
*Neren.* Inſolente Proteo, ſaberei caſtigar a tua temeridade.
*Polib.* Valha-me o valor de Proteo.
*Cyren.* Nereo, Proteo, que intentas? Ai de mim! Polibio, retira-te.
*Polib.* Não poſſo que as prizões me embaração.
*Proteo.* Polibio, ſegue-me.
*Nereo.* Não em quanto eſta eſpada ſe unir a eſte braço.
*Carang.* Ah cobardes, hoje ha de ſentir o Mundo as mordeduras deſte Caranguejo.

*Sahem El Rei, e Dorida.*

*Rei.* Que inſulto he eſte? Que he iſſo, Principes? Suſpendei as armas.
*Proteo.* Fruſtrou-ſe o meu intento. *á part.*
*Dorid.* Que laſtimoſa tragedia!
*Carang.* Bom padrinho tiverão.
*Rei.* Nereo, que exceſſo foi eſte?
*Nereo.* Arrojo de Proteo que com eſta violencia in-

intentou libertar a Polibio por satisfazer aos empenhos de Cyrene.

*Rei.* Temerario Proteo, como sem attenção ao decóro deste Palacio com mão armada assim o profanas?

*Carang.* Ponto de interrogação.

*Proteo.* Senhor, hum precipitado empenho não repára em attenções; que a céga paixão, que predomina em meu peito, não sabe distinguir a purpura, mais que a do sangue, que intento verter pela liberdade de Polibio.

*Rei.* Barbaro louco, imprudente, assim me respondes? Não sabes que sou teu pai, e teu Rei? Levem-no prezo, e junto com Polibio serão ambos victimas de Astréa. Quem viomaior insulto!

*Carang.* Ponto de admiração.

*Proteo.* Mais me vanglorías com esse castigo, pois quando não posso defender a Polibio, ao menos me servirá de desculpa o não ter vida para libertallo.

*Cyren.* Espirou a minha esperança, e eu com ella. *á p.*

*Dorid.* Sem embargo das ingratidões de Proteo, por elle supplico, Senhor.

*Rei.* Não peças por hum ingrato.

*Dorid.* Basta-lhe ter o nome de esposo meu.

*Rei.* Deixa, Dorida; deixa, que se vinguem em hum só castigo tantas offensas: sejão levados, como digo, ao Templo da Justiça, aonde no seu sangue se purifiquem as suas culpas.

*Polib.* Não val a minha innocencia contra esse rigor?

*Cyren.* Não póde o meu pranto abrandar essa dureza?

*Proteo.* Não se attende ao meu caracter?

*Rei.*

*Rei.* Não póde, não val, não ſe attende: levai-os. *Vai-ſe.*

*Carang.* Aquillo he ponto final.

*Cyren.* Cruel eſpoſo, porque não te jactes que triunfas de minhas lagrimas, não has de ter o prazer de què eu veja a execução de tua vingança; pois deſeſperada buſcarei quem me vingue deſta injuria. *Vai-ſe.*

*Polib.* Os Ceos moſtraráõ a minha innocencia. *Vai com os guardas.*

*Nereo.* Vá tambem eſſe tyranno irmão perturbador do ſocego de meus ſentidos.

*Proteo.* Não ha de ter eſſa jactancia. *á part.*

*Dorid.* Vê, Nereo, que contra hum irmão he indigno eſſe procedimento.

*Nereo.* Se ſouberas, Dorida, o que eu não ignoro, não intercedèras per elle.

*Dorid.* Quem nunca o ſoubera! *á part.*

*Carang.* São boa caſta de irmãos eſtes! Por elles ſe póde dizer: *quando fratres ſunt boni, ſunt bonifrates.*

*Nereo.* Em que vos detendes, que o não levais?

*Proteo.* Na fórma delRei me transformarei. *á p.*

*Trasfórma-ſe Proteo na figura delRei.*

*Nereo.* Levai-o: não me obedeceis?

*Sold.* A quem, Senhor?

*Nereo.* A Proteo.

*Sold.* Proteo não eſtá aqui.

*Nereo.* E eſſe quem he? Mas que vejo! Senhor, Voſſa Mageſtade como aqui, e Proteo? Eſtou confuſo! Que illuſão he eſta?

*Pro-*

*Proteo.* Se Proteo não apparece buſquem-no, que importa não ficar ſem caſtigo. *Vai-ſe.*

*Carang.* Ficárão paſmados: o certo he que eu, e meu amo, ſomos dous.

*Nereo.* Dorida, não viſte a Proteo ficar entre os guardas, quando ſe auſentou ElRei?

*Dorid.* Não ha duvida.

*Nereo.* Pois como Proteo, ſem que o viſſemos, deſappareceo? e ElRei eſtava entre os guardas?

*Carang.* He que foi preciſo fazer dous pontos na oração.

*Dorid.* He caſo maravilhoſo!

*Nereo.* Que fugiſſe Proteo, ſem que delle pudeſſem os meus zelos vingar-ſe! O' lá, toda eſſa comitiva, que armada veio com Proteo na ſublevação, ſeja conduzida ao mais eſcuro carcere.

*Carang.* Boas noites tenhão voſſas mercês.

*Nereo.* E haja particular vigilancia neſſe criado.

*Carang.* Sempre obrigado: cá para nós não he neceſſario ceremonias. He bem feito! *á part.*

*Dorid.* Nereo, eſſe criado he louco.

*Carang.* He verdade; nem tal me lembrava.

*Nereo.* E como ſabes que he louco?

*Dorid.* Pelo ter viſto varias vezes.

*Carang.* Eſſa ainda he melhor! Que? Prender-me para caſar? Pois deſenganem-ſe, que ainda que me matem, não hei de caſar.

*Dorid.* Com aquella teima anda ſempre.

*Nereo.* Eſſe por louco, pois o abona Dorida, fique, e levem os mais.

*Levão os guardas os que vierão com Proteo.*

*Carang.* De boa eſcapei! Vi a morte diante dos olhos

olhos. O certo he que a vida dos neſcios, e loucos he maior que a dos entendidos.

*á parte, e vai-ſe.*

*Dorid.* Nereo, não te affliias com tanto exceſſo, buſcando na tua pena a tua morte, que mais importa a tua vida.

*Nereo.* Ai Dorida, que o meu ſentimento por inexplicavel he mais ſenſivel!

*Dorid.* Aprende de meu ſoffrimento, pois ſentindo o meſmo mal que tu padeces, procuro ſuavizallo com o retiro. *Vai-ſe.*

*Nereo.* Dorida com prudencia me deu a entender os ſeus zelos: ai infeliz, que já com duplicado indicio póde deſafogar públicamente a minha dôr nos zelos de Cyrene! Ah Princeza indigna de tão ſoberano epitheto! Oh Proteo aleivoſo, digno de eterna infamia nos annaes da memoria! Huma contra as ſoberanias do caracter, outro contra as leis da lealdade, e da natureza ſe armárão inſtrumentos de minha magoa no tormento de meu ciume.

*Canta Nereo a ſeguinte*

ARIA.

Selvatica féra
Da brenha mais toſca
Se encreſpa, ſe enroſca,
Se a cara conſórte
Nos braços encontra
De amante rival.

Se

Se o ruſtico inſtincto
De hum bruto padece,
Deſculpa merece
Huma alma abrazada
Dos zelos no mal. *Vai-ſe.*

## SCENA III.

*Templo de Aſtréa, com ſimulacro da Juſtiça.*
*Sahe Mareſia.*

*Mareſ.* COm eſtas embrulhadas de Palacio anda tudo tão mexido, e remexido, que eſtou vendo como ſe ha de ſahir deſta mexuda: o que mais ſinto he dilatar ſe o noſſo embarque por cauſa das traições do Senhor Polibio, que ſem alma nem conſciencia quiz tirar ſangue donde o não havia: pois hei de regalar-me de o ver pernear.

*Sahe Caranguejo.*

*Carang.* Aqui ſe pagão ellas: vês como o teu peccado te trouxe por teu pé ao miſerando ſupplicio no Templo de Venus?

*Mareſ.* Que dizes? Eſte he de Venus o Templo?

*Carang.* Aſſim dizem os comtenplativos.

*Mareſ.* Pois a Eſtatua de Venus he daquella ſórte?

*Carang.* Sim, Senhora; mas não me admira que não conheça a Venus quem não quer caſar.

*Mareſ.* Venus com os olhos tapados, mais me parece Cupido, que Venus.

*Carang.* He que a formoſura tem o amor nos olhos.

*Mareſ.* Mas ſe he mulher, porque traz eſpada?

*Carang.* Por amor dos virotes que dá na gente.

*Ma-*

*Mareſ.* E as balanças que ſignificão?

*Carang.* He para pezar as finezas; mas advertе, que aquellas balanças não tem fiel, porque todas as Venus são falſas.

*Mareſ.* Ora muito me contas.

*Carang.* E tu nada me dizes do caſamento?

*Mareſ.* Verdade he que já fazia tenção de caſar.

*Carang.* Filha, as tenções livrão as almas, mas não os corpos.

*Mareſ.* Eu ſim caſára comtigo; porém não ſei que te diga.

*Carang.* Não ſei como a Mareſia te não faz vomitar tudo quanto tens no bucho.

*Mareſ.* Não ſei como és; não ſei, que te falta, para ſeres de meu goſto.

*Carang.* Nada me falta, porque o teu rigor me tem acabado.

*Mareſ.* Acabado ſim, mas não perfeito.

*Carang.* E pluſquam perfeito: ora dize, leve o diabo paixões, aonde havias tu achar quem mais te quizeſſe? Por ti ſendo muito limpo, me fiz hum porco; por ti me fiz cadeira de braços, para ter pé de te poſſuir; e finalmente por ti me amortalhei em hum craveiro de cravos de defuntos, para renaſcer como bicho de ſeda no capulho de teu agrado; e ſe tudo iſto te não move, vê de que ſorte me queres, que para tudo ſou de cera.

*Canta Caranguejo a ſeguinte*

ARIA.

Tomára fazer-me
Em mil pedacinhos,
Por ver ſe os carinhos
Te poſſo colher:
Se queres me ver
Gigante, aqui eſtou: *Faz-ſe Gigante.*
Vê lá como ſou
Aſſim tamanhão?
Se ques que me abaixe
Serei hum Anão. *Faz-ſe Anão.*
Mas não, Anão não,
Que Anão he agoiro,
Serei tamanhão. *Faz-ſe Gigante.*
Se aſſim não te agrado,
Serei deſgraçado,
Mas não feanchão.

*Mareſ.* Baſta com tanto deſengonçamento. Mas ai, eſpera, deixa-me eſconder naquelle cantinho que lá vem hum homem correndo a quatro pés, muito afroſſurado com huma faca na mão. *Eſconde-ſe.*

*Carang.* Eſpera, aonde te vás eſconder?

*Sahe Proteo com hum punhal na mão.*

*Proteo.* Junto á ara do ſacrificio de Aſtréa, me occultarei, e com eſte punahl matarei o barbáro executor da juſtiça, quando intente tirar a vida a Polibio.

*Carang.* Ah caſo igual! Senhor, vens-te metter na boca do lobo? Já que te transformaſte em

Pon-

Ponto tão pontualmente para eſcapar das garras de Nereo, como lhe queres agora cahir nas unhas? Para que Senhor?

*Proteo.* Ou para matar, ou para morrer; que ſe hei de perder a Cyrene, que importa que perca a vida?

*Carang.* Ainda aſſim, aquillo de viver he bom para a ſaude.

*Proteo.* E tu como pudeſte eſcapar acompanhando-me tambem?

*Carang.* Pelo privelegio de louco, que he mui grande; que ſe eu tivéra entendimento, donde eſtaria a eſtas horas?

*Proteo.* E Cyrene, (ai de mim!) que diz?

*Carang.* Ella alli vem, e Dorida.

*Proteo.* Occultar-me quero, como diſſe. Amor, ſe és Deidade, favorece os meus intentos.

*Eſconde-ſe Proteo junto á Eſtatua da Juſtiça; e ſahem Cyrene accellerada, e Dorida detendo-a.*

*Dorid.* Cyrene, que exceſſo he eſte? Não attendes ao teu decóro? Aonde caminhas precipitada?

*Cyren.* Dorida, não eſtou em mim; que queres que faça huma deſeſperada, huma afflicta, e huma infeliz?

*Dorid.* Retiremo-nos antes que ſe horroriſe a viſta com o funeſto eſpectaculo de Polibio, que já caminha para eſte Templo de Aſtréa.

*Cyren.* A iſſo meſmo he que venho, não por ver a ſua tragedia, mas por impedir a ſua morte.

*Dorid.* Para que te empenhas em hum impoſſivel, quando Nereo impellido, não ſei de que

oc-

occulto ſentimento intenta vingar-ſe na ſua vida? Porém já occupados os pórticos de huma immenſa turba, mal nos poderemos retirar.

*Toção tambores.*

*Carang.* Grande trovoada ſe vai armando!

*Cyren.* Ai que a vida ſe me vai acabando! Nem Proteo apparece para maior pena minha! Que farei ſó, e afflicta em tanta multidão de pezares?

*Sahem El Rei Ponto, Nereo, e depois Polibio com guardas; e ſahe Mareſia donde eſtava eſcondida.*

*Rei.* Com effeito não tem apparecido Proteo?

*Nereo.* Parece que a terra o tragou por caſtigo de ſeu delicto.

*Rei.* Ai Proteo! Quem pudéra..... Mas não, não merece piedade hum filho ingrato.

*Nereo.* Agora verá Proteo ſe póde libertar a Polibio, que nas Aras de Aſtréa hoje ha de ſer victima de ſeu rigor.

*Canta Polibio a Aria, e o ſeguinte*

RECITADO.

Aſtréa Soberana,
Sagrada filha do brilhante Oylmpo,
Como aſſim conſentes que huma innocencia
Profane teus altares
No impuro ſacrificio,
Que incender hoje intenta huma impiedade?
Mas já ſei, infeliz, que como és céga
Não verás da ſentença a iniquidade;

Ou-

Ouve ao menos os mizeros clamores
Desta inculpavel vida,
Pois não pede a Justiça,
Ver no Templo de Astréa huma injustiça.

ARIA.

Se o recto instrumento,
Que vibras ingente
De huma alma innocente
Castigo não he:
Ao duro supplicio
Impávido vou.
Não fujo, não temo
Da morte os horrores,
Que a rigida espada
Em vida inculpada
Já mais penetrou.

*Querendo Polibio caminhar para a Estatua de Astréa, o impede Cyrene.*

*Cyren.* Aonde vás, Polibio? Espera.
*Polib.* Quem me defende?
*Cyren.* Cyrene te ampára.
*Rei.* Tu não pódes impedir a execução da justiça.
*Nereo.* Execute-se a sentença.
*Carang.* Embargos temos. *á part.*
*Cyren.* Não póde executar-se a sentença; porque sendo falsa a culpa, não póde ser a pena verdadeira.
*Nereo.* Se elle a não contradiz, que mais evidencia póde haver? Morra Polibio.
*Cyren.* Polibio está innocente; affirmo que me não podia offender.
*Rei.* Porque?

Cy-

*Cyren.* Rompa-se o silencio por huma vez. *á part.* Porque he meu pai.

*Nereo. Rei.* Teu pai Polibio? Que dizes?

*Polib.* Cahio a máquina de minha idéa. *á part.*

*Cyren.* Senhor, meu pai he Polibio, não o duvides.

*Polib.* Não sou pai de Cyrene: não dilates, Senhora, com esse engano o teu Hymenêo; deixa que eu morra; que pouco preço he huma vida para comprar hum Reino.

*Rei.* Que mais podia excogitar a tua industria para libertar a Polibio?

*Nereo.* A sentença se execute sem dilação.

*Cyren.* Soberano Monarca, não são industrias da idéa, são realidades da natureza; Polibio he meu pai.

*Rei.* Como póde isso ser se tu és filha delRei de Beocia?

*Cyren.* Attende-me, e saberás: Não ignoras as revoluções, e guerras que houve em Egypto, aonde Polibio foi cabeça de huma parcialidade; e como esta ficasse superada, se retirou a Beocia comigo, e ahi me deixou occulta em a rustica montanha de huma Aldêa, para que o furor inimigo não triunfasse de minha innocencia: passou Polibio a Flegra a servir-te, como sabes, a quem déste o carácter de Embaixador para Beocia a conduzir a sua Princeza para espoza de Nereo: chegando Polibio a Beocia achou ser falecida aquella Princeza, tambem chamáda Cyrene; e dissimulando o motivo, me trouxe a mim para Nereo; querendo com esta industria verme coroáda Princeza.

*Pro-*

*Proteo.* Se será illusão o que ouço? *á part.*

*Cyren.* E já que este impensado acaso descobrio este engano, a teus pés, Senhor, eu e Polibio pedimos perdão desta temeridade, para que hum delicto verdadeiro seja indulto de outro que o não he.

*Rei.* Ha caso mais extraordinario!

*Nereo.* Nem alentos tenho para respirar.

*Dorid.* Prodigioso successo!

*Maref.* Quando eu vi que tinha o sangue vermelho como o meu, logo duvidei que fosse de sangue Real. *á part.*

*Carang.* E o que mamou de Altezas á chucha calada! *á part.*

*Polib.* Desta sorte, Senhor, conhecido quem sou, bem se vê que não podia intentar a morte de Cyrene.

*Rei.* Pois como tinhas o punhal na mão?

*Polib.* Porque querendo mattar-me Proteo, Cyrene commovida do amor de filha, se metteo de premeio, e casualmente a ferio Proteo; ficando o seu punhal por outro semelhante incidente na minha mão.

*Rei.* Quanto desse crime estás perdoado; mas não ficará sem castigo esse que maquinaste para coroar a Cyrene. Dize, atrevido, e infame Polibio, como fabricaste tão pernicioso engano em ludibrio de minha Coroa, perdendo por tua causa Proteo a Patria, e eu a sua companhia?

*Nareo.* Deixa, Senhor, que eu vingue essa offensa, pois eu era o alvo do seu engano;

e

e assim, fementido, barbaro, traidor, em meus braços....

*Ao accommetter Nereo a Polibio, sahe Proteo.*

*Polib.* Não ha quem me seccorra?

*Proteo.* Proteo te defenderá; suspende o furor, Nereo.

*Cyren.* Oh extremoso amante! *á parte.*

*Rei.* Proteo, és tu, ou he engano da fantasia o que vejo?

*Nereo.* Ainda intentas amparar a hum traidor?

*Cyren.* Nereo, se acaso aquelle apparente nome de esposa póde conciliar no teu peito algum affecto, rogo-te que releves os excessos de huma indiscréta ambição.

*Nereo.* Ainda te atrêves, fementida, tyranna, a lembrar-me o nome de esposa? Por isso intentávas com cautelas que te adorasse como bella, e não como Princeza? Pois agora, que não variei de systema, não sendo tu quem eu imaginava, desprézo a tua formosura, por não ser adornada de Magestade.

*Carang.* Esso mismo quiere la mona.

*Proteo.* Pois na minha estimação tanto val a formosura de Cyrene, como a mais egregia Princeza; e assim, Rei, Pai, e Senhor, a teus pés prostrado te peço, me dês a Cyrene por esposa, que supposto não seja filha delRei de Beocia, o nobre sangue de Polibio, e a sua belleza, pódem compensar hum incidente da fortuna.

*Rei.* Que dizes, Proteo? Enlouqueceste acaso?

*Proteo.* Se me negas esta ventura, com este pu-

nhal me tirarei a vida, pois ſem Cyrene tudo he morrer.

*Rei.* E a Dorida como ſe ha de ſatisfazer?

*Dorid.* A' viſta daquelle extremo de amor, que poſſo eſperar? Logre Cyrene eſſa fortuna.

*Rei.* Como Dorida conſente no deſejo de Proteo, e Nereo demitte a Cyrene, não poſſo difficultar a tua ſupplica: Cyrene he tua, Proteo.

*Proteo.* Amada Cyrene, na tua belleza comſigo o maior imperio.

*Cyren.* E eu no teu amor a maior fortuna.

*Polib.* Sempre ſe logrou o meu intento: ditoſa idéa!

*Rei.* Dorida, ſe acaſo quizeres que Nereo ſeja teu feliz eſpoſo, com eſſa dita ſe alcançará hum completo prazer.

*Dorid.* Não poſſo reſiſtir ao teu preceito.

*Nereo.* Nem eu deixar de agradecer eſſa benevolencia, quando acho em ti a qualidade, que ſó adoro unida á tua belleza.

*Carang.* Mareſia, queres tu agora ſacrificar-te a caſar comigo por deſcargo de tua conſciencia?

*Marcſ.* Mais val hum ruim concerto, que huma boa demanda; anda caſemos, que ao menos em hum marido tenho hum eſcravo.

*Carang.* Pois então leve o diabo paixões; todos ficão accommodados, e ſatisfeitos com as ſua conſortes, e Proteo mais que nenhum, pois com as ſuas variedades, e mudanças, moſtrou a maior firmeza nos amores de Cyrene.

*Proteo.* E já que os fados proſperárão os meus intentos, repita outra vez o alternado accento em feſtivos jubilos.

co-

C O R O.

1. *Coro.* Em hora ditoſa
Venha Cyrene,
2. *Coro.* Em hora feſtiva
Dorida venha.
1. *Coro.* A ſer de Nereo,
2. *Coro.* A ſer de Proteo,
*Ambos.* Eſpoſa feliz.
1. *Coro.* Os prados com flores,
2. *Coro.* Com perlas os mares,
*Ambos.* Os Sceptros eſmaltem
De eterno matiz.

F I M.

# PRECIPICIO
## DE
# FAÉTONTE,

OPERA QUE SE REPRESENTOU
no Theatro do Bairro Alto de Lisboa,
no mez de Janeiro de 1738.

---

## ARGUMENTO.

*TAges, irmão de Tirreno, Rei de Italia, uſurpa eſte Reino, o qual pertence a Egeria, Ninfa do Eridano, e filha de Tirreno. Faetonte, filho do Sol, e reputado por filho de hum Paſtor de Theſſalia, vendo o retrato de Egeria, rendido lhe tributa o ſeu amor; e para melhor o dar a conhecer a Egeria, ſahe de Theſſalia, e ſe occupa na Italia em acções do agrado deſta Ninfa; por cuja cauſa ſahe de Thaſſalia o Magico Fiton em ſeguimento de Faetonte, para o deſviar deſte amor; por quanto ainda neſte tempo ignorava Faetonte o ſeu verdadeiro pai, e Fiton lhe receava a ruina, quando o chegaſſe a conhecer. Eſtabelecido Faetonte nos agrados de Egeria, eſta para reſtaurar o Reino pelas acções daquelles, que a pretendião, para eſte fim uſa occultamente prometter a mão de eſpoſa a Mecenas, e a Faetonte, em que conſiſtem os maiores lances deſta Hiſtoria. Albano, Principe de Liguria, pretende ſer eſpoſo de Iſmene, filha*

de

*de Tages. Este, quando Faetonte se declara filho do Sol, o pretende para espoſo de Ismene, e para o de Egeria a Albano, os quaes fingidamente se declárão amantes com a ferida dos zelos. Apparece Apóllo, e declára a Faetonte por seu filho: este lhe pede faculdade para gyrar na ca roça do Sol. Resiste Apóllo; porém instando Faetonte, lho concede; e este depois á vista de Egeria se vê precipitado no Eridano. O mais se verá no contexto da Historia.*

---

## INTERLOCUTORES.

| | |
|---|---|
| Faetonte, | *Filho do Sol.* |
| Albano, | *Principe de Liguria.* |
| Mecenas. | |
| Tages, | *Rei.* |
| Fiton, | *Barbas, Magico.* |
| Chichisbeo, | *Criado de Faetonte.* |
| Egeria, | *Primeira Dama, sobrinha de Tages.* |
| Ismene, | *Segunda Dama, filha de Tages.* |
| Chirinola, | *Criada de Egeria.* |

## SCENAS DO I. ACTO.

I. *Boſque frondoſo nas Ribeiras do rio Eridano.*
II. *Sala.*
III. *Camera.*

## SCENAS DO II. ACTO.

I. *Sala.*
II. *Selva.*
III. *Gabinete bem adornado.*
IV. *Templo de Hymenëo.*

## SCENAS DO III. ACTO.

I. *Camera.*
II. *Sala.*
III. *Boſque, como no principio.*

PAR-

# PARTE I.

## SCENA I.

*Boſque frondoſo nas Ribeiras do rio Eridano. Em quanto Faetonte canta o ſeguinte Recitado, irá ſahindo Egeria em huma concha tirada por dous Delfins.*

RECITADO.

*Faet.* EGeria peregrina,
Do ſagrado Eridano Ninfa bella,
Deixa o ceruleo, errante, trono vago,
Em que habitas Deidade;
Que ſe aguas procuras em taes mágoas
Vem a meus olhos, que tambem tem agoas.

*Canta o Coro.*

Alenta, reſpira,
Galhardo Paſtor,
Pois vês, que a teu rogo
Partido o cryſtal
Se abrazão as aguas
Em fogo de amor.

*Faet.* Se da Italica eſféra
Tutellar Divindade te appellidas,
Ampára hum peregrino,

Que a teu ſacro Eridano ſacrifica
Outro rio em ſeu pranto : oh quanto temo ,
Que unido o ſacrificio á Divindade ,
Se inunde o Orbe em liquida impiedade !

CORO.

Alenta , reſpira ,
Galhardo Paſtor , &c.

*Faet.* Outra vez , e mil vezes
Te buſco impaciente ,
Por ver ſe rigoroſo meu deſtino
Nos influxos brilhantes de teus raios
Acha ſeguro aſylo , e o paſſo errante
De hum animo conſtante
Encaminha propicia , porque vejas ,
Que idólatra numéra em vagos gyros
Tantos os votos , quantos os ſuſpiros.

CORO.

Alenta , reſpira ,
Galhardo Paſtor , &c.

*A eſta ultima clauſula do Coro , deſembarca Egeria , e canta a ſeguinte Aria , e*

RECITADO.

Hum peregrino affecto
Me occupa o coraçáo , quando inquiéto ;
Nem as aguas do mar , ou meus ſuſpiros ,
Surcando em dous mil gyros
Me deixáo reſpirar , porque em meu peito
Me abraza o cégo ardor de amor perfeito.

ARIA.

ARIA.

Não sei que novo affecto
Sinto no amante peito;
Só sei que o seu effeito
Me obriga a te adorar.
Do teu doce attractivo
Já sente o amante peito;
E á vida não compete
Gosto mais singular.

*Eger.* Errante peregrino, a cuja vista commovido o Eridano divide o crystal de suas aguas, para multiplicar a tua fórma nos seus espelhos; que incognito attractivo occultas em ti, pois até eu como Deidade destas aguas, te estou amando, sem saber a causa porque te quero?

*Faet.* Não sei, Egeria, não sei; pergunta aos Astros, de cujos influxos se originão as sympatias: só sei que haverá tres dias, que occulto me tens neste frondoso bosque, verdes obeliscos do Eridano, mais como forágido, que como habitante.

*Eger.* Tambem sabes, que em todo esse tempo não merecêrão os meus agrados arrancar do profundo silencio de teu peito quem és, e a causa de tua peregrinação.

*Faet.* Não sei mais de mim, que ser hum Pastor, com espiritos tão altamente nascidos, que intentão competir com os Deoses mais brilhantes do Firmamento.

*Eger.* Como pódem em hum Pastor caber tão altos pensamentos?

*Faet.*

*Faet.* Porque a alma, que me anima, ou nã
he deſte corpo, ou eſte corpo não he daquel
la alma.

*Eger.* Dize-me ao menos o teu nome, e a
tua patria?

*Faet.* Faetonte he o meu nome, e a minha.

*Eger.* Eſpera: Faetonte te chamas? Ai de mim! *á p*

*Faet.* Que tens, Egeria? Aſſuſtou-te o meu nome

*Eger.* Sim, Faetonte, pois ao ouvillo pronun
ciar, me ſenti abrazar em hum vivo incendio.

*Faet.* Em fim, Senhora, para que te obedeça
em tudo, Theſſalia he a minha patria.

*Eger.* E porque della te apartaſte?

*Faet.* Ai de mim! Quem pudéra declarar-ſe! *á part.*

*Eger.* Emmudeces?

*Faet.* Como queres ſe contiveſſe em Theſſalia
hum coração, que não cabe em todo o mun
do; pois ſó nas ethereas Regiões terá limi
te a minha ambição?

*Eger.* Agora entendo, Faetonte, que algum pro
picio Numen te conduzio a Italia, para ſeres
venturoſo inſtrumento das minhas idéas; pois
ſó o teu valor, e a tua ambição poderáõ ſuſ
pender a roda de minha infauſta fortuna.

*Faet.* Pois em que te dilatas? Propõe, galhar
da Ninfa, que a teu reſpeito (ſe neceſſario
for) roubarei as luzes ao Sol, a Neptuno o
o tridente, e os raios á Jupiter, para que
com raios, tridente, e luzes, poſſa triunfar
do Sol, do Mar, e do Empyreo.

*Eger.* já que a altivez de teus penſamentos me
perſuade a minha ventura, ſabe, que eu ſou

a

a infeliz Egeria, filha de Tirreno, Rei que foi deſta Região; o qual deixando-me pupilla debaixo da tutella de Tages, ſeu irmão, e meu tio, eſte tyrannamente me tem uſurpado o Scepro, intentando perpetuar a minha Coroa na ſua deſcendencia, fazendo com que Iſmene, ſua filha, ſeja herdeira de minha fortuna, caſando-a com Albano ſeu ſobrinho, Principe da Liguria. Ah cruel Albano! Ah falſo amante! *á parte.*

*Faet.* Que ſoffrão os Deoſes ſemelhantes injuſtiças!

*Eger.* Albano pois, com as armas da Liguria intenta ſegurar o throno de Iſmene; e aſſim deſvallida, e ſem amparo, conſinto eſta violencia, eſte attentado, e eſta injuria, até que o teu valor, animado de tão altos eſpiritos ſaiba ſegurar-me o thorno, que me uſurpa huma tyranna, para que ambos conſigamos, eu a minha Coroa, e tu a minha mão.

*Faet.* Pois eu, Egeria, hei de ſer Rei de Italia?

*Eger.* Cuidei que perguntavas ſe havias de ſer meu eſpoſo.

*Faet.* Sem o caracter de Rei, teu eſpoſo como poderei ſer?

*Eger.* Sim poderias, pela violencia, com que me attrahe o teu nome, e a tua peſſoa; e pois da minha parte eſtá o amor, eſteja da tua a fortuna.

*Faet.* E para que a tua ſe eſtabeleça, diſcorramos o meio para a conſeguires.

*Eger.* Não acho outro mais efficaz que ſeres tu homicida de Iſmene, e eu de Albano, para

que

que de huma vez ſe cortem as eſperançar d
reverdecer o laurel nas ſuas cabeças; pois ex
tincta aſſim a eſtirpe Real, por força me ac
clammaráõ Princeza hereditaria.

*Faet.* Não ſeria melhor que Albano ficaſſe ao
arbitrio de minhas iras, e Iſmene ao das tuas
para que na igualdade dos ſexos ficaſſe ſen
perigo a reſolução?

*Eger.* Não, porque ſe não ha de preſumir, qu
huma mulher haja de ſer homicida de hum
homem; e aſſim no maior diſfarce ſe enco
brirá o maior veneno; e pois neſta quinta vi
ſinha ao Eridano vive ElRei, a ella te enca
minha aonde eſpero introduzir-te. Mas ai, Fae
tonte, não ſei ſe me ſaberás correſponder!

*Faet.* Não ſabes que a infidelidade não cab
em meu peito? E ſe me não acreditas, ſede
me teſtemunhas vós Padre Eridano, vós ce
ruleas Ninfas, que neſſes pelagos habitais, d
que já mais ſerei infiel a Egeria; e ſe o for
permitti que ſejão as voſſas aguas os fiſcae
do meu delicto.

*Eger.* Baſta, Faetonte; mas ſó te advirto, qu
has de ſer o homicida de Iſmene.

*Faet.* Para que me lembras eſſa circumſtancia?

*Eger.* Para que não aches deſculpa na ſua formoſura

*Faet.* A que eu adoro he objecto tão peregrin
que não admitte hoſpedar-ſe èm meu peit
outra qualquer belleza; e aſſim a de Iſmene
não poderá ſer remora de meu impulſo.

*Eger.* Não me deſvaneças com affectados pe
riodos.

*Faet.*

*Faet.* Que mal entendes aonde ſe dirigem os meus ſuſpiros! *á part.* Mas tambem adverte que has de ſer homicida de Albano.

*Eger.* Para que me ratificas o que eu ſei?

*Faet.* Não ſei o para que; ſó ſei que Albano he Principe, e poderoſo; e tu deſvalida, e ſem amparo.

*Eger.* Só no teu braço ſeguro a minha fortuna.

*Faet.* Pois, Egeria, a emprender.

*Eger.* Pois, Faetonte, a conſeguir: mas lembro-te outra vez, que has de ſer Monarca de Italia, e que Iſmene he formoſa; cinge a Coroa nos olhos, para que ſejas Cupido da tua ambição, e não do teu amor.

*Cantão Egeria, e Faetonte a ſeguinte*

ARIA A DUO.

*Eger.* Se acaſo a formoſura
O golpe te ſuſpende,
Na ſuſpensão attende
A' gloria do reinar.

*Faet.* A' copia, que idolatro
Tributo extremo tal,
Que ſó no original
Me poſſo retratar.

*Eger.* Oh peço-te não ſejas
A tanta fé traidor!

*Faet.* Oh rogo-te que creias
As véras deſte amor.

*Ambos.* Que affecto tão conſtante
Mudavel não ſerá.

*Eger.*

*Eger.* Na fé que me pomettes
Socega o meu cuidado:
*Faet.* O meu amor proſtrado
Fiel ſerá comtigo.
*Ambos.* Pois vê com ſegurança
No bem, que amante ſigo,
A gloria que terá. *Vai-ſe Egeria.*

*Dentr.* Por aqui foi; ſegui-o todos.
*Faet.* Que rumor ſerá eſte? Será conveniente occultar-me.
*Eſconde ſe Faetonte, e ſahe Fiton com hum livro na mão, que ao depois o lançará no chão, e ſe deſpe.*
*Fiton.* Aonde achará refugio hum infeliz? Deſpojar-me quero deſta recopilada ſciencia, que inutil me não ampara; e para que mais diſfarçado poſſa eſcapar deſte barbaro furor, ſerá preciſo mudar de trage; e ainda que me prendão, dizendo que não ſou quem buſcão, deixarei ao menos vacilante o ſeu intento. Oh ſciencias, até quando deixareis de ſer perſeguidas!
*Dentr.* Vamos ao Eridano.
*Fiton.* Oh tu frondoſo Boſque, sê propicio refugio de hum deſgraçado, occultando-me em teu verde labyrintho. Mas quem eſtá aqui?
*Ao hir eſconder-ſe, encontra-ſe com Faetonte.*
*Faet.* Que vejo! Tu não és Fiton?
*Fiton.* Faetonte, he poſſivel que te encontro?
*Faet.* Não te deixei em Theſſalia?
*Fiton.* Sim; mas como ſoube que precipitadamente vinhas a Italia a buſcar o original daquel-

la copia, que caſualmente veio ás tuas mãos, foi preciſo ſeguir-te, para que te não arruinaſſem os teus penſamentos. Oh nunca te eu diſſera que em Italia habitava eſſa formoſura!

*Faet.* Pois já que eſtamos em Italia, porque me não declaras quem he eſſa ſoberana belleza? Para que me occultas o original de tão bella copia, quando vês que vagando por eſtas regiões, venho louco amante a ver ſe encontro o idolo, que adoro em ſombras, e me abraza em chammas?

*Fiton.* Faetonte, convém á tua conſervação o ignorares de quem he o retrato; pois tenho alcançado pelas minhas ſciencias Magicas, e Aſtrologicas, que o original deſſa copia ha de ſer a cauſa do teu precipicio; e ſe longe do perigo te recatei o dizer-to, agora que eſtás perto do damno, como to poderei declarar?

*Faet.* Como? Deſta ſórte: arrancando-te do peito o coração, já que não poſſo o ſegredo, que me occultas.

*Luta Faetonte com Fiton.*

*Fiton.* Louco mancebo, que fazes?

*Dentr.* Cercai todos eſſe boſque.

*Fiton.* Eſpera, não queiras, que ambos aqui pereçamos, pois ſei que eſta tropa vem para nos prender. Com eſte engano eſtorvarei o ſeu furor. *á parte.*

*Faet.* Deixo-te com vida, para em melhor occaſião ſaber a cauſa de meu precipicio: anda. *Vai-ſe.*

*Fiton.* Vamos, que por mais que te empenhes, o não has de ſaber. *Vai-ſe.* *Sa-*

*Sahe Chichisbeo.*

*Chich.* Ora ſou bem aſno! Mas não tenho vergonha de o dizer: que venha eu palmilhando deſde Theſſalia até aqui atraz de hum louco, ou de hum Faetonte, que tudo he o meſmo! E o peior he que me deſencontrei delle, e ando perdido pelo möço! Que ha de fazer o pobre Chichisbeo, poſto no centro de Italia, ſem ſaber aqui aonde são as caſas lucandas, e o que mais he, ſem quatrini? O que me val he ſer eu Chichisbeo, que terei entrada franca em toda a caſa. Mas que he iſto que alli eſtá? Ora vejamos: oh, he hum veſtido que eſtá deſpido: ora ſabia Deos que já eſte meu eſtava por hum fio: ſe me chegará? Vejamos: bello! juſtamente! Alguma alma algebibiſta ſe compadeceo da minha piranguice. Olá, temos mais hum livro? Não ha duvida, he livro; e he de razão que o veja: ora bem dizem, que em Italia naſcem os livros, como naſcem as malvas: vejamos ſe achamos nelle alguma couſa, pois dizem que tudo ſe acha nos livros. *Aſſenta-ſe, e começa a folhiar o livro.* Abramos, e vejamos o que contém: *Liber aſtrolomagico*: Irra! Magico! Paſſa fóra: vejão lá que materia tão peçonhenta contém o tal livrinho! *Libera me*! Ora ainda aſſim, ſalva a conſciencia, vamos vendo o *Index relum notabilium.* Capitulo primeiro, de *fiſonomia, quod eſt narigorum confrontatio*: iſto ha de ſer galante. Capitulo ſegundo, de *Ni-*

*gro-*

*gromantia*; isto he couſa de negros: negra ſciencia he eſta! Eu não quero ver mais, que ſe me vão arripiando os cabellos.

*Vão ſahindo por detrás de Chichisbeo Mecenas, e os Soldados.*

*Mecen.* Aquelle ſem duvida he o Nigromantico que buſcamos; vamos de manſo, e levemo-lo prezo, com o roſto tapado para que nos não offenda com algum encanto.

*Chich.* E o diabinho me eſtá dizendo que torne outra vez a abrir o livro: fóra tentação; não ſei ſe conſinta nella.

*Chegão os Soldados, tapão o roſto a Chichiſbeo, e o vão levando.*

*Mecen.* Levem-no depreſſa,

*Chich.* Eu o diſſéra! *Fugite*, encantadores, que me quereis? Não me fecheis os olhos, que ainda não eſtou para morrer.

*Mecen.* Calle-ſe ahi: levem tambem eſſe livro.

*Chich.* Deſta ninguem ſe livra.

*Mecen.* Vamos, vamos.

*Chich.* Para onde? Para o inferno?

*Mecen.* Lá o verá.

*Chich.* Lá o verei, ſe me deſtaparem os olhos.

*Vão-ſe.*

## SCENA II.

*Sala. Sahe Albano.*

*Alban.* QUando, ó bella Aurora, has de amanhecer risonha, e alegre a hum extremoso amante, para que nas delicias de Ismene se acabem as minhas esperanças? Mas que diria Egeria da minha ingratidão? Razão tem; fui-lhe ingrato; mas como podia não ser, se amor, e ambição vencêrão a minha constancia, se he que era constancia, constancia que se mudou?

*Sahe Egeria.*

*Eger.* Dizem-me, Albano, que a mão de Ismene te sublima hoje ao throno de Italia, e assim como mais interessada nos teus triunfos venho a dar-te os parabens de tanta fortuna.

*Alban.* Que has de responder, ingrato coração? *á parte.*

*Eger.* Quem já poderá resistir a teu poder? Se aos dominios de Liguria unes as provincias do Eridano, que inimigo te poderá resistir? Como serão copiosos os teus exercitos! Trata de erigir templos á tua fortuna, e altares á tua bella esposa, por não seres ingrato; porque a ingratidão, ó Albano, he huma mancha, que deslustra o peito mais soberano.

*Albano.* Bem entendo a Egeria; vou-me sem responder-lhe. *á parte.* *Quer ir-se.*

*Eger.* Que he isso? Te vás sem responder-me? Já te desvanece o futuro dominio? Repára ao

menos, que para o reſpeito, ainda que ſou deſvalida, ſou filha de Tirreno, Monarca que foi deſta Região.

*Alban.* Egeria, em mim não he deſatenção eſte retiro; he compadecer-me da tua deſgraça.

*Eger.* Bem o moſtras, fomentando a minha ruina, por enthronizar huma tyranna: dize, ingrato, não prometteſte defender a minha juſtiça, ou ao menos fazer-me Princeza de Liguria?

*Alban.* Aſſim he; mas não ſei ſe te diga que...

*Eger.* Que has de dizer, ingrato? Sabe que já não neceſſito dos teus favores, pois a piedade de Amfitrite me fez Ninfa do Eridano, aonde eſpero triunfar de hum tyranno, que me uſurpa a Coroa, e de hum falſo amante, que cruel me offende.

*Alban.* Pois, Egeria, ſe já como Deidade te vás immortalizando, não neceſſitarás de meus auxilios.

*Eger.* Mas tu neceſſitarás de minhas piedades.

*Alban.* Eu de tuas piedades? De que ſórte.

*Sahe El Rei Tages.*

*Rei.* Albano, aqui ſe me aviſa que Fiton, aquelle celebre Magico de Theſſalia, ſe acha neſta Provincia; dei ordem que mo trouxeſſem de qualquer parte onde eſteja, para que delle ſaiba os occultos ſegredos, que importão á minha Coroa; para que aſſim com mais ſocego poſſa completar o teu Hymenêo.

*Alban.* O teu preceito, Senhor, he a minha vontade.

*Eger.* Permitão os Deoſes fazer propicias as tuas idéas.

*Rei.* Sim farão, pois os tenho gratos com repetidas victimas.

*Eger.* A melhor victima he ſacrificar a razão nas aras da Juſtiça.

*Rei.* Não entendo.

*Eger.* Pois para que me entendas, me explicarei melhor: bem ſabes invicto Tages, que naſci hereditaria Princeza de Italia, como unica filha de Tirreno, que foi Monarca deſta meſma Italia; tu Senhor me tens uſurpando o Reino, com o pretexto de ſeres irmão de meu pai; couſa que nenhum direito o permitte.

*Rei.* Egeria, eu eſtou bem informado que como irmão de Tirreno devo preferir-te, pois tenho a qualidade de varão; e outra vez não tornes a propor-me ſemelhante idéa; que diſputar com os Reis he crime de leſa Mageſtade.

*Eger.* Eſſe he o privilegio da razão, que póde entrar no mais iniquo Tribunal.

*Rei.* Eſtá bem.

*Sahe Mecenas com Chichisbeo, e Soldados.*

*Chich.* Ora, Senhor, baſta já de cabra céga.

*Deſcobrem-no.*

*Mecen.* Eſte que vês, Senhor, he o Nigromantico Fiton, que junto ás margens do Eridano o achámos, e ſegundo as confrontações do traje Theſſalico, e eſte livro de Magica com caracteres Gregos, que na mão tem, me perſuade ſer o proprio que buſcamos.

*Chich.* Iſto ſem duvida he algum palacio encantado!

do ! Eſta gente ſerá couſa fingida ? Vejão lá o livrinho de que caſta he ! *á part.*

*Rei.* Fiton , vem a meus braços ; não temas , que em Italia terás melhor fortuna que na Grecia.

*Chich.* Aſſim ſou eu aſno , que lhe reſponda ; bem ſei que tudo iſto he apparente. *á part.*

*Rei.* Não reſpondes ?

*Alban.* Adver-te , que he ElRei.

*Chich.* Sim , Rei por encantamento , que he o meſmo que couſa nenhuma. *á part.*

*Rei.* Se não reſpondes , te mandarei juſtiçar.

*Chich.* Todavia , a Magica deve ſer negra : eu lhe reſpondo ; porque aos Reis ainda em ſombras ſe lhe deve reſpeito. *á parte.*

*Rei.* Que dizes , Fiton ?

*Chich.* Senhor , que não ſou Fiton ; ſou hum pobre Chichisbeo , criado de outro pobre , mais pobre do que eu ; pois tem obrigação de ſuſtentar-ſe a ſi , e a mim.

*Rei.* Não te encubras , que ſe por algum delicto te auſentaſte de Theſſalia , aqui te não pódem offender as ſuas leis ; e pois tenho a fortuna de poſſuir-te em meu Reino , te eſpero honrar , como merece a tua ſabedoria.

*Chich.* Que ſabedoria , Senhor ? Eu ſou hum idiota : Voſſa Mageſtade não me quer entender ? Pois acha que ſe eu fora Magico *quà* Magico , que me havia deixar prender ?

*Mecen.* Da ſorte que te prendi , não podias uſar das tuas Magicas.

*Chich.* Poderia adevinhar , e não eſtar naquelle ſitio.

*Me-*

*Mecen.* A Magica não adevinha o futuro.

*Chich.* Mas podia adevinhar isto, que me succede de presente.

*Alban.* Sempre foi proprio dos homens doutos negarem o que sabem.

*Rei.* He o maior homem do Mundo!

*Chich.* O certo he que o ponto está em dizerem que hum homem hé sabio, que á força o ha de ser, ainda que seja hum padaço d'asno. *á part.*

*Rei.* Fiton, tem entendido que estou bastantemente capacitado de quem és; e assim saberás que ha tres noites que em sonhos se me representa, que hum mancebo, filho do Sol, habita occulto em Italia; tomára me declarasses aonde está, para que como filho de Apollo lhe consagre os cultos que se lhe devem.

*Eger.* Filho do Sol! Quem será? *á parte.*

*Chich.* Isso está muito bem; mas se eu não sou adevinhão, como posso dizer aonde está esse senhor filho do Sol? E demais, Senhor, que tenho para mim que isso foi sonho.

*Rei.* Ainda assim, he tão repetida esta visão, que me persuade não ser erro da fantasia.

*Chich.* Pois, Senhor, não he erro crassissimo entender que o Sol tem filho? Bem sei que pela regra do *Sal*, *Sol*, *ac mugil*, que o Sol he masculino, e nem por isso se segue, que tenha filho; porque *Musa*, *Musæ*, he feminino, e com tudo as Musas são castas: *ergo* &c. não sei se me explico?

*Rei.* Já isso he teima; tem entendido que mo

has

has de dizer, aliàs ſe acabará com a tua vida a tua ſciencia. *Vai-ſe.*

*Alban.* Homem, vè lá em que te metes; trata de fazer a vontade a ElRei. *Vai ſe.*

*Chich.* Ha ſemelhante entaladura! Querer Sua Mageſtade á força que eu ſeja feiticeiro! E dado caſo que o fora, eu por ventura ſou cá a roda dos engetados para ſaber dos filhos alheios? Ah Senhor, Voſſa Senhoria deſengane a ElRei, que eu iſto de Magica não ſei por onde ella corre.

*Mecen.* Fiton, acho que eſſa repetida negação he já imprudencia: todos ſabemos quem és; e pois a ſórte te conduzio a eſte Paiz, a tua ſciencia ha de ſer o meio da noſſa tranquillidade; porque Egeria, eſta Princeza que vês, vive eſpoliada do throno de ſeu pai pelas violencias delRei, que intenta enthronizar a filha, caſando-a com Albano Principe de Liguria; mas iſto he eſcuſado dizer-to, pois tu como Magico o não has de ignorar.

*Chich.* Não me diga nada, então verá ſe eu ſei alguma couſa.

*Eger.* Que intentas, Mecenas?

*Mecen.* Communicar a Fiton os noſſos intentos, para que poſſamos triunfar, ainda que ſeja Magicamente.

*Eger.* E tens a certeza que todos os Magicos são fieis, e leaes?

*Mecen.* Não; mas como elles tudo alcanção pela ſua ſciencia, não ignorará o pacto que temos celebrado de reſtituir-te o throno de

teu

teu pai com a fortuna de ser eu teu esposo.

*Eger.* Pois, Fiton, se a tua sciencia tudo alcança, peço-te que a empenhes toda, para que comsiga a Coroa, que me usurpa a ambição delRei meu tio: favorece os intentos de Mecenas; pois conseguindo a fortuna, que espero, te prometto ser agradecida. *Vai-se.*

*Chich.* Senhor Mecenas, com quem esteve fallando agora aquella Senhora Egeria, que por nome não perca?

*Mecen.* Comtigo.

*Chich.* Comigo? he boa teima! Pois acha Vossa Senhoria que se eu pudéra dar Coroas, que as não tomára para mim, por não estar ás ordens de ninguem?

*Mecen.* Deixa loucuras: bem vês o empenho, em que estou de coroar a Egeria; patrocina os meus designios, que do seu bom exito pende toda a minha fortuna; pois te confesso, Fiton, que ardo em hum vivo incendio de amor, e cégo intento emprender por Egeria as maiores difficuldades.

*Chich.* Ahi vai parár tudo: já me a mim admirava que o tramposo do rapaz não havia metter a sua colherada!

*Canta Mecenas a seguinte*

ARIA.

Naquella Deidade
Galharda, que viste,
Consiste
De minha ventura
A gloria feliz.

Se

Se a ſórte me néga
Fortuna tão bella,
Sem ella
Serei deſgraçado,
Serei infeliz. *Vai-ſe.*

*Chich.* Iſto já vai de foz em fóra; eu entendo que iſto he realidade pura, e não Magica ſonhada; e o peior he que eu ſou o que faço na oraçáo, e cuidão que ſou Magico! Em negra hóra apanhei o tal viſtido, e o tal livrinho! Mas ainda aſſim, devo muito a todos, pois hum me deſcobre o ſeu peito, outro me vomita o ſeu bucho; e eu com tanta couſa eſtou para rebentar.

*Sahem Faetonte, e Fiton.*

*Faet.* Ainda não creio que me veja habitar em palacios: quanto me agradão eſtes marmores! Quanto me recreia eſta magnificencia! Parece que neſtas altas torres habitão os meus penſamentos; neſtes edificios ſe elevão os meus eſpiritos! Eſtes pórtidos ſão pollidos eſpelhos de minha ambição; eſtas columnas talvez ſe erígirão para nellas ſe collocarem os meus triunfos!

*Fiton.* Não gaſtes o tempo em aereos penſamentos, quando ſabes que és filho de hum Paſtor.

*Faet.* Tambem Apollo foi Paſtor de Admeto: nada me injurías com iſſo.

*Fiton.* Oh quem pudera declarar-te quem és! Reprime eſſe genio; não buſques eſſa cópia,

tor-

torno-te a recommendar; pois mal ſabes a ruina que te eſpera, Faetonte.

*Chich.* Faetonte diſſe? Ai que alli eſtá meu amo! Pois por vida minha que hei de magicar com elle.

*Faet.* Já que me não queres dizer o que te pergunto; recorrerei a outro Magico, que me diſſe agora Egeria habitava em Palacio, e elle me informará, quem he o adorado enigma que adoro: mas aquelle he, ſegundo os ſinaes que me deu Egeria.

*Chich.* Elle comigo.

*Faet.* O' tu ſabio portento da Nigromancia, compadece-te de hum peregrino, que inflammado de amor procura o original de huma cópia, que.....

*Chich.* Que acheſte em Theſſalia que te diſſerão eſtava em Italia; que vens em cata della; não heiſto, Faetonte?

*Faet.* Que ouço! Nada ignora: Fiton, que te parece?

*Fiton.* Quaſi que me confundo.

*Faet.* Pois dize-me; de quem he eſte retrato?

*Moſtra o retrato.*

*Chich.* *Vidoamus*; queres que to diga? Mas ao depois talvez, que te arrependas.

*Fiton.* Não lho digas, ſe achas que lhe póde ſucceder algum damno.

*Faet.* Deixa-me cruel; que damno póde cauſar a formoſura?

*Chich.* Que damno? Muito grande; porque ha formoſuras damnadas: olha, huma mulher formo-

mo-

moſa por força ha de ſer preſumida; da preſumpção ſegue-ſe o ſer tolla; da tollice o fazer aſneiras; das aſneiras o dar couces; quem dá couces, tem matadaras: com que Senhor, quem albardar huma formoſura, ha de aturar o ſer raivoſa, zeloſa, comichoſa, pedinchona, deſvanecida: pois ſe tiver accidentes da madre, ainda são outros quinhentos.

*Faet.* Se tudo iſſo são effeitos da formoſura, nadà temo, tendo tão ſoberana cauſa; dize-me, não me tenhas ſuſpenſo.

*Chich.* Com effeito queres que te diga de quem he o retrato?

*Faet.* Dize.

*Chich.* Ao depois não te arrependas.

*Faet.* Dize, que me não hei de arrepender; de quem he?

*Chich.* He de huma mulher.

*Faet.* Mas que mulher he eſſa, e aonde eſtá?

*Chich.* Eſtá pintada em cobre, não a vê?

*Faet.* Iſſo he a pintura.

*Chich.* Sim, a pintura; pois que pergunta voſſa mercê?

*Faet.* De quem he o retrato?

*Chich.* Parece-me que he de Apelles; ou eu me enganarei.

*Faet.* Já me deſeſperas: dize-me, e deſengana-me já qual he o original deſte retrato?

*Chich.* Iſſo he outra couſa: já me retrato; e para lho dizer com mais certeza, deixe-me ver nos meus alfarrabios.

*Folhiando Chichisbeo o livro , canta a seguinte*

ARIA.

Vagos espiritos
Do negro Cocito
Respondei-me já
Por magica , megica , migica ,
Quem he de Faetonte
A bella Fregona
Seu pai , seu avô ,
Quem he , quem será ?
Que a furia somente
Do abysmo fervente
De huma mulher
Saber poderá.

*Eiton.* Senhor , agora repáro , aquelle he o meu livro , e o meu vestido : este homem deve ser algum velhaco.

*Faet.* Assim me parece ; já sei que és hum fingido ignorante.

*Chich.* Sabes mais do que eu.

*Fiton.* Quem te deu esse livro.

*Chich.* Ninguem porque o achei.

*Faet.* Pois como insolente , me pretendias enganar ?

*Chich.* Venha cá ; tão louquinho está , que me não conhece ? Não vê que sou Chichisbeo ?

*Faet.* Agora repáro : Chichisbeo , he possivel que te vejo ?

*Chich.* O ver-me he o menos , que isso fará quem não for cégo : o achar-me feito Magico he o mais.

*Faet.*

*Faet.* Como he isso? Conta-me.

*Chich.* Depois que de Thessalia partimos atrás do original daquelle maldito retrato, chegámos a Italia, quando em duas palhetadas, embrenhando-se vossa mercê pelos bosques do Eridano, o perdi de vista, sem que a força da diligencia o podesse desencovar: nesta soffrogicidade andava, quando palavras não erão ditas, porque eu não dizia palavra; eis-que acho este vestido, e este livro; eis-que apenas eu o abri; eis-que me prendem, e me presentão a ElRei em pessoa, affirmando, que eu era Fiton, aquelle Magico de Thessalia, que eu nunca vi; e por mais que me desempulhei, não foi possivel tirar-lhe dos cascos que eu era Fiton.

*Fiton.* Mais seguro estou agora disfarçado em Chichisbeo. *á part.*

*Faet.* Já que tens essa fortuna, vai vivendo com o tempo.

*Chich.* Isso sim; mas se me pedirem que faça alguma magica, como ha de ser se eu sou desfazado para isto de pactos.

*Fiton.* Não tenha medo disso, que fará quanto quizer.

*Chich.* Ah Senhor, quem he este lapuz, que tambem se quer metter em restea magica?

*Faet.* He hum criado, que tomei na tua falta.

*Chich.* Pois vossê me segura que hei de fazer magicas?

*Fiton.* Parece-me que sim, que quem tem esse livro faz quanto quer.

*Chich.* Com tudo isso não he possivel adevinhar quem he hum filho do Sol, que em Italia habita; e diz ElRei que lho hei de dizer, porque elle o sonhou, e que senão, me ha de separar a alma do corpo.

*Faet.* Filho do Sol?

*Fiton.* Como se altera Faetonte! *á part.*

*Faet.* Chichisbeo, em todo o caso tu has de dizer a ElRei que eu sou o filho do Sol, para com esse pretexto completar as minhas idéas.

*Fiton.* Ai de mim, que Faetonte procura a sua ruina! *á part.*

*Chich.* E se depois apparecer o verdadeiro filho do Sol, e me apanharem na mentira?

*Faet.* Nunca tal succederá, porque não ha filho do Sol; e se o ha serei eu, pelo elevado espirito, que me anima.

*Chich.* Se vossa mercê tivéra os cabellos louros, ainda, ainda.

*Fiton.* Que intentas? Não sabes, que he sacrilégio appropriar-te a ti a dignidade de filho do Sol, e que Apollo irritado póde castigar-te, e a quem para isso concorrer?

*Chich.* He verdade que eu sou o concurrente: não temos nada feito.

*Faet.* Deixa-me, infame estorvo de minhas felicidades: que tens tu que me arruine? Homem, dize que eu sou o filho do Sol.

*Chich.* Se és hum filho das ervas, como queres ser filho do Sol?

*Faet.* Adverte, que nisso te faço hum grande fa-

favor; porque tu, ou has de dizer quem he o filho do Sol, ou te hão de matar.

*Chich.* Essa razão concluio-me: vossa mercê he o filho do Sol, e tenho dito: *Constituo te filium Solis.*

*Fiton.* Oh violento poder dos fados! Quem póde resistir a teus imperios? *á part.*

*Faet.* Não sabes quanto estimo esta occasião, para que assim possa frequentar sem perigo este palacio, e servir aos designios de Egeria, huma Princeza....

*Chich.* Sim, Senhor, huma Princeza filha de quem Deos tem esporiada do throno; não he assim?

*Faet.* Muito sabes.

*Chich.* Não vê que sou Magico? Pois ainda sei mais.

*Faet.* Dize.

*Chich.* Não posso, que está *sub sigillo magicali.*

*Faet.* Nada me importa saber mais que o bello original deste retrato, pois quanto intento, he para ver se descubro este encanto de amor.

*Canta Faetonte a seguinte*

ARIA.

Nas pupillas de meus olhos
O meu bem hei de buscar,
E verei se posso achar
Entra a cópia de meu pranto
Desta cópia o exemplar.
Se te encontro, objecto amado,
Acharás nesta alma amante
Hum morrer a cada instante,
Hum viver por te adorar. *Vai se.*

Fi-

*Fiton.* Vai-te errado mancebo, que algum dia te pezará do engano que intentas fabricar. *á p.*

*Chich.* O voſsê?

*Fiton.* Que diz?

*Chich.* Não diga a ninguem que eu ſou Magico, entendeo-me?

*Fiton.* Bem entendo; mas eu farei com que te tenhão por Magico, exercitando na tua peſſoa varios encantos, para que fiquem na certeza, de que és o Fiton, que buſcáo, e eu livre de chegar ás mãos delRei. *Vai ſe.*

*Sahe Chirinola.*

*Chirin.* Venho pé antepé a ver eſte Magico, que tem alvoraçado todo eſte palacio, e he couſa que nunca vi em minha vida.

*Chich.* Que eſtará eſpreitando aquella moça? O' menina, procura alguma couſa?

*Chirin.* Vinha a ver hum Magico, que eſtá em palacio.

*Chich.* E para que?

*Chirin.* Só por ver como he a cára de hum feiticeiro.

*Chic.* He como eſta que voſſa mercê eſtá vendo.

*Chirin.* Pois voſſa mercê meſmo he o feiticeiro?

*Chich.* Para ſervir ao diabo, e a voſſa mercê, que tudo he hum.

*Chirin.* Ai, chegue-ſe para lá que ſe me arrepião os cabellos!

*Chich.* De que te aſſuſtas? Que cuidas tu, que he ſer Magico?

*Chirin.* Com licença de voſſa mercê, dizem que he gente que falla com o diabo.

*Chi-*

*Chich.* Eſſes são outros, que eu cá não fallo com o diabo, o diabo he que falla comigo.
*Chirin.* Iſſo tudo vem a ſer o meſmo.
*Chich.* E a ti que ſe te dá diſſo? Tomáras tu, que hum Magico deſſes te amaſſe, então verias..... não digo nada.
*Chirin.* Deos me livre!
*Chich.* Queres tu que eu ſeja teu Chichisbeo? Zombaria fóra.
*Chirin.* Para que? Não jure, que bem lho creio.
*Chich.* Hei de ſer o mais fino Chichisbeo, que ha de haver em toda a Italia.
*Chirin.* Vá-ſe dahi, que he hum feiticeiro.
*Chich.* Feiticeira és tu, que me tens enfeitiçado.
*Chirin.* Só de huma ſórte me poderá render.
*Chich.* Como?
*Chirin.* Renunciando o pacto, e depondo a Magica.
*Chich.* Se niſſo conſiſte, já renuncio, não ſó o pacto, mas tudo que te poſſa dar pena; pois ſó quero, que voe o meu amor á eſféra dos teus olhos.
*Chirin.* Eſtamos juſtos; porém veja lá o que faz: agora o apurarei. *á part.* Ora dize, como me chamo eu?
*Chich.* Se eu já não ſou feiticeiro, como poſſo adevinhar o teu nome? Eſtá galante a Chirinola!
*Chirin.* Não temos nada feito; va-ſe dahi, que ainda he quem de antes era.
*Chich.* Porque?
*Chirin.* Diſſe-lhe que me adevinhaſſe o nome, e mo eſcarrou na bochecha
*Chich.* Eu o teu nome? De que ſórte?

*Chirin.* Não diſſe Chirinola ? Que mais havia de dizer ?

*Chich.* Pois tu te chamas Chirinola ?

*Chirin.* Sim, Senhor, faça-ſe de novas.

*Chich.* O' Chirinola, em chirinola me torne eu, ſe eu ſabia que tu te chamavas Chirinola.

*Chirin.* Pois para que diſſe Chirinola ?

*Chich.* Nunca ſe vio hum *lapſus nominis* ? Se havia de dizer charamella, diſſe chirinola.

*Chirin.* Ora admitto a deſculpa, mas não lhe ſucceda outra.

*Chich.* Qual outra ? Eu quero mais encanto, que eſſa belleza, nem mais adevinhar que os teus penſamentos, nem mais pacto, que eſſe Cyſne de Venus, de cujas azas formou Cupido as ſuas, de cujas penas armou as ſettas para ferir, e para voar ? Teu Chichisbeo hei de ſer, e ſe o não for, não ſeja embora.

*Chirin.* Veja lá o que diz, olhe bem para mim.

*Chich.* Tenho dito.

*Immediatamente lhe creſce o nariz a Chichisbeo com desformidade.*

*Chirin.* Ahi que nariz ! Iſto atura-ſe ? Ha homem mais mentiroſo ?

*Chich.* Que fiz eu ? Que nariz ? Explicate não falles pelos narizes.

*Chirin.* Como queres que creia, ſe ao meſmo tempo, que dizes não has de ſer Magico, ſacas por hum nariz tamanho como hoje, e á manhã ?

*Chich.* He verdade ! Creſceo-me o nariz ! Ha ca-

caſo igual! Oh Chirinola, eſte não he o meu nariz, e niſto pódes aſſentar.

*Chirin.* Vá-ſe dahi, embuſteiro, Magico, feiticeiro.

*Chich.* Filha do meu coração, eu eſtou innocente; verdade he que me rebentou eſte nariz á flor da cara, mas eu não concorri para iſſo.

*Chirin.* Não? Fui eu?

*Chich.* Vê tu não ſeja iſto algum leicenſo.

*Chirin.* He nariz em nariz.

*Chich.* Tu tens razão; he forte penca!

*Chirin.* Arre lá! com nariz mais da marca? Iſſo não ſe atura: ande, vá-ſe, antes que lhe chegue aos narizes,

*Canta Chirinola a ſeguinte*

ARIA.

Se quer adorar-me,
Da Magica fuja;
Se quer deſprezar-me,
Fará o que quizer.
Que he muito ſenhor
Do Senhor ſeu nariz.
Bem ſabe não goſto
De feitiçarias,
Que são rapazias,
Que eſtalão num trás,
E eſtão por hum triz. *Vai-ſe.*

*Chich.* Vio-ſe nariz mais intrometido do que eſte meu! E que por amor delle vá Chirinola ventando por ahi fóra! Iſto deve ſer contagio do tal livrinho: arre com tal nariz! Mas aonde eſtá elle? *Eſconde-ſe-lhe o nariz.* Su-

mio-se? Sem duvida foi o nariz atrás de Chirinola a pedir-lhe bom quartel; mas eu vou a pedir-lhe as alviçaras: ó Chirinola, espera, que já estou desnarigado. *Vai-se.*

## SCENA III.

*Camera, em que haverá hum bofete, e sobre este huma véla acceſa; e haverá mais huma cadeira. Sabem Ismene, e Albano, e este não paſſará do baſtidor.*

*Ismen.* BAsta até aqui, Albano.
*Alban.* Limitada estéra para tanto Sol.
*Ismen.* He estilo do decóro, e da politica pôr limites á entrada dos esposos, aonde habitão as esposas; e assim já sabes que aqui não pódes estar, e he preciso retirar-te.
*Alban.* Poderia se o nosso hymenêo voára mais acelerado.
*Ismen.* Não basta a certeza da posse para suavizar o martyrio da esperança?
*Alban.* Não, Ismene, que toda a posse he duvidosa, que tem a esperança por fiadora.
*Ismen.* Quando eu, e ElRei a abonamos, seguro pódes estar.
*Alban.* Pois Senhora, já que não tenho licença para me dilatar, neste papel verás a causa de meu tormento.
*Vai-se Albano, dando hum papel a Ismene, e ésta assenta-se a lello, e sahe ao baſtidor Egeria, e Faetonte com hum punhal na mão, e Ismene estará de sórte, que lhe não veja o roſtro.* *Eger.*

*Eger.* Chegou o tempo da noſſa vingança; alli tens a Iſmene; a occaſião he opportuna, eſgrime o valeroſo braço, pois para te coroares neceſſitas da purpura daquelle ſangue. *Vai-ſe.*

*Faet.* Eſtou immovel, pois parece eſpecie de cobardia matar huma mulher.

*Iſmen.* Enigmas me parecem as cifras de Albano; quero repetillas para as comprehender melhor.

*Faet.* Mas em que reparo, ſe muitas vezes a tyrannia he o primeiro degráo para ſubir ao throno?

*Iſmen.* Senhora, (diz Albano aqui) eſte exceſſo d'lRei em procurar o filho do Sol me perſuade, que achando-o, quererá dar lhe a gloria de teu eſpoſo, para divinizar com hum filho de Apollo a ſua deſcendencia. Quem ſerá eſte filho do Sol?

*Faet.* Não pareça a dilação cobardia; triunfe Egeria.

*Iſmen.* Diz mais: E temo, Senhora, que eſte filho do Sol, uſurpando me a fortuna de teu Hymenêo, ſeja inſtrumento da minha morte, tirando-me a vida.

*Faet.* Morre, infeliz..... *Sabe.*

*Ao hir levantar o braço para ferir a Iſmene, a vê, e ſe ſuſpende, e ella ſe levanta.*

*Iſmen.* Ai de mim! Como, traidor, aſſim...

*Faet.* Que he ó que vejo! Não he eſte o bello original da copia que adoro? Immovel eſtou! *Deixa cahir o punhal.*

*Iſmen.* Olá, acudi, que hum traidor...

*Faet.* Suſpende a voz, Iſmene; não digas traidor, amante ſim.

*Iſ-*

*Iſmen.* Com hum punhal. . . .

*Faet.* Achou a occulta cauſa de ſeu incendio.

*Iſmen.* Intenta tirar-me a vida.

*Faet.* Sem ella eſtou, vendo tão infeliz acaſo; pois te affirmo, que te não podia offender.

*Iſmen.* Mas intentavas matar-me?

*Faet.* Sim; mas tanto que te vi, me ſuſpendeo o braça o affecto, com que te adoro.

*Iſmen.* Tu adorar-me? Queres com huma offenſa apadrinhar hum delicto? Acudi todos, antes que o traidor ſe auſente.

*Faet.* Senhora, que intentas?

*Dentr.* Accudamos ao quarto da Princeza.

*Faet.* Ai de mim, que he infallivel a minha ruina! Bem o diſſe Fiton: aonde me eſconderei? *Quer eſconder-ſe.*

*Iſmen.* Eſpera, traidor, que te não has de auſentar; que tambem tenho valor para te ſuſpender.

*Iſmene pega em Faetonte, e eſte intenta lutando, tirar-ſe das mãos della.*

*Faet.* Não me ſejas duas vezes homicida, deixa-me ao menos auſentar.

*Iſmen.* Sem caſtigo não has de ficar.

*Faet.* Oh quem diſſéra, que me abrace Iſmene, e que eu fuja de ſeus braços! Deixa-me Iſmene.

*Dentr.* Aqui são as vozes.

*Faet.* Não ha mais remedio, que apagar a luz. *Apaga a luz.*

*Iſmen.* Que fazes?

*Faet.* Fugir de ti, para buſcar-te outra vez. *Vai-ſe.*

*Sa-*

*Sahem Albano, Egeria, e hum criado com luz.*

*Alban.* Que tens, Ismene? Quem te motiva a dar vozes?

*Eger.* Que te succedeo? Ai de mim, que se frustrou o meu incento? *á part.*

*Ismen.* Encontraste acaso hum traidor, que barbara, e aleivosamente me quiz tirar a vida?

*Alban.* Quem seria o atrevido, que concebeo tão horrivel pensamento?

*Eger.* Ainda não creio que estás com vida.

*Alban.* E para onde fugio?

*Ismen.* Não sei, porque apagou a luz, para com as sombras se encobrir melhor; busca-o, Albano, que o traidor não poderá estar longe, e castiga a sua temeridade.

*Eger.* Ai infeliz, Faetonte! *á part.*

*Alban.* Eu vou a buscallo; verás como vingo a tua offensa.

*Eger.* Aonde vás, ingrato? Tanta fineza te merece Ismene, para expores a tua vida á desesperação de hum infiel agressor.

*Alban.* Não sabes que sou amante, e esposo? Deixa-me, Egeria.

*Ismen.* Vai não te dilates.

*Eger.* E a sua vida?

*Ismen.* Os Deoses a defenderáõ.

*Eger.* Para que he buscar remedios extraordinarios, quando sem esse recurso o podemos evitar? Assim darei tempo para que fuja Faetonte. *á part.*

*Alban.* Que tens com a minha vida? Não me detenhas.

*Eger.*

*Eger.* A palavra que me déſte de ſer meu eſpoſo.
*Alban.* Palavra de eſpoſo?
*Faet.* Sim.
*Alban.* Iſmene, Egeria delira; eu vou caſtigar ao traidor.
*Iſmen.* Eſpera, averiguemos iſſo; que as offenſas da alma devem preferir ás do corpo.
*Alban.* Vê que o traidor ſe póde auſentar; e para que vejas, que Egeria ſe allucina, verás na minha fineza convencido o ſeu engano.

*Canta Albano o ſeguinte Recitado, e depois com Egeria, e Iſmene a Aria a 3.*

RECITADO.

Donde te eſconderás de meus furores,
Fementido traidor? Más não te occultes,
Que ainda que te ſepultes
Nas concavas cavernas deſſe abyſmo,
E em triſte parociſmo
Entre as ſombras do Averno te diſfarces;
Lá meſmo encontrarás o teu caſtigo,
O' perfido inimigo,
Por não creres com barbara impiedade
Ser incapaz da morte a Divindade.

ARIA A. 3.

*Alban.* Na minha vingaça,
Iſmene verás
Meu fino querer.
*Eger.* Eſpera, ſuſpende,
Cruel, que a mudança
Me chega a offender.
*Iſmen.* Valente, caſtiga
A mão, que meu ſangue
Intentava verter.
*Eger.* Firmeza
*Iſmen.* Vingança } te peço.
*Alban.* Firmeza, e vingança
*Eger.* Firmeza
*Iſmen.* Vingança } em meu peito.
*Todos.* Sómente acharás.
*Alban.* De amor inflammado,
*Iſmen.* De ardor abrazada,
*Eger.* De horror congelada,
*Todos.* Minha alma verás.

# PARTE II.

## SCENA I.

*Sala. Sahe Alban.*

*Alban.* NÃo he poſſivel apparecer o traidor, ſem que tenha omittido o meu cuidado toda a diligencia, como poderia entrar eſte inimigo, e ſahir, ſem ſer viſto de ninguem.

*Sahe Chichisbeo.*

*Chich.* Donde eſtará eſte Faetonte, que não he poſſivel atinar com elle? Eis-aqui para quando hum homem havia ſer feiticeiro.

*Alban.* Fiton.

*Chich.* Que manda Voſſa Alteza muito ſerenada?

*Alban.* Que me declares quem foi o traidor, que quiz offender a Iſmene eſta noite; e já neſte diamente te anticipo o premio de tua ſciencia. *Dá-lhe hum anel.*

*Chich.* Aceito o diamante, porque me ſerve cá para certa couſa de minha ſciencia desfeito em vinagre; pois que diz Voſſa Alteza?

*Alban.* Saber quem foi o traidor de Iſmene, que a quiz matar eſta noite.

*Chich.* A que horas?

*Alban.* Serião dez.

*Chich.*

*Chich.* Fazia luar, ou eſcuro?

*Alban.* Não reparei.

*Chich.* Nem eu, mas ſem eſſa circumſtancia paſſaremos; e diga-me mais, o traidor chegou a ferir a Iſmene?

*Alban.* Não, porque acodi a defendella.

*Chich.* Pois ſaiba voſſa Alteza, que a não matou, e que viva eſtá; quer ſaber mais alguma couſa?

*Alban.* Quem he o traidor he que me importa ſaber, e aonde eſtá.

*Chich.* Sabe Voſſa Alteza por onde elle hiria?

*Alban.* Se eu o ſoubera, não to perguntára.

*Chich.* Pois tambem eu lho não perguntára ſe o ſoubera.

*Alban.* A ti nada te he occulto, pois no volume dos aſtros lês todos os ſucceſſos do Mundo.

*Chich.* Iſſo aſſim he, mas he com oculos.

*Alban.* Não me entretenhas com frivolas deſculpas; eu eſtou empenhado a que me digas o que te pergunto, quando não aqui ficarás ſepultado.

*Chich.* Não me ameace, que por mal ainda he peior: olhe, Senhor, ſe quer ſaber quem he o traidor, vá ao boſque do Eridano, e o primeiro homem que ahi encontrar, eſſe he: porém ſegredo no caſo; porque eu cá não ſou homem de mexericos.

*Alban.* Pois, Fiton, ſe acho certo o que me dizes, ainda ſerá maior o meu agradecimento.

*Vai-ſe.*

*Chich.* Vai-te cos diabos, pois ſó por me ver li-

vre daquella ſanguixuga, lhe diſſe que eſtava no Eridano: não me lembrou dizer-lhe que eſtava nos quintos Infernos, por ver ſe o hia lá buſcar.

*Sahem El Rei, e Mecenas.*

*Rei.* Fiton?

*Chich.* Avie-ſe: outra impurração temos. *á part.*

*Rei.* A tua ſciencia neſta occaſião ſó me póde livrar de hum empenho. Quem foi o que a Iſmene.....

*Chich.* Quiz matar eſta noite, ſerião dez horas? já diſſe a Albano, que foſſe ao Eridano, que lá o acharia.

*Rei.* Prodigioſo homem! Vem cá, Fiton, ſe eras tão inſigne Magico, para que mo negavas?

*Chich.* Por não ter applauſos; pois ſou tão inimigo de rompantes laudatorios, que por iſſo fugi de Theſſalia.

*Mecen.* Até niſſo moſtra que he verdadeiro Sabio.

*Rei.* E como eſtamos do filho do Sol?

*Chich.* Já o tenho quaſi deſcoberto até o peſcoço; falta-me ſó ver-lhe a cara para o conhecer.

*Rei.* Pois quem te impede o ſeu total conhecimento?

*Chich.* Os vapores craſſos da terra, que eſtão eſcurecendo o brilhante dos aſtros; mas a pezar de tudo hei de trazello aqui pelos cabellos, ſobpena de enforcar os livros.

*Mecen.* Senhor, lembro a Voſſa Mageſtade, que Albano pretendeo algum dia a Egeria eſpoſa, e não ſei, ſe o traidor ſeria....

*Rei.* Cala-te, Mecenas: bem te percebo; Alba-

bano he Principe; e quando o não foſſe, mais intereſſe acharia em Iſmene, que em Egeria.

*Vai-ſe.*

*Mecen.* ElRei muito confia em Albano; e as minhas idéas muito ſe retardão na execução, por não achar a opportunidade que deſejo. Ai Egeria, que a tua infelicidade me ſuſpende o arrojo, e me eſconde a occaſião! Mas ſó tu, ó Fiton, compadecendo-te do meu amor, pódes remediar o meu empenho; que me reſpondes, Fiton? Fiton, não ouves? Arrebatado em extaſis eſtá. Fiton?

*Chich.* Não me deixará, Senhor Mecenas, que eſtava agora ideando aquillo, que Voſſa Senhoria me recommendou ácerca da Senhora Egeria, e o tinha já quaſi concluido, ſe me não chama?

*Mecen.* Até niſſo ſou infeliz; mas baſta-me para alentar a minha eſperança, ſaber que te não eſqueces da minha pertenção; mas ſó te digo, que deſejára que Albano cahiſſe do valimento, por não conſeguir o Hymenêo, que pretende, e unir maior poder ao meu contrario.

*Chich.* Tudo bem ſe fará.

*Sahe Chirinola ao baſtidor, e Mecenas a vê.*

*Chirin.* Graças a Deos, que já achei eſte Mecenas! Tomára fallar-lhe ſó por ſó, ſem que me viſſe o meu Chichisbeo. Cé.

*Mecen.* Que me quererá aquella Criada? Fiton, retira-te que importa ficar ſó; depois fallaremos.

*Chi-*

*Chich.* Tambem ſe não fallarmos importa pouco. Mas eu quero eſpreitar o que iſto he. *á part. Eſconde ſe.*

*Mecen.* Que ha de novo, Chirinola?

*Chirin.* Egeria te aviſa, que Albano, e Iſmene ſe achão divertindo em huma caçada nas ribeiras do Eridano; que obſerves os ſeus movimentos, que póde ſer aches alguma occaſião para o intento.

*Mecen.* Dize-lhe, que a repoſta he a obediencia com que executo os ſeus preceitos. *Vai ſe.*

*Chich.* Temos a Chirinola feita alcoviteira!

*Chirin.* Eu não ſei quando ſe aquietaráõ eſtes Senhores.

*Chich.* Quando não houverem alcoviteiras. *Sahe.*

*Chirin.* Falle claro, e não me dê remoques.

*Chich.* Ora não fiava de ti que tiveſſes tão baixo officio, ſendo tu a primeira terceira, que eu vi tão deſtemperada neſſa materia!

*Chirin.* E quem to diſſe?

*Chich.* He boa pergunta eſſa! A hum Magico não ſe pergunta quem lho diſſe.

*Chirin.* Perdoe, que cuidava que já não era Magico.

*Chich.* Ai, que me não lembrava da promeſſa, que te fiz! Eſtou zombando, eu não ſei nada.

*Chirin.* Logo não ſou alcoviteira?

*Chich.* Qual alcoviteira?

*Chirin.* Bem ſe conhece o remendo que não he do meſmo panno.

*Chich.* Ah Chirinola, ſabe Deos as linhas com que

que cada hum ſe coze: deixemos galantarias amatorias, e fallemos em couſas ſizudas.

*Chirin.* Pois que ha de novo?

*Chich.* O meu amor.

*Chirin.* Pois iſſo já não he velho?

*Chich.* Não vês que os velhos são duas vezes meninos?

*Chirin.* Pois que quer o menino?

*Chich.* Quer nanar.

*Chirin.* Pois buſque quem o embale.

*Chich.* Sempre me andas embalando com eſſe rigor! Não vês que ſeu teu Chichisbeo, a quem ſe devem os carinhos de *jure*, e porta franca os agrados?

*Chirin.* Ainda mais carinhos, ainda mais agrados dos que lhe eu faço?

*Chich.* Iſſo ſim; mas...

*Chirin.* Mas que? Diga: mas que?

*Chich.* A mim me tinhão dito, (muito ſe mente neſte mundo!) que os Chichisbeos abraçavão as ſuas Chichisboas; que erão duas almas n'um corpo; o que hum queria, outro queria; que a fé amante era inviolavel; a aſſiſtencia contínua; o cuidado frequente; e que eſtavão olhando hum para o outro ſempre ſem peſtanejar, e no cabo nada diſto acho em Italia: que ſerá?

*Chirin.* Eſtás muito alheio no caſo.

*Chich.* A'gora, eu eſtou muito bem certo nas leis do Chichisbeato.

*Chirin.* Nada ſabe ſenão ter atrevidos penſamentos: não ſabe que hum Chichisbeo ha

de

de querer com tão casto amor, que não ha de passar os limites da politica?

*Chich.* Filha, isso de amor Platonico he cousa ideada, que não existe *in rerum natura*; he huma capa, que se deita sobre os olhos de Cupido, para o cegar mais, e para cegar tambem aos circumstantes; e não me puxes tu pela lingua, que eu direi o que sinto nessa materia.

*Chirin.* Seja o que for, isto he o que cá se usa.

*Chich.* Vamos com a moda, que do mal o menos.

*Chirin.* Isso me parece bem.

*Chich.* Pois ouve, e verás se sou Chichisbeo de verdade.

*Canta Chichisbeo a seguinte*

ARIA.

Cara mia, cara, cara
Per te il mio cor trafitto
Smarrito, sbigurrito
Il dardo senti d'amor.
Moriró, má qual Fenice
Che nel fuoco suo felice
Più bella revive allor. *Vaise.*

*Chirin.* He o mais galante Chichisbeo que tenho visto! *Vai-se.*

SCE-

## SCENA II.

*Selva. Sahem Egeria, e Faetonte.*

*Eger.* QUanto, Faetonte, sinto se malograsse tão bem premeditada acção!

*Faet.* Bem vês, Egeria, como obedeço aos teus preceitos, e como desempenho á minha palavra; falta cumprires da tua parte com a morte de Albano.

*Eger.* Ainda não falta o tempo: cuidemos primeiro em salvar a tua vida, pois he certo, que de Ismene foste visto, e se fazem diligencias para te prenderem; e assim será preciso, que seja outra vez este bosque do Eridano verde asylo de tua pessoa.

*Faet.* Ai de mim, que mais sinto o cruel desterro, que perder a propria vida, pois quizera que Ismene me visse mil vezes traidor!

*Eger.* Para que he tão inutil acção?

*Faet.* Para executar a minha fineza nos continuos sacrificios á tua formosura.

*Eger.* Muito te devo.

*Dentr.* Ao bosque, á selva, tó, tó.

*Eger.* Mas alli vem Ismene; põe em execução o teu intento, que eu me retiro, e occulta neste arvoredo estarei observando o teu valor: (assim fingirei, que o vejo, para que se alente na execução, *á part.*) que huma cousa he desejar a morte, outra vella executar. *Vai-se.*

*Faet.* Espera, Egeria, mas ai de mim! Quem se vio em maior consternação! Pois esperar

Egeria pela morte de Iſmene, Iſmene aquelle ſoberano idolo de amor, cuja cópia adorei primeiro, que o ſeu original! Ver-me Egeria agreſſor, e ver eu a Iſmene amante! Oh que intrincado labyrintho de amor! Mas ella já vem chegando, e eu para ſatisfazer a ambos os empenhos, fingirei, que me deſoncontro, e no em tanto gozaráõ os olhos por entre eſtas ramas o bello Sol, que me abraza. *Eſconde-ſe.*

*Sahem Iſmene com arco, e ſettas, e alguns monteiros.*

*Iſmen.* Alli ſe movêrão ramos, ſem duvida que alli ſe embrenhou a féra. Eſpera veloz jeroglifico do vento, que eu com eſta ſetta te ſuſpenderei a fuga.

*Atira huma ſetta, e dá em Faetonte, e cahe atraveſſado com ella aos pés de Iſmene.*

*Faet.* Ai de mim, tyranna, que me mataſte!

*Iſmen.* Que vejo! Ai infeliz, que cuidei eras a féra, que vinha ſeguindo! Levanta-te, homem, que as minhas piedades farão menos horrivel a tragedia deſte acaſo. *Levanta-o.*

*Faet.* Com tão feliz remedio ſerá ditoſa a minha morte: perdoe Egeria, que a occaſião não permitte attenções. *á parte.*

*Iſmen.* Aonde foi a ferida?

*Faet.* No peito.

*Iſmen.* E he penetrante?

*Faet.* Chegou-me ao coração.

*Iſmen.* Ao coração? Se aſſim fora não eſtarias com vida.

*Faet.*

*Faet.* Esse he o privilegio do teu golpe, que immortaliza a mesma morte.

*Ismen.* Agora vejo que estás mortal, pois que deliras: levai este homem, e de sua ferida o remedio correrá por minha conta.

*Quer Ismene ir-se, e Faetonte a detem, e canta a seguinte*

ARIA.

Deixa que eu morra
Desta ferida,
Que he melhor vida
Morrer por ti.
Se me desejas
Da morte izento,
Não te retires;
Pois só me alento
Com ver-te aqui. *Cahe*

*Ismen.* Levai, levai esse homem, que me horroriza ver tanto sangue. *Vai-se.*

*Sahem por huma parte Albano, e da outra logo depois Mecenas, Fiton, e Chichisbeo.*

*Alban.* Esperai: que homem he esse? Quem o ferio?

*Monteir.* Ismene com huma setta.

*Alban.* Sem duvida, que este he o traidor, que quiz matar a Ismene, pois he o primeiro homem que encontro nos bosques do Eridano, como me disse Fiton; e pelo conhecer Ismene, valerosa se quiz vingar pelas suas máos.

*Faet.* Ai de mim! Espera, não te vás, tyranna roubadora da minha vida, pois com a mi-

nha morte não extingues o ardor, em que me abrazo. *Levantando-se.*

*Alban.* Ainda fulminas vinganças, infame, traidor? Mas se semivivo te deixou a piedade de Ismene, a minha vingança te acabará de huma vez.

*Puxa por hum punhal, e sahem Mecenas, Fiton, e Chichisbeo.*

*Faet.* Ainda que exangue me vês, sabe que tenho espiritos para suppeditar o teu arrojo: larga o punhal, e vem a meus braços.

*Chich.* Em grande perigo está Faetonte! O engano me valha. Suspende o braço, sacrilego Albano: Mecenas, este he o filho do Sol, por quem tanto suspira ElRei.

*Mecen.* Que dizes?

*Alban.* Este não he o filho do Sol, he o traidor de Ismene, e nelle quero completar o resto da vingança, que deixou Ismene principiada.

*Chich.* Ora não o saberei eu? e senão pergunte-lhe, e verá o que elle diz.

*Faet.* Deixa, Fiton, pois lhe val a sua ignorancia, para que Apollo, como a sacrilego, o não castigue com seus raios.

*Fiton.* Não ha mais remedio que obedecer aos fados; para que não perca Faetonte a vida; e para maior evidencia de que elle he o filho do Sol, fará Apollo que se movão estas arvores, mudando o sitio, em que habitão.

*Movem-se as arvores de huma parte para a outra.*

*Todos.* Prodigioso successo!

*Fact.* Grande Magico he Fiton! *á part.*

*Chi-*

*Chich.* Se eu ſoubéra fazer diſto, dava duas figas na inveja. *á part.*

*Mecen.* Que mais evidencia queremos? Vem, venerado filho do Sol, a ennobrecer eſta região.

*Alban.* Fiton, Senhor, he o culpado no meu exceſſo, pois me diſſe que o primeiro homem que encontraſſe nos boſques do Eridano, que eſſe era o traidor, que quiz matar a Iſmene; e como foſte o primeiro, que encontrei, e o ver-te ferido por Iſmene, me perſuadi, que eras o traidor; e aſſim deſculpa o meu atrevimento; pois ſó Fiton por enganar-me merece o caſtigo.

*Chich.* Não nego, que eu diſſe que o primeiro homem que encontraſſe, era o traidor; porém Faetonte, (que aſſim ſe chama eſte Senhor filho do Sol) não he ſemideos: logo não o enganei.

*Faet.* E o ferir-me Iſmene foi huma caſualidade.

*Mecen.* Vamos, Senhores, não dilatemos o dar a ElRei eſte prazer: vem, eſclarecido Faetonte. *Vai-ſe.*

*Faet.* Bom principio levão os meus intentos. *Vai-ſe.*

*Alban.* Vou ſem alma, pois temo neſte filho do Sol o eclypſe do meu amor. *Vai-ſe.*

*Fiton.* Oh quanto em vão pretende a prudencia humana ſuſpender o movimento das eſtrellas! *Vai ſe.*

*Chich.* Ora vejão as couſas deſte mundo como são, pois eu ſendo hum aſno em peſſoa, eſtou feito ſátrapa em carne; e Faetonte ſendo hum ninguem, lá vai a ſer venerado como

fi-

filho do Sol! Se iſto não parar em alguma deſtampação, temos vida para cem annos.

*Sahe Egeria.*

*Eger.* Cuidadoſa venho ſem ſaber ſe Faetonte executaria o intento; mas alli eſtá Fiton, elle me informará: Fiton vema tirar-me de huma duvida.

*Chich.* Não poſſo, Senhora, que anda tudo revolto com o novo ſucceſſo, que agora aconteceo. *Vai-ſe.*

*Eger.* Que ſucceſſo? Eſpera: mais confuſa eſtou! Mas quem duvída que ſerá a morte de Iſmene? Porém que vejo! Alviçaras, coração; todo eſte prado eſtá inundado de ſangue, não póde haver mais ſeguro indicio, pois haver ſangue no lugar, aonde deixei a Faetonte, e Iſmene; dizer-me Fiton accelerado que andava tudo revolto com hum novo ſucceſſo, que po ſer ſenão o que imagino? Oh valeroſo Faetonte! Oh extremoſo amante! Só o teu valor me podia coroar de triunfos.

*Sahe Chirinola.*

*Chirin.* Senhora, que ſerá iſto? Todo eſte prado cheio de ſangue, e alli encontrar a Albano pallido, como ſobreſaltado, e Mecenas, que levavão hum homem como prezo?

*Eger.* Viſte que homem era?

*Chich.* Não o pude diſtinguir, por ir cercado de muita gente.

*Eger.* Ai de mim que ſerá Faetonte! Sem duvida que morta Iſmene, não poderia eſcapar!

*Chirin.* Pois, Senhora, que ſeria iſto?

*Eger.*

*Eger.* Huma felicidade, e huma desgraça ao mesmo tempo; aquelle que viste hir prezo, era (ai de mim!) o mais extremoso amante que me adorava: chegando a tanto a sua fineza, que chegou a dar a morte a Ismene, cujo sangue he este, que matiza este prado.

*Chirin.* Ora já se acabárão os teus cuidados á custa do sangue alheio.

*Eger.* As armas da justiça são mui poderosas.

*Chirin.* Agora, Senhora, que te vês sem opposição no throno, lembrar-te da minha lealdade.

*Eger.* Ainda não creio esta fortuna. Oh ambição de reinar a quanto obrigas! Oh cégo amor a quanto te deliberas!

*Canta Egeria a seguinte*

ARIA.

Verdes louros do Eridano,
Só assim no solio ufano
Desse sangue matizados
Vós me haveis de coroar.
Mas ó tu ditoso amante,
Que por mim penando vás,
A teu peito fiel constante
Eu prometto libertar. *Vai-se.*

## SCENA III.

*Gabinete bem adornado. Sahem Faetonte, e Chichisbeo.*

*Chich.* ORa Senhor filho do Sol, seja-lhe muito parabem a vossa semideidade, pois que se vê palaciego, venerado dos grandes,

ado-

adorado dos pequenos, e appetecido das Damas; agora peço-lhe, que já que o Senhor ſeu pai he o pruductor do ouro de vinte e quatro quilates, que reparta comigo dos ſeus mineraes; quando não, hei de pollo no olho da rua, como quem he.

*Faet.* Bem ſei, Chichisbeo, que eſſa epiquéa com que me fallas, he huma rigoroſa critica de meu naſcimento; mas ſe o naſcer nobre he acaſo da fortuna, com o meu valor, e a tua induſtria emendarei eſſe acaſo.

*Chich.* E como eſtás da ferida?

*Faet.* Quaſi são á força de activos remedios.

*Chich.* E quem te ferio?

*Faet.* Iſmene caſualmente com huma ſetta, que para hum bruto a deſpedio do arco.

*Chich.* Andar, nunca errou o tiro.

*Faet.* E mais ſentira ſe o errára.

*Chich.* Não entendo eſſa filoſofia.

*Faet.* Porque Iſmene he o bello original daquella copia, que de Theſſalia me trouxe em frenetico delirio.

*Chich.* Iſmene meſma?

*Faet.* Iſmene, porque aquella belleza ſó de hum animo Real poderia ſer adorno.

*Chich.* Caro te cuſtou o achalla, pois zombando, zombando, te hia cuſtando a vida.

*Faet.* Tambem o não achalla me cuſtaria o meſmo.

*Chich.* Que pretendes agora depois de ſiliado na caſa do Sol?

*Faet.* Eſcuſada pergunta, quando ſabes os extre-

tremos que fiz por Iſmene, quando pintada: pois quem tão finamente adorou as ſuas ſombras, como deixará de idolatrar o claro de ſuas luzes?

*Chich.* Eu o creio; mas com tudo não falta quem diga, que huma mulher he melhor pintada, que viva; pois o pincel he como o ſolimão que mata os defeitos.

*Faet.* Em Iſmene tudo são perfeições.

*Chich.* Com que Egeria já lá vai c'os diabos?

*Faet.* Não tem que ſe offender Egeria, pois primeiro adorei a Iſmene.

*Chich.* Na verdade, que ſe ſouberas o que ha na materia entre Egeria, e Mecenas, que ha mais tempo que a havias ter repudiado.

*Faet.* Conta-me, para que poſſa cohoneſtar o meu deſvio.

*Chich.* Senhor, eu não ſou de mexiricos; neſſa certeza ſaiba voſſa mercê, que Egeria fez a Mecenas eſcrito de caſamento, ou couſa que o valha, e ſe lhe mete na cabeça, que ha de pôr a Egeria no throno; e não deixão de ter ſeus colloquios amatorios.

*Faet.* Quem to diſſe?

*Chich.* Eu, que o ouvi com eſtes olhos; e pretendêrão, que eu déſſe algum ſoccorro magico na materia; com que, Senhor, iſto anda mui ſolapado, e combalido; faze o teu negocio, gema quem gemer; já eſtás feito filho do Sol, e como tal pódes caſar, aonde puzeres o dedo meminho.

*Faet.* Não ſabes quanto eſtimo eſſa falſidade

de

de Egeria, para que ſem eſcrupulos da conſtancia poſſa livremente pretender a Iſmene?

*Chich.* Sim, Senhor, Iſmene, e mais Iſmene, que o mais he cravão de ſacaria.

*Sahe Iſmene.*

*Iſmen.* Cuidadoſa da tua ſaude venho expreſſarte o quanto eſtimarei a tua melhora, para que no alivio da queixa ſe mitigue o pezar de ſer eu a cauſa da tua moleſtia.

*Faet.* De melhor vontade recebêra os parabens da ferida, que os da melhora; pois morrendo aos golpes da tua ſetta, acharias no ſacrificio da minha vida os cultos de quem te adora como Deidade. Oh quantas vezes, Iſmene, abomino a arte que inventou antidotos para curar-me; pois quizera no mortal da ferida immortalizar a minha fineza!

*Iſmen.* Bem inſtruido eſtás nas liſonjas da Corte, mas como eſſes affectos são mais effeitos do entendimento, que da vontade, te agradaráõ mais os elogios, que a correſpondencia; e pois ſatisfeita vou, vendo te convalecido, premitte-me que me retire. *Quer ir-ſe.*

*Faet.* Não te vás, ſem que primeiro te informes de outra enfermidade maior, que padeço; que ſe piedoſa te oſtentas com os males do corpo, ſerá razão que propicia te encontre no mal que minha alma padece.

*Chich.* Aquelle mal d'alma, como couſa occulta, ſó a mim me pertencia dizello, a quem toca revelar os ſegredos animaes; porém diga

o

o Senhor Paetonte, que em fim mais ſabe o tollo no ſeu, que o diſcreto no alheio.

*Faet.* Haverá hum anno, formoſa Iſmene, que te vi, ou para melhor dizer, que ceguei de te ver; e aſſim como o Iman procura o ferro, o Eliotropio o Sol, e o fogo o ar, aſſim deſde Theſſalia, onde te admirei, a procurar-te veio o meu affecto duas vezes peregrino: deixo de encarecer-te os deſvélos, os cuidados, e os ſuſpiros, que me motivaſte, por te não horrorizar a tragedia do meu tormento.

*Iſmen.* Se nunca fui a Theſſalia, como nella me podias ver?

*Faet.* Neſte retrato. *Moſtra o retrato.*

*Chich.* Eu ſou muito boa teſtimunha, e mais por final que o vio em jejum, e logo ficou não ſei como.

*Iſmen.* E de que ſorte veio a teu poder?

*Faet.* Achando-o nas ribeiras do mar, entre os fragmentos de hum naufragio.

*Chich.* Ah, Senhor, peça perdão a Sua Alteza de achar o ſeu retrato na praia, que não he lugar decente.

*Iſmen.* Ai de mim, que eſte he o meu retrato, que ſe enviou ao Principe de Rhodes, que infeliz naufragou com elle, vindo-me receber por eſpoſa! *á part.*

*Faet.* Te enternece ver o teu retrato, ou de ouvir os meus ſuſpiros?

*Iſmen.* De ambas as couſas: o retrato pelo ver ſem dono, e os teus ſuſpiros por inuteis.

*Faet.*

*Faet.* Se eu poſſuo o retrato, como não tem dono?

*Chich.* Iſſo aſſim he pela regra do *uſo capiam*, e de ſerem inuteis os ſuſpiros, tambem pudéra dizer alguma couſa pelo direito de terceiro; porém acho que Voſſa Alteza não ha de deſprezar hum filho do Sol legitimo, que ſó por ter por avó de ſeus filhos ao olho do Sol, podéra dar os olhos da cara.

*Iſmen.* Para que tanto te empenhas por Faetonte?

*Chich.* Porque a Apollo ſeu pai devo o que ſei, por ſer o Meſtre em artes Magicas, e Aſtrologicas.

*Iſmen.* Faetonte, tarde chegárão aos meus ouvidos os teus ſuſpiros, pois já ſou de Albano.

*Faet.* Para que me deſenganas, cruel? Deixa ao menos manter-ſe a minha eſperança na vaidade de que poſſo merecer os teus agrados.

*Chich.* Ahi vem ElRei.

*Iſmen.* Eſtimo por atalhar os ſeus diſcurſos. *á p.*

*Sahe ElRei.*

*Rei.* Ditoſa Italia! Ditoſo Monarca, que tem a fortuna de puſſoir o filho do Sol nos ambitos do ſeu dominio! Permitte pois que proſtrado a teus pés conſagre a teu reſpeito repetidas veneraçõés. *Faz que ajoelha.*

*Faet.* Senhor, Voſſa Mageſtade não deve eſtar deſſa ſorte; os meus braços ſerão o throno donde melhor ſe colloque a tua ſoberania.

*Rei.* Galhardo aſpecto! Vês, Fiton, que o que ſonhei não foi erro da fantaſia?

*Chich.* He que Voſſa Mageſtade ſabe mais dormindo, que acordado.

*Rei.*

*Rei.* Mas ſempre te agradeço o ſeres tu o ditoſo inſtrumento do bem que poſſuo.

*Chich.* Pois na verdade que bem me cuſtou a dar com elle.

*Rei.* Reſta agora que me deſcubras o agreſſor de Iſmene.

*Chich. Paulatim*, não vai a eſtafar.

*Rei.* Supponho, Faetonte, que já terás relevado a Iſmene a caſualidade de ferirte no boſque; e para que com huma acção ſatisfaça a dous empenhos, vem comigo ao templo de Hymenêo, donde depois de ſacrificar a Apollo, grato ao beneficio de permittir habite comigo hum filho ſeu, aſſiſtirás aos deſpoſorios de Iſmene com Albano, para que com teu influxo ſeja ſempre fauſto, ſempre ditoſo o ſeu Hymenêo.

*Faet.* Que ouço? Ai infeliz! *á parte.*

*Chich.* Lá vai quanto Martha fiou! *á parte.*

*Rei.* Vem, Faetonte.

*Faet.* Senhor.... Iſmene.... o Hymenêo.... poderia....porque.... Não ſei o que digo. *á p.*

*Rei.* Que tens? Que te perturba!

*Chich.* Não repare Voſſa Mageſtade, que todos os filhos do Sol maſtigão as palavras, e engolem os conceitos: quer dizer, que ſe podia dilatar o caſamento; porque ainda ſe acha mal convalecido, e lhe tremem tanto as pernas que não póde dar huma paſſada.

*Rei.* Perto fica o templo; pois convem não dilatar, antes que outro traidor impulſo intente malograr as minhas idéas. Vem Senhor.

*Vai-ſe.*

*Faet.*

*Faet.* He preciſo obedecer: Iſmene, lembra-te de mim. *Vai-ſe.*

*Chich.* Ande, Senhor, que honra, e proveito não cabe n'um ſacco. *Vai-ſe.*

*Iſmen.* Que tarde vieſte, filho do Sol, outra vez torno a dizer, e que accelerado voas Hymenêo de Albano? A preſſa de hum, e a tardança de outro são hoje os incentivos da minha magoa.

*Sahem Egeria, e Chirinola, de ſorte que não veja a Iſmene.*

*Chirin.* Senhora, recolhamo-nos depreſſa ao teu quarto, para que ſe não ſuſpeite em nós alguma traição; quando Faetonte confeſſe o delicto, daremos a noſſa quartada, dizendo que eſtivemos em caſa.

*Eger.* Pois anda, que até não ſaber de Faetonte, não ſocegará o meu coração; e pois já o Ceo me vingou deſta tyranna, de ſeu ſangue eſmatarei a minha Coroa. Mas que he o que vejo? Ai de mim! *Vê a Iſmene.*

*Chirin.* O que? O que, Senhora? He verdade! A que delRei, não fui eu; não fui eu, Iſmene.

*Eger.* O alento me falta; Iſmene, não crimines a minhas innocencia porque Faetonte... mas ai de mim! *Deſmaia ſe.*

*Iſmen.* Que he iſto? Que perturbação he eſta? Egeria, torna em ti. Dize tu, que foi iſto? *Para Chirinola.*

*Chirin.* Tomára-me deſmaiar; mas não poſſo.

*Iſmen.* Ha confuſão ſemelhante! De que te aſſombras? Sou alguma fantaſma?

*Chi-*

*Chirin.* Eſpere que já vou perdendo o medo; pois Voſſa Alteza he meſmo Voſſa Alteza?

*Iſmen.* Pois quem hei de ſer?

*Chirin.* Deixe-me apalpar.

*Iſmen.* Para que?

*Chirin.* Com que Voſſa Alteza não morreo?

*Iſmen.* Não me vês?

*Chirin.* Bem vejo; mais não ſei ſe he alguma couſa do outro Mundo.

*Iſmen.* Deixa deſpropoſitos, acudamos a Egeria: Fgeria? Egeria?

*Eger.* Perdoa-me, Iſmene, que eu fui. . . .

*Chirin.* Ai que ſe declara! Senhora, Senhora, que não he morta a Senhora Iſmene, não a matou o javalí na caça como diſſerão; não tenha ſuſto.

*Eger.* Ai de mim! Que horrivel fantaſia!

*Levanta-ſe.*

*Iſmen.* Que foi iſto, Egeria? Que enigma he eſte?

*Chirin.* He o que eu diſſe, Senhora, pois nos affirmárão, que hum javalí deſpedaçára a Voſſa Alteza, que Jupiter guarde, e por final nos moſtrárão o ſangue; nós eſpavoridas, inventando outra vez a moda do arripiado, viemos correndo a bom correr, para talhar hum par de choradeiras; quando de repente a vimos a Voſſa Alteza; e como ſomos medroſas, cuidámos que era huma cadavera.

*Eger.* Bem remediou: *á parte.* Iſmene, dá-me hum abraço, que a tua morte muito me tem cuſtado; e porque o ſuſto ainda me occupa

mui-

muita parte dos ſentidos, permitte que me retire. *Vai-ſe.*

*Chirin.* Arrelá com a mentirinha, que nos hia dando na cabeça! *Vai-ſe.*

*Iſmen.* Que enigmas ſerão eſtes! Egeria aſſuſtada; imaginar-me defunta; pedindo-me perdão, e que a não crimine? Não ſei o que conjecture! Mas ai infeliz, que aquelles ſuſtos, e aquellas palavras, ainda que mal explicadas, dizem muito! Oh ſede de reinar, quão impia, e ſacrilega he a tua ambição! Que máquinas não inventas! Que tyrannias não executas!

*Canta Iſmene a ſeguinte*

ARIA.

Ditoſa Paſtorinha,
Que alegre em verde prado,
Só cuida no ſeu gado
Ao ſom da melodía,
Que inſpira a rude frauta
Do amante ſeu Paſtor.
Politicas não uſa,
Nem maximas inventa,
Ufana ſe contenta
Das flores, que tributa
A' fé de hum caſto amor. *Vai-ſe.*

SCE-

## SCENA IV.

*Templo de Hymenêo, em cujo simulacro se verá huma têa incendida. Sahem Chichisbeo, e Chirinola.*

*Chich.* ANda depressa, se queres ver o noivado, antes que se intupa o templo de gente.

*Chirin.* Ha de ter muito que ver, pois dizem que o filho do Sol tambem assiste muito bizarro.

*Chich.* Põe-te ahi, e dahi te não bulas.

*Chirin.* Sim Senhor, mas a mim me consta que vossê ainda he hum refinado Magico, e que anda adevinhando o feito, e o por fazer.

*Chich.* Se eu estivéra mais de vagar, eu te dissera por onde o gato vai ás filhozes.

*Chirin.* Eu bem sei por onde vai.

*Chich.* Por onde?

*Chirin.* Pela trapeira.

*Chich.* Pela tripeira has de dizer, pois tudo quanto faço he por amor da tripa: ah Chirinola, que bella occasião para nos casarmos! Olha não te faz cócegas ver alli o Deos dos casamentos com a sua luminaria ateada na chamine de Cupido, em cujo fogo salvage se abrazão os miseraveis do jugo amatorio? Dize, não tenhas vergonha.

*Chirin.* Vossê tem a culpa de não ter o que deseja, pois se não fora feiticeiro, casáramos agora.

*Chich.* Ainda crês que sou desses?

*Chirin.* Eu sou alguma tolla? Não vês que

quem o demo toma, ſempre lhe fica hum geito?

*Chich.* Eu não ſei que geito hei de dar a iſto; Se lhe declaro a tratada, perde-ſe Faetonte; ſe me callo, perco a Chirinola, e eſta occaſião que ainda he mais calva que Chirinola. *á p.*

*Chirin.* Que diz? Ficou paſmado?

*Chich.* Bom ſei, que quem quer bem, diz do que ſabe, dá do que tem; mas tu has de guardar hum ſegredo daquelles de maço, e mona, e então ſaberás couſas, ainda que ſonhadas, nunca viſtas.

*Chirin.* Iſſo corre por minha conta; pois que he?

*Chich.* He hum ſegredo.

*Chirin.* Dize-o.

*Chich.* Não to poſſo dizer, pois ſó eu o ſei, e mais certa peſſoa; e ſe tu o ſouberes já não he ſegredo; porque paſſando de dous acabouſe o ſegredo.

*Chirin.* Pois dize-mo ſem ſer em ſegredo.

*Chich.* Então que fineza te faço eu em dizer huma couſa que não he de ſegredo?

*Chirin.* Pois de que ſórte o hei de ſaber?

*Chich.* De nenhuma, pois não ſabendo tu o ſegredo, vens a ſaber que ha ſegredo, que he o que te baſta.

*Chirin.* Vá-ſe dahi; voſſê he o que ſe preza de amante? Voſſê he Chichisbeo? He huma balla.

*Canta Chirinola a ſeguinte*

ARIA.

Se não fias de mim o ſegredo,
Eu do teu amor me não quero fiar;
Que ſe não póde dar confiança,
Em quem deſconfia o ſeu peito moſtrar.
Fia, pois, ſe não queres que deſconfie
Do pouco que fias de mim te fiar;
Porque na fiança daquelle ſegredo
Fiada confio os extremos de amar.

*Chich.* Aballemos daqui, que para eſte lugar vem correndo muita gente. *Retirão ſe a hum lado.*

*Sahem Faetonte, e Fiton.*

*Faet.* Fitón, ſabe que eu eſtou quaſi deſeſperado. Albano, e Iſmene hoje ſe deſposão; e eu ſe tal chego a ver morrerei infallivelmente; e ſe por evitar os meus precipios tanto me recataſte dizer, que era de Iſmene aquelle retrato; agora que o ſei, e que o não ſer minha me ha de cuſtar a vida, remedea a minha mágoa no infallivel de minha morte. *Vai-ſe.*

*Fiton.* Dos dous males o menor ſe ha de eleger; e pois dizem que o ſabio domina os aſtros, verei ſe poſſo emendar com hum precipicio outro precipicio. *á part.*

*Chich.* Anda cá tu, que ainda não tens nome neſta Hiſtoria; como te chamão?

*Fiton.* Chichisbeo.

*Chich.* Chichisbeo ſou eu deſta menina.

*Fiton.* Pois eu o ſou de meu amo.

*Chich.* E elle que te queria que te eſteve fallando com braços, olhos, e nariz, mui afroſſurado?

*Fiton.* Voſſa mercê como he Magico não neceſſita que lho diga.

*Chich.* Eu já diſſo não ſei nada, que eſta menina me deu anacardina para ſó me lembrar della.

*Chirin.* Aquillo he galantaria.

*Chich.* Não he; que fallo em meus ſinco ſentidos.

*Chirin.* Eſtás colhido.

*Chich.* Não eſtou colhido.

*Chirin.* Eſtás; pois ſe dizes que te dei anacardina, como ainda tens todos os ſinco ſentidos; que ſe aſſim fora havias perder hum delles?

*Fiton.* Tem razão.

*Chich.* Mas falta-lhe a juſtiça, porque eu por meus peccados tinha ſeis ſentidos, não menos; os ſinco já ſe ſabe.

*Chirin.* E o outro qual he?

*Chich.* He o que tenho em ti.

*Chirin.* Mas qual delles perdeſte por amor de mim?

*Chich.* Perdi o ver; mas tu és tal, que não fazes carreira a cégo.

*Fiton.* Menina, o Senhor Fiton ſe eſtá diſfarçando, que elle he Magico como ninguem.

*Chich.* Magico ſerá elle, e ſe não fora... mas elles lá vem, tu me pagarás.

*Vão sahindo ElRei, Faetonte, Mecenas, Ismene, e Albano, coroados de flores.*

*Canta o Coro.*

Na têa luzente
Do sacro Hymenêo
Se accenda brilhante
O raio flammante
Do filho do Sol.

*Rei.* Aquella ardente têa, que illumina o sacro Hymenêo, seja immortalizada com as luzes de Apollo, para que sempre clara a minha descendencia, consiga perpétua duração a pezar dos estragos do tempo.

*Alban.* Propicio amor, já pozeste limite a minhas esperanças.

*Faet.* Já me vai faltando a paciencia, para tolerar este violento rigor do fado. *á part.*

*Ismen.* Faetonte não aparta os olhos de mim. *á p.*

*Chich.* Olha, aprende bem, Chirinola, as ceremonias matrimoniaes, para quando chegar a nossa occasião.

*Rei.* Ismene, reconhece a Albano Principe de Liguria por teu esposo, e naquella sagrada têa de Hymenêo, que em brilhante pyra ao Ceo se dirige, abraza o teu coração no reverente amor conjugal, a quem prosperem os Deoses, e felicitem os fados.

*Ismen.* Sem uso do alvedrio me conduz a este templo o teu preceito, como victiva de Hymenêo.

*Fa-*

*Faet.* Vai-se concluindo a minha vida; mas eu morrerei mais nobremente. *á part. para Fiton.*

*Fiton.* Espera, não te sebresaltes.

*Chich.* Casamento no meio da galhofa nunca tal vi!

*Alban.* Princeza, já que a sórte me destinou tão alta fortuna, firma com a tua mão o decreto do propicio fado, que reverente a receberei com ambas para maior segurança da minha felicidade. *Quer dar a mão.*

*Faet.* Espera, ai de mim!

*Fiton.* Repára, e vê. *Apaga-se a luz do Hymenêo.*

*Alban.* Que dizes, Faetonte?

*Faet.* Que vejas a luz de Hymenêo, que ao dares a mão a Ismene, se extinguio.

*Rei.* Infausto presagio! Suspenda-se o Hymenêo, pois a sua Deidade, occultando a luz, nos avisa de alguma fatal ruina.

*Faet.* He caso nunca visto!

*Mecen.* E nelle se encerra prodigio grande.

*Alban.* Se Hymenêo occultou a chamma he porque sobrava a de meu amor, em cuja presença não podia luzir a sua, bem como as estrellas á vista do Sol; e assim permitte, Senhor, que desprezado este, que imaginas presagio, se effeitue o nosso Hymenêo.

*Rei.* Sofisticos fundamentos não pódem prevalecer a tão extraordinario acontecimento, até que Fiton nos declare a causa de extinguir-se aquella luz.

*Faet.* Diga Fiton.

*Chich.* Sou chamado a conselho.

*Al-*

*Alban.* Da tua ſentença pende a minha vida.
*á part. para Chichisbeo.*

*Rei.* Dize, Fiton, porque motivo ſe apagaria aquella luz?

*Chich.* Porque ſe acabou a torcida.

*Faet.* Reſponde-ſerio, e vê lá o que fazes.
*á part. para Chichisbeo.*

*Alban.* Fiton com aquella galantaria vem a dizer que foi caſualidade, e não myſterioſa a extinção daquella luz.

*Chich.* Tal não digo, e eu não ſou tão eſcuro que neceſſite de pai velho para commentarme: reſpondi aſſim, porque não quero dizer que o Deos Apollo pai das luzes não leva a bem eſte matrimonio, e a razão diſto eu a direi a Sua Mageſtade ſó por ſó no ſeu gabinete.

*Iſmen.* Ha enleio ſemelhante!

*Faet.* Viva a minha eſperança. *á part.*

*Rei.* Vês, Albano, que não foi ſem myſterio? E pois devemos obedecer, ainda ao minimo aceno dos Deoſes, já não póde Iſmene ſer tua, pois que Hymenêo eſconde a luz, para ſepultar em ſombras o teu deſejo.

*Canta Albano a ſeguinte Aria, e*
RECITADO.

Oh infeliz, oh triſte ſem allivio,
Miſero amante, como ſem Iſmene
Vivirei? Morrerei ao duro golpe
Da ſentença cruel, que me ſepára
Aquella alma ſublime deſte corpo,
Cuja união amor ligou conſtante.

Oh Jupiter piedoſo, deſſa eſféra
O triſulco furor de teu incendio
Contra hum peito infeliz fulmina ingente,
Que para provocar os teus furores
Incentivo não ha mais adequado,
Que naſcer infeliz hum deſgraçado.

ARIA.

Irada, e languente,
Frenetico, e amante,
O' injuſta Deidade,
Da tua impiedade
A Jove ſupremo
Me quero queixar.
Se a luz me uſurpaſte
Do ſacro Hymenêo,
Cruel te enganaſte,
Que em chamma mais pura
Minha alma conſtante
Se ſente abrazar. *Vai ſe.*

*Chich.* Parece que lhe ardeo a jeropiga! *á part.*

*Rei.* Deoſes ſoberanos, em que póde offender-vos o Hymenêo de Albano, para que me priveis da gloria deſte dia? Mas quem póde comprehender as voſſas altas diſpoſições! Vem, Faetonte a ſacrificar como diſſe, a Apollo teu pai, não ſó para gratificar a tua vinda, mas tambem para applacar a ſua indignação, repetindo o meſmo Coro, para que a lembrança da culpa ſeja incentivo da piedade.

CO-

CORO.

Na tea luzente
Do ſacro Hymenêo
Se acenda brilhante
O raio flammante
Do filho do *Sol.*

PAR-

# PARTE III.

## SCENA I.

*Camera. Sahem Faetonte, e Fiton.*

*Faet.* VEm, Eiton, a meus braços, pois á tua sciencia devo a vida, que respiro; que se não extinguias aquella luz em Hymenêo, em cinzas me reduziria a sua chamma.

*Fiton.* Faetonte, agora, que de todo tens superado o violento furor dos fados, e te vês nesta prosperidade isento do grande damno, que te esperava, te declararei o que tantas vezes recusei dizer-te. Sabe que tu és na realidade o verdadeiro filho do Sol, e de Climene, aquella infausta belleza, que exposta aos rigores de Diana entre os montes habita como féra.

*Faet.* Ai de mim! Que sempre has de ser cruel para comigo! pois ao mesmo tempo confundes a delicia de hum prazer, com o rigor de hum pezar!

*Fiton.* E assim releva-me o não haver-te communicado ha mais tempo este segredo; porque como estava decretado dos fados, que a saberes tu quem eras, essa sciencia havia de ser

o teu precipicio por cauſa de huma formoſura, por iſſo te occultei eſte deſengano; porém agora que ſupponho triunfas de ſeus decretos, razão he que triunfes tambem do meu ſilencio.

*Faet.* Puderas dizer-mo em tempo, que mais to agradeceſſe; mas ſempre eſtimo ſaber cujo filho ſou, ſe bem nada me dizes de novo, pois a altivez de meus penſamentos não poderia ter menos progenitor: eu te relevo o roubo, que me fizeſte do tempo, que ignorei a gloria de me jactar filho do Sol.

*Fiton.* Era preciſo obedecer ao influxo dos aſtros.

*Faet.* Não creas neſſas quiméras: de meus ſucceſſos pódes colligir o quam errada he a judiciaria eſpeculação das eſtrellas, cuja ſciencia tanto veneras: mas retira-te que ahi vem Egeria.

*Fiton.* Eu te obedeço. *Vai-ſe.*

*Sahe Egeria.*

*Eger.* Para que, Faetonte, me occultavas quem eras? Bem me parecia a mim que o teu brioſo alento tinha mais ſoberana origem.

*Faet.* Quiz occultar quem era, para que o amor preferiſſe ao reſpeito na tua inclinação.

*Eger.* Se eſſa brilhante Deidade, quaſi immortaliza a vida, que temes que não acabas de executar a morte de Iſmene, pois já por duas vezes deixaſte burlada a minha expectativa?

*Faet.* Como ſei que Mecenas tem a meſma incumbencia, já não poderei executar os teus deſignios.

*Eger.* Verdade he que Mecenas compadecido da minha deſgraça, intentou reſtituir ao thro-

no

no de meus pais; mas não sei em que te possa offender a sua piedade.

*Faet.* Em ser piedade; pois he certo que esta só reside em hum coração puramente fino.

*Eger.* Se da sua parte está o amor, da minha estará a constancia, com que te adoro; porém cuido, Faetonte, que esse affectado ciume se origina de algum motivo occulto.

*Faet.* Occulto motivo he; pois se eu disera que tambem reservas a vida de Albano, não sei para que fim, talvez não acharás affectado o meu ciume.

*Eger.* Para que vejas que não estimo a vida de Albano, mudemos de systema, como ao principio pretendias: sê tu homicida de Albano, que eu o serei de Ismene, para que na igualdade dos sexos fique sem perigo a resolução; desta sórte, nem a formosura de Ismene te suspenderá o golpe, nem a vida de Albano a zelos te incitará.

*Faet.* Para cabal satisfação de meus zelos tu mesma has de ser homicida de Albano; aliàs entenderei, que a piedade te retira o braço, e o amor te suspende o golpe.

*Eger.* O mesmo posso eu dizer de Ismene para comtigo.

*Faet.* Para desvanecer essa suspeita, basta intentar o golpe duas vezes, ainda que de nenhuma se conseguisse; e assim não tens que te eximir, que Albano fica ao arbitrio de tuas iras. Assim segurarei a vida de Ismene. *á part.*

*Sahem El Rei, e Chichisbeo.*

*Rei.* Baſta, que eſſa foi a cauſa porque ſe extinguio a luz do Hymenêo?

*Chich.* Sim, Senhor, que he vontade de Apollo, que ſeu filho Faetonte ſeja genro de Voſſa Mageſtade, e a Senhora Iſmene nora, e Voſſe Mageſtada ſogro de Faetonte, e eſte marido da dita Senhora.

*Rei.* Faetonte, como o obedecer aos Deoſes he primaria obrigação de hum Monarca, mal poderei reſiſtir aos mudos preceitos de Apollo teu pai; pois he ſua vontade que Iſmene ſeja tua eſpoſa, e não de Albano, por cuja cauſa uſurpou a luz no ſeu Hymenêo.

*Chich.* Do que não ha a menor dúvida, *attento ſecreto magicali.* *á part.*

*Eger.* Ai infeliz, que ouço!

*Faet.* Ai feliz, que ouvi!

*Rei.* E pois tu, como filho de Apollo, eſtás mais obrigado a obedecer-lhe, entendo te ſujeitarás ao ſeu imperio: bem conheço que em Iſmene faltão meritos para ſer eſpoſa de hum filho do Sol; porém huma céga obediencia não repára em qualidades.

*Chich.* Pois que lhe ha de fazer, ſe he vontade do Senhor ſeu Pai? Feche os olhos, e diga que ſim, que no acceitar vai o ganho.

*á part. para Faetonte.*

*Rei.* Que dizes, Faetonte?

*Faet.* Que hei de reſponder, ouvindo-me Egeria? *á part.*

*Rei.* Emmudêces?

*Chi-*

*Chich.* He vergonhoſo em lhe fallando em caſar: diga, Senhor, que ſe as bellezas são Deidades, Iſmene em nada o deſmerece.

*Eger.* Muito me aggrava Faetonte naquelle ſilencio. *á part.*

*Faet.* Bem ſei que a formoſura de Iſmene he digna do meſmo Jupiter, pois Europa, Danae, e Leda não tivérão mais bellas perfeições; porém... Ha deſgraça ſemelhante! *á p.*

*Chich.* Porém, que? Que diabo? Eſtá balbuciente? A culpa tenho eu. *á part.*

*Rei.* Que reſolves, Faetonte?

*Chich.* Senhor, não tem que reſolver, porque elle neſta materia não tem voto: eu ſou o que hei de dar a reſolução; e aſſim digo a Voſſa Mageſtade que elle quer, e requer, que ſe faça logo, e já o caſamento, e eu, que entro a fazer o requerimento, certo he que tenho muita razão para o ſaber.

*Rei.* Aſſim o entendo, e da boa indole de Faetonte outra couſa ſe não podia eſperar; e para que ſatisfaça á pretenção de Egeria, ſuppondo que tem algum dominio á herança deſta Monarquia, quero que caſe com Albano, pois com o Principado de Liguria, fica (ainda que não em tudo) em parte ſatisfeita a ſua queixa.

*Eger.* Ainda que Voſſa Mageſtade pudéra repartir os dominios de Liguria, não poderá contraſtar o alvedrio de Albano, que adorando a Iſmene, o conſidero agora ſobre amante, zeloſo.

*Rei.*

*Rei.* Quando o não vença a razão, o convencerá a violencia: vem, Fitón, que importa communicar-te materias de importancia. *Vai-se.*

*Chich.* Valha-me Deos! Tomára ser privado de ser privado. *Vai-se.*

*Faet.* Egeria, a que mais póde aspirar o teu desejo? Já conseguiste o Hymenêo de Albano: serás Princeza de Liguria, e com as armas de teu esposo poderás restaurar a tua Coroa.

*Eger.* Sendo tu o Monarca, e auxiliado dos raios de Apollo, que exercito te resistirá? Pois para ficar vencido basta ter por contrario ao Sol.

*Faet.* Se assim fosse, eu me deixára vencer, só para que tu triunfasses.

*Canta Faetonte a seguinte*

ARIA.

Serêa encantadora
Affaga o navegante,
Que intrepido, e nadante
Fugindo do seu canto
Intenta triunfar.
Repára que a belleza
Contém tal harmonia,
Que em doce melodia
Obriga a naufragar. *Vai-se.*

*Eger.* Que affectadas finezas! Ah tyranno amante, que o teu genio ambiciosamente elevado te fará esquecer do meu amor.

*Sa-*

*Sahe Albano.*

*Alban.* Quem me dera ſaber o que terá revelado Fiton ácerca da extinção daquella luz de meu infeliz Hymenêo ; pois pendente o coração da ſua repoſta , nem bem vivo , nem bem morto eſtá.

*Eger.* Vês , Albano , como os Deoſes caſtigão a hum prejuro , a hum falſo , e a hum traidor amante !

*Alban.* Ignoro o que dizes.

*Eger.* Pois ſabe , para que o não ignores : Declarou Fiton , que a extincção daquella luz era hum mudo imperio de Apollo , inſinuando ſer ſua vontade que Faetonte ſe deſpozaſſe com Iſmene ; no que ElRei conveio por não deſobedecer á inſinuação de hum Deos.

*Alban.* Immortal devo de ſer , pois não rendo a vida a golpe tão cruel.

*Eger.* Se ſoubera que havia de ſer tão penoſa para ti eſta noticia , não ta déra ; e aſſim eſcuſarei de dizer-te , que infallivelmente Faetonte ſe deſpoſa com Iſmene , e tu ficas excluido da gloria de poſſuir ſua belleza.

*Alban.* Vençáo os acertos da prudencia as violencias de hum pezar. *á parte.* Não ſabes , Egeria , o quanto eſtimo eſſa mudança de meu Hymenêo , para que deſenganado das inconſtancias da fortuna , em que até agora naufraguei , poſſa tomar o norte , que perdi : A teus pés, Egeria , ſe proſtra a minha culpa ; não quero acumular deſculpas ao delicto , por não difficultar o perdáo. *Ajoelha.*

*Eger.*

*Eger.* Que fazes, Albano?

*Alban.* Revalidar o primeiro voto, que consagrei nas aras de teu amor.

*Eger.* Ainda que pudéra vingar-me de teu aleivoso proceder, quero ser extremosa comtigo; pois se não houvéra ingratidões não haverião finezas. Assim convem para os meus intentos. *á parte.*

*Alban.* Pois, Egeria, se a tua piedade me ampara, eu te prometto preparar te o throno, atropellando todas as difficuldades. Morra Faetonte.

*Dentr.* Viva Faetonte.

*Eger.* Morra Faetonte, e tambem Ismene.

*Dentr.* Viva Ismene.

*Eger.* Que encontrados écos respondem ás nossas idéas?

*Dentr.* Viva Faetonte, viva Ismene.

*Sahe Chirinola.*

*Chirin.* Senhora, que está tudo alvoroçado com danças, córos, e bailes, applaudindo o novo esposo de Ismene, que dizem he hum filho do Sol, que eu por final vi junto com Ismene, tão resplandecente, que era huma cousa nunca vista. Ai Senhora, espere para o ver, que elle para cá vinha caminhando.

*Eger.* Por isso mesmo irei mais depressa. Oh cruel pezar, não sejas usurpador de minha vida, em quanto a fortuna me não facilita o meio da vingança! *Vai-se.*

*Chirin.* Vamos, vamos Senhora, depressa. *Vai-se.*

*Alban.* Haverá homem mais infeliz? Para que injustas Deidades, vos empenhastes a fazer-

me ditoſo, ſe depois que me elevei ao auge de tanta ventura, me havieis de deſpenhar do bem, que cheguei a poſſuir? Mas tu, ó cruel Monarca, ſe me uſurpaſte a ventura com a eſpoſa injuſtamente, eu juſtamente te arrancarei com o Sceptro a ambição; porque a juſtiça de Egeria me dará armas para triunfar da tua crueldade

*Sahe Iſmene.*

*Iſmen.* Confuſa, e vacilante no procelloſo mar de tantas variedades até me falta norte para navegar, ſegura na perigoſa carreira de tão inopinados ſucceſſos. Mas quem eſtá aqui?

*Alban.* Quem ha de ſer? He huma ſombra de Albano, que ſe vê já privado de toda a luz, depois que perdeo o ſol de tua formoſura.

*Iſmen.* Pois ſe és ſombra, como não deſappareces? Que com os reſplendores do Sol fogem as ſombras.

*Alban.* Já ſei, tyranna, que como Ave do Sol te queres eternizar nas luzes; mas não he razão, que religioſamente negues o teu coração a Cupido, para fazer delle ſacrificio a Apollo.

*Iſmen.* Que queres, Albano, que te reſponda, ſe hum Pai, hum Monarca, e huma Divindade são triplicados vinculos, que me prendem o alvedrio? Supõe que nunca me viſte; ſupõe-me a mais cruel, a mais tyranna féra das hircanas brenhas, para que troques em odio, o que foi amor.

*Alban.* Amor que foi, ſempre he; pois não tem mais que hum tempo, e por iſſo ſe pinta menino.

*Sa-*

*Sahe Faetonte.*

*Faet.* Galharda Iſmene, não póde chegar a mais o exceſſo, a que ſe ſublima a minha fortuna, do que a ver-me coroado com as verdes ramas da eſperança de poſſuir te.

*Alban.* Ha tormento mais cruel! Sem dúvida, Faetonte, que ainda te não poſſo encarecer, o quanto te venéra toda a Italia.

*Faet.* Já ſei, Albano; porém adverte, Iſmene, que menos eſtimo naſcer filho do Sol, que renaſcer na eſféra de teus braços.

*Alban.* Se nos meus dominios te poſſuíra, verias arder toda a Liguria em maiores demonſtrações de prazer.

*Faet.* Eu o reconheço. Bem quizera, Iſmene, moſtrar-te, que aquella ſetta, com que me atraveſſaſte o peito, te deu amor para ferir-me, cuja cicatriz ſerá o mais vivo ſigillo, que eterno acredite a efficacia de meu querer.

*Alban.* Eu deſeſpero. *á parte.* Porém, Faetonte, para reconheceres o meu affecto...

*Faet.* Deixa-me, Albano, que eſtás importuno.

*Alban.* Pois cala-te, Faetonte, que eſtás inſupportavel.

*Faet.* Se te peza de ouvir-me, retira-te, e deixa-me ſignificar á minha bella Iſmene, os extremos, com que a idolatro.

*Alban.* Nem poſſo deixar-te, nem poſſo ouvir-te: bem ſei, que hum ſupremo Numen te deſtinou eſta fortuna; mas não ignoras, que adorei a Iſmene com attenções de eſpoſo, e o ciume he hum monſtro inſofrivel.

*Faet.* Pois, Albano, que remedio, ſenão ſacrificar a vontade ao imperio dos Deoſes? Bem ſei, que te ſobrão motivos para a tua mágoa; porém ſentirás agora o meſmo mal, que eu padeci.

*Alban.* O meſmo não; que ſe o padeceſte, foi em tempo, que não tinhas alcançado os favores de Iſmene, e mal póde ſer o ſentimento, que hoje me penaliza, igual á aflicção, que te arraſtava antes de favorecido; que então ſentias como zeloſo pretendente, e eu padeço hoje como zeloſo deſeſperado.

*Faet.* Se deſeſperaſte, já te não fica mais que eſperar.

*Alban.* Enganas-te, Faetonte, que ainda me fica a eſperança de ſaber o meu valor caſtigar a cauſa da minha deſeſperação.

*Faet.* Pois tu tens ouſadia, para te oppor a hum filho do Sol?

*Alban.* Ainda contra o meſmo Sol ſe ha de animar a minha arrogante temeridade, porque a cegueira, com que os zelos me allucinão, me não dá lugar para ver as impoſſibilidades, que emprendo.

*Faet.* Barbaro, verás no poder de meu braço o caſtigo, que merece a tua ouſadia arrogante.

*Empunhão as eſpadas.*

*Iſmen.* Que intentas, Faetonte? Albano, que fazes?

*Alban.* Perder a vida; que ſe em te perder fico ſem alma, bem he que quem tyrannamente me uſurpa a alma, ſeja violento verdugo, que me tire a vida.

*Iſ-*

*Iſmen.* Acudão todos, que ſe matão.
*Dentr.* No quarto da Princeza he a pendencia.

*Sahem El Rei, e Soldados.*

*Rei.* Albano, Faetonte, que atrevimento he eſte? Aſſim ſe ultraja o meu decóro? Suſpendei o furor da voſſa indignação.
*Faet.* Senhor, Albano me provocou de ſórte, que com precipitada arrogancia cheguei a profanar a immunidade do Palacio, ſem attender...
*Rei.* Pois tu, Albano, ſem attenção ao meu reſpeito, ſem temor das minhas iras, tiveſte ouſadia, para romper em tão inopinado inſulto?
*Alban.* Huma paixão céga não póde attender a reſpeitos, quando ſó reſpeita o deſafogo, que intenta conſeguir na vingança; e aſſim...
*Rei.* Não pertendas córar com apparentes deſculpas o teu delicto, que nenhuma ſatisfação póde condecorar a tão grande culpa. Perdoe Albano, que primeiro eſtá a ancioſa ambição, com que intento divinizar a minha regia eſtirpe. *á parte.*
*Alban.* Não imagines, tyranno Monarca, que pertendo accumular deſculpas á temeridade, em que me empenhei; que o meu intento ſó ſe encaminha a ſignificar-te a razão, que tenho, para caſtigar as ſemrazões, com que me uſurpas a vida, na eſpoſa que me negas.
*Rei.* Pois tu, Albano, empenhas-te, contrariando irreligioſamente os divinos decretos?
*Alban.* Sim; que decretos injuſtos, nem são divinos, nem decretos; porque nenhum decre-

to

to ſem juſtiça póde violentar a liberdade dos alvedrios. E ſe eu adoro a Iſmene com tão fino extremo, que ſendo em nós duas as vontades, he unico o querer, como me queres tu perſuadir que os Deoſes pertendem conſtranger duas vontades, as quaes reciprocamente unio o amor?

*Canta Albano o ſegninte*

RECITADO.

Se me negas o bem, que fino adoro.
Aonde recorrerei,
Senão ao forte valor, que ha em meu peito?
Se nelle mais perfeito
Tenho o rancor ſeguro, e o caſtigo:
Porque vingue dos zelos a violencia,
Que eſte falſo traidor, eſte inimigo
Originão em minha alma,
Levando-me com barbara indecencia
Em Iſmene Divina a cára vida?
Sinta pois, (ai de mim!) minha vingança,
Quem a vida me uſurpa em tal mudança.

ARIA A 4.

*Alban.* Os Deoſes não pódem
Dous finos affectos,
Que amor vinculou,
Já mais ſeparar.
*Rei.* Se os Deoſes o querem,
Quem o ha de eſtorvar?
*Alban.* Amor, que os unio,
Que os quer conſervar.

*Faet.*

*Faet.* Amor he mudavel,
Tal não póde obrar.
*Alban.* Que dizes, Iſmene,
A tanto pezar?
*Iſmen.* A tantos decretos
Não poſſo faltar.
*Alban.* Se a vida me falta
Na tua mudança,
Que poſſo eſperar?
*Alban.* Se eſtou
*Todos.* Soffrer } padecendo
Do fado a violencia
Dos zelos o mal.
*Alban.* Do injuſto decreto,
*Rei.* Da iniqua ſentença,
*Iſmen.* Da minha eſquivança,
*Faet.* Da tua mudança,
*Todos.* Aos Ceos pedirei,
Soccorro, clemencia
Em mal tão fatal. *Vão-ſe.*

## SCENA II.

*Sala. Sahe Chirinola.*

*Chirin.* VAlha-me amor, e a Deoſa da curioſidade, (ſe he que ha curioſidade nos Deoſes!) Que tenha eu paciencia, para ſupportar ha tanto tempo hum appetite diſto, a que chamão querer ſaber o que ſe paſſa, e que paſſe ſem fazer aquellas extraordinarias diligencias, que todas coſtumamos,

pa-

para ſacar aſſim do bucho a Fiton eſte ſegredo, que tanto me occulta! Tomára já apanhallo, que o hei de fazer vomitar logo pá pé tudo quanto ſabe.

*Sahe Chichisbeo.*

*Chich.* He boa eſta! Eſtá Faetonte por amor de mim enthronizado, logrando de aſſento os agrados de Iſmene, e eu por amor delle eſtou de aza cahida nos favores de Chirinola! He deſgraça não poder voár a minha eſperança á eſféra de ſua acceitação!

*Chirin.* Elle cá vem: darei ſatisfação á minha curioſidade.

*Chich.* Faetonte, como digo, eſtá aſſando caſtanhas no aſſador da correſpondencia; e eu eſtou ſoffrendo os eſtouros nas brazas dos deſprezos: eſtou ardendo!

*Chirin.* Senhor Fiton?

*Chich.* Senhora Chirinola?

*Chirin.* Voſſa mercê deve andar mui occupado com a fadiga da ſua privança; pois já ha tanto tempo que me privou da ſua viſta?

*Chich.* Grandes são os negocios que eu, e ElRei temos por ora entre máos; porém nunca eſtes ſerão baſtantes, para dar de máo á lambuje dos teus favores; e para que vejas, que não he a privança a que me faz eſquecer de ti, já não quero ſer privado delRei mas ſó teu, minha Chirinola.

*Chirin.* Meu, porque?

*Chich.* Porque na minha eſtimação és a mais celebre privada para hum privado.

*Chirin.*

*Chirin.* Guarde-se para lá, que não creio palavras liſongeiras: não venha zombar da gente.

*Chich.* Se eu amo de véras, como poſſo fallar zombando?

*Chirin.* Pois ſe ama de véras, diga-me por onde andou, que ha tanto tempo que me não vê? He Chichisbeo, e falta ás condiçõeſ da Chichisbetice!

*Chich.* Não foi por minha culpa.

*Chirin.* Pois de quem?

*Chich.* De ElRei, que andamos conſultando varios negocios pertencentes ás razões de eſtado.

*Chirin.* Eſtado de que?

*Chich.* Eſtado de Iſmene; não ſabes que já ſe não deſpoſa com Albano?

*Chirin.* Pois com quem?

*Chich.* Com Faetonte; ſobre iſſo he què eu empenhei a efficacia da minha ſciencia; e ainda que me ſuou o topete, lî no volume dos aſtros, que ella havia de ſer ſua; porque a extinção da têa de Hymenêo não foi por lhe roerem os ratos a trocida, ou por lhe chuparem os morcegos o azeite.

*Chirin.* Pois que foi?

*Chich.* Foi huma muda inſinuação com que o Delfico Planeta quiz moſtrar, que o Senhor Faetonte havia de ſer o ligitimo marido da Senhora Iſmene, e a Senhora Iſmene a legitima mulher do Senhor Faetonte; mas com tal pacto, e condição, que Sua Mageſtade havia de dar o Reino, para ligitimar eſte matrimonio.

*Chirin.* Com que voſſa mercê foi o que decifrou eſſe enigma?

*Chich.*

*Chich.* Eu fui o legitimo decifrante, porque nas cifras deſſe ceruleo globo lî as juſtas cauſas, que havia, para aſſim ſe diſpôr; e tambem vejo as baſtardas deſculpas, com que tu engeitas o meu amor, e me tens feito andar com a cabeça á roda, conſiderando na cauſa dos teus repudios.

*Chirin.* Qual amor, nem que alforjes de lá preta? Eu não quero nada com Magicos.

*Sahe Mecenas ao baſtidor.*

*Mecen.* Que não poſſa eu alcançar de Fiton alguma inſinuação, que facilitando os meus deſignios ſegure as eſperanças de poſſuir com Egeria o Sceptro, que pertendo! Mas elle aqui eſtá com Chirinola: eſperarei que ſe vá.

*Fica ao baſtidor.*

*Chirin.* Não quero nada com feiticeiros.

*Sahe Iſmene ao baſtidor.*

*Iſmen.* Aonde achará huma deſgraçada allivio ás ſuas afflicções? Mas aqui eſtá Chirinola com Fiton: eu me retiro. *Fica ao baſtidor.*

*Chich.* Chirinola, eu não ſou feiticeiro.

*Chirin.* Porque?

*Chich.* Porque não ſou Magico.

*Chirin.* Se não he Magico como decifrou tanto enigma?

*Chich.* Ahi he que eſtá enigmatica a minha deſventura.

*Chirin.* Declare-ſe.

*Chich.* Não poſſo.

*Chirin.* Porque?

*Chich.*

*Chich.* Porque he ſegredo, e temo.....

*Chirin.* Que teme?

*Chich.* Que dês com á lingua nos dentes, e me tirem as ganas de comer.

*Chirin.* Não me falle por entredentes, que eu não entendo equivocas.

*Chich.* Eu vomito-lhe o ſegredo aos bocadinhos, que já não poſſo aturar a purga dos deſprezos. *á parte.*

*Chirin.* Não quer abrir a boca para fallar? Pois feche os olhos, para nunca mais me ver.

*Chich.* Eſpera, Chirinola; não vires as coſtas á minha eſperança, deixa navegar a náo de meu carinho no mar da tua correſpondencia, que eu prometto deſcarregar na falúa de teus ouvidos a commiſsão deſte ſegredo, ainda que beba o ſalgado trago da morte.

*Chirin.* Pois dize, meu rico Fiton, que eu te prometto dar hum bom refreſco, e ſegurar o teu amor com as amarras de meus braços.

*Chich.* Quem não dará á coſta no mar daquelles braços! Adeos ſegredo, boa viagem, que enjoado nas ondas dos favores vomito as tripas. Pois alto Chichisbeo, deſembucha, e padeça quem padecer; que primeiro eſtá o ſalvamento do teu amor, do que o bom ſucceſſo de Faetonte: *In æquali periculo debet quis ſibi prius conſulere.*

*Chirin.* Que diz, Senhor Fiton?

*Chich.* Eu não ſou Fiton, Chirinola, ſou ſemicriado daquelle que ſe quer fazer ſemideos: Não ſou Magico, filha; porque nunca adevinhei mais que os teus penſamentos. *Iſ-*

*Iſmen.* Ai Albano, que não forão ſem cauſa ás tuas deſconfianças!

*Mecen.* Póde haver mais eſtranho ſucceſſo!

*Chirin.* Para que diſſeſte, que era filho do Sol?

*Chich.* Para que ElRei me não tiraſſe a vida, que ateimou em dizer, que havia deſcobrir o filho do Sol.

*Mecen.* Não ouço mais; vou dar parte a ElRei, para que caſtigue eſte inſulto.

*Chirin.* Para que diſſeſte da extinção da luz de Hymenêo?

*Chich.* Porque Faetonte quiz que atiçaſſe a ElRei, para ſe não apagar a luz da ſua eſperança; pois tambem queria accender no caſamento da Senhora Iſmene a ſua luz.

*Chirin.* Faetonte não ama a Egeria?

*Chich.* Foi antes de ver a Iſmene, que ao depois ficou Egeria a perder de viſta.

*Chirin.* E quem he eſte Faetonte?

*Chich.* He hum Paſtor aſſim chamado filho de hum homem, que nunca ouvi nomear; e de huma mulher, que habita entre as féras de Diana.

*Chirin.* Vai-te embora que és hum refinado Magico.

*Chich.* O' Filha, ſe me não crês, aqui com toda a ſolemnidade o jurarei.

*Cantão Chichisbeo, e Chirinola a seguinte*

ARIA A DUO.

*Chich.* Se cuidas, que posso
Da Magica usar,
Te enganas menina,
Que eu disso não sei.
*Chirin.* Não creio esse engano.
*Chich.* Bem me pódes crer.
*Chirin.* Sabendo outra cousa,
Isso não farei.
*Chich.* Eu fallo verdade.
*Chirin.* Não falla, insolente,
Vossê mente.
*Chich.* Não minto, não, não.
*Chirin.* Pois jure.
*Chich.* Eu juro,
*Ambos.* E trejur$\frac{e}{o}$
Que leve o diabo,
Quem Magico he.
*Chirin.* Se juras, já sei....
*Chich.* Pois crê, que jurei.
*Ambos.* Não ser feiticeiro,
Quem não adevinha,
Bem claro se vê. *Vai-se Chich.*

*Sahe Ismene.*

*Ismen.* Espera, Chirinola, que tu has de ser o ditoso instrumento das minhas felicidades.
*Chirin.* Eu, Senhor? De que sórte?

*Sa-*

*Sahe Albano ao baſtidor.*

*Alban.* Aonde achará hum infeliz refrigerio, para lenitivo do mal, que o penaliza, ſe para qualquer parte, que caminha, corre para o maltratar com accelerados paſſos a ſua deſgraça? Mas aqui eſtá Iſmene! Ah ingrata! Retiro-me, que não quero ver tão cara a cara a cauſa das minhas afflicções.

*Iſmen.* Não negues; já ſei que não he Fiton, he Chichisbeo.

*Chirin.* Meus peccados! Lá vai o ſegredo c'os diabos! Pois Voſſa Alteza meſmo ouvio tudo da meſma ſórte? Ai deſgraçada de mim!

*Iſmen.* Tudo ouvi.

*Chirin.* Ora diga-me, Senhora: e que Faetonte não era filho do Sol?

*Alban.* Que ouço! Alma reſpira, que já não he difficultoſa a tua felicidade.

*Iſmen.* Tambem ouvi iſſo, não ha dúvida.

*Chirin.* Senhora, veja por ſua vida, ſe ouvio, que eu não quero ficar em má conta com Chichisbeo?

*Iſmen.* Dize que eu te empenho a minha Real palavra, para apadrinhar a Chichisbeo.

*Chirin.* Aſſim foi, Senhora, mas veja não me engane, que ſe o não ouvio, eu não quero faltar ao ſegredo; porque ainda que rapariga, não ſou cá de mexericos, iſſo não.

*Iſmen.* Deſcança: Tu has de dar a ElRei eſta noticia, e a Albano, para que com tão feliz annuncio alente a ſua amoroſa pretenção.

*Sa-*

*Sahe Albano.*

*Alban.* Albano, Senhora, já a teus pés com reverente acatamento quer gratificar a felicidade de ſe ver favorecido na tua lembrança.

*Iſmen.* Vai, Chirinola, noticiar a ElRei eſte deſengano.

*Chirin.* Ui Senhora, Voſſa Alteza não ſabe, que Chichisbeo me recommendou tanto o ſegredo? E então que conta poſſo eu dar de mim, ſe o ſouber ElRei, e todo o Mundo? Oh curioſidade, em que afflicções me meteſte! *Vai-ſe.*

*Iſmen.* Vai, e não te dilates. Ai Albano, e que pouco conheces o júbilo, que em meu peito amante cauſou eſte feliz deſengano!

*Alban.* Eu o reconheço; pois ſempre na balança de minha eſtimação ſoube contrapezar os requintes, a que ſe ſublimárão os quilates de teu fino amor; por iſſo ſenti com tão vehemente deſgoſto o duro golpe, que com injuſta violencia quiz cortar o eſtreito vinculo, com que Cupido nos unio os corações; mas agora, que me conſidero outra vez unido ao bem, de quem me ſuppunha ſeparado, com continuos agradecimentos correſponderei a tão ſucceſſivos favores.

*Iſmen.* Na minha firmeza acharás eterna a lealdade, com que conſtante te adorei.

*Alban.* Nella eterniza amor a gloria de ſuas felicidades.

*Can-*

*Canta Albano a ſeguinte*

ARIA.

Iſmêne querida,
Meu bello portento,
Não mudes de intento;
Pois mágoa ſeria,
Que chegue a morrer,
Quem morre de amor.
Na tua lembrança
Só viva a memoria
Da célebre gloria,
Que cauſa hum favor. *Vai-ſe.*

*Iſmen.* Que he iſto, que por mim paſſa? Albano por hum caſual accidente ficou ſentindo o duro golpe de minha apparente mudança; Faetonte com cauteloſos enganos pretendia ſeparar os eſtreitos vinculos, com que amor nos enlaçou os affectos ao meſmo tempo, que com reciprocas finezas ſe correſponde com Egeria! Oh queira amor não ſejão maiores os fingimentos de Faetonte, para eu não ter mais impoſſibilidades que vencer no Hymenêo de Albano!

*Sahe Faetonte.*

*Faet.* Que tens, adorada Iſmene? Se Albano te occaſionou algum motivo de ſentimento, faze-me participante da queixa, que logo com a ſua morte verás ſatisfeita a tua pena.

*Iſmen.* As minhas penas, Faetonte, naſcem das pe-

penas que me dás; não voes tão alto, que logo a minha desgraça abaterá as ázas com que ligeira corre, para difficultar as minhas felicidades.

*Faet.* Não te entendo, Ismene.

*Ismen.* Pois bem me entendo, Faetonte; e torno-te a advertir, que o muito voár não he meio efficaz para subir; mas motivo infallivel para hum ambicioso se abater. *Vai-se.*

*Faet.* Ai de mim, que as palavras de Ismene infundirão em meu timido coração, não sei que occulto veneno, que parece não cabe já dentro em meu peito, e quer de mim sahir, por não se achar hem comigo! Mas eu em Ismene apurarei as confusões deste enigma: espera, Ismene.

*Sahe Egeria.*

*Eger.* Que ha de esperar, falso, traidor amante? Que esquecido ao juramento, que fizeste, de defender a minha causa, sem causa, nem motivo, que possa condecorar a tua infelicidade, buscas a Ismene, para me offender ingrato.

*Faet.* Deixa-me, Egera; se a desgraça cuidadosa te segue, para que me persegues tu tão diligente, se não motivo as tuas infelicidades?

*Eger.* Já te deixo, infame; já fujo da tua vista, fementido; porque não quero ver nas fortunas de Ismene a occasião da minha morte: e assim como Ninfa do Eridano vou já inundar a cópia de suas crystallinas aguas, com as correntes de minhas enternecidas lagrimas,

até que o Ceo, compadecido da minha desventura, e justiceiro á tua infilicidade, vingue com teu precipicio a minha queixa. *Vai-se.*

*Faet.* Valha-me o Ceo! Isto he sonho, ou realidade? Ismene advertindo-me, que a ambição de subir he tropeço para me despenhar, e Egeria culpando-me de perjuro, pedindo ao Ceo justiça! Justos Deoses, que vaticinios são estes, que amedrentão este tímido coração? He verdade que eu prometti a Egeria, defender a sua causa, para cingir a Coroa; mas foi sem saber, que havia de comprar a Purpura á custa do sangue de Ismene: pois mal poderia tirar a vida ao original, quem primeiro entregou á cópia toda a alma. Ai Ismene, que tu és a motora das minhas desventuras! Porque se sigo a causa de Egeria, preciso-me a tirar-te a vida, e na precisão da tua vida fico sem alma: Se deixo a Egeria, para te seguir, tenho contra mim a perseguição dos Deoses; pois concorro na culpa de perjuro. Mas ai de mim, que ahi vem Ismene com ElRei! Retiro-me, por não ver a huma ingrata. *Retira-se ao bastidor.*

*Sahem ElRei, Ismene, Albano, Mecenas, e Chirinola.*

*Rei.* Pois Faetonte, he hum pobre Pastor, e não filho do Sol?

*Faet.* Ai de mim! Que ouço? Estou sem alma!

*Alban.* Assim o confessa Chichisbeo, compadecido do nosso engano.

*Faet.*

*Faet.* Ah infiel, Fiton, que tu me precipitaſte!

*Mecen.* e *Iſmen.* Eu o ouvi dizer a Chirinola.

*Chirin.* Agora entro eu: queira Jupiter, que eu o diga de ſorte, que ſempre fique em ſegredo por não faltar a Chichisbeo.

*Rei.* Chiritinola, deſengana-nos; Quem te diſſe, que Chichisbeo, era Faetonte?

*Chirin.* Senhor, eu ſó o poſſo dizer em ſegredo: Se Voſſa Mageſtade promette não revelar nada, eu então direi, que he hum Paſtor, e por final, que ſua mãi he outra Paſtora, que guarda as féras de huma Dona Diana, que he Senhora dos boſques.

*Rei.* Oh como andei accelarado em admittir a Faetonte por filho do Sol, e em crer as fingidas inſinuações do Magico! Perdoa, Albano, a injuſta repugnancia do teu Hymenêo; mas como ſabes, que a extinção da luz me deu apparentes motivos, para ſuppor era inſinuação dos Deoſes a demora das nupcias, entendo, que me ſobrão fundamentos para a minha deſculpa; e para que a alegria da poſſe ſuavize o deſgoſto da deſeſperação, já Iſmene ſerá tua feliz eſpoſa a pezar dos fingimentos do enganoſo Fiton, e falſo Faetonte.

*Faet.* Ai de mim infeliz! Eſte fim, que he o meu maior precipicio!

*Alban.* Senhor, mal póde ſer culpa o que não foi advertencia, pois padecemos todos o meſmo engano.

*Chirin.* Voſſa Mageſtade não diga nada a ninguem; peço-lhe pela vida da Senhora Iſme-

ne; e para que o não diga, ha de me prometter huma couſa.

*Rei.* Que he?

*Chirin.* Que não ha de fazer mal a Chichiſbeo, porque elle não teve culpa neſtas arengas, como ſabe ſua Alteza.

*Rei.* Não merece perdão tão grande culpa; ambos padeceráõ o rigor de minhas iras.

*Chirin.* Senhora, lá ſe avenha, ha de me fazer boa a palavra, que me deu.

*Iſmen.* Senhor, eu prometti a Chirinola a vida de Chichiſbeo, ſe ella confeſſaſſe; e aſſim...

*Rei.* Baſta, Princeza; eu lhe perdo-o, pois tu o apadrinhas.

*Alban.* Pois Senhor, ſe eu qual Arabica Fenix das cinzas do eſquecimento renaſço para ter nova vida na eſféra de tua lembrança; peçote, que não caſtigues a Faetonte; porque quero antes, que morra aos golpes de huma furioſa deſeſperação, do que vello perder a vida aos fios de hum cutélo; e aſſim...

*Rei.* Bem eſtá: fique muito embora padecendo as violencias de huma morte ſucceſſiva nas mãos da deſeſperação; porque a loucura, que o incitou a tão inopinado inſulto, fica incapaz de todo o mais caſtigo. Vamos, Albano.

*Alban.* Ohediente te figo.

*Vão-ſe todos com ElRei.*

*Chirin.* Ainda que não guardei o ſegredo, tenho ſegura a vida de Chichisbeo, que he o que mais importa.

*Faet.* Immortal devo ſer, pois não perco a vida

da no dia, em que perco a Iſmene! Iſmene, eſpera.

*Iſmen.* Que queres, Faetonte?

*Faet.* Que te lembres de minha amoroſa conſtancia, para que aſſim mitigue com a conſideração de lembrado o duro golpe de desfavorecido; porque hum amor. . . .

*Iſmen.* Que dizes, Faetonte? Ainda a tua louca temeridade preſiſte no meſmo delirio? Adverte, que ſe permitti eſſas affectuoſas expreſsões, quando te conſiderei filho do Sol, agora que conheço ſeres hum humilde Paſtor, te não poſſo conceder o meſmo indulto: vaite, que em Egeria acharás propicia a fortuna, para veres premiado o teu amor.

*Faz que ſe vai.*

*Faet.* Senhora. . . .

*Iſmen.* Não mais, Faetonte.

*Faet.* Adverte. . . .

*Iſmen.* Não ha que advertir.

*Faet.* Que eu ſempre. . .

*Iſmen.* Não quero ouvir-te.

*Faet.* Rendido. . . .

*Iſmen.* Não paſſes adiante.

*Faet.* Te dediquei o meu amor.

*Iſmen.* Deixa-me, Faetonte.

*Faet.* Como te poſſo deixar, ſe ſempre deſvelada te buſca a minha fé?

*Iſmen.* Chirinola, chama quem prenda eſte louco.

*Chirin.* Eu vou, Senhora. *Vai-ſe.*

*Faet.* Louco ſim; mas he porque delirante o meu cuidado enferma de adorar-te. E que pou-

co

ço correſpondes, Iſmene, aos delirios deſte fino amor!

*Iſmen.* Vai-te, Faetonte; não queiras que a minha indignação te precipite.

*Faet.* Que mais precipicio, que o da minha eſperança, cahindo do Ceo deſſa bélleza para o abyſmo da minha deſeſperação? Ai Iſmene, que me tyrannizas a alma! E para que vejas, que deſeſtimo a vida, vou buſcar a minha morte; que ſe morro por ti, quando te adoro; quando te perco, bem he que perca a vida. *Vai-ſe.*

*Iſmen.* Fortuna, pois eſtamos ſós, reſponde ás queixas de huma infeliz. (Se he que a huma infeliz ouvio as ſuas queixas a fortuna.) Se querias, que admittiſſe a Faetonte, porque não anticipaſte a occaſião de vello, para lhe dar a primazia na correſpondencia? Pois ſe ſó Albano logra as primicias de meu amor, para que me perſegues com as oppoſições de Faetonte? Oh, ſuſpende a roda de tuas incoſtancias, para que eu ſegure as firmezas de minhas felicidades!

*Canta Iſmene a ſeguinte*

ARIA.

Fortuna, que inconſtante
Te oſtentas rigoroſa,
Quando ſerei ditoſa?
Quando ſerei feliz?

Suſ-

Suſpende por hum pouco
Teu moto accelerado,
Não ſeja ſempre o fado
Cruel a huma infeliz. *Vai-ſe.*

## SCENA III.

*Boſque, como ao principio. Sahem Faetonte, e Fiton.*

*Dentr.* GUardem do louco, guardem do louco.

*Faet.* Vês, infiel Fiton, que já eſtou feito alvo da irriſão popular?

*Fiton.* E qual he a cauſa, que move tal ludibrio?

*Faet.* A tua infidelidade; pois diſſeſte não era eu filho do Sol: e ſe pela tua aleivoſia chego a tal opprobrio, com a tua morte darei ſatisfação ás minhas iras. *Puxa por hum punhal.*

*Fiton.* Faetonte, não te precipites, que eſtás enganado: (primeiro eſtá que tudo a minha vida) como podia eu negar, o que já tantas vezes confeſſei? Tu és o verdadeiro filho do Sol; e para que te deſenganes, chama a Apollo teu pai, que elle reſponderá benigno ás tuas vozes.

*Faet.* Inuteis conſidero todas as profias; que as vozes de hum infeliz nem ainda o vento as ouve; mas ſe a diligencia he progenitora da fortuna, não quero malogar as fortunas por omiſsão da diligencia.

*Can-*

*Canta Faetonte o seguinte*

RECITADO.

O' tu luzida antorcha,
Que nessa etherea Sala predominas
A brilhante caterva
De todos os Planetas,
Ouve os écos, as vozes, os clamores
De hum mizero infeliz, a quem a sórte
Dá na vida o rigor da mesma sórte.

*Sala Imperial do Sol, em que apparecerá Apollo, que descerá em huma nuvem, a qual trará na parte esquerda outro assento para Faetonte, e cantão ambos alternativamente o seguinte*

RECITADO.

*Apol.* Quem he que ternamente
Remette ao Deos Apollo a sua queixa?
*Faet.* Faetonte te busca, ó Deos luzente,
Para que a tua piedade
Lhe dê honra, nobreza, e Magestade:
Hum humilde Pastor todos me chamão,
E assim saber pertendo,
Qual he minha nobreza; pois presumo,
Que a ser filho do Sol, não permittira
Ver com tanta ignemia ultrajado
O regio esplendor, que tenho herdado.
*Apol.* Suspende, Faetonte, ella quiméra
Da tua fantasia;
Do Sol herdas os raios, com que brilhas:

E ſe queres deſterrar eſſe temor,
Pelo Lago Averno aqui te juro
De te facilitar todo o ſeguro.
*Faet.* Se me dás faculdade,
*Apol.* Para tudo ta dou.
*Faet.* O que te peço
Me leves ao celeſte Firmamento,
E do carro flammante,
Em que gyras o Orbe,
Me entregues o dominio.
*Apol.* Impoſſivel
Será de conſeguir.
*Faet.* Porque?
*Apol.* Porquê temo o teu perigo.
*Faet.* Não temas, não recees.
*Apol.* Conſidera.
*Faet.* Nada conſidero.
*Apol.* Adverte, Faetonte.
*Faet.* Nada ha que advertir;
Deſſe carro flammante
Hei de governar hoje a luz brilhante,
Para que toda a eſféra Orbicular
Conheça a fidalguia,
Que me alenta, ennobrece, e ſabe honrar.
*Apol.* Nada valem comtigo os meus temores?
*Faet.* Inuteis são, e ſem fruto eſſa porfia,
Que quem do Sol herdou os reſplandores
As luzes do meſmo Sol ſabe ſeguir,
Qual Aguia Imperatriz, que eſſa luz pura
Segue ſem temor, o buſca com ventura.
E ſe nas máos do deſprezo hei de acabar,
Melhor ſerá, que morra

Hon-

Honrado, e ennobrecido,
Como filho do Sol reconhecido.

*Apol.* Vença, pois, hoje a induſtria
A violencia dos fados,
Que inſtruido primeiro
Girará com ventura
Eſſe globo celeſte.

*Faet.* Que reſpondes, Apollo?

*Apol.* Sóbe comigo, e vem ao Firmamento
Deſſa celeſte eſféra,
Aonde cumprirás o teu intento.

*Faet.* Já goſtoſo te ſigo,
Pois já nobreza tenho.

*Apol.* Nobreza terás.

*Ambos.* E indo $\frac{\text{Comtigo.}}{\text{Comigo.}}$

Com pompa luzida
Se ha hoje de ver
No claro farol
A gloria ſubida,
Com que reſplandece
O filho do Sol.

*Sóbe Faetonte elevado de huma columna até ſe ſentar na nuvem. Vão-ſe, e deſapparece a Sala, ficando em boſque como ao principio.*

*Fiton.* Oh queira Jupiter ache Faetonte a fortuna proſpera, para ſuperar o rigor dos fados; mas como temo, que a remontada eminencia, a que a ſua ambicioſa cegueira o eleva, ſeja a meſma que o leve cauteloſa para o mais emi-

eminente deſpenho! Mas aqui vem Chichiſbeo: retiro-me, para obſervar os ſeus movimentos.

*Sahe Chichisbeo.*

*Chich.* Dou eu a Deos a quem tem entendimento, que de hum deſtes logo ſe fia fazer tudo com muito ſizo, como fez o meu amigo Faetonte, que para moſtrar, que não era de todo tollo, poz o corpo em arrecadação, e deixou a minha vida por hum fio.

*Fiton.* Não ſoras tu neſcio. *á part.*

*Chich.* Foi o caſo: Vio Faetonte o caldo entornado, e que fez? Deu ás palanganas, deixando o perrixil de Chichisbeo para pratinho do deſenfado das iras delRei, que a eſtas horas ſupponho, que ſe come de raiva, por engolir a logração da minha Magica: e tem muita razão, que não he eſte bocado tão ſaboroſo, que ſe poſſa tragar.

*Fiton.* Por tua culpa ſe vê Faetonte propinquo ao maior precipicio. *á parte.*

*Chich.* Ainda aſſim, era bem feito, que ElRei me pozeſſe as mãos, e a boa vontade, que eu tive a culpa de todos eſtes enrredos; que ſe me não mettêra a deſcobrir o filho do Sol, não veria agora poſta ao Sol a minha mentira.

*Sahe Chirinola.*

*Chirin.* Por mais que corra, e que diſcorra, não poſſo encontrar a Chichisbeo, para lhe intimar a ſua ventura, na fortuna, que teve na benignidade delRei. Mas ai, que elle aqui eſtá! Deſcança coração. Chichisbeo?

*Chich.*

*Chich.* Ainda me tu appareces, falſa Chirinola? Dize-me, embuſteira, tanto pejo te fez hum ſegredo, que no meſmo inſtante, em que o concebeſte, o vomitaſte nas bochechas delRei?

*Fiton.* Em boa ſecretaria o metteo, para ſe não revelar.

*Chirin.* E que havia eu de fazer, ſe Iſmene tudo ouvio?

*Chich.* Negar a troxe moxe.

*Chirin.* E que fazia com iſſo?

*Chich.* Pôr o caſo em dúvida, porque o caſo negado nunca he bem provado; e em quanto ſe averiguava a verdade, tinha eu tempo de pôr o vulto na guardaroupa da ſegurança, e por tua culpa eſtou agora em termos de o veres pendurado no cabide da forca.

*Chirin.* Não temas tal, que Iſmene pedio a tua vida a ElRei.

*Chich.* Viſto iſſo não morro deſta tratada?

*Chirin.* Trata tu de te livrar de outra, que deſta eſtá livre a tua vida.

*Chich.* Vivas muito annos: ſempre agradecido ao livramento da ſoltura, que me não podião fazer bom cabello as ligaduras da morte.

*Fiton.* Vaſo máo nunca quebra.

*Chich.* Ora dize-me, Chirinola, que ſe diz em Palacio de Faetonte? Iſmene ſentio não ſer filho do Sol?

*Chirin.* Iſmene de nenhuma ſorte; antes parece que o eſtimou.

*Chich.* E Egeria que diz á tyrannia, com que a deſprezou

*Chirin.*

*Chirin.* De Egeria não ſei nada; ſó ſei, que impaciente ſe auſentou para as aguas do Eridano, aonde habita como Ninfa.

*Chich.* Hiria tomar banhos de paciencia para refrigerio do calor da deſeſperação, em que a pozerão as chammas dos zelos; mas tem tu mão que ſe me não engana a viſta, ella anda paſſeando a pé enxuto as aguas de Eridano: cheguemos nós para lá pé ante pé, para peſcarmos alguma couſa do que ella diz.

*Deſcobre-ſe a marinha, e apparece Egeria no carro como ao principio, e canta a ſeguinte Aria, e*

RECITADO.

O' Deoſes ſoberanos, ſe ſois juſtos,
Como aſſim permittis injuſtamente,
Que hum traidor, fementido,
Falſo, e perjuro amante
Hum affecto conſtante
Deſpreze, ſem temor de voſſas iras?
Deixando-me ultrajada,
Afflicta, e impaciente,
Dos zelos padecendo o activo ardor
Sem allivio, ſem remedio a tanta dor?

ARIA.

Nas chammas dos zelos
Minha alma abrazada,
Com furia ardente,
Impaciente;
Delirante,

De hum falso amante
Aos Deoses supremos
Se chega a queixar.
Com justa violencia
Vingança, castigo,
Contra este inimigo
Os Ceos me hão de dar.

*Chich.* Chega-te para ella, e apara-lhe os sopapos: aquillo he desesperação refinada.

*Apparece Faetonte no alto em hum resplandecente carro.*

*Eger.* Para quando, ó Deoses soberanos, guardais a vossa indignação, se a hum falso amante, que tanto burlou as minhas esperanças, deixais isento de castigos? Jupiter supremo, para quando são os raios, se não abrazais hum peito fementido, que tão tibio correspondeo aos incendios de hum fino amor? Oh venhão as vossas vinganças, para que o Mundo, conhecendo o castigo, reconheça a equidade da vossa justiça.

*Faet.* Agora que em luminoso carro (como substituto de meu pai Apollo) alento os Planetas com raios, e revolvo a celestial esféra com gyros, quero gyrar a esféra terrestre, encaminhando o meu brilhante curso ás caudalosas correntes do Eridano, para que Ismene se assombre em hum epilogo de luzes, já que me submergio em hum pelago de desprezos. Verá Tages, e verá toda a Italia enthronizado

em

em ſolio de reſplendores o meſmo a quem confundio com abyſmos de humildades.

*Fiton.* Já Faetonte ſe vê no radiante carro do Sol : queira Jupiter , que as minhas ſciencias ſejão fabuloſas.

*Faet.* Já diviſo a Região de Italia ; já diviſo as cryſtallinas enchentes do undoſo Eridano ; pois que faço , que não encaminho os meus gyros aos ſeus criſtaes , para retratar nelles a grandioſa pompa de meus luzimentos ? Mas ai de mim , que os brutos enfurecidos correm ſem governo ! Mas que muito ſe diſcorrem guiados da minha infelicidade !

*Ruido dentro.*

*Dentr.* Deoſes , piedade ! Jupiter , ſoccorro !

*Outros.* Que me queimo ! Que me abrazo !

*Outros.* Clemencia , Deoſes ! Favor , Jupiter !

*Sahirão todos*

*Fiton.* Ai infeliz Faetonte , que não forão ſem fundamento as minhas cautelas !

*Faet.* Inuteis são todas as porfias : ai Egeria , que os Deoſes conjurados contra mim , querem que pague com meu precipicio a culpa , que commetti, faltando ao juramento que te dei !

*Paſſa hum raio atraveſſando o carro , e cahe Faetonte nos braços de Egeria.*

*Eger.* Ai de mim infeliz ! Mas que vejo ? Não és tu o fementido Faetonte , a quem os Deoſes , compadecidos da minha injuria , precipitão juſticeiros para caſtigo da tua infidelidade ? Olhai , ſe as aguas do Eridano não forão as que te erigirão decente tumulo , para ſepultar

a tua ingratidão; as correntes de meu pranto sejão as que purifiquem as manchas de tua inconstancia para que se patenteem os realces da tua firmeza? Mas ai! Ai que já entregou nas mãos da morte os ultimos espiritos, para deixar de todo sem alentes a minha esperança!

*Todos.* Horroso castigo!

*Rei.* Qual será a causa de tanta consternação?

*Fiton.* He tempo de romper as prizões ao silencio, que perdido Faetonte, já não ha mais que perder. *á parte.* *Sabe.* Eu sou invicto Tages, o infeliz Fiton, que seguindo a Faetonte vivi disfarçado no teu Reino com o nome de Chichisbeo.

*Chich.* O meu nome feito capa de velhacos! Se não fora ElRei.....

*Fiton.* Porque a minha solicita diligencia quiz triunfar da tua profiada vigilancia; pois a saber Faetonte quem era, esta mesma sciencia lhe havia de servir de maior ruina por causa de huma formosura. E como agora se faz precisa a narração deste tão inopinado caso, não posso occultar-te quem sou, nem deixar de manifestar-te o infortunio de Faetonte.

*Chich.* Ouçamos, que isto ha de ser galante.

*Fiton.* Sabe, que este me quiz tirar a vida (resentido das ignominias com que se vio ultrajado de ti; e de todos de teu Reino) se lhe não certificasse o illustre brazão de sua soberana origem; e como elle he o verdadeiro filho do Sol, e como tal sempre das minhas sciencias respeitado, intentei, para desviar o

gol-

golpe, que á minha vida ameaçava a ultima ruina, expôr a ſua ao rigor dos fados.

*Chich.* E fez muito bem, que primeiro eſtão dentes, que parentes: *Charitas bene ordinata incipit à ſe ipſo.*

*Fiton.* E aſſim lhe inſinuei o modo, com que havia de invocar a Apollo ſeu pai: eſte deſceo a recebello com pompa mageſtoſa; e com a meſma mageſtade o conduzio á celeſte Eſféra, para governar o carro do Sol, do qual cahio deſpenhado para os braços de Egeria.

*Chich.* O certo he que zombando ſe dizem as verdades.

*Rei.* Não forão illuſões, mas verdades, as que ſonhei.

*Fiton.* Eſta, Senhor, foi a cauſa que me incitou a viver disfarçado no teu Reino; eſte o infortunio do infeliz Faetonte, que de nenhuma ſorte puderão as minhas ſciencias evitar: antes me parece, que todos os principios, que intentei para reparo do precipicio, forão meios infalliveis com que lhe acelerei o deſpenho.

*Chich.* Iſſo foi o meſmo, que errar os principios de meio a meio por todos os principios.

*Todos.* Eſtranho caſo!

*Chich.* He caſo que em nenhum caſo ſe póde caſar com outros caſos.

*Rei.* Temo, Fiton, que Apollo reſentido do injuſto deſprezo, com que ultrajei a Faetonte, com injuſta indignação empregue em mim o poder de ſuas iras.

*Fiton.* Apollo, Senhor, bem conhece que igno-

ravas quem erà Faetonte; e como o caſtigo preſuppõe advertencia de culpa, não havendo em ti advertencia de culpa, deſculpa tens para te iſentares do caſtigo.

*De repente deſce Apollo em huma nuvem.*

RECITADO.

Sabei, que Apollo ſou o Deos flammante,
Que na eſféra brilhante
Deſſe celeſte globo,
Com luzida influencia
A todos os Planetas illumino.
A Faetonte dou por filho caro
De ſemideos a gloria ſempre excelſa,
Nova vida cobrando,
Para que reſuſcite
Novo amante de Egeria.
Iſmene ſerà de Albano eſpoſa:
E em doce Hymenêo todos unidos,
Iſmene na Liguria com Albano
Faetonte na Italia, e Eridano,
Reinaráõ; porque fique deſta ſórte
Egeria ſatisfeita,
Pois com pompa luzida
Ao ſeu Reino ſe vê reſtituida.

*Todos.* Prodigioſo ſucceſſo!

*Sahem Faetonte, e Egeria do mar.*

*Chich.* E mais prodigioſo para Faetonte, pois para cá vem com bom ſucceſſo.

*Rei.* Não poſſo contrariar preceitos tão juſtos maior-

maiormente quando reconheço a juſtiça de Egeria na ſucceſsão deſta Monarquia.

*Chich.* Iſſo he fazer da neceſſidade virtude.

*Faet.* Feliz mil vezes, quem reſuſcitando vive para conſagrar nas aras de tua belleza huma nova vida, e tão nova, que ſe aquella por não viver comtigo me conduzio ás mãos da morte; eſta me encaminha para a vida, pois vivo já de morrer por ti.

*Eger.* Da morte dos deſprezos paſſou o meu amor para a vida dos favores.

*Chich.* Iſſo he paſſar da morte para a vida, como quem paſſa da vida para a morte.

*Iſmen.* Albano, ſe como Princeza fuí alvo de teus favores, agora não permittas, que eu ſeja o objecto dos teus deſprezos.

*Alban.* Enganas-te, Iſmene; não ha maior imperio, que o da tua belleza, da qual ſempre vaſſallo ſe confeſſa o meu amor.

*Chich.* Chirinola, já vês, que enforquei os livros da Magica: acorda-te de mim.

*Chirin.* Eu ſempre ſonhei em te querer: Tua ſou.

*Chich.* Pois então que fazes? Dá cá eſſa mão de papel, que quero imprimir nella as cifras da minha affeição.

*Mecen.* Perdida Egeria, com o amor voou a eſperança de reinar.

*Chich.* Senhor Mecenas contente-ſe voſſa mercê neſtes caſamentos com o ſeu nome, que melhor ſe ha de caſar com o officio de padrinho.

*Rei.* Eſclarecido Faetonte, releva-me os deſpre-

zos paſſados ; pois bem ſabes forão dominados de huma indiſcreta ignorancia.

*Faet.* Antes os devo eſtimar , por ſerem venturoſos motores de minhas felicidades : e já que do abyſmo da humildade , em que me conſiderei abatido , me acho agora enthronizado na gloria de filho de Apollo ; repita o Coro com melifluas conſonancias , publicando a mageſtade ſuprema , a que me elevou a fortuna nos reſpeitos , que conſigo como filho do Sol.

C O R O.

Na tea luzente
Do ſacro Hymenêo
Se acenda brilhante
O raio flammante
Do filho do Sol.

FIM DO SEGUNDO TOMO.

PRO-

# PROTESTAÇÃO.
## DO COLLECTOR.

AS palavras *Deoſes*, *Numen*, *Fado*, *Divindade*, *Omnipotencia*, e *Sabedoria*, ſe devem ſomente entender no ſentido Poetico, e não de nenhuma outra maneira; porque ſomente ſe uſa dellas neſtas Obras como neceſſarias para adorno da compoſição Dramatica, e expreſsão dos Epiſodios Comicos, e não com intenção de offender em couſa alguma aos dogmas da Santa Madre Igreja, a quem como obediente filho me ſujeito em tudo o que ella determina.

# PROTESTAÇÃO.

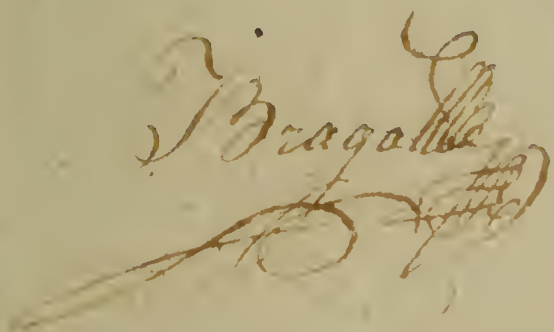
## DO COLLECTOR.

AS palavras *Deoses*, *Nomen*, *Fado*, *Dreiadas*, *Omnipotencia*, e *Sabedoria*, se devem somente entender no sentido Poetico, e não de nenhuma outra maneira; porque somente se usa dellas nestas Obras como necessarias para adorno da composição Dramatica, e expressão dos Episodios Comicos, e não com intenção de offender em cousa alguma aos dogmas da Santa Madre Igreja, a quem como obediente filho me sujeito em tudo o que ella determina.

# INDICE

## DAS OPERAS, QUE CONTEM eſte ſegundo Tomo.

*Labyrintho de Creta.* Pagina 3.
*Guerras do Alecrim, e Mangerona.* Pag. . . . . 157.
*As Variedade de Proteo.* Pag. . 269.
*Precipicio de Faetonte.* Pag. . . 356.



# INDICE